

O senhor Padre Vicente e o senhor Padre Portail continuam no mesmo estado em que os deixastes, ao partirdes. Todas as Irmãs vos saúdam e, sobretudo as que nomeastes em particular, como eu o faço de todo coração, querida Irmã, sou vossa humilde e muito afeiçoada irmã e serva.

C. 704 (L. 575)

*(A Irmã Ana Hardemont)
(em Ussel)*

(pelo ano de 1659)

Minha querida Irmã,

Bem o sabeis que as obras de Deus, mesmo as maiores e as que mais O glorificam, são as mais custosas para quem as empreendem. Não deixeis de, frequentemente, (*oferecer-vos a Ele*), perguntando-Lhe o que deseja de vós. Não vos preocupeis com vossas forças, ficai certa de que recebereis de Deus quantas necessidades para o tempo, conhecido por Ele, em que ficareis por aí. Se já não tivésseis tantas vezes trabalhado em obras penosas, teria de estimular-vos à generosidade, porém, não precisais disso, mas, sim, de graça suficiente para levar-vos a honrar o não fazer do Filho de Deus, que, enquanto esteve na terra, não trabalhou sempre com toda a extensão de seu poder. Assim nos dá a conhecer o tempo passado em casa de São José que, talvez, vós mesma tenhais admirado muitas vezes, antes de Nosso Senhor colocar-vos em estado de imitá-Lo. Bendigo por isso o seu Santo Nome.

C. 705 (L. 634 bis)

À Irmã Carcireux (1)

(pelo ano de 1659)

Querida Irmã,

Quanto ao que se refere ao caráter e atitudes da pessoa da qual me falais,

C. 704 Ms. A. Irmã Chétif 1 n. 40. Cópia.

(1) Cópia Chétif, série Hardemont

C. 705 Coletânea de trechos... pp. 668-669. Cópia.

(1) Francisca Carcireux que estava em Narbona (ver C. 251 n. 2)

prestai atenção para não contribuirdes, de algum modo, para isso, dando-lhe demasiada autoridade sobre as outras e ainda ocupando-a em coisas que deveríeis vós fazer. É preciso agir por vós mesma e ensinar pelas ações; de outro modo, pouco valem nossas advertências. Acredito que usais de doçura e suporte com todas as Irmãs, tanto quanto necessário; por isso, não vos recomendo essas práticas. Porém, sim, o serdes breve em vossas comunicações, quando julgardes for preciso pedir conselho ou então estiverdes obrigadas a dá-lo. Se assim não for, elas acabam tornando-se enfadonhas e desprezíveis e a coisa chega até ao cúmulo de se evitar as ocasiões de falar com as pessoas, pela perda de tempo que supõe a inutilidade de tal exercício.

Suplico-vos, querida Irmã, recebais bem este aviso, pelo amor de Nosso Senhor, no qual sou, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 706 (L. 640)

*À minha querida Irmã Nicole Haren
Filha da Caridade
Serva dos Pobres Doentes
(Nantes)*

Hoje, 10 de dezembro de 1659

Minha querida Irmã,

Agradeço-vos, de todo coração, as notícias que me destes de nossas Irmãs; já estava preocupada por não tê-las. Gostei muito de haverdes sido firme em enviar a Irmã Maria (1) para Hennebont. Dizei-me, por favor, se as Irmãs que ficaram em Angers vos deram parte do dinheiro que lhes sobrou da viagem e quanto. E se o senhor Vigário Geral de Vannes mandou a quantia necessária para a viagem de nossa Irmã.

Peço a todas as Irmãs valorizarem muito a graça que Deus lhes concede, mandando-lhes uma visita em seu nome (2). Devem dispor-se para fazer sua comunicação com verdade e simplicidade de coração, para a glória de Deus, não buscando satisfação pessoal, nem outro fim, como o espero de todas, em geral. Pessoas que se doaram a Deus, que podem desejar senão recorrer a todas as

C. 706 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Maria Gaudoin (ver C. 473 n. 1)

(2) O senhor Padre Dehorgny ia visitar as Irmãs de Nantes.

possíveis ajudas para Lhe serem fiéis? É coisa tão importante que é a única a ser desejada para melhor assegurar nossa salvação, pois Deus nos chamou para irmos a Ele por esse caminho. Peçamos à sua bondade a graça de que necessitamos para nós e para todas as nossas Irmãs. Crede-me em seu santo amor, minha querida Irmã, vossa muito humilde irmã e muito afeiçoada serva.

P.S. - Saúdo com respeito o senhor vosso Diretor e vos peço, Irmã: se esses senhores pedirem mais Irmãs, deveis lembrá-los de que quando Ihas prometemos, deveriam eles dar-nos um endereço aqui em Paris, onde possamos receber o dinheiro para a viagem.

C. 707 (L. 642)

*À Irmã Ana Hardemont (1)
Filha da Caridade
Serva dos Pobres Doentes de Ussel*

Hoje, 20 de dezembro de 1659

Minha querida Irmã,

A senhora Duquesa de Ventadour (2) ainda não voltou para Paris; está passando uma temporada em Vigny porque sua residência aqui, não estava em condições de ser habitada. Se Deus quiser, não deixarei de dizer-lhe o que me pedistes, quando tiver a honra de vê-la.

Louvo a Deus, de todo o coração, pela disposição na qual estais e apesar de tudo compartilho convosco a pena que sentis, pensando que nada fazeis. Para segurança vossa, minha querida Irmã, sabeis que estais honrando o estado do Filho de Deus, quando, ao sair do Templo onde trabalhava pela glória de seu Pai, acompanhou a Santíssima Virgem e São José para obedecer-lhes e, por esse meio, cumprir a vontade de Deus durante tantos anos, num ofício tão abjeto como o de trabalhar na carpintaria. Ele que viera à terra para realizar a salvação de todos os homens! Não sabeis, querida Irmã, porque a Providência vos conserva aí, deixando-vos oculta em seu Filho, porém trabalhando sem brilho, sem ruído, no serviço dos Pobres: isso é cumprir o designio da divina Providência com grande segurança. Se pensardes assim, querida Irmã, como o creio, estareis em grande paz e esperareis com amor e confiança até que Deus disponha de outra

C. 707 Rc. 3. Carta autógrafa. Dorso: 20 de outubro de 1659 (Irmão Ducourneau)

(1) Ana Hardemont (ver C. 120 n. 2)

(2) Senhora de Ventadour (ver C. 306 n. 6)

maneira. Assim estareis na santa indiferença como nos ensinou o nosso Honoratíssimo Pai no domingo passado, na Conferência (3) que sua caridade nos fez. Nela ensinou-nos que este estado é angélico, pois que os anjos do Céu destinados ao serviço das almas, aguardam em paz a ordem de Deus Para tal; é-lhes indiferente estar no Céu para a glória acidental das almas bem-aventuradas ou no purgatório para consolo das que aí sofrem, ou na terra, a fim de comunicar às almas as santas inspirações de que precisam para sua salvação.

Talvez, querida Irmã, faça muito tempo que não escrevais a nosso muito querido Pai, que agora dispõe de menos tempo do que nunca, embora não mais possa sair de São Lázaro por causa dos males de suas pernas. Continua sobrecarregado de trabalhos. Creio que se vos desabafásseis com ele, ele gostaria e vos daria resposta; talvez nem se lembre do que lhe dissestes, como eu já o esqueci, minha querida Irmã, e vos tenha dado resposta pontualmente, assim me parece.

Espero que tereis a alegria de estar com o senhor Padre Dehorgny (4), pois me disse que chegaria até Ussel, se não ficasse muito longe dos lugares onde vai fazer a visita. Desejo-o de todo coração e assim lhe pedi em minha resposta. Não sei se vos contei que Irmã Maturina Guérin (5) está em La Fère, no lugar de Irmã Maria Marta (6).

Remeto-vos alguma coisa mais do que vosso meio cento de estampas; as grandes são mais caras que as pequenas, vão aumentar as que já tendes. Tudo isso soma 2 libras e 5 soldos, se é que não tendes mais de 17 estampas e não 17 folhas duplas e 16 (7), vossos óculos. Para escrever à Irmã Edwiges (8), espero ter notícias para lhe mandar. Saúdo-vos de todo coração e sou, das duas, no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva afeiçoadíssima.

(3) Conferência de 14 de dezembro de 1659 (Coste X, 698)

(4) Senhor Dehorgny (ver C. 6 n. 1) continua suas visitas (Coste VIII, 195)

(5) Maturina Guérin (ver C. 326 n. 2)

(6) Maria Marta Trumeau (ver C. 72, n. 4) foi para Cahors.

(7) É o preço dos óculos.

(8) Edwiges Vigneron (ver C. 642, n. 3)

À Minha querida Irmã Maturina Guérin (1)
Filha da Caridade
Serva dos Pobres Doentes
(em La Fère)

Hoje, 23 de dezembro de (1659)

Mui querida Irmã,

Penso haverdes recebido a carta desse bom rapaz da Academia a quem eu endereçada as vossas, pouco depois de vossa partida. Por esse meio (*seguiam*) notícias de vossos pais e amigos, os quais, posso assegurar-vos, vejo como meus; o mesmo me ocorre com vosso interesses, especialmente com o de vossa saúde da qual vo-lo peço, me deis notícias pormenorizadas. Para ela muito contribuirão a paz e tranquilidade de espírito assim como o abandono de todas as coisas à Providência e governo amoroso da santíssima vontade de Deus, que é uma das práticas mais necessárias, para a perfeição que eu conheça.

Com certeza, já tivestes a alegria de receber a resposta de nosso Honoratíssimo Pai, antes da minha carta que vos enviei juntamente com a do senhor Padre Portail.

Recebemos os 2 escudos que nos enviastes e vimos vosso pedido de duas lancetas; ainda não as temos. Quanto aos dois livros e a ordem que deveis ter, se não escrevestes sobre isso a nosso Honoratíssimo Pai, ou não recebestes sua resposta, creio que sua intenção é diferi-lo um pouco. Não sei se em minha última carta vos falei sobre isso.

Estou esperando reler a carta de Irmã Juliana (2) para escrever-lhe, porque quero pedir-lhe alguma explicação do que me falou durante a permanência de Irmã Marta (3), a quem, se Deus quiser, direi o que desejas. Quanto ao que me dissesstes das pensionistas, vejo tão pouco o senhor Padre Vicente que ainda não pude saber sua opinião. Seus achaques e continuas ocupações, unidos à inclemência do tempo, mantem-no fechado em seu quarto. Temos grande necessidade de rezar por sua conservação e creio que não deixais de fazê-lo, como também de ajudar a vossa Irmã a entrar no exercício das verdadeiras e sólidas virtudes ou que persevere nelas se Deus lhe concedeu a graça de já praticá-las.

C. 678 Rc. 3. Carta autógrafa. Dorso: 1659.

(1) Maturina Guérin (ver C. 326 n. 2)

(2) Juliana Allot (ver C. 618, n. 7)

(3) Maria Marta Trumeau (ver C. 72 n. 4) esteve em La Fère de 1656 a 1659.

Saúdo-a de todo coração, como o fazem todas as Irmãs, e a vós de maneira especial, de quem sou verdadeiramente, e no amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde e afetuossíssima.

P.S. - A filha da senhora de Liancourt casou-se? Dizei-mo, por favor.

C. 709 (L. 645)

Ao senhor Padre Vicente

Hoje, 23 à noite [dezembro de 1659]

Prevendo os inconvenientes de mandar voltar a Irmã que veio de São Cosme (1) sem ter posto vossa caridade a par de todo o problema, meu Honoratíssimo Pai, enviei, nesta manhã, uma outra. Encarreguei-a de dizer que ia ajudar nossa Irmã a servir os pobres, até que eu soubesse o que responder à carta que me foi enviada e, para isso, deveria receber ordens vossas, meu Honoratíssimo Pai. Receando que me chegue outra carta, se vossa caridade achar bom, parece-me seria necessário tomar uma resolução para agora e para o futuro e se o quiserdes, poderia ser amanhã num pequeno Conselho, à hora em que vossa caridade no-lo ordenar.

Faz tempo que também pensais, meu Honoratíssimo Pai, nos meios para um melhor serviço às crianças: suplico a Nosso Senhor nos dê a conhecer sua santa vontade nisto, como em qualquer outra coisa e a (*graça*) de poderem executá-la, fielmente, as vossas pobres filhas e humildes servas.

C. 710 (L. 644)

Ao senhor Padre Vicente

Hoje, 24 de dezembro de 1659

Meu Honoratíssimo Pai,

A vinda de Nosso Senhor motiva em três de nossas Irmãs o desejo de sair de si mesmas para se doarem totalmente a Ele, por meio dos votos. Querem fazê-los, se vossa caridade lhes permitir, amanhã, à hora que lhes indicardes, ou par-

C. 709 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: dezembro de 1659 (Irmão Ducourneau)

(1) Ver C. 701.

C. 710 Rc. 2. Carta autógrafa.

ticipando da Missa por vós celebrada ou de uma outra. Os nomes de nossas queridas Irmãs são: Irmã Joana Gressier (1), de Senlis; Irmã Gabriela, de Gionge (2) e Irmã Maria Petit (3), de Paris; esta última está no 5º ano de vida na Companhia. Há ainda a nossa Irmã Prévost (4) que suplica à vossa caridade lhe permita renová-los, após já tê-los feito várias vezes. As quatro têm a aprovação do senhor Padre Portail. Também, todas as antigas suplicam, bem humildemente, à vossa caridade, ofereçais ao Menino Jesus a renovação da entrega que Lhe fizeram de si, por toda a sua vida, e, a Irmã Juliana pediu-me que a nomeásseis em particular.

Amanhã, 25 do mês, é também, meu Honoratíssimo Pai, dia em que deve ser celebrada a santa Missa por toda a Companhia, pelas necessidades e intenções que vossa caridade conhece. Permitti-me, meu Honoratíssimo Pai, expor-vos que minha incapacidade para fazer algum bem impede-me de ter algo de agradável para oferecer a Nosso Senhor. Além de minha pobre renovação, só tenho a privação do único consolo que sua bondade, durante 35 anos, me proporcionou. Aceito-a por Seu amor, tal e como sua Providência o ordena, esperando de sua bondade e da vossa caridade, uma mesma ajuda, por via interior. Vo-la peço pelo amor da União do Filho de Deus com a natureza humana, sem entretanto perder a esperança de vos ver, quando for possível, sem perigo para a pouca saúde que Deus vos dá. Suplico-Lhe vo-la conservar até o total cumprimento de seus designios sobre vós, para glória Sua e interesse de várias outras almas, entre as quais tenha a honra de contar-me, pois sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e muito obediente filha e serva.

(1) Joana Gressier (ver C. 510 n. 4)

(2) Gabriela Cabaret (ver C. 589 n. 3)

(3) Maria Petit entrou na Companhia das Filhas da Caridade em 1655. Seu nome achase no final da lista das Irmãs existentes na Companhia a 8 de agosto de 1655. (Coste XIII, 577)

(4) Maria Prévost (ver C. 261 n. 3) chega de Angers.

*À minha querida Irmã Carlota Royer (1)
Filha da Caridade
Serva dos Pobres Doentes
Richelieu*

Hoje, 27 de dezembro de 1659

Minha querida Irmã,

Penso que ficastes espantada vendo nossa Irmã Etiennette (2) chegar sem nenhuma carta; não vos preocupeis com isso, porque ela não foi para Richelieu sem ordem do senhor Padre Vicente... Sendo assim, deveis alegrar-vos porque tenho certeza de que o senhor Padre Dehorgny (3) vos deu esperança de que vos seria mandado um socorro, para as dificuldades causadas por vossas doenças e indisposições. Está convosco a Irmã Etiennette não para aumentar vosso número, mas esperando o que ela e vós tereis de fazer, quando receberdes ordens de nosso Honoratíssimo Pai. Digo o mesmo à Irmã Perrine (4). Não que ela não possa ajudar-vos no trabalho da Caridade: encontrar-la-eis plena de boa vontade para isso.

Informai-me das particularidades de vosso estado de ânimo e de Irmã Perrine: quantos doentes tendes costumeiramente, de que maneira os servis, se as Damas preparam a comida de dieta, se se faz coleta e como se dá dinheiro aos doentes. Quantas meninas tendes na escola e se as jovens vão estar convosco em certos dias de festa para escutarem a leitura (5) e quais são os ensinamentos e avisos que dais às pequenas.

É verdade, querida Irmã, que deixei passar muito tempo sem vos escrever; peço-vos perdão por isso. Contudo, eu vos enviei cartas de vossa mãe e não dissetes se as recebestes. Aliás, quando nada tenho que responder a vossas cartas e não sei muito bem o que fazeis, a memória não me basta para só vos mandar notícias. Prometo-vos, porém, que vou me corrigir, ajudada por Deus.

Suponho que soubestes que Irmã Francisca Carcireux (6) foi, parece-me,

C. 711 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Carlota Royer (ver C. 251 n. 1)

(2) Etiennette Dupuis (ver C. 659 n. 1) chega de Angers.

(3) O senhor Padre Dehorgny está fazendo visita às casas do oeste e centro da França.

(4) Perrine (ver C. 328 n. 2)

(5) Leitura, isto é, ensino do Catecismo. Ver C. 204 à Ir. Ana Hardemont.

(6) Francisca Carcireux (ver C. 251 n. 2), companheira durante mais de 10 anos de Irmã

para mais de cem léguas daqui; recomenda-se às vossas orações; acredito que, em qualquer lugar, será sempre a boa serva de Nosso Senhor.

Rogo-vos apresenteis minhas humildes e respeitadas saudações ao senhor Padre Superior (7), assim como o profundo agradecimento da referida Irmã, por tudo o que deve à sua caridade. É preciso honrar aqueles que Deus nos dá para ajudar-nos a caminhar para Ele, porém, a melhor maneira é seguir seus santos conselhos e me parece que a isto não faltais. Louvo a bondade de Deus pelas graças que vos concede e sou no amor de seu Filho, nascido num estábulo por nosso amor, querida Irmã, vossa muito humilde e afeiçoadíssima irmã e serva.

C. 712 (L. 647)

*Às minhas queridas Irmãs Genoveva Doinel (1)
e Maria Marta (2)
Filhas da Caridade
Serva dos Pobres Doentes
Chantilly*

Hoje, 28 de dezembro de 1659

Minhas queridas Irmãs,

Vossa carta deu-me grande consolação, vendo nela, segundo me pareceu, a união de vossos corações e a paz de vossos espíritos. Isso me faz crer que o nosso bom Deus está contente convosco porque, como poderíeis viver em paz, se percebêsseis não realizar a vontade de Deus, nem serdes exatas no cumprimento de vossas regras, da maneira como estais informadas?

Louvo a Deus, de todo o coração, pela graça que sua Bondade concede ao senhor Pesset dando-lhe tanta caridade para com os pobres doentes. Seus esforços para remediar a extrema necessidade de sua situação são o que atraem essa bênção de Deus. Peço-vos, Irmã Genoveva, saudá-lo em meu nome, com todo o respeito que lhe devo.

Seria uma grande alívio para nossas urgências se tivéssemos recebido logo

Carlota, em Richelieu, recém-enviada a Narbona.

(7) O senhor de Beaumont, Superior dos Padres da Missão em Richelieu (ver C. 542, n. 2)

C. 712 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Genoveva Doinel (ver C. 304, n. 3)

(2) Maria Marta havia chegado há pouco, para substituir a Irmã Francisca, que ficou doente, como o temia Luísa de Marillac (ver c. 690)

o resto do que nos devem; esperemo-lo da divina Providência.

Acredito que as meias de que me falais estejam prontas, ou, quase. Vou me informar e vo-las remeterei,

Vós me convidais a ir ao Presépio a fim de encontrar-me convosco aos pés do Menino Jesus e de sua Santa Mãe. Da maneira como me falais, parece-me que, de fato, estais cheias de amor e unidas às nossas Irmãs e a mim. Vou pouco lá, só quando volto da Missa. Digo-vos que, neste ano, ele está na gruta pequena, aos pés de Jesus Crucificado, num nicho grande que nos parece representar Belém, melhor do que nos outros anos. Dele (*do Menino Jesus*), queridas Irmãs, aprenderéis os meios para viver as sólidas virtudes que sua santa Humanidade praticou no presépio, desde o seu nascimento. De sua Infância alcançareis o que necessitardes para chegardes a ser verdadeiras cristãs e perfeitas Filhas da Caridade. Se pedirdes seu Espírito como já vo-lo deu no santo Batismo, com a diferença de que então não tínheis uso da razão para agir em conformidade com tão precioso dom, agora, entretanto, queridas Irmãs, se Nosso Senhor vo-lo conceder de novo, quanta fortaleza terçeis para trabalhardes na perfeição que vos pedel

Suplico a seu santíssimo Amor conceder-vos essa graça e sou, no mesmo Amor, queridas Irmãs, vossa muito humilde e afetuossíssima irmã e serva.

C. 713 (L. 647 bis)

*À minha querida Irmã Carcireux (1)
Filha da Caridade
em Narbona*

30 de dezembro de 1659

Minha mui querida Irmã,

Adiei por muito tempo a consolação de escrever-vos porque esperava que me dissésseis o que fora feito das três. Preocupa-me que Irmã Ana Denoual (2) continue distante de vós. Quais são as ocupações de uma e outra; a que distância vos encontrais e sob orientação de quem? Penso que tendes muito trabalho,

C. 713 *Coletânea de trechos...* pp. 672-673. *Cópia.*

(1) *Francisca Carcireux (ver C. 251 n. 2)*

(2) *Ana Denoual que entrou para a Companhia das Filhas da Caridade, pelo ano de 1656. Foi mandada para Narbona em 1659. Em agosto de 1660, pediu seus votos ao senhor Padre Vicente (Coste VIII, 391)*

porém, pelo amor de Deus, não pegueis mais do que puderdes fazer, para não serdes obrigadas a tomar alguma pessoa a fim de vos ajudar, pois sabeis nunca devê-lo fazer. Não é que, em casos de grande necessidade, como quando houver muitos doentes ou por outra causa, não possais servir-vos de alguns auxiliares, como lavadeiras ou cotureiras, porém, que seja excepcionalmente e não para poupar-vos do trabalho. É muito necessário saber unir, estreitamente, o trabalho com o cuidado da direção e a economia. A experiência já vos fez sobejamente conhecer a importância disto, sobretudo quando estáveis em São Sulpício. Parece-me que não tenho razão para vos falar disso, porém sim, dizer-vos que a minha incapacidade de trabalhar me fez ver, com toda clareza, a diferença entre uma Irmã Servente que diz: “façamos” e outra que se contenta em dizer: “fazei” e... não põe mãos à obra. Na primeira ordem, ela se coloca em pé de igualdade com suas Irmãs, enquanto que na última, sai dessa igualdade e do trabalho e encanta-se em sua autoridade.

Ao escrever estas palavras, chega às minhas mãos vossa carta de 9 deste mês, porém continua deixando-me na ignorância se estais juntas as três.

Ah! querida Irmã, como compartilho vossa aflição por causa do acidente ocorrido e o receio da perda dessa alma, tão querida por Deus!... Porém, quanto ao que nos concerne, a vós e a nós, não devemos chamar a isso de aflição. Umhas pessoas crêem no mal e falam dele, sois vaiadas na rua e não vos estimam. Que feliz começo! Tendes motivos de sobra para vos consolar. Deus se encarrega dos interesses dos que se acham na tribulação e, aliás não duvido de que a maioria do pessoal não atribuirá esse crime à nossa Irmã. Mas, se Deus permitir que não se chegue a conhecer a verdade, teríamos motivos para afligir-nos? Não, verdadeiramente, não, querida Irmã. Teríamos, sim, de receber da parte da Providência, para todo o corpo da Companhia, este exercício, como uma participação na cruz de Nosso Senhor e como uma ocasião oferecida por Ele, para seguir-Lo.

Suplico-vos, querida Irmã, que sejais, para nossa querida Irmã Ana, presença de grande consolo e que lhe tomeis a dianteira no suporte e cordialidade. Muitas vezes o antecipar-se em dar sinais de honra e deferência serve muito para ganhar os corações e também para se entrar na prática de uma sólida humildade. Asseguro-vos que vossa carta muito me edificou, tanto pelo que me disestes do passado, como pela disposição de vosso espírito para o futuro, porém, senti muito vossa separação.

O senhor vosso pai veio ver-nos; acha-se bem, graças a Deus, visto que vos escreveu. Sabeis que continua sempre se queixando. Vossa experiência vos faz ver que, tanto vossa pessoa, como vossa presença lhe são perfeitamente desnecessária. Creio que, por este lado, estareis em paz, como em qualquer outra coisa, deixando o acontecimento de tudo o que vos concerne nas mãos do Senhor e

não tendo outro desejo que o de cumprir sua santíssima vontade. Seja Ele bendito para sempre, pela disposição de espírito que inspira ao senhor Bispo de Narbona para atender às necessidades de sua greil

Penso, querida Irmã, que não tendes tempo para ser dedicado a outra coisa nem a outro fim, que ao serviço dos pobres e não vos ocorrerá (*a idéia de*) que tendes obrigação de visitar ou escrever às religiosas ou às Damas, a menos que haja grande necessidade disso. Se por acaso tiverdes algum tempo de sobra, creio que o empregariéis melhor em ganhar alguns soldos para os pobres ou então em instruir algum pobre doente, dizendo-lhe palavras úteis à sua salvação, do que usá-lo em fazer cumprimentos. Não é, querida Irmã, que fizestes mal em escrever, como mo dissestes, à senhora de Fouquet (3) que é uma boa e santa religiosa. Mas, o conhecimento que tenho de vosso amor e firmeza na vossa vocação, faz com que vos diga, com toda sinceridade, tudo o que me ocorre e vos dê os avisos que creio necessários e provejo não de ser proveitosos àquelas de quem penso, Deus querer servir-se para fazer subsistir a Companhia no espírito de simplicidade e humildade de Jesus Cristo. Se não vos conhecesse muito bem, se não tivesse certeza de que recebeis com agrado o que vos digo, não agiria assim convosco.

Mandai-me o quanto antes, notícias vossas, vo-lo suplico e crede-me no amor de Nosso Senhor, vossa humilde e muito afeiçoada serva.

1660

14 de fevereiro: *Morte do senhor Padre Portail.*

15 de março: *Morte de Luisa de Marillac.*

C. 714 (L. 648)

*À Irmã Joana Delacroix (1)
Filha da Caridade, Serva dos Pobres
(em Châteaudun)*

Hoje, 3 de janeiro de 1660

Minha mui querida Irmã,
Parece-me que ficamos muito tempo sem dar-nos notícias uma à outra, e,

(3) *Madre Maria Teresa Fouquet (ver C. 692, n. 3)*

C. 714 Rc. 3. *Carta autógrafa.*

(1) *Joana Delacroix (ver C. 350 n. 5)*

penso ser o mesmo motivo que a ambas nos impede. É verdade que, desde Páscoa, tenho tido mais trabalhos, pois me falta a Irmã Maturina (2) para escrever, por causa de seus achaques. E, depois julgou-se necessário mandá-la para La Fère, em lugar de Irmã Maria Marta (3) que foi para Cahors, ficar com as outras duas Irmãs. Estais vendo: não foi o coração, nem a vontade que me faltarem, nem jamais faltarão, Deus me ajudando, para lembrar-me de vós com afeto, estando tão unidas como o estamos no amor de nossa amado Jesus.

Creio haver-vos dito que os senhores Padres da Missão (4) vos avisaram que as pessoas que vos devem dinheiro, não tinham intenção de pagar e acham ser necessário agir por via da justiça. Precisam porém de vosso consentimento. Dizei-me, por favor, o que lhes responderemos.

Seguem as estampas máximas do ano que nosso Honoratíssimo Pai benzeu, para serem enviadas a todas. Estamos muito penalizadas por não vê-lo, por causa de suas pernas, que o impedem de ficar de pé, senão com muito custo. Grande motivo temos para intensificar nossas orações por sua conservação. O senhor Padre Portail está muito melhor que no ano passado.

Todas as Irmãs vos saúdam - as três - (5), como também eu o faço, no amor no de Nosso Senhor Jesus, no qual sou, minha querida Irmã, vossa muito humilde e afeiçoada irmã e serva.

P.S. - Mandai-me bem minuciosas notícias do Hospital e de nossas Irmãs.

C. 715 (L. 649)

Ao senhor Padre Vicente

Hoje, 4 de janeiro de 1660

Meu Honoratíssimo Pai,

Permiti-me, neste Novo Ano, saudar, com muita humildade, vossa Caridade e vos pedir, por este meio, vossa santa bênção, para que me ajude a ser fiel a Deus, enquanto aprover à sua bondade, deixar-me neste mundo.

Suplico-vos também, com todo respeito, meu Honoratíssimo Pai, dignai-vos comunicar-me quem é a pessoa sobre quem lançastes os olhos para executor do testamento que deseja fazer, a senhora da qual vos falei. Temo que ela

(2) *Maturina Guérin (ver C. 326 n. 2)*

(3) *Maria Marta Trumeau (ver C. 72, n. 4)*

(4) *Os Padres da Missão de Le Mans, cidade de origem de Joana Delacroix.*

(5) *Joana Delacroix, Sulpícia Dubois e Ana Bocheron*

C. 715 Rc. 2. Carta autógrafa.

chegue e não tenha eu possibilidade de responder a seu desejo.

Peço-vos, humildemente, perdão, meu Honoratíssimo Pai, pela liberdade que tomei de enviar-vos esse Jesus coroado de espinhos. O pensamento que me representava vossa querida pessoa em meio a grandes dores, inspirou-me o de que nada poderia mitigá-las do que esse exemplo. Junto vai uma medalha que a boa senhorita que esteve aqui doente, enviou com uns terços, quando voltou de Nossa Senhora de Liesse.

Permiti-me, por amor de Deus, pedir-vos notícias de vossa saúde, se a inchação das pernas está aumentando, se as dores não diminuem, se já não tendes febre... Não posso impedir-me, na confiança de filha para com seu Honoratíssimo Pai, de dizer-vos que, me parece absolutamente indispensável que vos purgueis, com freqüência, mas com purgantes suaves, para suprir a falta da natureza que vos impede de suar, embora provocar esses suores artificialmente, seja perigoso. É necessário que vos alimenteis como doente, sobretudo à noite, à exceção de pão e vinho. As ervas, ao contrário, são ruins para produzirem bom sangue. O pó de Cornachin (1) uns 18 ou 20 grãosinhos somente, de vez em quando, são indicados para pessoas idosas e crianças; não alteram os humores e tiram as águas, sem desidratar. A experiência que tenho deste remédio permite-me atrever-me a vo-lo a recomendar, sabendo que o não tomareis sem pedir conselho. Queria muito ter notícias vossas, mas verdadeiras. Parece-me que Nosso Senhor me pôs em estado de tudo suportar com bastante paz, como o devo, por ser, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde, obediente e agradecida filha e serva.

C. 716 (L. 650)

*À minha mui querida Irmã Maturina Guérin (1)
Filha da Caridade
Serva dos Pobres Doentes em La Fère*

(janeiro de 1660)

Mui querida Irmã,

Suplico ao único objeto do nosso amor, a Jesus vindo a este mundo, que seja vossa força e consolo nestes primeiros dias do Ano Novo.

(1) Ver nota 1 à C. 665.

C. 716 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Maturina Guérin (ver C. 326 n. 2)

Acertastes, querida Irmã, pensando que eu estava esperando o parecer de nosso Honoratíssimo Pai para dar-vos resposta completa à vossa última e tão apreciada carta, que ainda está com ele, no seu quarto. Guardei porém, um resumo dela, receando que seja perdida e, igualmente, para consultá-la de novo, pois, acho que contém alguns pontos que me parecem importantes e, não queria resolvê-los por mim mesmas. Nada vos digo nesta, porque, ou por ele ou por intermédio do senhor Padre Portail, creio não ignorardes nada do que sei. Receio, entretanto, não ter sido bem compreendida a maneira de Irmã Juliana (2) fazer a catequese.

Continuamos com o mesmo sofrimento do ano passado, não podendo estar com nosso amado Pai, por causa dos problemas de sua perna. Queira Deus que consiga encontrar alívio! Quanto ao senhor Padre Portail, é feliz quem pode vê-lo! Fica numa espécie de ermida, no outro extremo do jardim, de onde não sai e vem, somente raras vezes, para as confissões.

Não deixarei, querida Irmã, de enviar vossas cartas e presentinhos e, talvez, acrescente algo. Fico um bocado preocupada por causa de vossa indisposição; disse-me de que se trata e, também, contai-me o que fazeis no serviço desse hospital e no dos pobres doentes da cidade.

Não poderíeis dar outro sentido ao que disseram a respeito da dívida da rainha. É verdade que não conhecendo eles a fidelidade e a retidão no agir de nossa querida Irmã Marta (3), não podem entender, com clareza, este assunto. É preciso deixar tudo ao cuidado da divina Providência.

À véspera do dia de Reis, tivemos a honra de estar com a Duquesa de Ventadour (4). Não vos encontrando, disse-me sentir muito não tenha sido vós que lhe déssemos para Santa Maria (do Monte) (5), em lugar das duas últimas enviadas e que, por determinação sua, tivemos de fazer voltar.

Justo agora, recebo vossa prezada carta e volto ao que já vos falei sobre o catecismo. Se tiver chegado a hora de que, o que as Filhas da Caridade vinham fazendo, silenciosamente, há tanto tempo, resplandeça com fulgor, bendito seja seu Santo Nome!

Creio que o senhor Padre Portail vos terá escrito, conforme me disse.

Agradeço-vos, de coração, os presentes que vossa bondade nos enviou, embora só de desejo, pois ainda não os recebemos. Usaremos deles como nos indicais.

Quanto aos soldados convalescentes, fareis bem em deixá-los em algum

(2) *Juliana Allot* (ver C. 618 n. 7 e E. 108)

(3) *Maria Marta Trumeau* (ver C. 72 n. 4)

(4) *Senhora de Ventadour* (ver C. 305 n. 6)

(5) *Santa Maria do Monte, na Normandia.*

canto das salas ou em outro lugar, porém, com uma porta de segurança. Conheceis a importância que as regras dão e a proibição de que estejamos com homens.

Temos grandes motivos para louvar a Deus pelos benefícios que concede à Companhia; neste verão, no hospital de Saint-Denis, converteram-se dois ou três hereges. Deus o sabe e basta: Nosso Senhor proibia sempre aos Apóstolos que propalassem o que Ele realizava. Que faremos, queridas Irmãs, para vos testemunhar nosso reconhecimento para com vossas caras Irmãs, senão assegurar-vos a afeição de todas nós?

Remetemo-vos as estampas e máximas que a Providência fez com que vos caissem por sorte. Rogo-vos, querida Irmã, assim as recebeis e, além disso, tende cuidado em reler nossas apreciadas cartas, para receberdes por meio delas o espírito de Jesus Cristo, sem o qual tudo quanto dissermos e fizermos não passa de cimbalo que retine.

Proporcioneis-me grande satisfação recordando-me notícias vossas, por que sei de vós (6) tudo o que Irmã Maturina me comunica; exceto o que as Regras permitem às Irmãs que escrevam à Superiora ou ao Superior, que deve estar em primeiro lugar, sem passar pela Irmã Servente.

Tomei um remédio, estou um pouco apressada, por isso termino antes do que desejava. Asseguro-vos que sou de todo o coração, pleno de afeto como Nosso Senhor conhece, e em seu santo Amor, minhas queridas Irmãs, vossa humilde e afeiçoadíssima Irmã e serva.

P.S. - Sabeis que não posso reler as cartas que escrevo: desculpai os erros.

C. 717 (L. 651)

*À minha querida Irmã Margarida Chétif
Filha da Caridade
Serva dos Pobres Doentes em Arras*

10 de janeiro de 1660

Minha mui querida Irmã,

Creio que agora tereis recebido minha última (*carta*) de fins de dezembro, na qual eu me queixava de mim mesma por ter ficado tanto tempo sem me dar a alegria de escrever-vos. Por vossa prezada carta, vejo que não me culpais, mas, às minhas doenças. Sim, dir-vos-ei que, estive de cama, apenas (pouco tempo),

C. 717 Rc. 3. Carta autógrafa.

entretanto, esses meus pequenos achaques agravam, com frequência, a minha preguiça e me impedem de cumprir meus deveres. E, além disso, querida Irmã, os problemas da Companhia aumentam continuamente. Neste verão, foram estabelecidas mais três ou quatro obras, como já vos contei. Deus seja bendito por tudo e dê força e generosidade à Companhia a fim de manter-se no espírito primitivo em que Jesus a colocou, pelo seu (*espírito*) e suas santas máximas. Demo-nos, frequentemente, a Deus para obter de Sua bondade essa generosidade de que necessitamos, para a glória de seus desígnios sobre a Companhia.

Dizei-me, por favor, querida Irmã, se recebestes um livro escrito por nosso Pároco, intitulado: "A Paroquiana Caridosa", assim como um quarteirão de goma-quino, conforme me havíeis pedido.

Transmiti-vos também o agradecimento de nosso Honoratíssimo Pai, por alguma coisa que me encarregastes de lhe dizer. Peço-vos queridas Irmãs: intensificai vossas orações por sua conservação; seus males da perna o prendem no quarto faz mais de um mês, de modo que não o vemos e as visitas e negócios avolumam-se de tal maneira que, dificilmente, podemos conseguir resposta quando lhe escrevemos. Estais vendo em que estado apraz à divina Providência nos encontremos? Cumpra-se sempre sua santa vontade.!

Por favor, dai-me notícias vossas e do estado em que se acha essa Caridade. Se as Damas a dirigem como em Paris, se há "oficiais" e se revezam no cargo: é uma coisa necessária e sem a qual é bem difícil que a Companhia das Damas e suas obras subsistam.

Dizei-me também se se encarregam de preparar a comida diária, se fazem a coleta e, os exercícios próprios das Damas, como aqui. No livro que vos envie, vereis o regulamento de São Lourenço.

Rogo-vos informar-me, querida Irmã, quando precisais de dinheiro, pois não quero que vos falte o necessário para a alimentação e o vestuário, como se estivésseis na Casa (*Mãe*).

Então, não encontrais jovens que tenham vontade de doar-se, na Companhia, ao serviço de Nosso Senhor, na pessoa dos Pobres? Sabeis que as temos de mais longe do que aí; porém, precisam ter espírito equilibrado e desejarem a perfeição dos verdadeiros cristãos. Devem ter intenção de se fazerem morrer a si mesmas pela mortificação e verdadeira renúncia, já feita no santo batismo, para que o espírito de Jesus Cristo reine nelas e lhes dê a firmeza da perseverança neste estilo de vida como espiritual, embora se manifeste em contínuas ações externas que parecem baixas e desprezíveis aos olhos do mundo, mas, são grandes diante de Deus e de seus anjos.

Suplico-vos, querida Irmã, que cumprimenteis, em meu nome, a senhorita des Lions, assegurando-lhe nosso respeitoso afeto e serviço. Tomamos a liber-

dade de sortear, para ela, uma de nossas máximas e estampa. Apresentai-a, vo-lo peço, com excusas, por não ser muito bonita. Recebei, também vós, minhas queridas Irmãs, as que a Divina Providência faz com que vos coubessem por sorte e, crede-me com um coração renovado de afeto para convosco, no amor de Jesus Menino que começa a derramar seu sangue já no presépio. Sou, minhas queridas Irmãs, vossa muito humilde Irmã e afeiçoadíssima serva.

P.S. - Todas as Irmãs vos saúdam no amor do Menino Jesus. Nosso Honoratíssimo Pai e o senhor Portail estão relativamente bem, graças a Deus! Lembrem-se muitas vezes de vós, com carinho.

C. 718 (L. 652)

À minha querida Irmã Laurence Dubois (1)
Filha da Caridade
Serva dos Pobres Doentes
Bernay

Hoje, 12 de janeiro de 1660

Minha querida Irmã,

Suplico a Nosso Senhor seja vossa força e consolo, se já vos separou de nossa querida Irmã (2) e que, se sua vontade ainda no-la tenha deixado, rogo-vos saudeis da parte de todas nós. Assegurai-lhe que a Comunidade inteira rezou por ela, para que se ache pronta a comparecer ante o tremendo juízo, caso Deus a chame, e, em estado de participar eternamente nos méritos da morte de Jesus, crucificado por sua salvação e a de todos os homens. Dai-lhe certeza da perseverança de sua Irmã (3), que, graças a Deus, está bem.

Nada vos enviarei enquanto não souber de um meio seguro. Estou muito contrariada por causa de minha lentidão que vos impediu de receber uma carta que vos enviei. Nela vos dizia que desse uma chegada por aqui; isso teria evitado pordes em risco o pacote que não recebermos. Vossas duas cartas chegaram juntas pelo correio e eles me disseram que nunca se impõem obrigações. Informai-vos perguntando à pessoa a quem o entregastes e dizei-me seu nome, seu emprego e, se possível, seu domicílio em Paris e em sua terra.

C. 178 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Laurence Dubois (ver C. 475 n. 1)

(2) Ana Levies (ver C. 594 n. 3)

(3) Maria Levies (ver C. 611 n. 3)

Seguem vossas máximas e estampas bentas por nosso Honoratíssimo Pai, que está sofrendo muito com suas pernas. Recomendo-o às vossas orações. O senhor Padre Portail está passando bem, graças a Deus. Temos três Irmãs doentes; uma é a Irmã Antônia (4), de Santo Estêvão; outra, Irmã Maria, do Hospital Geral e uma Irmã nova, que recebeu a Extrema-Unção, esta tarde. Todas nos recomendamos às vossas Orações, e, sou no amor de Nosso Senhor, querida Irmã, vossa muito humilde e afeiçoadíssima.

P.S. - Por favor, dai-nos quanto antes, notícias de nossa querida Irmã.

C. 719 (L. 653)

Ao senhor Abade de Vaux

Hoje, 13 de janeiro de 1660

Senhor,

O bem que o senhor Padre Ratier me disse poder ser esperado das novas Irmãs enviadas, serviu-me de grande conforto, e me animou a tomar a liberdade de vos escrever, com a confiança que tenho de que vossa caridade não o levará a mal. Se as cartas que tive a honra de vos escrever por meio das ditas Irmãs não foram encontradas, tenho poderoso motivo para assegurar-vos, senhor, que eu não havia faltado a esse dever. Em minha última, pedia ao senhor Padre Ratier me dissesse se lhe parecia oportuno que de novo eu tomasse a liberdade de escrever ao senhor Bispo de Angers, caso as cartas tenham se perdido efetivamente. Havia, também, uma carta para os senhores Administradores e as Regras e Avisos práticos de nossas Irmãs. É de lamentar que nenhuma delas tenha facilidade para escrever.

Permiti-me, senhor, que recomende às vossas orações a conservação do senhor Padre Vicente. Está fechado em seu quarto já faz um mês, por causa do aumento das dores e fraqueza das pernas, embora não deixe de trabalhar tanto ou mais do que nunca, pelo próximo. Concedei-me também que me diga, no amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde, obediente e agradecida filha e serva.

(4) Antônia Labille (ver C. 136 n. 5)

C. 719 Rc. 4. Carta autógrafa.

Ao senhor Padre Vicente

Hoje, 16 de janeiro de 1660

Meu Honoratíssimo Pai,

É a senhora de Glou (1) que, livremente, ou melhor, por inspiração de Deus, recomendou que se pedisse a vossa caridade indicar uma pessoa para nomeá-la testamenteiro. É ela também quem pede se comunique que acha que a missão a ser pregada pelo senhor Padre de Blampignon (2), na época da Páscoa, na diocese de Chartres, é na localidade de Marchefroy (3); que ele não se esqueça.

Irmã Nicole Haran (4), muito desanimada e cansada, escreveu-me que não podiam mais resistir, sem ajuda. Queria escrever à vossa caridade, meu Honoratíssimo (*Pai*), para suplicar-vos que ela lhe seja dada, dizendo àqueles senhores que serão retiradas (*de lá*) por esse motivo. Acredito que, de outro modo, eles não lha concederão jamais.

Que gostaria vossa caridade que eu lhe respondesse, caso não façais o favor de lhe mandar escrever?

Parece-me que a persistência deste frio aumenta vossa dores, que honram as de Nosso Senhor, em cujo amor, sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde, obediente e agradecida filha e serva.

Ao senhor Padre Vicente

(janeiro de 1660)

Meu Honoratíssimo Pai,

Sinto, às vezes, tamanha dor pelo estado a que vossa caridade está reduzida e soffro por me ver privada da honra de falar convosco, temendo que minha

C. 720 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) *Senhora de Glou, Dama da Caridade de Paris (ver C. 726)*

(2) *Senhor de Blampignon (1611-1669) membro da Conferência das terças-feiras e da Companhia do Santíssimo Sacramento.*

(3) *Saint-Ouen-Marchefroy, distrito de Dreux, Departamento de Erve e Loir.*

(4) *Nicole Haran (ver C. 528 n. 1), a Irmã Servente de Nantes.*

C. 721 Rc. 2. Carta autógrafa.

covardia e amor próprio e as demais ameaças à minha salvação ganhem terreno, uma vez que continuo sendo a mesma. Refletindo sobre o estado atual da Companhia, inquieta-me também o não poder falar-vos e, se vos escrevo, meu Honoratíssimo Pai, temo cansar-vos com a leitura. Não obstante, parece-me necessário, meu Honoratíssimo Pai, expressar-vos meu pensamento que é o temor de que (*a dita Companhia*) decaia de várias maneiras: primeiramente, apercebi-me de que, em diversas paróquias as Senhoras da Caridade começam a desconfiar delas (1), embora me pareça poder assegurar-vos de que não sei de nenhuma que haja dado verdadeiro motivo para isso, a não ser aquelas que, em seu zelo por aliviar os pobres, recebem esmolas das Senhoras para reparti-las com eles e o fazem sem sujeitar-se a comunicá-lo às da Diretoria, que se dão por ofendidas.

Parece-me que nossas Irmãs já não são tão apreciadas, nem tão queridas; tratam-nas com mais dureza e, em alguns lugares, vigiam-nas por desconfiança, havendo-se chegado em alguns a proibir, em plena reunião, que se lhes dê qualquer coisa e assim foi dito até ao açougueiro que fornecia carne para os pobres. Não ganhavam muito, mas por pouco que fosse, já as ajudava bastante.

Isto fez-me pensar, meu Honoratíssimo Pai, na necessidade que há de que as Regras obriguem sempre a uma vida pobre, simples e humilde, pelo medo que de que se se adotar uma forma de vida que exija mais gastos e com práticas que arrastem à ostentação e, em parte, à clausura, isto obrigará a buscar meios para subsistir nesta forma, como seria por exemplo, constituir um corpo ou grupo interior e sem ação, que se alojaria separadamente das passantes e mal vestidas, porque, há já algumas que dizem que este toucado (2), este nome de Irmã, não nos dão autoridade, mas atraem desprezo. Sei muito bem que não somente as Irmãs mas também outras pessoas que deveriam considerar-se obrigadas a honrar os designios de Deus, quanto ao serviço corporal e espiritual dos pobres doentes, estão inclinadas a este modo de pensar tão perigoso para a continuação da obra de Deus, que com tanta firmeza, meu Honoratíssimo Pai, sustentastes com vossa caridade, contra todas as oposições.

Sinto muito dar-vos este desgosto; se virdes que Deus quer outra coisa diferente da que foi feita até agora, em nome de Nosso Senhor, seja ela quem o ordene e declare. Serei sempre a mesma, sem réplica, depois de haver tomado a liberdade, como o faço, de expor as razões que se apresentam a meu espírito, não me atrevendo a dizer que sejam os pensamentos que Deus me inspira, por causa de minhas infidelidades. Se não me expliquei direito, e se vossa caridade quiser que o senhor Padre Alméras ou algum outro me escute, é possível que me

(1) *Elas: as Filhas da Caridade.*

(2) *A palavra pejorativa empregada por Luisa equivaleria melhor a "rodilha". (Nota tradutora)*

faça mais clara.

Permiti-me, meu Honoratíssimo Pai, que vos peça notícias de vossas enfermidades; parece-me que poderiam ser aliviadas se vós vos deixásseis tratar como vossa caridade ordenaria que fosse feito a um outro. Penso já vos haver falado do conteúdo desta carta, à exceção de uma ou outra circunstância. Peço-vos, humildemente, perdão de repetir o que já vos havia dito; perdão que espero de vossa bondade, posto que sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e obediente, e agradecida filha e serva.

C. 722 (L. 656)

*À minha querida Irmã Joana Delacroix
Filha da Caridade
Serva dos Pobres Doentes
Châteaudun*

Hoje, 2 de fevereiro de 1660

Mui querida Irmã,

Não duvido de que tenhais muitos afazeres, nem tão pouco de vosso grande empenho em ajudar nossas Irmãs a trabalharem na sua perfeição. Mas, suplico-vos dar-me vossas notícias e dizer-me, sobretudo, se, enquanto fazeis o serviço exterior, vosso interior se ocupa, por amor de Nosso Senhor, em vigiar sobre vós mesmas para vencerdes e dominardes vossas paixões, negando aos sentidos o que pode levar-nos a ofender a Deus. Sem isto, sabeis muito bem que as ações exteriores, ainda que sejam para o serviço dos pobres, não podem agradar a Deus, nem nos merecerem recompensa, não estando unidas às de Nosso Senhor, que sempre trabalhava em vista de Deus, seu Pai.

Esta prática é bem vossa, minha querida Irmã, por isso experimentais a paz da alma que se apóia em seu Bem-Amado.

Rogo-vos dizer-me se sabeis algo de nossas Irmãs de Varize; aguardo a volta do senhor Prior, para escrever-lhes. Fazei o favor de dizer à Irmã Toussainte que espero me escreva com mais frequência, do que o fez até agora.

Não ouvi falar da senhora de vossa cidade, por isso, acho que não tornará a passar por aqui. Se ainda quiserdes escrever a Le Mans (1), podeis fazê-lo. Se eu

C. 722 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Joana Delacroix, natural de Le Mans, devia ter lá alguns interesses econômicos (ver C. 350 n. 5)

ficar sabendo de alguma coisa dos Padres da Missão de lá, antes de que siga esta carta, vo-lo direi.

Recomendo-me às orações de nossas caríssimas Irmãs e sou no amor de Jesus Crucificado, minha querida Irmã, vossa muito humilde e muito afeiçoada serva.

P.S. - Redobrai vossas orações por nosso Honoratíssimo Pai, que sofre tanto das pernas, já não podendo andar, nem sequer celebrar a santa Missa, senão raramente, por causa da fraqueza delas. Agradei a Deus porque se dignou preservar o senhor Padre Etienne do naufrágio a que ficaram expostos durante 15 dias, enquanto rumavam para Madagascar. Todos já continuam a viagem: Deus os conserve, por sua misericórdia!

C. 723 (L. 40)

*Cartas sem data
(À senhora ...) (1)*

Remeto-vos o exercício (*de piedade*) de que vos falei. Parece-me muitíssimo próprio para vós, segundo o conhecimento que vossa bondade quis dar-me de vossa querida alma. Vivei, pois, assim, sendo toda de Deus, querida senhora, por essa união suave e amorosa de vossa vontade com a de Deus, em todas as coisas. Esta prática contém em si, na sua simplicidade, os meios para chegardes à sólida perfeição que Deus requer de vós; assim o penso. Tende sempre, querida senhora, em grande apreço a humildade e a mansidão cordial e tratai, com toda simplicidade e familiaridade inocente, com Nosso Senhor, em vossas orações. E, durante o dia elevai vosso espírito até Ele, que é a divina doçura, não levando em conta se sentis ou não gosto, ou, consolo. Deus quer de nós apenas o coração; não pôs em nosso poder senão o puro ato da vontade e é o que olha, juntamente com a ação, que dele procede. Fazei o maior número possível de ponderações e vivei com santa alegria, no serviço de nosso soberano Mestre e Senhor.

Aí está, senhora, simplesmente, como Nosso Senhor me inspirou, o que vossa humildade solicitou à minha pobreza. Suplico à sua infinita bondade faça chegar vossa cara alma à mais alta perfeição em que seu Amor vos quer. Rogo-vos, senhora, me recomendeis à sua divina Misericórdia e crede que já fiz o que desejáveis de mim. Nunca vos esquecerai em minhas pobres orações, nem o senhor seu marido e demais pessoas que vos são tão caras. Deus seja bendito.

C. 723 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) Carta sem endereço, nem data. Pode-se pensar que se trata de uma anotação ou bilhete talvez entregue em mãos, no final do retiro dessa senhora, feito sob a direção de Luisa de Marillac. (Nota da tradutora)

C. 724 (L. 167)

(À Irmã Servente do Hospital Geral) (1)

Hoje, 14 de dezembro

Minha querida Irmã,

Suponho terdes recebido minhas cartas, ao regresso desse bom sacerdote, um dos Padres do Hospital Geral, que partiu daqui há uns quinze dias. Escrevi-vos bem longamente; por isso, nesta, tenho apenas que repetir uma vez mais, a alegria que senti e sinto quando sou informada, com pormenores, sobre vossas prezadas notícias e as de nossas queridas Irmãs. Acompanha também este pacote, a carta que a divina Providência permitiu caisse em minhas mãos para que eu os faça chegar às vossas. Nada vos digo sobre isso, querida Irmã, porque estou certa de que vosso bom coração não deixará de compreender o que Deus vos pede, em semelhantes circunstâncias.

Suplico a Nosso Senhor encha esse vosso coração da fidelidade a seu Amor que deseja ver nele e vos dê a segurança de que sou, querida Irmã, de todo coração, nesse santíssimo Amor, vossa muito humilde e obediente irmã e serva.

C. 725 (L. 366)

Ao senhor Abade de Vaux

Senhor,

A senhora de Saint Gervais solicitou-me fazer-vos um humilde pedido, como vereis na resposta que ela dá à minha pergunta sobre o nome do senhor seu irmão, a quem me pede recomendar-vos, como assim o faço, com todo o respeito que vos *(devo)*.

Sabeis muito bem, senhor, a importância que há em que os jovens se comprometam sem saber exatamente o que fazem. Por isso, dei-lhe esperanças de

C. 724 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Esta carta autógrafa, sem endereço. Trata-se, provavelmente, do Hospital Gerat de Saint-Denis.

C. 725 Rc. 4. Carta autógrafa.

(1) Esta carta é possivelmente anterior a 1650 porque, a partir desta data, só em raríssimas exceções Luisa de Marillac despede-se do Abade de Vaux, dando-se o nome de filha. (Nota da tradutora).

que farieis o obséquio de ajudá-lo a conhecer o espírito com que deve abraçar o tipo de vida que se propôs. Tomo, pois, a liberdade de enviar-vos sua carta, para assim não precisar de repetir-vos todas as circunstâncias indicadas.

Não me lembro bem se ela chegou a me dizer a comunidade religiosa em que está esse jovem. Se, porém, houver uma que tenha o nome de Santo Albino, parece-me ser essa. Se vos virdes na impossibilidade de visitá-lo pessoalmente, rogo-vos, senhor, fazer-lhe a honra de que outra pessoa de virtude exerça para com ele essa caridade. É de muito boa família e aparentado com uma pessoa pela qual sinto grande estima e afeto. Entretanto, é só a caridade que me leva a propor-vos este novo trabalho, acrescentado aos muitos que vossa caridade já desempenha cada dia. Ao tornar-se maior o seu número, ficará também aumentando o mérito de todas as vossas santas ações, nas quais vos peço fazer-me participante para alcançar-me misericórdia de nosso bom Deus, em cujo amor sou, senhor, vossa muito humilde filha e muito obediente serva.

C. 726 (L. 384)

Ao senhor Padre Vicente (1)

Meu Honoratíssimo Pai,

Por amor de Deus, suplico-vos reservar-me e indicar-me hora, para poder vos falar. E que, segundo o que me disserdes, possa eu ter o tempo conveniente para o negócio do qual vos falei depois do jantar, receando que vossa caridade partisse amanhã. Se não me puderdes dedicar tempo antes de vossa viagem, permiti-me tomar a diligência ou pedir emprestado um coche e irei à hora do almoço e lá vos poderei falar. Suplico-vos conceder-me uma coisa ou outra, porque necessito disso para a glória de Deus, a qual também me concedeu a misericórdia de ser, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito grata, embora indigna.

C. 726 Rc. 2. Carta autógrafa. Dorso: 1644.

(1) Esta carta tem, no verso, a indicação: 1644. Porém a expressão: *Meu Honoratíssimo Pai* faz duvidar desta data. (Coste IV, 110)

C. 727 (L. 395)

(A uma Irmã Servente)

Minha querida Irmã,

Suponho que estais bem lembrada do que o senhor nosso Honoratíssimo Pai avisou a todas as Irmãs: quando quiserem escrever aos Superiores não precisam mostrar suas cartas à Irmã Servente. Porém a outras pessoas, não se lhes pode escrever sem sua permissão e é preciso sempre mandar diretamente tais cartas à Diretora de Paris. É necessário também, querida Irmã, para viver em grande união e cordialidade que, quando as Irmãs Serventes nos escrevem ou recebem cartas nossas, devem comunicá-lo à sua Irmã Assistente a até lerem o que lhes é dito, exceto o que for segredo particular; porque, querida Irmã, deve haver tão grande igualdade, que quando tudo estiver bem estabelecido na Companhia, possa julgar-se conveniente que as Irmãs sejam revezadas como Irmãs Serventes, a cada ano. Em nome de Deus, querida Irmã, olhai nossa Irmã com a mansidão e ternura que julgais que ela necessita. Todas em geral se consideram muito felizes com sua condição de servas dos pobres; porém, são bem poucas as que suportam que se lhes diga a menor palavra com autoritarismo ou indelicadeza. Por isso, temos de acostumar-nos a pedir e não a mandar; a ensinar com o exemplo e não dando ordens. Sei que tudo fazeis para isso.

C. 728 (L. 556)

(À Irmã Servente de Saint-Denis) (1)

Minha querida Irmã,

Lamentavelmente, caistes outra vez e apresentais a falta de nossa Irmã de maneira diferente da verdade. Esta Irmã havia se impacientado, vendo vários gatos ao redor de vós e dela, durante a oração e dizeis que desagradou a outra Irmã. Meu Deus, irmã! quão deplorável é esta verdade... Há quanto tempo vos pedi que vos desfizésseis desses animais! e não levastes em conta; mas, se uma Irmã deixa de obedecer-vos prontamente...

Ainda nos estais devendo um resto de 20 soldos. Enviar-vos-emos as ervilhas; seguem 10 libras (2) de ameixas, a 6 libras (3) o cento.

C. 727 Ms. A, Irmã Chétif 1, n. 47.

C. 728 Rc. 3. Carta autógrafa.

(1) Carta sem endereço, nem data.

(2) Libra: medida de peso.

(3) Libra: moeda.

Rogo-vos, querida Irmã, não vos deixeis abater à vista de vossas faltas: sem este meio, não chegaríamos a conhecer-nos, nem tão pouco, a corrigir-nos.

Seria bom que comprásseis manteiga salgada. A de boa qualidade custa, aqui, 8 soldos; dizei-nos se achais estar mais cara em Saint-Denis e, então vo-la enviaremos daqui. Não é que não possais, de vez em quando, comprar manteiga fresca, porém, não o façais com frequência.

Consolai-vos com a esperança de que o Retiro vai fazer-vos bem. Admirame que estejam ainda aí essas duas Irmãs, sem nós o sabermos. Pedi a Deus que me dê humildade e crede-me em seu santo amor, minha querida Irmã, vossa muito humilde irmã e serva.

C. 729 (L. 568)

Ao senhor Padre Portail (1)

Senhor,

Sou-vos muito agradecida pelas provas que me destes de vossa cordialidade e benevolência, apesar do conhecimento que tendes de meus crimes (2). Peço-vos, senhor, que isto leve vossa caridade a alcançar-me misericórdia.

É verdade que já vimos aqui esse precioso livrinho do qual farei grande caso, pelas razões que me expusestes. Vo-las agradeço, humildemente.

Permiti-me, senhor, explicar-vos essas palavras de minha carta que vos moveu a expor-me vossas intenções. Quando disse: "poderiam ocorrer algumas ocasiões em que me visse em dificuldades para obedecer-vos, senhor, que, às vezes, quando nossas Irmãs vêm dizer-me que vossa caridade lhes falou para pedirem fazer o retiro ou que as mude de lugar, (embora seja um tanto extraordinária esta maneira de me dar avisos,) pode acontecer que nos seja impossível fazê-lo, por não termos ninguém que possa ocupar seu ofício devidamente. E não apenas isso, mas, também, que não tenhamos ninguém.

Precisaria conversar convosco bem uma hora, a fim de citar-vos vários exemplos que vos fariam compreender que prefiro sempre o vosso parecer a todos as minhas razões, se vo-las pudesse apresentar ou tivésseis tempo de escutá-las. E isso ainda não aconteceu; suponho que não o julgastes conveniente.

Espero que Nosso Senhor supra minha incompetência, pois, em verdade,

C. 729 Rc. 2. Carta autógrafa.

(1) Esta carta não tem data, embora esteja muito relacionada com a C. 76, ao senhor Padre Vicente, do dia 6 de julho de 1642. (Nota da tradutora).

(2) Embora forte, foi mesmo a palavra "crimes" que Luisa de Marillac empregou.

não desejo senão sua glória e o cumprimento de sua santíssima vontade. Não quero minha justificação diante de vossas Irmãs, nem diante de nenhuma outra, mas, unicamente, ante vossa caridade, pelo respeito que vos devo e a gratidão que convosco contraiu toda a Companhia e eu em particular.

Sou, do mais íntimo de meu coração e no amor de Nosso Senhor, vossa muito humilde e obediente serva.

P.S. - Não sei se o senhor Padre Vicente vos terá avisado do Conselho curtinho que faremos em São Lázaro, entre Vésperas e Completas, a fim de que possais comparecer.

C. 730 (L. 25)

Ao senhor Padre Vicente

(depois de 1650)

Meu Honoratíssimo Pai,

Perdoai minha apreensão muito violenta pela coisa que sempre mais temi na pessoa de quem vos falei. As reflexões que faço sobre tal assunto (e que aumentam minha dor) têm sido causa de não terdes percebido o consolo que Deus me dá, através de vossa caridade. Se acreditais tenha havido intervenção da divina Providência em minha vida, em nome de Deus, querido Pai, não me abandoneis nesta situação crítica. Fazei-me porém a caridade de dar-me a conhecer o engano em que me acho, para que não morra impenitente.

Esqueci-me de suplicar-vos, humildemente, por amor de Deus, que celebrais amanhã a santa Missa por meu filho e façais o que aprouver a Deus inspirar-vos para ajudá-lo a sair da grande aflição na qual parece encontrar-se. Dar-vos-ia compaixão se o visseis como o vejo. Tenho feito o possível para entrar nos pensamentos que me destes a honra de me indicar.

Jantei melhor do que pensava. Quero procurar oferecer a Deus o que me pede nesta ocasião, coisa que espero chegar a conhecer, graças aos conselhos que vossa caridade me dará e dos quais tenho tanta necessidade, assim como de ser, na medida em que Deus o quer, senhor, vossa muito agradecida filha e humilde serva.

C. 731 (L. 356)

Ao senhor Padre Vicente

(depois de 1650)

Meu Honoratíssimo Pai,

A pobre Irmã Nicole de Montmirail disse às nossas Irmãs que a senhorita de Montdésir, mãe da senhora Tuboeuf, a havia recebido para ir servir os pobres doentes da aldeia de Issy, no lugar das Irmãs que retiramos de lá, há algum tempo. Falou ainda que, de maneira nenhuma, tiraria o hábito, nem o toucado e, continuaria sempre como Irmã.

Isto causará pena às nossas Irmãs e eu que o temo (tanto quanto minha insensibilidade por tudo, me pode permitir), suplico, humildemente, à vossa caridade pensar nisso diante de Deus. Vede se seria mais conveniente impedir que ela fosse com o hábito (poderíamos conseguí-lo por meio da senhorita Viole) e não tentar tirá-lo, quando estivesse acostumada lá, porque a senhorita de Montdésir não ficaria do nosso lado.

Suplico ao bom Deus que regresseis com boa saúde e sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito obediente e humilde serva.

C. 732 (L. 410)

Ao senhor Padre Vicente

Hoje, sexta-feira, 26 (depois de 1650)

Suplico, humildemente, à vossa caridade, permitir-me pedir-vos meia hora de vosso tempo para nossa Irmã Francisca, como o espera, amanhã, sábado e, de adiar a decisão que deveis tomar para colocá-la, até que eu possa ter a honra de vos falar. Isso por seu interesse pessoal, como pelo da Companhia que necessita receber luzes para saber como agir com prudência, discrição e eu, mais do que ninguém, que sou, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde e obediente filha e serva.

C. 731 Rc. 2. Carta autógrafa.

C. 732 Rc. 2. Carta autógrafa.

Ao senhor Padre Vicente

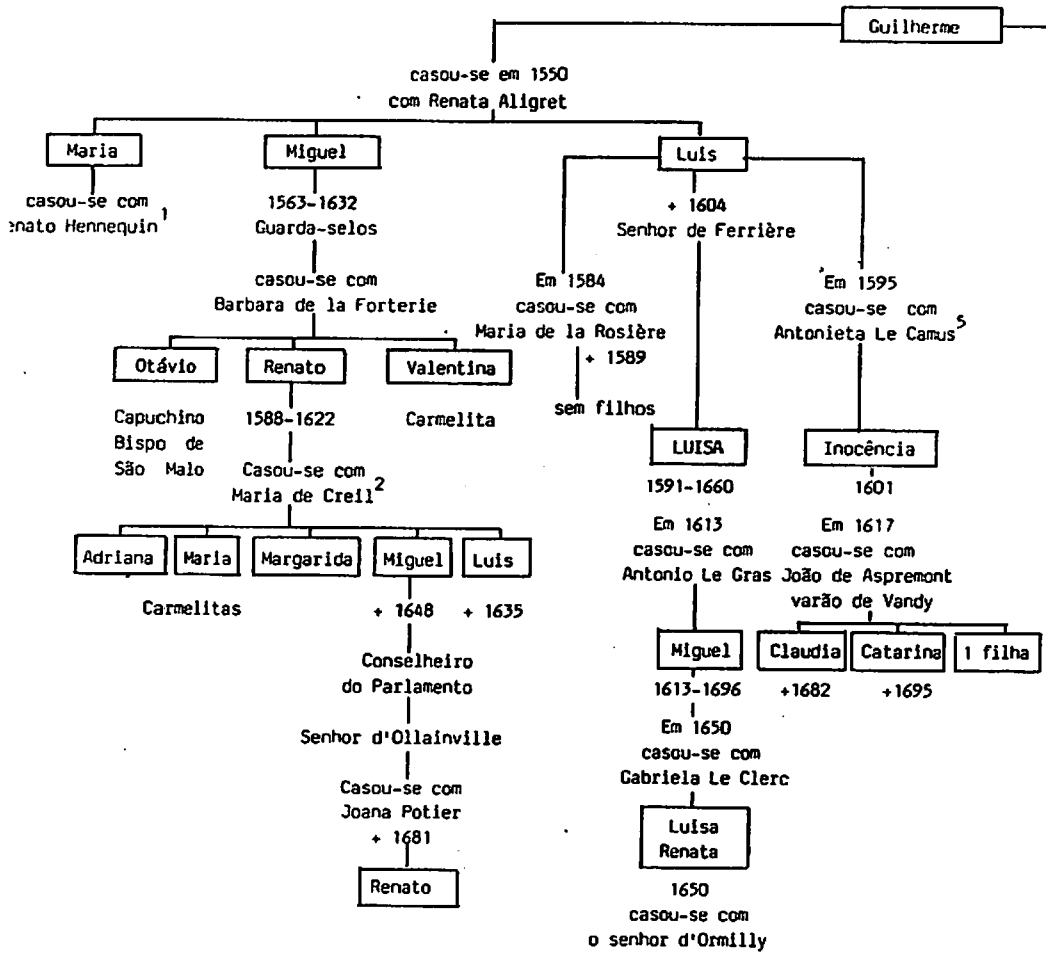
Hoje, quarta-feira, (depois de 1650)

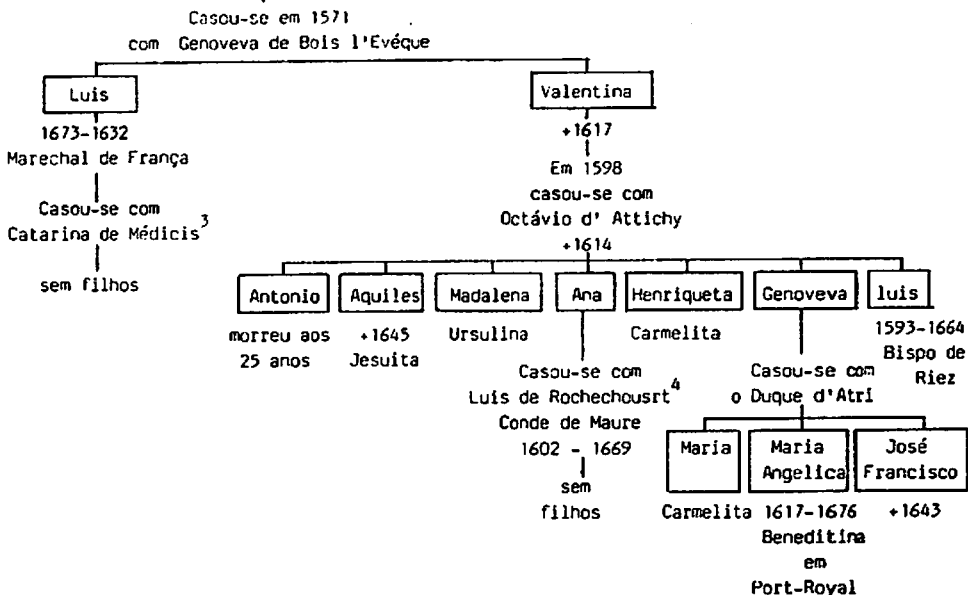
Meu Honoratíssimo Pai,

Permiti-me colocar-me diante de vós como uma pobre envergonhada que vos pede, por amor de Deus, fazer-lhe a caridade da esmola de uma visitinha da qual tenho grande necessidade. Não posso dizer-vos, aqui, o motivo que me impede muitas coisas e me obriga a ser importuna, por não poder agir de outro modo. Sou, por ordem de Deus, meu Honoratíssimo Pai, vossa muito humilde serva e pobre filha.

P.S. - Se vossa caridade pudesse hoje...







- Nota: 1 - Tio da Senhorita du Fay
 2 - Entra no Carmelo depois da Morte de seu sogro
 3 - Tia da Rainha Maria de Médicis
 4 - Irmão do Duque de Mortemart
 5 - Tia de Monsenhor Le Camus, Bispo de Belley

ESCRITOS

Período anterior à Fundação da
Companhia das Filhas da Caridade:
novembro de 1633

E. 1 (A. 13)

(Sobre uma pena interior)

(pelo ano de 1621)

Durante todo o dia de São Tomé, *(tive)* um grande abatimento de espírito pelos sentimentos de minha própria abjeção, que me fazem aparecer *(ante meus olhos)*, como um poço de orgulho e fonte de amor próprio; sentimentos de desamparo, aniquilamento de mim mesma, abandono de Deus merecido por minhas infidelidades, com uma opressão de coração, tão grande, que nos momentos mais violentos, fazia-me sofrer até no corpo. E, às vezes, vendo-me na estima daqueles que se têm equivocado sobre... (1), chegava a crer-me, por este motivo, indigna de que a Santa Vontade de Deus se cumprisse em mim.

Na terça-feira seguinte, estando ainda com as mesmas penas, parecia-me ser objeto da justiça de Deus. A santa Comunhão e todas as outras graças de Deus, em mim, eram como um meio para fazer com que Sua bondade triunfasse no cumprimento de sua justiça. Aceitado esta disposição, senti um pouco mais de tranqüilidade, tomando como o tema da oração: A paz de Deus que supera todo o entendimento. (2)

E. 2 (A. 15 bis)

Suas disposições interiores

(pelo ano de 1622) (1)

No dia de São Sebastião, estando nos Mártires, senti-me impelia pelo dese-

E. 1. Rc. 5 A. 13. *Autógrafo original.*

(1) *Palavra ilegível*

(2) *Fil. 4, 7*

E. 2 Rc. 5 A. 15 bis. *Autógrafo original*

Observação: As palavras entre parênteses e sublinhadas não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

jo de dar-me a Deus, para realizar Sua santíssima vontade em toda a minha vida e Lhe ofereci o pensamento que me inspirara de fazer um voto, quando tivesse a permissão. Depois disso, estive durante o dia inteiro, profundamente mergulhada na consideração das Misericórdias de Deus para com suas criaturas, em todo o bem que via em seus santos, que me pareciam tão maiores quanto eu sentia, por experiência própria, as fraquezas da natureza humana.

No sábado seguinte, pedi insistentemente a Deus que se dignasse manifestar-me o que Sua bondade queria de mim. E, no domingo, à vista de minhas infidelidades para com Deus, reconhecidas, de modo especial, em que, num dia de Comunhão, havia estado quase sem nenhum recolhimento que ma recordasse e, por duas ou três vezes resistira à inspiração de mortificar-se em alguma coisa, afogando, verdadeiramente, este bom desejo, ou impedindo que se formasse, cessei de praticá-lo. Cobri-me de tamanha confusão que não pude comungar sem me confessar. E permaneci por muito tempo na vontade de não comungar; teria agido assim se não me lembrasse da proibição que me fora feita sobre isso. Durante todo o dia, senti grandes penas e amarguras interiores.

E, na terça-feira seguinte, dia da conversão de São Paulo, considerando na minha meditação, que Jesus destruía inteiramente os impedimentos e suas operações divinas para a execução de seus desígnios, tanto neste Santo como em toda a gentilidade, de repente, senti meu espírito atormentado por grandes e mui vivas penas, que quase me impossibilitam de me confessar. E estas penas chegaram a tal ponto que, se tivesse revelado e feito o que impeliam a fazer, creio que ... (2)

Foi-me ordenado comungar todos os sábados do ano, em agradecimento pela ajuda recebida da Santíssima Virgem ... (2) e da que espero receber.

No último domingo de janeiro, em minha oração, feita sobre as grandezas de Deus, pensei em Jesus, no Presépio. Pela verdade de seu Ser, bastando Ele só para a eternidade de sua glória, desprezou as grandezas e riquezas do século para (cumprindo pela obra de nossa Redenção, a vontade do Pai) desaparegar-nos da terra.

E como era o Evangelho do Semeador, não reconhecendo em mim nenhuma terra boa, desejei semear no Coração de Jesus, todas as produções de minha alma e as ações de meu coração, a fim de que tudo tivesse crescimento por seus méritos, (não existindo) mais que por Ele e nele, uma vez que Ele quis rebaixar-se até ser homem pela natureza.

(1) 1622 é único ano em que o 25 de janeiro cai na terça-feira e o último domingo de janeiro, dia 30, é sexagésima, com o Evangelho de parábola do Semeador.

(2) Palavra ilegível.

E. 3 (A. 2)

Luz

No ano de 1623, no dia de Santa Mônica, Deus concedeu-me a graça de fazer o voto de viuvez, se Ele chamasse a Si o meu marido.

Em seguida, no dia da Ascensão, cai num grande abatimento de espírito por causa da dúvida se deveria deixar meu marido, como o desejava insistentemente, a fim de reparar meu primeiro voto (1) e de ter mais liberdade para servir a Deus e ao próximo.

Duvidava também se o apego que eu tinha a meu Diretor (2), ausente por muito tempo, não me impediria de tomar outro e temia estar a isso obrigada.

E sofria muito também, com a dúvida da imortalidade da alma, o que me fez ficar, na Ascensão até Pentecostes, numa aflição incrível.

No dia de Pentecoste, (3) participando da Santa Missa ou fazendo oração na igreja (4), de repente, fui esclarecida de minhas dúvidas e avisada de que deveria permanecer com meu marido e, temo, viria em que estaria em condições de fazer voto de pobreza, de castidade e obediência, numa pequena comunidade, com pessoas que fariam o mesmo. Entendi, então, que isso seria num lugar dedicado a servir ao próximo; não podia porém, compreender de que jeito se faria isso, porque, haveria idas e vindas.

Fui assegurada também, de que deveria permanecer em paz quanto a meu Diretor; Deus me daria outro (5) que, (então) me fez ver, segundo me parece e senti repugnância em aceitá-lo. Entretanto, consenti, afigurando-se-me que ainda não era hora de fazer-se essa mudança.

Minha terceira pena foi-me tirada pela certeza que senti em meu espírito de

E. 3 (A. 2)

(1) Luísa de Marillac (12 de agosto de 1591 - 15 de março de 1660) desejava ser capuchinha. Certamente o havia prometido a Deus. Porém, o Padre Champigny, seu primeiro conselheiro, fê-la ver que sua saúde não lhe permitia ser religiosa.

Seguindo os conselhos de sua família, Luísa contraiu matrimônio, a 5 de fevereiro de 1613, com Antônio Le Gras, secretário da rainha Maria de Médicis. Seu filho Miguel nasceu a 18 de outubro seguinte.

(2) Pedro Camus, bispo de Belley, parente dos Marillac e amigo de Francisco de Sales.

(3) 4 de junho de 1623, um domingo.

(4) Igreja de São Nicolau "des Champs", rua São Martinho, paróquia de "Mademoiselle Le Gras".

(5) Vicente de Paulo, então, preceptor na casa dos Gondi, cujo palácio estava situado na paróquia de São Salvador.

que era Deus quem em ensinava tudo o que foi dito acima e, se Deus existia, não poderia duvidar do resto.

Sempre acreditei ter recebido esta graça pelo Bem-aventurado Bispo de Genebra (6), por haver desejado muito, antes de sua morte, comunicar-lhe minha aflição e depois, haver sentido grande devoção e recebido, por seu intermédio, muitos favores. Naquela ocasião, sei ter havido algum motivo para crê-lo assim, do que agora não me lembro.

E. 4 (A. 3)

Ato de protestação (1)

Eu, abaixo assinada, tendo-me colocado na presença de Deus Eterno, havendo considerado que no dia de meu santo batismo fui consagrada e dedicada a meu Deus para ser sua filha e que, apesar disso, tantas e tantas vezes tenho agido contrariamente à sua santíssima vontade, considerando também a imensa misericórdia do amor e ternura com que este Deus boníssimo sempre me tem conservado no desejo de servi-lo, não obstante minha resistência quase contínua, da qual sou gravemente culpada e de, durante toda a minha vida, haver descurado e desconhecido as graças que sua bondade me tem feito e que, para mim, indigna e vil criatura, têm sido imensas; enfim, entrando em mim mesma, detesto de todo o coração as iniquidades de toda a minha vida passada que me fazem ré de lesa majestade divina e da morte de Jesus Cristo, de tal modo que mereço, mais do que Lúcifer, ser condenada.

Confiando porém, na infinita misericórdia de meu Deus, com toda a minha alma, peço-Lhe perdão e total absolvição, tanto dos pecados já acusados como daqueles de que não me lembro, e, em especial, do abuso feito dos santos Sacramentos, o que não poderia ocorrer sem grande desprezo de sua bondade. Disso me arrependo de novo, de todo o coração, apoiando-me nos méritos da morte do Salvador de minha alma, como único fundamento de minha esperança, em virtude da qual confesso e renovo a sagrada profissão feita, em meu batismo, em meu nome, a meu Deus, e me resolvo, de modo irrevogável, a servi-Lo e amá-Lo com mais fidelidade, entregando-me inteiramente a Ele; por isso, renovo também o voto de viuvez (2) e minhas resoluções de praticar as santas

(6) *Francisco de Sales, bispo de Genebra e Fundador da Visitação.*

E. 4 Rc. 5 A. 3. *Autógrafo original.*

(1) *Copiado, quase inteiramente (muitas frases ao pé da letra) da Introdução à Vida Devota, I, cap. XX.*

(2) *Feito a 4 de maio de 1623. Cf. E. 3.*

virtudes de humildade, obediência, pobreza, paciência, caridade, para honrar, em Jesus Cristo, essas mesmas virtudes, tantas vezes a mim inspiradas, por seu amor.

Protesto ainda, nunca mais ofender a Deus com nenhuma parte de meu ser e abandonar-me inteiramente ao designio de sua santa Providência, para que se cumpra Sua vontade, à qual me entrego e sacrifico para sempre, acolhendo-a para meu soberano consolo.

E, se por minha ordinária fraqueza chegar a infringir estas santas resoluções, Deus não o permita por sua bondade, imploro, desde agora, a assistência do Espírito Santo para me enviar, prontamente, a graça de converter-me, pois não quero permanecer, nem um só instante, desagradando a Deus. Esta é minha vontade irrevogável; eu a confirmo na presença de meu Deus, da Santíssima Virgem e do Anjo de minha Guarda e de todos os Santos, ante a face da Igreja militante que me ouve na pessoa de meu pai espiritual, que, na terra, ocupando junto a mim o lugar de Deus, deve, por favor, com sua caridosa direção, ajudar-me a praticar essas resoluções e fazer-me cumprir a santa vontade de obedecer-lhe nisso.

Dignai-vos, Deus meu, confirmar essas santas resoluções e consagração e aceitá-las em odor de suavidade; e, assim como foi de vosso agrado inspirar-me fazê-las, concedei-me a graça de chegar à sua realização; ó meu Deus, vós sois meu Deus e meu tudo, assim vos reconheço e adoro, único e verdadeiro Deus em três Pessoas, agora e por toda a eternidade.

Viva vosso Amor e o de Jesus Crucificado!

E. 5 (A. 4)

Oblação à Virgem

(pelo ano de 1626)

Santíssima Virgem, dignai-vos tomar meu filho e a mim sob vossa proteção e consenti na opção que dessa proteção faço para servir-me de guia; recebi meus votos e súplicas junto com meu coração que vos entrego todo inteiro, a fim de glorificar a Deus pela escolha que sua bondade fez de vós, para ser Mãe de seu Filho. Por causa dessa preferência, vossa Conceição foi Imaculada, em previsão do mérito de sua morte. Seja bendito, na memória dos homens, o vosso nascimento; vossa vida pura e santa a serviço do templo sirva de exemplo às virgens que têm a felicidade de imitar o voto jamais manchado de vossa virginda-

de! As pessoas unidas, por vontade de Deus, pelo santo matrimônio, honrem o vosso puríssimo, com submissão, dependência, confiança na Providência de Deus, imitando o inexaurível abismo das virtudes praticadas por vossa santa alma durante o tempo em que vos esteve sujeito vosso Filho Jesus, por meio da grande humildade que ante os olhos vos punha, constantemente, tudo o que Deus em vós realizava e o que éreis nEle! As viúvas aprendam de vós aquilo que Deus espera delas, para honrarem, na prática e com o exemplo, a doce serenidade de vossa alma nos sofrimentos e morte de vosso Filho, e o desapego de todas as coisas, deixando-vos na terra depois de sua Ascensão, pelo puro amor que tinheis a Deus e à salvação das almas, pela qual trabalhastes o resto de vossos dias, à imitação perfeita do espírito de Jesus, meu Salvador.

Embora pecadora e indigna, permiti-me, Santíssima Virgem, unir-me a vossos méritos, para poder exaltar a Deus pela glória que Ele receberá de vós no gozo da plenitude da divindade que tem vossa santa alma, havendo Ele mesmo vos dado capacidade extraordinária para isso. Que ditoso foi o vosso amado Coração, pleno de amor, que causou a morte a vosso santo corpo, cumulado de méritos pelos padecimentos interiores de vossa alma! Seja eternamente gloriosa essa bela alma escolhida entre milhares e milhões, por sua adesão aos desígnios de Deus! E seja glorioso para sempre esse sagrado corpo, unido a tão excelente alma, pelos testemunhos de amor que há de dar-lhe a Santíssima Trindade por toda a eternidade.

Sou toda vossa, Santíssima Virgem, para ser mais perfeitamente de Deus. Se, pois, vos pertenco, ensinai-me a imitar vossa santa vida, mediante o cumprimento do que Deus quer de mim. Com toda a humildade reclamo a vossa ajuda; vós que conheceis minha fraqueza, vede meu coração e dignai suprir com vossas preces o que eu deixar de fazer por minha incapacidade e negligência e visto que é de vosso amado Filho, meu Redentor, de quem recebestes as heróicas virtudes que praticastes neste mundo, uni o espírito de minhas ações à sua santa presença, para glória de seu santo Amor. Toda criatura honre vossas grandezas, vos veja como seio seguro de ir a Deus, vos ame de preferência a qualquer outra simples criatura e todas elas vos tributem a glória que mereceis como Filha muito amada do Pai, Mãe do Filho e digna Esposa do Espírito Santo!

Tende compaixão, Santíssima Virgem de todas as almas resgatadas pelo Filho de Deus e vosso. Mostrai à Justiça divina os puríssimos seios que Lhe ofereceram o sangue derramado na morte de vosso divino Filho para nossa Ressurreição, a fim de que o mérito desta seja aplicado a todas as almas agonizantes para conceder-lhes completa conversão e, para nós, alcançai-nos, por vossas

súplicas, tudo aquilo de que temos necessidade para glorificar a Deus eternamente na Bem-aventurança essencial e gozar também da acidental que vossa querida visão proporcionará aos bem-aventurados.

E. 6 (A. 32)

*(Sobre as virtudes e prerrogativas
da Santíssima Virgem)*

Sua Conceição e todas as graças infusas que lhe foram concedidas por causa da escolha que Deus fez dela para sua Mãe, tornaram-na Imaculada em previsão dos méritos da vida de seu Filho.

Seu nascimento, sua vida puríssima, dedicada ao serviço do templo e seu voto de virgindade, seus desponsórios, sua submissão e dependência, sua confiança na divina Providência, sua serenidade e o inexaurível abismo de todas as virtudes de sua bela alma durante o casamento, (*eram*) sustentados pela grande humildade que lhe colocava sempre, ante os olhos, o que Deus nela realizava. Seu grande desapego e a doce tranquilidade de sua alma em meio aos padecimentos e morte de seu Filho, seu grande desprendimento de todas as coisas, ao permanecer na terra após a Ascensão, (*mostram que vivia*) pelo puro amor que tinha por seu Deus e pela salvação das almas, pela qual trabalhou o resto de seus dias, em perfeita imitação do espírito de seu Filho; ofereço-vos, ó meu Deus, toda a glória que para sempre receberéis, pelo gozo que esta alma santíssima terá na plenitude de vossa Divindade, disso a fizestes capaz de modo extraordinário. Bem-aventurado esse coração cheio de um amor que causou morte ao corpo cumulado de méritos pelos sofrimentos interiores de sua alma! Gloriosa seja sempre essa alma eleita entre milhares e milhões, pela adesão que deu ao desígnio de Deus e glorificado seja eternamente esse precioso corpo, unido a tão digna alma, pelas mostras de amor que a Santíssima Trindade lhe prodigará, pelos séculos sem fim da eternidade.

E. 7 (A. 1)

Regulamento de vida no mundo
Em nome de Deus, possa eu viver assim, se mo permitirem!

Esteja sempre em meu coração o desejo da santa pobreza, para que, livre de tudo, possa seguir Jesus Cristo e servir meu próximo com toda humildade e mansidão, vivendo em obediência e castidade toda a minha vida, honrando a pobreza de Jesus Cristo por Ele vivida com tanta perfeição.

Seja para Deus meu primeiro pensamento após o descanso da noite, fazendo um ato de adoração, de ação de graças e de abandono de minha vontade à sua santíssima. Diante de minha miséria e incapacidade, pedirei a graça do Espírito Santo, na qual hei de ter grande confiança, para se cumprir em mim sua santíssima vontade, único desejo de meu coração.

Enquanto me seja possível, de Páscoa até a festa de Todos os Santos, levantar-me-ei às cinco e meia e, da festa de Todos os Santos até Páscoa, às seis.

Uma vez de pé, farei imediatamente a oração (durante) meia hora ou três quartos; tomarei o tema dos Santos Evangelhos e Epístolas uma hora inteira (1) e, com as Epístolas e Evangelhos, a vida do Santo do dia para que o exemplo do mérito do Santo me sirva de instrução.

Terminada a oração, rezarei pausadamente Prima e Terça de Nossa Senhora, conservando os sentimentos da oração. E se tiver de dar alguma ordem para a direção da casa, ocupar-me-ei disso enquanto acabo de aprontar-me.

Às oito e meia, no verão e às nove no inverno, irei ouvir a Santa Missa; umas vezes só com a intenção da Igreja e outras, servindo-me dos pontos para meditar durante ela, em Filotéia ou em outro livro intitulado Dositéia.

Acabada a Santa Missa, rezarei o que falta do Ofício da Virgem, conservando em meu coração o sentimento de grande amor que Deus teve por nós, deixando-nos este Santo Sacrifício.

De volta à casa, às nove e meia no verão e às dez no inverno, costurarei até às 11 horas, quando almoçarei depois de haver feito leitura de uma capitulo do ... (2).

Ao meio dia em ponto, (*farei*) uns quinze minutos de oração, para honrar o momento da Encarnação do Verbo no sagrado seio da Santíssima Virgem.

Procurarei nunca ficar desocupada, por isso, depois desse meio quarto de hora, voltarei ao serviço, trabalhando alegremente, seja para a Igreja, seja para

E. 7 Rc. 5 A. 1. Autógrafo original.

(1) Quer dizer, provavelmente, todo o tempo da oração.

(2) Palavra deixada em branco.

os Pobres ou então para a utilidade da casa; o trabalho irá até quatro horas.

Se for obrigada a fazer ou receber alguma visita, empregarei nisso estas horas.

Se, às quatro horas, ainda me achar pela cidade - caso não esteja demasiado presa numa obra de caridade ou em alguma conveniência social muito considerável - retirar-me-ei à igreja, mais próxima, para rezar vésperas da Santíssima Virgem e, durante elas recolher meu espírito, a fim de depois fazer meio hora de oração e logo ir para casa, ficando lá o mais que puder. Se tiver tempo após a oração, costurarei até às seis.

Às seis e meia cearei, tendo antes feito um bom quarto ou meia hora de leitura, de cujos pensamentos ocuparei meu espírito ou falarei às pessoas com quem estiver à mesa sem... (3)

Após a ceia terei meia hora de recreação e em seguida, trabalharei outra meia hora.

Às oito, retirar-me-ei para fazer meu exame de consciência, humilhando-me profundamente, tanto pelas graças recebidas de Deus durante o dia, como pelas faltas cometidas, confiando, não obstante, na misericórdia e bondade divinas, razão de toda a minha esperança. Depois do exame, rezarei Matinas da Virgem para o dia seguinte.

Rezarei todos os dias a terça parte do Rosário, meditando um dos mistérios, examinando-me, de vez em quando, de que modo vivo como cristã e católica, como mulher que deseja ser devota e observar fielmente os mandamentos de Deus.

Tratarei de a cada hora, colocar-me, ao menos quatro vezes, na lembrança da presença de Deus, excitando tanto quanto possa, o desejo de seu amor com repetidos afetos em orações jaculatórias, sem fixar o número, porém o mais freqüentemente possível.

Lerei uma vez por semana as notas que escrevi há uns cinco anos, para que me sirvam de lembrete da resolução tomada de servir a Deus por toda a minha vida.

Todos os primeiros sábados do mês, renovarei meus votos e boas resoluções, lendo minha protestação antes ou depois da Sagrada Comunhão, e isso, precisamente no sábado, como testemunho de haver tomado a Santíssima Virgem por minha Protetora, por causa de minha fraqueza e inconstância, a fim de que por sua intercessão possa durante o resto de meus dias nEla honrar a estima que Deus teve pela virgindade, preferentemente ao matrimônio.

Terei, pois, particular devoção à Santíssima Virgem, ao Anjo de minha Guarda, aos Santos Apóstolos, com o desejo de imitar sua vida enquanto me seja possível, por haverem sido eles imitadores de Nosso Senhor.

Durante o ano inteiro, no dia (*da semana*) em que cair a festa de Natal, reza-

rei o hino Jesu Nostri Redemptor e no dia (*do mês*) em que cair a de Pentecostes, a seqüência Veni Sancte Spiritus et emit... (3)

A santa Comunhão ... (3) aos domingos, às terças-feiras ... (3), a não ser que, na semana caíam festas que me obriguem a escolher outros dias, e isso, para dar-me a conhecer que não terei o desejo de servir a Deus senão na medida em que seu santo amor me atrair.

Trabalharei quanto puder na mortificação de minhas paixões, principalmente na da vaidade e precipitação, para isso e, também para honrar os sofrimentos de Jesus Cristo, tomarei a disciplina duas ou três vezes em espirito de penitência, enquanto rezar um Pater em honra de Jesus Cristo, uma Ave Maria em honra da Santíssima Virgem e o De Profundis pelas almas do Purgatório; e, em todos os dias de Comunhão, usarei o cilício de cintura pela manhã e às sextas-feiras, durante o dia inteiro.

Jejuarei todas as sextas-feiras do ano, no Advento e Quaresma, todas as vésperas das festas de Nosso Senhor, da Santíssima Virgem, dos Apóstolos e nos demais (*dias de*) jejum prescritos pela Igreja. Nos dias que não são de jejum, farei somente duas refeições, a não ser que tenha necessidade de agir de outro modo ou que a isso me obrigue a condescendência para com o próximo.

Desejaria fazer de oito a dez dias de Retiro duas vezes ao ano, isto é, nos dias entre a Ascensão e Pentecostes, para honrar a graça que Deus fez à sua Igreja, dando-lhe o Espírito Santo para conduzi-la e a escolha dos Apóstolos para anunciar seu Santo Evangelho, e para levá-lo à prática, porei particular atenção em ouvi-lo e terei devoção à Lei de Deus que são seus mandamentos. Os outros dias de Retiro serão no advento ... (3)

Adoro-vos, ó meu Deus, e reconheço haver recebido de vós minha conservação; e pelo amor que vos devo, abandono-me inteiramente às disposições de vossa Santa Vontade: e, ainda que cheia de fraquezas e de motivos de humilhação por meus pecados, confio-me à vossa misericórdia e vos suplico, pelo amor que tendes às vossas criaturas, a assistência de vosso Espírito Santo, para total cumprimento do desígnio que, desde toda a eternidade, vossa Santa Vontade teve sobre minha alma e sobre todas as que foram redimidas pelo sangue de Jesus Cristo vosso Único...

(3) *Manuscrito rasgado.*

Observação: As palavras entre parênteses e em itálico não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

(Sobre o fim e o espírito da Congregação da Missão)

(antes de 1628)

O fim da Associação (1) tem por elemento essencial o conhecimento próprio e o desprezo do mundo, praticado com a resolução de servir nas Paróquias, em submissão e obediência aos senhores Curas, renunciando a todos os benefícios e honras.

E com este propósito de servir à Igreja, tem o conhecimento de Deus, a quem reconhece como sobrenaturalmente merecedor de ser honrado de modo digno; e por este motivo querem, cada um em particular, entregar-se totalmente para cooperar quanto puderem com o amor de Deus na salvação das almas. A isso muito há de servir seu bom exemplo e as instruções que derem sobre os exercicios do cristão e a recepção dos sacramentos, bem administrados na Santa Igreja. Assim será quando houver somente bons sacerdotes e redundará em aumento da glória de Deus.

Além disso, honram a Santíssima Trindade pela grande união que reina entre eles, não obrigada nem imposta à força, porém mantida por uma suave necessidade, fomentada pela cordialidade num amor mútuo e, por relação santa, comunicada neles pelo Espírito Santo, com o Filho de Deus, que, desprendendo-se, de certo modo, pessoalmente de seu Pai, quis tomar nossa carne pela salvação dos homens; assim eles se desapegam totalmente de tudo o que poderia impedi-los de trabalhar neste fim, para a glória de Deus.

E. 8 Rc. 5 A. 38. *Autógrafo original.*

(1) *A Congregação da Missão recebeu, oficialmente, o nome de Congregação a partir de 1628.*

*(Motivos que devem mover-nos a pedir
pela Congregação da Missão)*

(antes de 1628)

Apresentar à Santíssima Virgem o fim da Associação (1) como o que mais pode honrar a Deus na pessoa de seu Filho, uma vez que ela se propõe a perfeição dos sacerdotes, que ocupam seu lugar na terra e têm a honra e o poder de fazê-lo presente tantas vezes nos altares e querem ver, restabelecer-se em seu primeiro fervor, a hierarquia eclesiástica.

Suplicar-lhe que ofereça a Deus o caminho pelo qual os chama: honrar a Cruz e imitar o Filho de Deus que, na ignomínia deste sulpício, uniu a criatura a seu Deus.

Seu desígnio é também o de ajudar o próximo a salvar-se e quanto a eles, o de permanecer sempre em inferioridade e submissão aos demais; pedir-lhe que alcance por suas súplicas a perfeição deste espírito nos presentes e em seus sucessores.

Além disso, pedir à Santíssima Virgem que obtenha de Deus a graça de que em seu estabelecimento não haja absolutamente nada que proceda de invenção humana e, se no passado tiver havido algo, que ela tudo destrua por suas orações, a fim de que Deus se digne dirigi-la inteiramente por seu Santo Espírito como obra verdadeiramente sua.

E. 9 Rc. 5 A. 39. Autógrafo original.

(1) Associação, isto é, a Congregação da Missão.

(Pensamentos durante o Retiro Espiritual)

(pelo ano de 1628) (1)

(1º dia)

– Já que ao criar nossas almas tão elevadas acima de todas as demais criaturas, Deus não teve outro designio senão o de ser seu Dono absoluto, quero, com a ajuda de sua santa graça, fazer-me, mais uma vez e voluntariamente, toda sua, e evitar qualquer ocasião que me possa impedir de o ser.

– Devo estimar muito os meios de atingir o fim para o qual foi criada a minha alma, entre outros, o tempo e os demais que Deus tem e que a mim me são desconhecidos, pelos quais quero abandonar-me sempre a Ele e considerar com admiração, que, quando eu alcançar, inteiramente, o meu destino, minha alma receberá a honra de tributar eterna gratidão, glória e amor a Deus.

– O fim que Deus se propôs ao criar nossas almas dando-lhes a capacidade de ser totalmente possuídas por Ele, gozar dEle e glorificá-Lo, é para nós poderoso motivo para amá-Lo e considerarmos o Amor que nos prova com o benefício da criação; porém temos de venerar em nosso próximo essa mesma graça; isso nos levará a honrá-lo, amá-lo e procurar sua salvação eterna e que consiga esse seu fim.

(2º dia)

– Embora seja muito lamentável para nossas almas o estar sujeitas ao pecado, é também, um sinal de sua excelência e não lhes é nocivo, pois, Deus nunca lhes nega sua graça para serem preservadas do pecado; portanto, com a ajuda dessa graça terei grande confiança em sua bondade, tendo sempre diante dos olhos a minha incapacidade, com temor não tanto das penas que o pecado merece (e que são testemunhas da soberania de Deus) como de que esse pecado nos afasta de Deus e de seu santo amor.

A maior prova da enormidade do pecado é a morte que ele causou inclusive a nossos corpos, e à qual Jesus Cristo deve submeter-se para satisfazer ao pecado; daí deduzirei qual a estima que Deus tem pelas penas e sofrimentos, já que por eles apagou a culpa, por Jesus Cristo, que se nos mostra pleno de bondade e misericórdia até o último momento que nos leva à eternidade. Porém, chegados

E. 10 Rc. 5 A. 7. *Autógrafo original.*

(1) *Ver Coste I, 51.*

Observação: As palavras entre parênteses e em itálico não estão no texto original, servem de esclarecimento. (Tradutora)

a essa hora, exercerá sua justiça com os que morrem, os quais permanecem eternamente no estado em que então se encontrarem; isto deve dar-me e me tem dado, temor junto ao desejo, sem enganar-me a mim mesma, de entrar na prática do que Ele quer de mim, do que cuidarei de informar-me.

Aceitarei, de bom grado, a morte e o motivo de tal aniquilamento pois, de certo modo, é satisfatória pelo pecado, quanto à pena; porém deverei ter horror ao pecado, embora não chegue a sentir em minha alma, de maneira exata, o que ele é em verdade, e por esta falta de conhecimento que têm, terei grande confiança de que Deus há de livrar-me daqueles aos quais, ordinariamente, me deixo ir sem dor da ofensa que causam a Deus.

(3º dia)

Será uma grande alegria para a alma em (*estado de*) graça o momento do juízo particular à hora da morte, e, uma grande perturbação para a alma que não houver amado; e uma vez que Deus não me permite tomar nenhuma resolução particular, esperarei em sua misericórdia, com absoluto abandono em sua santa direção, que me salvará sem mim.

- Minha ignorância e incapacidade de desejar e converter-me à prática das virtudes em particular, levam-me a unir-me, fortemente e com perseverança, a Jesus Cristo Crucificado para que o sentimento de alegria que agora experimento na meditação do juízo universal, por vê-Lo reinando sozinho e reconhecido pelo mundo inteiro, não se me torne em confusão por causa de meus pecados e ingratidões que merecem o inferno, ainda que eu não o sinta.

- A glória da Humanidade de Jesus Cristo aparece, em que é ele, embora unida à sua Divindade, que nos julga, tanto no juízo particular como no geral, mas também é um juiz ao qual não se pode subornar e enganar, porém, conquistar-se por um verdadeiro amor o qual lhe devo pedir e recordar o temor que tive dos pecados que agora permanecem ocultos para mim e, então, aparecerão em toda evidência para confusão minha, se antes não me humilhar e deles me corrigir.

(4º dia)

- As penas do inferno são, antes de tudo, um eterno afastamento de Deus. Para evitá-las, depois de haver-me confiado em sua misericórdia, em vez do ódio a Deus que os condenados continuamente têm e do olvido de suas graças e raiva incessante de uns contra os outros, tratarei de possuir, já desde esta vida, o amor de Deus, servindo-me de sua bondade, doçura e caridade com meu próximo.

- Logo que a natureza humana pecou, o Criador, no Conselho de sua Divindade, quis reparar esta falta e, para isso, com um supremo e puríssimo amor decidiu: uma das três Pessoas iria encarnar-se; nisso aparece, mesmo na Divindade, uma profunda e verdadeira humildade, da qual hei de retirar grande confu-

são para meu orgulho e reconhecer que, em parte, é ignorância, pois, na realidade, humildade é o conhecimento da verdade e, segundo me parece, é o que se pode fazer acontecer em Deus. Porém, vejamos nisso, ó minha alma, o que Deus nos pede através da Encarnação de seu querido Filho, além da gratidão que devemos ter por nossa Redenção. Quer que, assim como Ele deixou pessoalmente o Céu para unir-se à terra, deixemos nós, voluntariamente, a terra de nossas sensualidades, para unir-nos à essência de sua Divindade.

– Deus jamais testemunhara maior amor ao homem do que quando resolveu encarnar-se, pois, daí dependiam todas as outras graças que, desde então, nos tem concedido. Isso quer ensinar-nos a amar muito e especialmente a nossos inimigos e a procurar-lhes a salvação em tudo quanto estiver em nosso alcance.

(5º dia)

Não contente de haver-se oferecido para nosso resgate, o Filho de Deus quis levá-lo a cabo, vindo a este mundo, não como teria podido fazê-lo, de maneira mais em consonância com sua grandeza, porém, da mais humilhante forma que se possa imaginar, a fim de que, ó minha alma, tivéssemos mais liberdade para dEle nos aproximar, o que devemos fazer com tanto maior respeito, quanto maior é a humildade com que Ele se nos apresenta. Humildade que há de servir-nos para chegarmos a reconhecer como em Deus existe tal virtude, já que todas as ações que realiza fora dEle estão muito abaixo dEle.

– Nosso Senhor, aparentemente, demonstra maior amor pela conversão dos pecadores, do que na continuação de sua graça dada aos justos, como fez com a Samaritana. Ai o lugar, as palavras não respiram senão amor. Disso devo aprender a ter grande confiança e segurança na sua bondade: numa palavra, Ele me dará seu santo amor, preciso, porém, trabalhar e escutá-Lo.

(6º dia)

A infinita perfeição de Deus encerra em si a de todas as criaturas, pois todas elas não agem, tanto instintiva como voluntariamente, se não pelo seu único poder. Isto deve encher-me de grande confusão, porque, de certo modo, faço-o contribuir com minhas iniquidades, por permissão sua; e para não mais ser causa de tal dano, porei, com a ajuda de sua graça, uma atenção mais frequente em sua santa presença, da qual jamais escapo, mesmo que nisso não pense.

– No amor da infinita bondade e sabedoria de Deus, a alma é livre de ir procurar todas as (*perfeições*) que possa conter, sendo Ele tão bom que as comunica liberalmente a todos sem existir um único com quem não seja pródigo; isso deve conservar a alma em grande humildade e dependência da bondade divina.

– Devo lembrar-me de que não hei de andar buscando ternuras nem consoações espirituais para me animarem ao serviço de Deus, antes porém, que me entreguei a aceito nEle todas as insensibilidades e privações de consolos que me

parecem estejam preparadas para minha alma, com total desapego delas, para sofrer todas as tentações que aprouver a Deus permitir-me sobrevenham e, nesse estado viver e morrer, se tal for sua santa vontade.

(7º dia)

Hei de entrar na prática da humildade interior, pelo desejo de minha abjeção, e exterior, aceitando voluntariamente as ocasiões que se me apresentam de colocar em prática semelhante desejo. A dita humildade há de ser encaminhada a honrar a verdadeira e real humildade que existe em Deus mesmo e na qual encontrarei força para abater meu orgulho e vencer minhas frequentes impaciências assim como, para adquirir a caridade e a mansidão para com meu próximo, honrando assim o ensinamento de Jesus Cristo ao dizer que devemos aprender dEle que é manso e humilde de coração.

– Como penitência, (*farei*) as Estações (*da Via Sacra*) com o desejo de renovar, completamente, minha vida, e, amanhã, a Sagrada Comunhão.

E. 11 (A. 19)

*(Do amor que Deus nos manifesta
no mistério da Redenção)*

A Santíssima Trindade, na unidade de sua essência, criou-me exclusivamente para Si. Havendo-me amado por toda a eternidade, viu que eu não poderia ser, nem subsistir fora dEle, que sendo meu princípio e minha única origem, quer è deve ser também meu único fim. Criou todas as criaturas para me servirem como meios de chegar a Ele, do mesmo modo como as setas do caminho conduzem ao manancial de um gato. (1)

Este bom Deus vendo-me, com freqüência, abusar de todos esses meios por excessivo apego a eles e valendo-me do mais nobre de todos que é a minha vontade, ma solicita e eu lha quero dar com total confiança e abandono à sua santíssima. E, havendo abusado também disso, a invenção de seu divino amor me ensina e permite unir-me ao mais poderoso dos meios que haja oferecido para conseguir meu fim, sua Humanidade Santíssima, a qual, com sua santa graça, quer ser o único modelo de minha vida.

Depois de haver reconhecido minha indignidade e miséria e que somente por sua bondade e amor quer ser Ele minha fortaleza nos mais difíceis empreendimentos por seu serviço, (*experimento*) o sentimento de um grande consolo,

E. 11 Rc. 5 A. Autógrafo original.

(1) Lê-se à margem: "honrar e amar as criaturas pelo desígnio que Deus teve ao criá-las".

sem deter-me em minha pobreza. Ainda que não sinta, como deveria, o horror ao pecado, nem o temor às penas que merecera e pelas quais já estão sofrendo os anjos, os primeiros caídos, e os homens, não obstante, é justo que eu tema os juízos de Deus, tanto mais rigorosas para mim, posto que, não apenas como os anjos e nossos primeiros pais, devo obedecer a Deus por ser Deus, mas ainda por haver recebido maior conhecimento, - a eles oculto - do grande amor que nos tem a todos em geral e pelos testemunhos particulares que sua misericórdia me tem manifestado. Isso confere maior peso a meus pecados por causa da ingratidão. (2)

A Santíssima Virgem é aquela que mais desejou essa prova do amor de Deus, a Redenção. A Ela recorrerei para ter, por seu intermédio, o agradecimento por este tão grande bem e o temor necessário para fazer bom uso dele.

E. 12 (A. 31)

*(Sobre a fidelidade ao serviço de Jesus
e o santo abandono)*

(1628-1629)

Vendo o Objeto da alegria eterna do universo inteiro, cheio de tristeza, pareceu-me que a causa dessa tristeza não está nEle, mas no amor por mim, não somente nos tormentos que havia de sofrer, mas que seu amor conhecendo meus esquecimentos e ingratidões sofria por eles. Isso deve servir-me de motivo para animar-me em seu santo serviço e honrar tanto quanto me seja possível essa santa dolorosa tristeza, mediante os pequenos serviços que possa prestar-lhe e em especial, através de uma prática mais fiel de meu regulamento, pois tudo aquilo que o lesa é desordem.

Se não quiser adormecer, por toda a vida, no torpor de minha preguiça, devo manifestá-lo amorosamente a Jesus, com a confiança de que me tirará dele quando eu estiver em disposição de O deixar agir em mim, quando como morta, não operar por mim, mas reconhecendo minha incapacidade, colocar-me em total dependência de Deus. Então, certamente, me chamará a sair de toda agitação que dEle me conserva afastada, para aproximar-me de Si.

(2) O original não tem pontuação alguma. A que apresenta o texto da edição francesa de 1983 é da cópia de Irmã Geoffre. À tradutora pareceu-lhe mais lógica a usada aqui. Observação: A palavra entre parênteses e em itálico não está no texto original; serve de esclarecimento.

E. 12 Rc. 5 A. 31. Autógrafo original.

E. 13 (A. 17)

*(Temor e consolo experimentados
a respeito da Sagrada Comunhão)*

De tempo em tempo, especialmente nas grandes solenidades, a vista de minha abjeção com a lembrança de minhas faltas e infidelidades a Deus, fazem-me temer o aproximar-me da Sagrada Comunhão; umas vezes, por um sentimento de desagrado de que um Deus tão bom venha a um lugar tão miserável; outras, por recear que minha grande temeridade me atraia da justiça de Deus castigo exemplar, na recepção do Santíssimo Sacramento. No dia de Todos os Santos, achando-me mergulhada na verdadeira consideração de minha vileza, pareceu-me que minha alma compreendia que seu Deus queria vir a mim, não como a um lugar de recreio ou de empréstimo, porém como em sua própria herança ou lugar que totalmente lhe pertencesse, assim, portanto não poderia eu negar-lhe entrada, mas, sendo terra viva, deveria recebê-lo como alegria como a seu soberano dono, por simples aquiescência e com o desejo de que meu coração fosse o trono de sua majestade. Com os discípulos, desejo escutar os preceitos do Santo Evangelho do dia. (1)

E. 14 (A. 9)

(Retiro)

– Devo permanecer em completa dependência de Deus e não resistir-lhe como tão pouco o fiz em minha criação.

– Devo empregar todo o meu ser em conhecer a Deus em suas obras e reconhecê-lo por amor.

– Tenho desejado não mais subsistir em mim, mas, que, após haver-me visto continuamente sustentada pelas graças de Deus, me parecia que tudo quanto eu era, não era senão graça, e desejava que Ele as recobrasse para, assim, ser totalmente sua.

– Amar o aniquilamento, pois Deus o assumiu, como no-lo mostra em sua Natividade e quis que reconhecêssemos que o referido aniquilamento enche o

E. 13 Rc. 5 A. 17. *Autógrafo original.*

(1) *Na festividade de Todos os Santos, lê-se, como é sabido, o Evangelho das Bem-aventuranças.*

céu de admiração e nos mostrou que Deus deve ser glorificado por ele. É necessário porém que o meu (*meu aniquilamento*) ruim e miserável, se una ao seu glorioso.

– Conceber a Jesus por amor, fá-lo-á presente em meu coração e conseguirá que eu não tenha outra atenção, tal como a Santíssima Virgem ante o Presépio.

O meio de imitar a Jesus recém-nascido é ter a alma unida a Deus e, a parte inferior (*de meu ser*) cheia do verdadeiro conhecimento do meu nada.

Admirar a realidade do despojamento da humanidade de Jesus, das obras divinas e da doutrina da palavra de Deus proferida por Ele, e a graça concedida aos homens obedientes de poderem conhecer a verdade de sua palavra.

– Deus pede uma grande pureza aos que O servem: de maneira alguma devem gloriar-se de nenhuma de suas ações, porém, é mister que Deus guie minhas intenções para eu chegar a essa pureza que me fez ver. Recordar que impureza no desejo (*que tenho*) das graças de Deus.

Imitar a simplicidade de Jesus quando disse aos judeus que eles queriam dar-lhe morte.

Admirar sua bondade em continuar suportando-os e até ensinando-os; aquiescer à palavra de Deus pronunciada interiormente.

– Recorrer a Deus, a fim de não tornar a pecar, pois Ele se digna receber-nos.

– Afastar-me do que é contrário à caridade para com o próximo; empreender destemidamente o combate contra as más inclinações.

Estar (*preocupada e*) cuidar da glória e do serviço de Deus e Ele cuidará de mim.

Remover os obstáculos que impedem a paz que Ele quer em mim.

– Esperar, com tranqüilidade, que Deus me visite e me diga como os Santos Padres do Limbo: Basta de pecado!

– Buscar Jesus no sepulcro, isto é, nas aflições e abandonos; porém procurá-Lo sem deter-me, nem condoerme pelas causas desse afastamento. Ter grande confiança para vencer as dificuldades que possam opôr-se a que O encontre; admirar a bondade de Deus em sua Providência.

– Tenha eu grande desconfiança que em mim mesma, ainda quando não visse motivos para isso; que me lembre que o peso de minhas ingratidões para com a bondade de Deus, chegou, em certa ocasião, a abater de tal maneira meu espírito que foi necessário que essa mesma bondade me libertasse e me permitisse, uma vez mais, tomar boas resoluções em sua presença, mesmo se pudessem parecer que era um verdadeiro abuso de sua misericórdia.

E. 14 Rc. 5 A. 9. *Autógrafo original.*

Observação: As palavras entre parênteses e em itálico não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

E. 15 (A. 10)

(Ocupações da alma da Ascensão a Pentecostes)

(pelo ano de 1630)

Ter meu espírito, o mais possível, ocupado em honrar a glória que a santa humanidade de Nosso Senhor recebe no céu, com a lembrança do caminho que seguiu na terra, e desejar imitá-LO. Olhar como a Santíssima Virgem aceitou a privação de seu Filho, ficando na terra, pelo bem dos cristãos, com o desejo de aqui permanecer tanto tempo quanto Deus o quisesse, para cumprir sua Santíssima vontade. Lembrar-me-ei, com frequência, das disposições dos Santos Apóstolos para receber o Espírito Santo, principalmente de sua serena tranqüilidade na espera.

Mortificar-me interior e externamente em tudo o que puder.

Oferecer a Deus, todos os dias, por várias vezes, a caridade que Ele pôs no coração do Bem aventurado Francisco de Sales, e pedir a intercessão deste santo, para que se cumpram, em mim, os desígnios de Deus.

Leitura dos Livros 8^o e 9^o do Amor de Deus (1), com espírito de mansidão, fazendo-a com calma e atenção.

Pedir me advirtam de minhas faltas, acusar-me delas e pedir penitência.

E. 16 (A. 50)

(Visitas às Caridades de Asnières e de Saint-Cloud)

(fevereiro de 1630) (1)

Na quarta-feira das Têmporas de Natal, saí para ir a Asnières; temendo fazer a viagem por causa de minhas enfermidades, senti-me fortalecida pela obediência que me fazia ir até lá; e, na Santa Comunhão daquele dia, fui impulsionada a fazer um ato de fé, e este sentimento durou-me muito tempo; pareceu-me que Deus me daria saúde enquanto acreditasse que, contra toda aparência, Ele poderia dar-me força, e mesmo o faria, lembrando-me, com frequência, da fé que levou São Pedro a caminhar sobre as águas.

E ao longo de toda a viagem, parecia-me agir sem nenhum esforço de minha

E. 15 Rc. 5 A. 10. Autógrafo original.

(1) Tratado do Amor de Deus, do Bispo de Genebra, Francisco de Sales.

parte, com grande consolação porque Deus desejava que, embora indigna como sou, eu ajudasse meu próximo a conhecê-LO.

No dia de Santa Ágata, 5 de fevereiro, parti para Saint-Cloud. Na sagrada Comunhão pareceu-me que Nosso Senhor me dava o pensamento de recê-Lo como ao esposo de minha alma, e mesmo, que isso estava se realizando em mim, à moda de esponsais, e me senti tão fortemente unida a Deus por esta consideração que me foi extraordinária, e tive o pensamento de tudo deixar para seguir meu Esposo e de olhá-Lo doravante como tal, suportando as dificuldades que encontrasse como vindas da comunhão de seus bens.

Deus permitiu que, tendo o desejo de mandar celebrar uma Missa nesse dia por ser o aniversário de meu casamento (1), dominei-me para fazer um ato de pobreza, pois queria ficar em total dependência de Deus na ação que iria fazer, sem nada dizer sobre isso a meu confessor que celebrou a Missa na qual comuniquei. Ao dirigir-se ao altar, teve ele o pensamento de rezá-la por mim, como esmola e dizer a Missa dos esponsais.

E. 17 (A. 51)

*(Visitas às Confrarias de Sannois,
Francoville, Herblay e Conflans)*

Sábado ao meio dia

Faz um ano que não há Procurador na Caridade de Sannois, entretanto um bom senhor se encarregara de sempre anotar as entradas e os gastos e agora, não vê inconveniente em aceitar o cargo por eleição.

As Irmãs desta Caridade se entibiaram um pouco em suas práticas e, frequentemente deixaram de fazer a visita aos enfermos do dia de seu turno, porque a Tesoureira tinha tanta boa vontade que se encarregava de preparar a sopa em lugar das do turno, e também porque a Superiora e ela se contentavam, às vezes, em dar dinheiro aos doentes. Também faziam esmola a alguns necessitados e, muitas vezes, deixavam de ter carne preparada, dando aos enfermos ovos ou outra coisa de seu gosto.

As ditas Irmãs ou pelo menos a maioria, deixam a comunhão mensal e precisam de que se lhes estimule com alguma pregação, *(por exemplo)*, quando se

E. 16 Rc. 5 A. 50. *Autógrafo original.*

(1) O casamento de Antônio Le Gras e Luisa de Marillac realizou-se a 5 de fevereiro de 1613, na Igreja de Saint-Gervais, de Paris.

for fazer a eleição do Procurador. A Superiora contentava-se em guardar o cofre em sua casa, havendo entregue as duas chaves à (Tesoqueira) (1). Têm dificuldade com a recepção dos doentes e dizem que não seria necessária a Caridade em Sannois se devessem admitir somente os que não têm absolutamente nada, porque são muito poucos ou nenhum os que se acham em tal situação, e ao contrário, são muitos os que hipotecaram seus poucos bens e chegariam a morrer de fome, antes de poder vendê-los e ajudar-se com eles.

Quinta-feira à tarde

Em Francoville, o Procurador da Caridade emprestou dinheiro a vinte e cinco pessoas, mediante garantia e parecia ainda disposto a continuar os empréstimos se se apresentassem ocasiões; as senhoras da Diretoria não se atrevem a desaprová-lo porque é muito independente. Faz bastante tempo que os membros da diretoria foram demitidos e se fez outra eleição; entretanto, as primeiras continuam agindo e é de se temer que se ficarem mais tempo ainda, seja muito difícil removê-las e as outras poderem começar a exercer seus cargos. Além disso, às vezes, dão dinheiro aos doentes, quando suas famílias se comprometem a cuidar deles; e prescindem de dar-lhes carne, se há alguma dificuldade em encontrá-la; e muitas das Irmãs (2) no dia que lhes toca, fazem gastos a seu capricho, sem ater-se ao regulamento.

Sexta-feira pela manhã

Em Herblay, as Irmãs (2) da Caridade ainda estão no seu primeiro fervor; não obstante, custava-lhes fazer a coleta para os pobres e se queixam de que o Senhor Vigário lhes havia prometido fazer-lhes a caridade de celebrar a Santa Missa, sem retribuição. A Tesoqueira não guarda o livro de contas. Resolveram ir, com uma vela à procissão e ao enterro das Irmãs, e receber a Sagrada Comunhão nos dias recomendados, assim como cumprir o resto do regulamento.

Terça-feira, após Vésperas

Em Conflans, nunca houve Procurador eleito para a Caridade; faz muito tempo que foi interrompido o uso de (*visitar*) os doentes por causa das molés-

E. 17 Rc. 5 A. 51. *Autógrafo original.*

(1) *O original diz Superiora, num evidente lapso.*

(2) *Senhoras ou Damas da Caridade.*

tias. Há um eclesiástico (3) que anota os gastos, não porém as entradas, porque, segundo dizem, são pouquíssimas. Não há mais roupa branca; como fundos têm cerca de 50 libras. Foi dado dinheiro aos doentes, com beneplácito do senhor Cura. Frequentemente, deixaram os doentes privados de carne; a maioria delas afeiçoam-se muito (à Caridade) e todas prometeram observar o regulamento; algumas delas prometeram roupas.

São muito piedosas.

E. 18 (A. 46)

REGULAMENTO DA CARIDADE *O fim para o qual deve ser instituída* *a Confraria da Caridade*

Será instituída na Igreja Paroquial, na capela do Santíssimo Sacramento, lugar de união, para honrar Nosso Senhor Jesus, seu Patrono, e sua Santa Mãe; e para assistir aos pobres doentes da dita Paróquia, espiritualmente, procurando que os que morrem saiam deste mundo em bom estado e os que ficam bons tomem a resolução de nunca mais ofender a Deus; e corporalmente, proporcionando-lhes o que necessitarem como: alimentos, remédios e, finalmente, para cumprir o ardente desejo de Nosso Senhor, que nos amemos uns aos outros.

Do Patrono da Confraria

Será Nosso Senhor Jesus Cristo que é a própria Caridade.
De que pessoas será composta

De um número fixo de honestas mulheres casadas ou solteiras; aquelas não serão admitidas senão com o consentimento de seu marido, estas com o de seus pais; terão o nome de servas dos pobres.

Das Oficiais (ou membros da Diretoria)

As ditas servas dos pobres elegerão três dentre elas para dirigirem a Confraria, em conformidade com os conselhos do senhor Cura ou daquela a quem lhe apraza nomear; uma das três será a Diretora ou Superiora e as duas outras, primeira e segunda Assistente.

(3) "Homem de igreja" diz o autógrafo.

Observação: As palavras entre parênteses e itálico não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

Da Diretora

A Diretora fará todo o possível para que o presente Regulamento seja observado em todas as suas partes, que cada serva dos pobres cumpra seu dever e os pobres doentes sejam bem atendidos e procurará o aumento das rendas da dita Confraria. Receberá os pobres doentes sob os cuidados da Confraria, após haverem se confessado e comungado, e conservará em seu poder uma das chaves do cofre onde se guardará o dinheiro que pertence à Confraria.

Das Assistentes

Servirão de conselheiras à Diretora; uma delas guardará o dinheiro corrente ficando com a segunda chave do cofre e a outra se encarregará dos móveis da Caridade e fará lavar a roupa.

Do dever de cada uma das servas dos pobres

Olharão os pobres doentes como a seus filhos, dos quais Deus as constituiu mães, servi-los-ão como abaixo se indicará, cada uma no dia em que lhe corresponder, assistirão à Missa rezada da dita Confraria, que mandarão celebrar num dos primeiros dias de cada mês, a saber, no dia (*da semana*) em que caia no ano a festa do Natal de Nosso Senhor, com intenção de todas se unirem na Caridade de Nosso Senhor. Aquelas que puderem fazê-lo, comodamente, se confessarão e comungarão no dito dia, e todas rogarão pelas servas dos pobres que falecerem como também pelos pobres a quem tenham assistido e rezarão todos os dias, de manhã e à noite, um Pai Nosso e uma Ave Maria pela conservação e crescimento espiritual e material da Confraria e por seus benfeitores; procurarão ter uma pregação nos primeiros dias de festa de cada mês, para levá-las tanto a perseverar, como a persuadir as que a ouvirem a fazer o bem à Confraria.

De que modo as Servas dos Pobres os servirão

Cada uma das servas dos pobres terá seu dia fixo para fazer o serviço, da seguinte maneira: quem estiver de turno, irá pegar a carne no açougue, o pão na padaria e o vinho na estalagem, com "tailles" (1) nas quais anotarà o que trouxer; preparará a comida e a levará aos doentes, dando-lhes o almoço às 9 da manhã e fará o mesmo com o jantar às 5 da tarde; uma vez terminado seu dia de trabalho, avisará à seguinte que deverá servir os pobres no dia subsequente, dar-lhe-á "les tailles" e lhe comunicará o número e estado dos doentes.

Da maneira de alimentar os Doentes

Cada doente receberá de quatro a cinco onças de carne de carneiro ou de vitelo, em cada refeição; tanto pão quanto razoavelmente possa comer e meio quartilho de vinho, segundo medida de Paris. Nos dias de abstinência, tomarão dois ovos em cada refeição, com sopa feita com manteiga e gema de ovo.

Da caridade mútua entre elas

Querer-se-ão entre si como irmãs que fazem profissão de honrar Nosso Senhor com um mesmo espírito, na virtude que Ele praticou com maior perfeição e recomendou com mais empenho: a Caridade; para este fim, visitar-se-ão mutuamente e se ajudarão as sãs e as doentes; rezarão umas pelas outras, sobretudo em caso de doença e de morte, como já foi dito. Numa palavra, tudo farão, de sua parte, para que partam deste mundo em bom estado, tudo isso entretanto, sem obrigação de pecado mortal, nem venial.

Da eleição das Oficiais (membros da Diretoria) e da prestação de contas

A eleição das ditas Oficiais será feita de dois em dois anos, no primeiro dia útil de cada ano, pelas servas dos pobres, à pluralidade de votos ou então antes, se for necessário, como seria se uma destas falecesse ou tivesse de ausentar-se por longo tempo. Haverá a prestação de contas no mesmo dia, em presença do citado senhor Cura ou daquele a quem tenha querido nomear; a Tesoureira terá obrigação (de entregar), em tal ocasião, o saldo restante, em mãos de quem a substituirá; e a segunda Assistente fará o mesmo com os móveis, passando-os às mãos de sua substituta.

E. 18 rc. 5 A. 46. Autógrafo original.

(1) "Tailles", em espanhol, tarja, substantivo feminino: pau em que se fazem entalhes marcando compras a crédito. Ou, segundo o Dicionário Real da Academia: pequena tábua ou chapa que serve para se ir marcando o que se compra fiado. Usam-na as pessoas que não sabem ler.

Parece não haver tradução em português... (Nota da tradutora)

(Sobre a Caridade)

Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é Caridade. A causa do amor é a estima do bem na coisa amada. Sendo Deus perfeíssimo, na unidade de sua essência, é amor na eternidade dessa essência pelo conhecimento de sua própria perfeição; e nesse amor participa o das criaturas quanto à natureza do amor; porém os efeitos caminham unidos à vontade na prática da caridade, tanto para com Deus como para com o próximo, sendo essa prática tão poderosa que nos comunica o conhecimento de Deus, não tal qual, mas penetrante nEle mesmo e em suas grandezas de tal modo que, quem tiver mais caridade, mais participará dessa luz divina que a inflamará eternamente no santo Amor. Quero pois fazer tudo quanto puder para manter-me no exercício do Amor santo e dulcificar meu coração ante todas as amarguras que o contrariam.

As almas que Deus destina ao sofrimento devem estimar muitíssimo este estado e pensar que sem uma assistência especial de Deus, não Lhe podem ser fiéis. Parece-me que temos um testemunho disto na santificação de São João no seio de sua mãe: para ele foi uma graça antecedente que Lhe conferiu a fortaleza necessária para responder aos designios de Deus sobre sua alma. O primeiro toque dado por Deus às que sua bondade chama para este caminho, vem a ser como essa santificação, sendo como um novo nascimento para a graça e como muitas vezes o recebemos depois de chegados ao uso da razão. De nós depende que esta graça se nos continue a ser outorgada; porém, se chegamos a perdê-la, como a mim me ocorreu por preferir meu amor próprio ao de Deus, devo, com grande confusão e humildade, voltar a pedi-la a Deus, pois Ele me tem concedido tantas graças, como a de me fazer conhecer que sua santa vontade era que eu fosse a Ele pela cruz, que sua bondade quis que eu tivesse desde meu nascimento e não me havendo quase nunca deixado em qualquer idade (*de minha vida*), sem ocasiões de sofrimento; e depois de haver-me feito, tantas vezes, estimar e desejar este estado, confiei em sua bondade (*esperando*) que me concedesse, hoje, nova graça para fazer sua santa vontade, pedindo-Lhe, com todo meu coração, me coloque em lugar e estado para isso, mesmo se penoso para meus sentidos.

Após a Santa Comunhão, achando-me numa contemplação dolorosa de mim mesma, não tanto pelas faltas acusadas, como pelas que calei sem o querer ou as declarei com insuficiente clareza, parecia-me que todos meus pecados haviam permanecido em minha alma, de tal sorte que a sentia como se, materialmente, tivesse podido ser um puro pecado, e por um sentimento de amor ou estima para com Deus, no Santíssimo Sacramento, não me parecia, ou custava-

me permitir, que O pusessem num lugar tão indigno de sua grandeza. Entretanto, não deixei de comungar como me havia sido ordenado, e, ao receber a Sagrada Hóstia, senti, imediatamente, uma censura a meu coração porque admitia o afeto, o estar preocupado com a estima, das criaturas e nelas buscar consolo, e isso após tantas vezes sua bondade me haver feito desejar possuí-LO, a Ele tão somente, demonstrando-me que desta maneira o queria. Assim, o resolvi de novo, pedindo a Deus me pusesse em estado de o fazer.

E. 20 (A. 6)

(Retiro Espiritual)

O primeiro dia, da via purgativa, (*de expiação*); os quatro seguintes, da vida de Jesus Cristo, e o último, da espera do Espírito Santo.

O fim da criação e os obstáculos que se opõem a esse fim, e a recapitulação.

– O segundo, do juízo particular, do filho pródigo e a recapitulação.

– O terceiro. O desígnio que, desde toda a eternidade, Deus teve sobre a alma, obstáculos a esses desígnios e a recapitulação; depois, exame, especialmente sobre a resolução tomada no último Retiro e os conselhos recebidos para pô-los em prática.

– O quarto. O conselho da Santíssima Trindade sobre a Encarnação, o Nascimento de Jesus e a recapitulação.

– O quinto. A oração no Horto, coroação de espinhos e a recapitulação.

– O sexto. Da Ressurreição, da descida do Espírito Santo e a recapitulação.

(Escrito de punho e letra de São Vicente):

A 1^o: Do fim para o qual fomos criados e dos meios para chegar a ele, que são todas as coisas criadas.

A 2^o: Será uma recapitulação da meditação anterior.

A 3^o: Dos obstáculos a este fim que são os pecados e dos grandes males que causam tanto espiritual como corporalmente. Depois, meditação sobre a morte,

E. 19 Rc. 5 A. 29. *Autógrafo original.*

Observação: As palavras entre parênteses e em itálico - nos dois textos - não estão nos originais; servem de esclarecimento. (Tradutora)

primeiro efeito do pecado. Ao anoitecer, terminar fazendo uma recapitulação.

A 4º: Do juízo particular, segundo efeito do pecado.

A 5º: Do juízo universal.

A 6º: Do inferno.

A 7º: Do conselho da Santíssima Trindade sobre a Encarnação.

Das principais circunstâncias da vida, Paixão e morte de Nosso Senhor.

A 8º: Dos atributos divinos, durante os dois últimos dias.

E. 21 (A. 15)

(Conformidade com a vontade de Deus)

(pelo ano de 1632) (1)

A Sagrada Comunhão do Corpo de Jesus Cristo faz-nos realmente participar do gozo da Comunhão dos Santos do Paraíso, que a Encarnação e Morte do Filho de Deus nos mereceu; foi tão completa a reconciliação da natureza humana alcançada por este meio, que o Amor de Deus já não mais pode separar-se dela. E assim como no Céu, Deus se vê no homem pela união hipostática do Verbo feito Homem, assim quis estar na terra, a fim de que os homens não estivessem separados dEle.

Oh! Amor infinito! Por que permites que os homens cegos esquecem tão grande bem, e o percam pelo pecado, o único que pode impedir a união da tua bondade com eles? Mas, ó meu Deus, qual é a causa desse pecado? É o amor próprio desordenado: impede que tua santíssima vontade seja inteiramente realizada. A ele renuncio de todo meu coração, e escolho tua santa e divina vontade para ser o guia absoluto de minha vida; poderei chegar a conhecê-la através dessa regra (*que é*) a vida de teu amado Filho, na terra, com a qual desejo configurar a minha. Oh! santíssima vontade de meu Deus! quão razoável é que sejas cumprida integralmente! Eras o alimento do Filho de Deus na terra e, por conseguinte, o que sustenta minha alma no ser que recebeu de seu Deus. Porém, que és na vida na graça? És a mesma graça que santifica as almas... Por conse-

5. 20 Rc 5 A. 6. *Autógrafo original.*

OBSERVAÇÃO: As palavras entre parênteses e em itálico não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

E. 21 Rc. 5. A. 15. *Autógrafo original.*

(1) *Ver carta do Padre Vicente. Coste I p. 156*

guinte, não mais vontade própria: somente a tua reine em mim! Concede-me esta graça, ó Jesus, pelo amor que me tens, e pela intercessão de tua Santíssima Mãe que tão perfeitamente amou todos os efeitos de tão amável vontade. Peço-te esta graça, de todo meu coração; dou-me inteiramente a ti, suplicando à tua bondade não ter em conta as disposições contrárias que se acham em mim, pois desejo que a força de teu Amor exija, com a doçura de sua violência, o consentimento de todos os meus sentidos que poderiam contrariá-la.

Mudar para a nova casa com o propósito de honrar a Divina Providência que para lá me conduz. Colocar-me na disposição de fazer tudo o que a mesma Providência permitir me aconteça.

Com esta mudança de domicílio, honrar a de Jesus e da Santíssima Virgem, de Belém para o Egito e posteriormente a outros lugares, não desejando, a exemplo deles, ter morada própria na terra.

– Nosso amor a Deus deve levar-nos a desejar sua glória e exercitar-nos a louvá-IO, regozijando-nos com suas grandezas, pelo que é em Si mesmo, e louvando e admirando seus atributos, fazer atos de amor por eles, o mais frequentemente possível, durante o dia.

Certeza (2)

1. O que é graça. Uma vontade, um dom feito à alma que agrada a Deus. O que chamamos luz não é algo de novo, mas Deus, por um favor especial, tirando algum estorvo da alma que não o conhecia.

2. Que significa para Deus fazer contínuos milagres? Nada de novo.

3. A alma deve estar atenta às graças sobrenaturais e não se devem chamar sobrenaturais se não o forem...

E. 22 (A. 5)

(Retiro Espiritual)

(pelo ano de 1632)

1. Da gravidade do pecado: como se manifesta nos sofrimentos que Nosso Senhor padeceu por causa dele; do orgulho e vanglória. Recapitulação.

Da excelência infinita de Nosso Senhor e do anúncio que proclama, a todos convidando para segui-IO.

(2) Estas notas estão escritas na mesma folha.

Observação: As palavras entre parênteses e sublinhadas não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

2. Da renúncia necessária para ouvir o chamado de Jesus Cristo e abandonar todas as coisas e segui-IO. Recapitulação.

3. Da excelente maneira com que Nosso Senhor uniu a vida contemplativa e a ativa. Recapitulação.

4. Da vida que Nosso Senhor levou em Nazaré e das tentações sofridas no deserto. Recapitulação.

5. Da lei evangélica que Nosso Senhor proclamou no Sermão da Montanha, sua notabilidade e alta perfeição a que nos induz. Recapitulação.

6. Da aparição a todos os discípulos no monte da Galiléia, as coisas que Ihes ordenou e promessas que Ihes fez. Recapitulação.

7. Do recolhimento e oração que os Apóstolos fizeram da Ascensão até receberem o Espírito Santo. Recapitulação.

8. Das obras maravilhosas que o Espírito Santo operou por meio dos Apóstolos, no dia de Pentecostes.

Nosso Senhor quis unir-se tão estreitamente a nós, por Amor e Deus seu Pai nEle castigou a enormidade do pecado; portanto, nada pode separar-me de Jesus a não ser o pecado que deve agora ser castigado pessoalmente; para evitá-lo, devo unir-me fortemente a Jesus, mediante a santa imitação de sua vida.

O orgulho e todos os seus efeitos são, na alma, os maiores impedimento para que nela se cumpram as obras e desígnios de Deus; e reconhecendo-os, inteiramente, em mim informar-me-ei de como posso simplificar meu espírito e humilhá-lo, não tanto para receber as graças de Deus, como para agradecer seu amor na recomendação que nos faz desta virtude quando nos ensina que a pratiquemos não por causa de nossa vileza, mas porque Ele é humilde de coração.

Hei de livrermente entregar a Jesus a possessão de minha alma, da qual já é Rei por direito próprio e tratarei de conservar a alegria, que produz em mim, o ver o desejo e a possibilidade de fazer com que cada um de nós, em particular, sejamos seus prediletos.

Visto que Jesus faz suas as nossas necessidades é muito razoável que sigamos e imitemos sua santíssima vida humana; este pensamento apoderou-se de todo o meu espírito e me levou à resolução de segui-lo abertamente, sem nenhuma preferência, mas sentindo consolo em reconhecer-me tão feliz de ser aceita por Jesus a fim de viver toda a minha vida em seguimento dEle. Para isso, formei o propósito de, em toda ocasião de dúvida, quando não souber como agir, considerar o que Jesus fez, honrando sua submissão à sua santa Mãe como filho dependente dela por algum tempo. E, como passara diante do Santíssimo Sacramento, senti-me fortemente impelida a acolher o chamado de Deus e cumprir sua santíssima vontade, julgando-me indigna de que sua bondade quieria ter desígnios sobre minha alma, os quais desejo se cumpram inteiramente em mim, e, para isso, quero oferecer-me a Deus por toda a minha vida.

Abandonar-me-ei por completo nas mãos de Deus, em agradecimento pelo grande amor que O levou a manifestar-se aos homens e, pelo conhecimento que lhes dá meios que possuem para se tornarem totalmente seus.

Todas as ações do Filho de Deus são apenas para nosso exemplo e ensinamento, e, de maneira especial sua vida... (1), já que por si mesmo e com sua própria autoridade podia operar todas as obras milagrosas por Ele realizadas. Isso deve infundir-me grande coragem e confiança para empreender tudo o que me pedir, pois, o que não puder, seja por minha incapacidade, seja pelos outros obstáculos existentes em mim, Deus o fará por sua onipotência e bondade.

Jesus crescia perante Deus pelas reiteradas virtudes de sua santa alma e perante os homens pelo conhecimento que, pouco a pouco, eles iam adquirindo de sua excelente virtude. Honrarei este estado pelo desejo de que cresça em mim, a glória de Deus e pela submissão que, em tudo que puder, terei para com as criaturas por amor dEle.

A lei de meu Deus - como tal - obriga-me suficientemente a praticá-la e assim me propus com sua santa graça; porém o exemplo de seu amado Filho no cumprimento dessa lei, dá-nos uma grande lição e me faz tomar a resolução de, na medida do possível, ajudar à meu próximo a conhecê-la; achei-me muito indigna de semelhante execução e não soube fazer outra coisa diante disso senão oferecer-me inteiramente a Deus para realizar esse desejo, no qual não tenho parte alguma.

Um grande testemunho do amor de Deus por nós é o que quis ensinar-nos por seu Filho, isto é, que fôssemos perfeitos como Ele é perfeito, e assim hei de esperá-lo de sua misericórdia, e como Ele é impecável por natureza, conceder-me-á a graça de não mais querer pecar. Portanto, hei de fazer todo o possível para abster-me do pecado, esperando também que Deus, só por sua bondade, me fará participar das virtudes que estão nEle essencialmente; e não apenas desejarei esse bem para mim, mas também para todas as criaturas feitas para Ele, e isso com a intenção de honrar o aniquilamento de um Deus, a fim de reabilitar sua criatura.

Essa humilhação de Deus, ao querer que sejamos perfeitos como Ele, há de incitar-me a uma grande coragem em minhas intenções e dar-me a certeza de que não deixará de assistir-me quando me pedir algo acima de minha capacidade.

Terei grande confiança em Deus e certeza de que sua graça me basta para

E. 22 Rc. 5 A. 5. Autógrafo original.

(1) Palavra ilegível. Parece "meslés" - misturada - : misturada com os homens, que passa despercebida entre eles... (?)

(2) BAUNARD, p. 46, lê-se um texto mais "lógico".

cumprir sua santa vontade, ainda que me apresente em coisa difícil, desde que seja, de fato, o Espírito Santo que me chame a isso; constatará-lo-ei pelas indicações que Ele mesmo fará com que me sejam dadas.

Honrarei a vontade de Deus que dispôs fosse Nosso Senhor conduzido ao deserto por seu Espírito Santo para aí ser tentado: em primeiro lugar, suportando, com tranquilidade, que o demônio me tente e refreando meu orgulho para não me abater ao pensamento de ser tentada, sem reconhecê-lo, principalmente nas aparências de Bem. Honrarei também este mistério com uma fé viva e cheia de confiança de que se cumprirão em mim os desígnios de Deus, qualquer que seja o caminho por onde me conduza, desde que eu me deixe guiar.

Devo imitar a Jesus como uma esposa trata de identificar-se com seu esposo e, posto que Ele tenha querido escolher o lugar mais ignominioso para dar-me a maior prova de seu amor jamais oferecida, aceitarei a escolha que Ele quiser que eu faça e da pior e mais objeta maneira possível e no lugar onde houver maior motivo de satisfação para o mundo (2).

O meio mais seguro para receber as graças de Deus é o de obedecer às suas santas inspirações como fizeram os Apóstolos, indo, como lhes havia (dito) seu Mestre, à montanha onde queria aparecer-lhes. Considerarei aí a caridade dos Apóstolos que, não contentes de ir, mas por seu exemplo e palavra, levaram também grande número de pessoas. Tanto quanto o puder, imitá-los-eis nisso, procurando a salvação de meu próximo para a glória de Deus.

Devo demonstrar grande honra e respeito às pessoas que ocupam o lugar dos Apóstolos, pois Deus lhes conferiu o poder de fazer de nós, filhos seus e comunicar-nos sua graça por meio dos sacramentos.

Considerando o recolhimento dos santos Apóstolos, aprenderei também a manter-me recolhida, mediante uma grande e completa dependência da Providência de Deus, da qual nunca me afastarei; nela esperarei enquanto Ele quiser que me seja mostrado o que deseja de mim.

O motivo do recolhimento dos apóstolos era principalmente o amor que tinham por seu Mestre; assim também, esse mesmo amor há de ser o único motivo da dependência na qual, por sua santa graça, quero perseverar em toda a minha vida, desejando esse santo amor e esperando que, após havê-lo solicitado com perseverança, no tempo, me seja concedido na eternidade.

Devo perseverar na espera do Espírito Santo, mesmo não sabendo o momento de sua vinda; e, aceitando essa ignorância assim como a dos caminhos pelos quais Deus quer que O sirva. Hei de abandonar-me inteiramente às suas disposições para ser toda sua e para preparar a minha alma para isso, hei de, livremente, renunciar a tudo para segui-LO.

(Retiro) (1)

(pelo ano de 1633) (2)

Sábado de manhã

O único meio que tenho para encontrar misericórdia na hora da morte, é que nesse momento estejam impressos em minha alma os traços de Jesus Cristo. Devo fazer isso se creio na verdade de sua palavra como Deus. Terei, pois, uma grande confiança nEle que me deu sentimentos de segurança de que sem levar em conta minha miséria e incapacidade, Ele fará tudo em mim. Para não ser surpreendida pela incerteza da hora, começarei a praticar tudo o que exige de mim.

Um meio de alcançar meu fim é, sem nenhuma razão para isso, em mim, que eu apareça ante o outro como possuidora de algumas graças de Deus: isso me humilha e me infunde coragem.

Sem desejo meu - nem resolução - a graça de Deus cumprirá em mim o que for de seu agrado.

Sábado às 10 horas

Pois que a morte é um indispensável desapego de todas as coisas, exceto das obras que o hábito nos tiver levado a realizar, quero tentar desprender-me, voluntariamente e de fato, de tudo para unir-me a Deus de maneira atual e habitual, sendo esta prática a única coisa a ser chamada morte, pois, a verdadeira morte corporal foi honrada com a de Jesus Cristo que no-la converteu em porta da vida. Forte sentimento de que Deus deseja de mim essa resolução, recordando que Nosso Senhor quando estava na terra disse haver vindo para separar o pai do filho e, em Geral, (*quebrar*) todo apego às criaturas.

Sábado às 2 horas

Se não quiser enfrentar o terrível e rigoso "não te conheço" de Jesus, meu juiz, devo viver de tal modo que a pureza de minhas intenções em meus atos me oculte aos olhos do mundo para ser vista somente por Deus e ignorada do mundo e do diabo. Do mundo, porque seu testemunho de nada me servirá; do diabo, para que me desconhecendo, não me possa acusar.

E. 23 Rc. 5 A 8. Autógrafo original.

(1) Trata-se de um retiro de três dias apenas.

(2) Ver carta de São Vicente. Coste I p. 181

Também terei confiança e devoção ao Anjo de minha Guarda, a fim de que me ajude em tão difícil tarefa.

Domingo de manhã

Ao nascer em pobreza e abandono dos homens, Nosso Senhor ensina-me a pureza de seu amor, não o manifestando às criaturas, porém, se contentando em fazer por elas tudo quanto for necessário. Isso eleva tanto mais as almas, que não sendo amadas no estilo das criaturas, se vêem totalmente unidas a Deus pela pureza desse amor. Disso aprenderei a manter-me oculta em Deus, com o desejo de servi-LO sem buscar, para coisa alguma, o testemunho dos homens e a satisfação de sua comunicação, contentando-me com que Deus veja o que quero ser para Ele: para tal finalidade quer que me entregue a Ele, a fim de realizar em mim esta disposição: assim o tenho feito por sua graça.

Domingo às 10 horas

Honrarei a paz que contemplo no presépio, com desejo de fartura em vez de ansiedade, na posse de Deus que nunca se nega à alma que O busca de fato, adorando a divindade nesse estado na infância de Jesus e imitando quanto o possa sua santa Humanidade, especialmente em sua simplicidade e caridade que O moveram a fazer-se Criança a fim de facilitar às criaturas o livre acesso até Ele.

Domingo às 2 horas

O presépio é o trono do reino da santa pobreza; muito desejei ser aí admitida, pois, esta pobreza é a virtude mais amada pelo Rei dos Pobres, como o tem demonstrado o fato de que apesar de estar por toda a terra, só O reconhecem aqueles que o são em verdade e simplicidade. Por causa disso, proclama seu nascimento por vozes celestiais, a fim de manifestar que Deus mesmo honra semelhante estado. Para participar dessa graça, é preciso, sem demora, corresponder às santas inspirações, à imitação dos pastores.

Domingo às 5 horas

Tenho de ter grande confusão por causa de meu orgulho e, imitando a Santíssima Virgem humilhar-me, não só pelos verdadeiros motivos que tenho (*para isso*), mas, também dar-me a Deus para servir ao próximo em condição digna de crítica aos olhos do mundo, em seguimento de Nosso Senhor em sua conversação no meio aos pecadores e durante toda a sua vida, na qual desprezou seu próprio interesse material, em favor de suas criaturas: é o que desejo fazer se tal for sua santa vontade.

Segunda-feira de manhã

Da vida de Nosso Senhor dos 12 aos 30 anos

– Devo consagrar o resto de meus dias a honrar a santa vida oculta de Jesus na terra, o qual tendo vindo para cumprir a vontade de Deus, seu Pai, o fez durante toda sua vida e vendo que a vida ordinária necessitava mais de exemplos, consagrou-lhe maior tempo e sempre dentro da prática da perfeição evangélica: embora rico, escolheu a santa pobreza e a obediência que O mantinha submisso à Santíssima Virgem e a São Jose; suplico-Lhe, de todo coração, me conceda a graça de imitá-LO nisto, ainda que indigna e espero de sua bondade que depois de mo haver concedido durante tanto tempo um desejo, mo conceda efetivamente.

A segunda (*oração*)

Devo lembrar-me de que a humildade vivida por Nosso Senhor em seu Batismo tem por fim, além de encher-se de confusão, servir-me de exemplo que devo imitar, nem mais nem menos como o faria um aprendiz com seu mestre, se verdadeiramente desejasse chegar a ser perfeito e não ter outro pensamento, deixando tudo o mais ao cuidado da Divina Providência.

Na Santa Missa, oferecendo-me intensamente à Santíssima Virgem para chegar a ser toda de Deus, segundo seu divino agrado e com o desejo de imitar sua santa vida, pareceu-me que Nosso Senhor fazia ver à sua Santa Mãe minha indignidade no passado e no futuro; porém, pensando que seria aceita, pedi que o fosse manifestado algo a meu Pai espiritual sobre as coisas que tenho para perguntar-lhe.

A terceira. A Madalena

Devo estar atenta às atrações divinas; isso me dará coragem para buscar e encontrar Jesus em qualquer lugar que seja.

Segunda-feira, à noitinha

Não pode haver nada que me impeça de humilhar-me ante o exemplo de Nosso Senhor que, estando interessado tanto por sua glória, como pelo ensinamento de seus Apóstolos, de se fazer honrar, não deixa de humilhar-se até o ponto de lavar os pés de seus Apóstolos, estando já bem próximo o tempo de sua paixão.

E. 24 (A. 12)

(Abdicação de si mesma)

(pelo ano de 1633) (1)

Devo servir-me da advertência que caridosamente me foi feita a respeito das diferentes classes das pessoas que cooperam num mesmo projeto, com certa igualdade quanto à execução do empreendimento; ou daquelas a quem o projeto toca de modo direto, porém, por necessidade da execução, empregava uma ajuda secundária, que é considerada somente como instrumento do empresário. É este ponto de vista sobre como devo ver-me no emprego que Deus me dá e portanto, sem opor resistência alguma, submeter-me à direção das pessoas poderosas, para utilidade da obra, embora no começo não o haja visto assim.

No dia de Páscoa, minha meditação foi sobre o desejo de ressuscitar com Nosso Senhor e, como sem morte não há ressurreição, vi serem minhas más inclinações as que deviam morrer e teria eu de ser totalmente destruída para amortecer toda a minha vivacidade interior o que, por mim mesma, via muito bem não poder conseguir; porém, me pareceu que nosso bom Deus pedia-me o consentimento. Dei-lho inteirinho, para Ele mesmo operar o que quisesse ver em mim.

E. 25 (A. 53)

Notas sobre as visitas às Confrarias (1)

(de Pont Sainte-Maxence, Verneuil, Gournay, Neufville e Bulles) [1633]

Cheguei a Verneuil e hospedei-me em casa de um padeiro chamado Le Caille; vi aí dois doentes, um homem e uma mulher. As Irmãs (2) se repartiram pelos

E. 24 Rc. 5 A. 12. *Autógrafo original.*

(1) *Ver carta de São Vicente. Coste I p. 200.*

E. 25 Rc 5 A. 53. *Autógrafo original.*

(1) *Parece que estas notas serviram para redigir o relatório seguinte E. 26, do qual re-produzem, mais ou menos, todos os detalhes.*

(2) *As Senhoras da Caridade ou Damas da Caridade.*

Observação: As palavras entre parênteses e em itálico não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

bairros e só num deles houvera doentes, portanto, as outras não têm feito visitas. Não se preocupam de que eles recebam os sacramentos senão quando os vêem muito mal. Queixam-se de que a Tesoureira é difícil e não cede facilmente ao parecer das outras. Têm tendência a agir cada uma segundo a sua inclinação. A comida é levada aos doentes, somente às 11 horas. A Superiora propõe não se esperar que os doentes vendam o que têm, para serem socorridos.

Têm alguns fundos. A senhora propõe que se compre uma casa para alojar os pobres e outras sugerem a compra de pedaços de terreno, por causa do grande número de mortes que, às vezes, dizima o rebanho. Parece haver bastante cordialidade entre as Irmãs. Algumas delas, por vezes, criticam a conduta da diretoria - "das oficiais" -.

Roupa branca - Pão - A Superiora quer deixar (*deassistir*) aos doentes, muito depressa, e as Irmãs se queixam disso. Não se reúnem para juntas tratar das necessidades dos pobres e também não lêem o regulamento da Confraria. As Irmãs ajudam nas despesas do sepultamento e acompanham o enterro dos homens residentes na Caridade.

Cheguei a Pont na 3ª feira e hospedei-me na "Flor-de-lis". As Irmãs da Caridade (2) visitam os doentes fora das épocas de contágio, porém, levam-lhes a comida somente ao meio-dia e em bem pouca quantidade. Acompanham o enterro dos que morrem, após amortalhá-los e oferecem por eles a primeira comunhão que fazem, sem oferecer nenhuma extraordinária pelas Irmãs. Têm fundos, porém, não se atrevem a tirar proveito deles, com medo de que diminuam as esmolas. Dispõem de uma guarnição de altar que levam à casa dos doentes quando vão comungar. Fazem coleta pelas casas, chegando a tirar 4 libras por semana ou mais ainda.

Cheguei a Gournay na 5ª feira. As Irmãs são um pouco mais rudes que em outros lugares e pareceu-me haver menos caridade entre elas. Sempre têm algum doente e, com frequência, são instalados numa casa particular pertencente a uma mulher a quem pagam 5 soldos diários para cuidar deles; somente elas se encarregam de levar (*a comida*) aos doentes, três vezes ao dia e, como são poucos, cozinham carne na sopa deles.

Rezam as Ladainhas após a Missa. Não têm capela particular para a Confraria, nem um quadro; porém desejam tê-lo. O pessoal critica de que peçam esmolas (*a esportula*) para celebrar Missas. Entre os doentes, há quem tenha alguns bens, porém não podem vendê-los, nem dá-los como fiança por serem garantia de viuvez (3). São pois assistidos como esmolas particulares para que não se-

(3) Bens doados pelo marido à mulher, na hora do casamento, para assegurar sua subsistência em caso de viuvez, dos quais não pode, porém dispor a seu gosto.

jam pesados para o povo; são bastante numerosos. Que situação! Não têm ovelhas, nem carneiros.

Cheguei a Neufville (4), sábado, ao meio dia; alojei-me na estalagem. Possuem 6 ovelhas e 6 carneiros e, em dinheiro, só 13 ou 15 libras. Os camponeses murmuram e as Irmãs se vêem impossibilitadas de fazer o que devem. Quando se apresenta um doente que tem seus bens hipotecados (e que não podem ser vendidos) aconselhei que ele reúna seus credores, venda o que possui e lhes pague e que se arranje com o que lhe ficar. Se as terras estiverem semeadas, que venda, de antemão, a colheita; o mesmo seja feito com os que possuem uma casa: que a vendam, reservando para si um alojamento para ficar enquanto viver.

Havia muita discórdia entre as Irmãs tanto a respeito da admissão dos doentes, como da comida que lhes deveria ser levada, pois cada uma queria fazê-lo a seu modo, levando do que tenha em sua casa, em vez de dar-lhes o habitual (*da Confraria*). Não se celebra a Missa cantada nos primeiros domingos do mês e as Ladainhas foram cantadas apenas uma vez. As Irmãs comungam quase todos os dias em que devem fazê-lo.

Cheguei a Bulles (5) na 2ª feira; aí não havia nenhum doente; falecera uma das Irmãs e as outras não ofereceram a comunhão por ela; algumas omitem de vez em quando a comunhão mensal. Algumas discórdias com relação às coletas têm causado aborrecimento entre elas. Visitam os doentes três vezes ao dia e levam-lhes a porção ordinária já preparada, porém não igual para todos, porque há Irmãs que querem dar algum suplemento ao que se lhes entrega, pegando-o de sua casa. Possuem 15 a 16 ovelhas e 10 ou 12 cordeiros criados em casa de particulares, em proveito da Caridade. Os seis primeiros que foram comprados, morreram. Dispõem de catres, travesseiros, colchões, cobertores e muita roupa branca; além disso, em dinheiro, têm 15 ou 16 escudos. Celebram Vésperas, Missa cantada, encomendação das Irmãs falecidas, porém, muita gente murmura disso.

(4) Neufville-Roy (Vila nova do Rei), no departamento de Oise.

(5) Bulles, departamento de Oise.

*Visita às Confrarias
(de Verneuil, Pont Sainte-Maxence, Gournay,
Neufville e Bulles)*

(1633) (1)

Em Verneuil, quase sempre há doentes, desde que se estabeleceu a Caridade; porém, como a aldeia é bem extensa, as Irmãs (2) se queixam de que só as de um bairro visitam e desejariam que essa divisão de bairros desaparecesse.

A Tesoureira, por causa de sua falta de saúde, não faz outra coisa senão guardar o dinheiro e não é muito unida aos demais membros da Diretoria - "as oficiais" -, mostrando-se às vezes pouco acessível até para admitir e mandar embora os doentes, o que faz depressa demais após sua cura, ocasionando assim algumas recaídas.

A Superiora propõe não se esperar que os doentes tenham tudo vendido para serem assistidos; algumas Irmãs se queixam de que a encarregada dos móveis e das roupas põe as camisas e lençóis novos misturados com os de uso comum. Parecem ter bastante cordialidade entre elas e demonstram gostar da obra.

Aos pobres se lhes serve, todos os dias, como prescreve o regulamento; porém se lhes leva a refeição somente às 11 horas. Possuem alguns fundos. A senhora Marquesa desejaria que se comprasse uma casa para nela se receber os doentes; outras, ao contrário, propõem comprar lotes de terreno por causa do grande número de mortes que, às vezes, dizima o gado. A Superiora queixasse de que muitos dos que haviam prometido dar fio, não o fazem. Não se administram os Sacramentos aos enfermos, senão quando estão muito mal.

Quase todas as Irmãs comungam nos dias determinados para fazê-lo, porém, não se reúnem para tratar, entre elas, das necessidades (*dos pobres*), nem tão pouco lêem juntas o regulamento da Confraria. Ajudam nas despesas dos enterros e acompanham o enterro daqueles que o pediram, ainda quando não pertençam à Confraria, se lhes deixam alguma esmola.

Em Pont Sainte-Maxence (3) as Irmãs da Caridade visitam assiduamente os

E. 26 Rc. 5 A. 52. Autógrafo original.

(1) Após a morte de Margarida Naseau, o Padre Vicente pediu a Luísa de Marillac que fizesse tais visitas. Ver Coste I p. 188.

(2) Como já se sabe, Irmã designa cada senhora, membro da Confraria da Caridade.

(3) Departamento de Oise.

enfermos fora do período de contágio e, nesse tempo, cuidam deles com esmolas da Caridade, em dinheiro, porque a cidade os abandona, e até deram seis lençóis, porque alguns tinham apenas um punhado de palha (*para se deitar*).

Quando as Irmãs visitam os doentes, levam-lhes a porção ordinária já pronta, somente ao meio-dia e deixam-lhes pouca sopa. Acompanham o enterro e também amortam os que falecem, oferecendo por eles a primeira comunhão que fazem; ainda, assistiram ao enterro da primeira Irmã que morreu, dando mostras de luto, acompanharam-na até à sepultura e todas comungaram por ela.

A Caridade do dito lugar dispõe de muitos móveis para uso dos doentes, inclusive uma guarnição de altar que levam à casa dos que vão comungar. São cordiais entre elas e gostam dos trabalhos da Caridade, aos quais os próprios maridos as estimulam; as ditas Irmãs perceberam que o povo melhorou depois da instalação da Caridade. Existem fundos em poder da Tesoureira, porém ela não deixa serem utilizados com receio de que as esmolas diminuam; a coleta é feita nas casas.

Em Gournay, desde a fundação da Caridade há sempre doentes e são visitados três vezes ao dia. Cada uma das Irmãs prepara a ração ordinária dos doentes em sua própria panela.

O povo critica por mandarem celebrar Missas com o dinheiro das esmolas. As Irmãs ficam impedidas de fazer o que devem quando se encontram diante de pobres doentes que possuem alguns bens, porém, que os têm hipotecados e não podem servir-se deles. A Caridade não tem assistido a esses pobres doentes; têm sido atendidos por particulares. As Irmãs são um pouco mais rudes e menos unidas entre si do que em outros lugares.

Não dispõem nem de altar, nem de um quadro, porém desejariam tê-los. A Missa é celebrada todos os meses e depois dela, rezam-se as Ladainhas; muitas das senhoras comungam. Os doentes que não têm casa própria, são levados para a de uma mulher que cuida deles e por cujo serviço recebe 5 soldos diários; talvez por causa desse gasto, não possuem nem ovelhas, nem cordeiros e é muito pequena sua reserva em dinheiro.

Em Neufville, os camponeses reclamam porque os doentes não são recebidos com bastante presteza e os membros da Diretoria - "as Oficiais" - vêem-se impedidas de fazer o que devem, quando se dá o caso de doentes possuidores de bens hipotecados, não poderem vendê-los. Há algum mal-estar entre as Irmãs, tanto porque deveriam estar ao corrente de tudo e assim poder dar seu parecer, como porque cada uma desejava servir aos doentes segundo seu capricho e pegar em sua casa, para levar-lhes, o que não lhe queriam dar (*na Caridade*). Dispõem de seis ovelhas e seis cordeiros, que criam de meia, e umas 15 ou 16 libras em dinheiro. Três vezes ao dia visitam os doentes. As Irmãs comungam

quase todos os dias em que devem fazê-lo. A Missa dos primeiros domingos do mês não é cantada e o senhor Cura disse que é porque o senhor Bispo de Beauvais não o quer; as Ladainhas foram cantadas apenas uma vez.

Deu-se o caso de uma mulher doente, possuidora de alguns bens, havê-lo dado a seus familiares, antes ou durante sua doença, sem as Irmãs da Caridade o saberem, e elas se perguntavam se deveriam assistir a esses enfermos em tais circunstâncias, pois esta doação poderia ser de propósito.

Os pobres de Bulles recebem três visitas por dia e se lhes leva a porção ordinária já pronta, porém não a todos igualmente, pois cada Irmã quer levar de sua casa o que melhor lhe parece, para agradar aos doentes.

Muitas delas omitem a santa Comunhão mensal e, tendo falecido uma das Irmãs, não comungaram por ela, embora tenham assistido a seu enterro; mandam celebrar Vésperas e Ofício completo de Defuntos: o povo se queixa disso.

Frequentemente há pequenas desavenças entre as Irmãs: isso prejudica seu trabalho, pois, algumas não querem ir acompanhadas daquelas com quem tiveram alguma discussão; porém, a Superiora, às vezes, remedeia a coisa.

Dispoem de catres, colchões, travesseiros, colchas ou cobertores e muita roupa branca; têm de 15 a 16 ovelhas e de 10 a 12 carneiros, criados por particulares, em proveito da Confraria. Os seis primeiros que foram comprados, morreram e têm de adquirir mais outros. Em dinheiro, possuem 15 ou 16 escudos; o procurador administra quase tudo com muita caridade; é muito entendido e gosta bastante (*da Obra*).

As Irmãs querem medalhas, ninguém as tem; o desejo de ganhar as indulgências as levará a comungar mais amiúde.

E. 27

(Do bom uso do sofrimento)

A suavidade experimentada em meio da grande dor, sem perceber que fora por amor de Deus, (*deu-me*) o desejo de aproveitar desta doença, porém, reconhecendo minha incapacidade, lembrei-me do sofrimento de alguma outra pessoa, e assim, unindo minha intenção à sua, ofereci ambos os sofrimentos a Deus, com o pensamento de achar-me na cruz com Nosso Senhor.

No dia de São Bernardo, depois da Comunhão, sofrendo por conhecer e amar tão pouco a Deus, o que era causa de que meu espírito se enchesse tanto do que não é Deus, experimentei, fortemente, no espírito, o desejo de ocupá-lo

só d'Ele, sendo esta a única maneira de esvaziá-lo de outros objetos, e permaneci nesse desejo com a intenção de informar-me sobre os meios *(para isso)*.

E. 28 (A. 34 e 35)

(Pensamentos sobre São Dionísio)

Grande São Dionísio, tua França começa a admitir as obrigações que tem para contigo, a respeito da eternidade, pois tiraste-a do nada do paganismo levando-a a conhecer a verdade. Tu não queres, em retribuição, nenhuma glória para ti, senão recebê-la para aumentar a glória acidental de Jesus a quem, na terra, amaste sem dissimulação. A ti eu a entrego, e com todo meu coração repleto de santo zelo, na maneira em que devo; eu o quero; recebe-a e supre minha ignorância e incapacidade, por teu saber mais que angélico, dando ao meu coração o que é para isso necessário e recebendo dele os louvores que te oferece o Todo Poderoso.

Finalmente, o amor nos fez conhecer os dons que a natureza havia posto em tua alma, preparando-a para tão grande dignidade; fazendo-a tudo deixar, corajosamente, pela propagação de um Deus escondido, para dá-IO a conhecer onde era ignorado. Tinhas a alma nobre demais para estar presa à terra; necessitavas do céu e de fazê-lo conhecido para contentá-la.

É isso pois, grandíssimo santo, que te fez aparecer igualmente feliz no desprezo, nos sofrimentos e a desejar a morte. Parece que seria pouca coisa pregar o Filho de Deus feito homem, suas virtudes e sua vida, seus sofrimentos, sua morte e ressurreição, se não ratificasses esta verdade com teu sangue, como homem devoto, para ser o gémem da vida nas almas e para fazer, com este exemplo, uma quantidade de verdadeiros cristãos. Isto não está inteiramente realizado, grande santo do céu; bem vês a ingratidão dos maus franceses que, conhecendo a Deus por todos os meios, não O reconhecem, nem a ti, por amor, e pouco, por servidão. Deus escolheu-te para anunciar-nos todos os seus mistérios. Bendito sejas para sempre, luminar destas santas verdades! É certo que recebestes mais do que deste na terra, porque o que fizeste, a cruz e a vida fazemo para suas dignidades.

Bom Deus, queres dar-nos tudo o que recebemos dos santos; sejas, pois, eternamente bendito pela glória que dás a São Dionísio e pela escolha que tua

E. 27 Rc. 5 A. 43. *Autógrafo original.*

Observação: As palavras entre parênteses e em itálico não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

Providência dele fez para unir-nos todos à tua Divindade, único princípio e último fim de todos os teus amigos.

Que os associados a teu trabalho e martírio pela conversão da França, participem dos louvores que te tributamos na terra, como na glória dos céus: que eles e nós, por amor, veneremos tuas grandezas, no gozo que existe no Paraíso e vejamos tua divina essência com nossos próprios olhos.

Viva Jesus e seu puro amor, que escolho para minha morada permanente.

Fâ-los conhecer (aos sacerdotes) a dignidade de seu poder que os coloca acima dos povos e, que suas vidas não degradem de sua excelência; suas virtudes os afastem do menosprezo em que o abuso de seus estados os reduziriam, a fim de, glorificando a Deus em seus santos ministérios, Ele lhes baste.

Obtém para o povo que teu sangue conquistou, pelos méritos de Jesus Cristo, que esta montanha (1) ainda por ele banhada atraia a chama do amor santo para abrasar os corações pela união destas almas puras, abrasando, cada vez mais, seus corações e que todos os cristãos dela participem para melhor honrar a Deus três vezes santo. O uso dos sacramentos se lhes transforme em méritos, deixando os abusos; sua vida dê a conhecer que querem buscar a Deus sem fingimento, fazendo com que, corajosamente, seus corações procurem vencer toda fraqueza a fim de, convidados às bodas, serem também eleitos bem-amados; o penúltimo e o último.

Aperfeiçoa a obra que nosso bom Deus te deu para fazer, pois conheces a grandeza dos mistérios que Jesus nos deixou para santificar as almas nascidas de seu sangue na Igreja, sua esposa. Alcança-nos então, saberem apreciar este estado e conduze-as com tuas súplicas.

Estado santo do cristão que faz da alma nada menos que a associada de Deus! Faz as almas que possues, sentirem-te, conquistando-as porém, por uma doce violência, fazendo-as viver segundo seu ser, sem que nela haja lugar para a vaidade dos sentidos, nem resistência ao poder de Deus que quer fazê-las gozar dEle.

Oh! grande Santo, teu próprio interesse, unido à glória de Deus, obriga-te a interceder pela França, ainda tão profundamente necessitada da tua poderosa ajuda, para se vêr arrancada uma vez mais, da idolatria perversa, e não mais da ignorância. Vê como o clero te estende a mão, como a outro Eliseu, reclamando teu duplo espírito, para melhor poder honrar os mistérios ocultos!

E. 28 Rc. 5 A. 34 3 35. Autógrafo original.

(1) De Montmartre, provável lugar onde o santo foi decapitado.

Observação: As palavras entre parênteses e em itálico não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

Bem vês como, por esse clero, Deus tem sido desonrado (*sendo que*) deve ser glorificado pelo caráter do sacerdócio que os marcou e consagrou inteiramente ao serviço dos altares, nos quais quer ser adorado.

E. 29 (A. 48)

Catecismo (1)

- Quem vos criou e vos colocou neste mundo?
- Deus; para amá-IO e servi-IO e para dar-nos sua glória.
- Como conheceis a Deus?
- Pela fé.
- Que vos ensina a fé?
- Que há um só Deus em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo.
- Das três pessoas quem é mais antiga e mais sábia?
- São iguais em todas as coisas, porque há um só Deus, embora sejam três pessoas.
- Qual das três pessoas se fez homem e para quê?
- O Filho, para resgatar-nos.
- Que necessidade tínhamos de ser resgatados?
- É que nosso primeiro pai, Adão, nos havia condenado porque comeu do fruto que Deus lhe proibira.
- Quando desobedecemos a Deus, nós nos prejudicamos?
- Sim, porque é cometer um pecado mortal.
- Que quer dizer condenar-se?
- Estar no inferno.
- Que é o inferno e que se faz aí?
- É um lugar onde jamais se vê a Deus; onde não se poderá amá-IO e onde se experimenta toda espécie de tormentos.
- O inferno dura muito tempo?
- Eternamente.
- A eternidade dura cem anos?
- Dura mais do que se pode dizer, porque jamais se sai de lá.
- Dissestes que no inferno não se poderá amar a Deus; e neste mundo, pode-se amá-IO?

(1) Este pequeno catecismo foi elaborado por Luisa de Marillac tanto como seu auxiliar quando ia fazer visitas às Confrarias, e por conseguintes até 1630, ou como ajuda na instrução das Filhas da Caridade e, nesse caso, seria após 1633.

- Sim; se o quisermos.
- Quando ofendemos a Deus, nós O amamos?
- Não; e então somos piores que os condenados que desejariam muito poder amá-IO.
- Que se requer para ir para a Glória?
- Ser cristão.
- Que é que nos faz ser cristãos?
- O Batismo.
- O que um cristão deve saber e fazer para ir para a Glória?
- Deve saber que há o Mistério da Santíssima Trindade, da Encarnação do Filho de Deus, da Santíssima Eucaristia; deve saber rezar o Pai Nosso, o Credo, os Mandamentos da Lei de Deus e da Igreja.
- Basta saber o Pai Nosso, o Credo, etc.? Basta sabê-lo?
- De modo algum; é preciso observá-los e cumprir todos os Mandamentos de Deus e da Igreja.
- Aquele que deixasse de observar um só Mandamento da Igreja, cometeria um pecado mortal?
- Sim.
- Qual é o sinal do cristão?
- A Santa Cruz.
- Como se deve fazê-lo?
- Em nome do Pai e do Filho, etc.
- Que se diz, quando se benze?
- Em nome do Pai e do Filho, etc.
- Quando se deve fazer o sinal da Cruz?
- Em todas as horas; ao principiari nossas ações e quando nos acharmos em algum perigo de corpo ou de alma.
- Por que o princípio das ações?
- Para oferecê-las a Deus, a fim de que lhes sejam mais agradáveis.
- Qual é o perigo do corpo e da alma?
- O do corpo é tudo o que lhe possa causar dano e o da alma é o pecado.
- O sinal da Cruz tem poder para livrar-nos dele?
- Sim, porque o Filho de Deus foi pregado nela.
- Como se há de fazê-lo para que nos livre?
- Com fé e devoção.
- Que é fazer o sinal da Cruz com fé e devoção?
- É crer que nos livrará e recordar-nos-á do que ele representa.
- Que representa o sinal da Cruz?
- Um só Deus em três pessoas e a Encarnação e morte do Filho de Deus.
- Alguma vez ouvistes dizer que certas pessoas se viram livres pelo sinal da

Cruz?

– Muitos milagres aconteceram e acontecem todos os dias, em virtude deste sinal. Santa Margarida, estando no cárcere por causa da fé, foi livre, por este meio, de um dragão que a queria devorar. Devemos portanto, ter muita devoção a este santo sinal.

– Que faz um cristão, mesmo que seja uma criança pequena, quando se benze?

– Tributa a Deus a maior honra que se Lhe possa tributar, porque, quando fazemos o sinal da Cruz, confessamos a existência de um só Deus em três pessoas, que é a Santíssima Trindade; da Encarnação do Filho de Deus e, ao declarar-nos cristãos, fazemos profissão de querer antes morrer que renunciar nossa fé.

– Se visseis uma fogueira ardente, preferiríeis ser lançados nela, antes que renegar a fé?

– Sim, com a graça de Deus.

– Sêde sempre corajosos e considerai-vos já como pregadores e mártires pela vontade. Como o cristão deve viver?

– Com Nosso Senhor Jesus Cristo viveu na terra.

– Tendes razão; uma vez que o nome de cristão vem de Cristo, devemos imitá-LO em nossa vida para segui-LO após a morte. Porém, quem é Jesus Cristo?

– A segunda pessoa da Santíssima Trindade, o Filho de Deus.

– E, enquanto homem, quem é seu pai? (2)

– Não teve.

– Quem formou seu corpo no seio da Santíssima Virgem?

– O Espírito Santo.

– São José foi seu esposo?

– Sim; porém lhe foi dado para dirigí-la, permanecendo sempre virgem.

– Mas, uma vez que nada somos, que segurança temos de poder imitar Jesus Cristo?

– Ele mesmo no-la dá, quando diz: Quem quiser vir após mim tome sua cruz e siga-me.

– Que quer dizer tomar sua cruz e seguir Jesus Cristo?

– É praticar toda sorte de virtudes como Ele as praticou quando viveu neste mundo: era humilde, manso, caridoso, paciente, verdadeiro, pobre e nunca falava mal de seu próximo, nem ofendia ninguém.

– Contai-me algum exemplo dEle.

– Sua caridade para com os outros era tão grande que, um dia, havendo le-

(2) Aqui o autógrafo assinala, à margem, estas palavras escritas pela mão de Luisa de Marillac como todo o texto: "Esta pergunta é para ser colocada noutra lugar."

vado a Ele uma mulher de má vida, pôs-se a escrever no chão, para avisar aos acusadores que deveriam olhar-se a si mesmos, não querendo manifestar suas faltas diante de todos. E depois, perguntou à mulher onde estavam seus acusadores, pois, não ficara ninguém. E disse à mulher: "Também eu não te condeno".

- Nunca se deve falar mal do próximo, nem acusar as faltas dos companheiros?

- Não.

- Por que carregar a cruz é praticar toda espécie de virtudes?

- Porque mui frequentemente nos custa agir bem e todo trabalho é uma cruz.

- Pai: Pai Nosso

- Dizei-me: com quem falamos quando rezamos?

- Com Deus, a quem chamamos nosso Pai.

- Como se deve falar-Lhe?

- Com honra, respeito e amor.

- Como se deve rezar?

- Tem-se que pronunciar as palavras moderadamente, sem virar a cabeça de um lado para outro e sem pensar em outra coisa, senão em Deus.

- E Deus vê claramente nossos pensamentos?

- Sim.

- Onde está Ele para poder vê-los?

- Em todos os lugares.

- Por conseguinte, quando O ofendemos, ELe nos vê claramente?

- De certo.

- De que modo falamos a Deus como a nosso Pai?

- Com grande amor, tendo a certeza de que Ele nos concederá tudo o que Lhe pedimos, como nos prometeu.

- Portanto, é preciso ter esta firme confiança; e agora, para que saibais melhor o que deveis pedir, vo-lo explicarei: Quando disserdes o Pai Nosso, isto é, Pai Nosso que estais nos Céus, com este nome declarais que amais os Céus mais do que Terra, uma vez que é ao Pai a quem devem pertencer os filhos.

Santificado seja o vosso nome: Por esta petição manifestais o desejo da glória de Deus e por isso vos obrigais a não ofendê-IO.

Venha a nós o vosso reino: Esta segunda petição é um desejo que tendes de ser todo de Deus e de que Ele reine absolutamente sobre vós.

Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu: Por esta terceira petição reconheceis ser razoável que tudo vos suceda como Deus o queira; e depois, que desejais não ter com que se afligir quando nos sobrevier algum sofrimento.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje: Por esta quarta petição reconhecemos que tudo o que temos vem de Deus, não somente o alimento que tomamos e Lhe pedimos, mas, também, tudo quanto nos é necessário, tanto para a alma como para o corpo.

Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nos perdoamos, etc.: Por esta quinta petição nós nos condenamos a nós mesmos se tivermos alguma inimizade contra o próximo e não quiséssemos perdoar-lhe algum mal que nos tivesse feito: assim, por exemplo, se vós que vos chamais Joana, dizeis a Maria: “Dai-me pão”, e ela não quisesse vo-lo dar e logo fosse à outra e assim lhe falasse: “Dai-me pão, com o dei a Joana”, conclui-se que Maria não ganharia pão, pois que ela não o havia dado. Há outros que dizem: “Eu lhe perdôo, mas não quero vê-lo”. Estes tais dizem a Deus que os leve para o inferno, onde jamais O verá.

Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal: Nestas duas últimas petições, confessamos que nada nos acontece sem permissão de Deus, e que a Ele devemos dirigir-nos para sermos ajudados em todas as nossas necessidades.

- Quem nos ensinou esta oração?
- Nosso Senhor, quando vivia na terra, a ensinou a seus Apóstolos e nós a aprendemos deles.

A saudação angélica

- E a Ave Maria, que oração é?
- A Ave Maria é a saudação do Anjo, quando veio perguntar à Santíssima Virgém se aceitava ser Mãe de Jesus Cristo, Filho de Deus; é uma devoção que lhe é muito agradável (3).
- O terço é, portanto, uma bela oração?
- Sim, supondo que a rezemos muito devotamente.
- Para isso, meditai sempre em alguns mistérios do Rosário, em cada dezena.

O Credo

- Dissestes que sabeis o Credo. Recitai-o em latim e em francês.
- Credo... Je crois en Dieu...
- Sabeis o que é o Credo?
- É o símbolo dos Apóstolos, no qual está contido o que devemos crer.

(3) Aqui estava a passagem acima indicada - nota 2 - segundo o manuscrito e Luisa de Marillac não continua a explicação da segunda parte: Santa Maria.

– Sempre que rezais o Credo, fazeis novamente profissão de vossa fé e deveis estar em disposição de antes morrer que deixar de crer que nele tudo é verdadeiro, e, a fim de que tenhais mais devoção, deveis saber pelo primeiro artigo, que professais a crença num Deus Todo Poderoso; e depois disso, de todos os milagres de que ouvís falar, de todas as coisas que sucedem e parecem impossíveis, não deveis duvidar de nada disso, pois Deus é Todo Poderoso.

O segundo artigo nos faz confessar a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo e que há várias pessoas em Deus.

O terceiro ensina-nos a concepção e nascimento virginal de Nosso Senhor Jesus Cristo, no seio da Santíssima Virgem.

O quarto obriga-nos a crer que os tormentos, a morte, a ressurreição e a sepultura de Nosso Senhor Jesus Cristo foram verdadeiros.

Pelo quinto, cremos que Nosso Senhor, depois de sua morte, desceu ao Limbo, para de lá tirar as almas daqueles que antes de sua vinda, haviam morrido em estado de graça, para que gozassem da Glória e que ao terceiro dia ressuscitou verdadeiramente a fim de fazer-nos conhecer que Deus não deixa sem recompensa o corpo depois de o ter servido.

O sexto faz com que declaremos a igualdade do Filho de Deus com seu Pai e que subiu aos Céus por sua própria virtude, por seu Deus.

O sétimo deveria infundir-nos algum temor, porque nele, nós mesmos confessamos que Nosso Senhor virá com todo o poder de um Deus para julgar-nos no fim do mundo, e que, em nossa morte, será nosso Juiz, porque depois de conceder-nos tantas graças, somos tão perversos que o temos ofendido.

O oitavo faz-nos professar a crença na terceira pessoa da Santíssima Trindade e que queremos viver e morrer crendo em todas as verdades ensinadas pela Santa Igreja, a qual é guiada pelo mesmo Espírito Santo, e isto nos obriga a jamais contradizer seus mandamentos.

Pelo nono cremos na inteligência (4) dos espíritos bem-aventurados e que tanto as almas que estão no Céu, a Igreja triunfante da glória de Deus, como as que estão no Purgatório, a Igreja padecente, e as da Igreja militante, que são os bons cristãos, participam das orações e méritos de uma e de outra.

Pelo décimo cremos que a misericórdia de Deus deu todo o poder aos sacerdotes a fim de perdoar-nos os pecados, como o fazem, depois de uma boa confissão.

No décimo primeiro, cremos que todos nós, os vivos, ressuscitaremos para gozar, em corpo e alma no Céu, da recompensa de nossas obras ou para sermos

(4) Consta no manuscrito: inteligência; parece entretanto que deveria ser exigência. Observação: As palavras entre parênteses e em itálico não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

condenados ao inferno.

No décimo segundo e último confessamos que viveremos eternamente; isto é, os que estiverem no Céu, jamais sairão dele, nem tão pouco sairão do inferno os que lá estiverem. Isso deve infundir-nos um grande desejo de fazer o bem.

Dissestes que é necessário saber os Mandamentos de Deus para observá-los; dissei-me quais são.

– Um só Deus adorará...

– Falastes da Sagrada Comunhão; respondi-me que deve um cristão saber antes de fazer a Primeira Comunhão?

Dissestes que para ir para o Céu é preciso saber os mistérios da Santa Trindade, o da Encarnação e o da Eucaristia. Falai-me de cada um.

– O Mistério da Santíssima Trindade é um só Deus em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. (Explicação)

– O Mistério da Encarnação é o da segunda pessoa da Santíssima Trindade haver-se feito carne no seio da Santíssima Virgem. (Explicação)

– Quando?

– No dia da Anunciação: 25 de março.

– E o terceiro? O mistério da Eucaristia?

– É o Santíssimo Sacramento do Altar.

Eucaristia

– Que há no Santíssimo Sacramento do altar?

– O Corpo, o Sangue, a Alma e a Divindade de Nosso Senhor.

– O Corpo é o mesmo que foi pregado na Cruz?

– Sim.

– Por que não podemos vê-lo, nem senti-lo?

– Porque é um corpo ressuscitado e glorioso.

– Quando está o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor na Sagrada Hóstia?

– Quando o sacerdote pronunciou as palavras sacramentais, um pouco antes da elevação da Sagrada Hóstia.

– Que acontece então?

– A mudança da substância do pão e do vinho no corpo e sangue de Nosso Senhor.

– Se o sacerdote pronuncia uma única vez as palavras sacramentais sobre muitas Hóstias, estarão em todas elas o Corpo, o Sangue, a Alma e a Divindade de Nosso Senhor?

– Sim.

– E ficarão aí por muito tempo?

– Até que as espécies sejam consumidas.

- E quando são consumidas?
- Quando são comungadas.
- Se o sacerdote, ao dar a comunhão, vos desse muitas Hóstias, comungaríeis muitas vezes?
- Não.
- E seria necessário avisá-lo disso?
- Não.
- E se vos desse só um pedacinho, receberíeis Nosso Senhor todo inteiro?
- Sim.
- Quando o sacerdote parte a Sagrada Hóstia na Santa Missa, em que parte fica o Corpo de Nosso Senhor?
- Nas três.
- O que o sacerdote bebe, no cálice, a primeira vez?
- O Sangue de Nosso Senhor.
- Por que na Missa está separado do Corpo o Sangue de Nosso Senhor?
- Porque a separação nos representa sua Morte e Paixão.
- E que se nos dá no cálice, após a Comunhão?
- Vinho para enxaguar a boca.
- Então não recebemos o Sangue de Nosso Senhor!
- Sim, um corpo ressuscitado não pode ficar sem seu sangue.
- Desde que hora se deve estar sem comer, nem beber, antes de comungar?
- Desde meia-noite.
- No Santíssimo Sacramento do Altar está somente a segunda pessoa da Santíssima Trindade?
- A segunda pessoa está aí em corpo e alma; e o Pai e o Espírito Santo estão por concomitância, porque as três pessoas são um só Deus.
- Que preparação é sempre necessária para comungar?
- É preciso desejar comungar e fazer uma boa confissão.

Confissão

- Como se deve confessar?
- Primeiramente, há de se pedir a graça do Espírito Santo para conhecer nosso pecado; depois pensar se esquecemos algum ou o deixamos de acusar na última confissão; se cumprimos a penitência, e em seguida, examinar todos os pecados que tivemos cometido depois, por pensamento, palavra ou obra, tanto contra Deus, como contra o próximo.
- Para mais facilmente conhecer nossos pecados, que se há de fazer?
- Deve-se ver o que se fez contra os mandamentos de Deus e da Igreja, e também examinar-se sobre os pecados mortais (*pecados capitais*).
- Que fazer depois de examinados os pecados?

- É preciso arrepender-se de haver ofendido a Deus.
- Em que consiste a dor de haver ofendido a Deus?
- Na vontade, que deve dizer: "Queria não ter ofendido a Deus".
- Que fazer para exercitar-nos a esta dor de haver ofendido a Deus?
- Considerar as graças que nos fez sua bondade e nossa miséria que mereceu o inferno.
- E depois, que fazer?
- Resolver-se a não ofendê-lo mais, mediante sua santa graça e confessar todos os pecados.
- De que modo confessar os pecados?
- Simples e humildemente.
- Que quer dizer isso?
- Que não se deve desculpar-se, nem dizer na confissão as faltas dos outros e dizê-las com humildade e confusão.
- Depois de haver confessado todos os nossos pecados eles nos são perdoados?
- Deve-se esperar, com grande devoção, a absolvição que o sacerdote nos dá, quando diz: Ego te absolvo... e pensar que então, os méritos do Sangue de Jesus Cristo lavam nossas almas de todos os nossos pecados. E é bom pensar que então estamos aos pés da Cruz.
- E se calássemos algum pecado, ou, por esquecimento, não nos acusássemos de tudo o que fizemos, haveria algum perigo nisso?
- Se calássemos por malícia, seria um sacrilégio e não conseguiríamos o perdão dos outros pecados; porém se foi por esquecimento, a confissão não deixará de ser boa, isso supondo que fizemos cuidadosamente um exame de consciência.
- Pode-se cometer um pecado mortal só por pensamento ? Como?
- Quando deliberadamente nos entretemos em pensamentos de coisa que é pecado mortal e com vontade de praticá-la.
- Que se há de fazer após a confissão?
- Dar graças a Deus pelo que nos fez, perdoadando-nos os pecados e prometer-Lhe emendar-nos e cumprir a penitência.
- Para que nos serve a penitência?
- Além da culpa de nossos pecados que se apaga pelo Sacramento da Confissão, temos a obrigação da pena que eles nos merecem, a qual se expia neste mundo pelas aflições ou, no outro, com o fogo do Purgatório, ou então satisfazê-la com as indulgências e penitências que nos impõem os confessores.
- Quantos pecados mortais há? (*pecados capitais*)
- Sete e nos merecem o inferno.
- Dizei-me quais são.

- Orgulho, inveja...
- Aquele que cometeu um pecado mortal e está condenado, não tem mais remédio?
- Sim, a penitência que é o Sacramento da Confissão.
- Depois de haver pecado, estamos seguros de fazer penitência?
- Não; porque não sabemos se Deus nos dará tempo, nem vontade de fazê-lo, como Judas e o Rico Epulão que morreram sem penitência.
- Que se fazer então?
- O mais seguro é não ofender a Deus mortalmente ou, quando nos advertimos havê-LO ofendido, pedir-Lhe perdão e confessar-nos o quanto antes.

Sacramentos

- Quantos sacramentos há na Igreja?
- Sete.
- Dizei-me quais são.
- Batismo, Confirmação, etc.
- Que é o Batismo?
- É um Sacramento que nos faz filhos de Deus e da Igreja e apaga o pecado original; e, sem o Batismo jamais entraremos no Céu.
- Que prometeram por nós os nossos padrinhos e madrinhas, no Batismo? Somos obrigados a cumpri-lo?
- Prometeram que viveríamos e morreríamos cristãos e renunciaríamos ao mundo, ao diabo e à carne.
- Que quer dizer haver renunciado ao demônio?
- Que não queremos escutar o mundo, nem fazer o que nos inspira; prometemos também não ouvir o mundo sem seguir suas máximas e vaidades e não dar a nosso corpo todos os prazeres que pede, quando é com ofensa a Deus e somos obrigados a cumprir essas coisas.
- Que é o Sacramento da Confirmação?
- Por este Sacramento somos fortalecidos na fé e renovamos a promessa que, em nosso nome, fizeram no Batismo.
- E o Sacramento da Penitência?
- É a Confissão que nos devolve a graça de Deus, quando a tivermos pedido pelo pecado.
- E a Eucaristia?
- É o Santíssimo Sacramento do Altar.
- E o Sacramento da Ordem|gera sacerdotes?
- O Sacramento do Matrimônio povoa o Céu e por isso é preciso honrá-lo muito e recebê-lo com devoção.
- O Sacramento da Extrema Unção fortalece-nos contra as tentações do

demônio, que, na hora da morte, trata de levar-nos a ofender a Deus para que nos condenemos como ele. Este Sacramento ajuda-nos também a recobrar a saúde se for da vontade de Deus que não morramos. Por isto, é preciso, quando estamos sãos, ter grande desejo de recebê-lo quando tivermos necessidade dele, como também os Sacramentos da Penitência e da Eucaristia.

Exercício do dia

- Que deve fazer o cristão durante o dia?
- Deve fazer o sinal da Cruz ao despertar-se, pôr-se de joelhos depois de se levantar, adorar a Deus, dar-Lhe graças por todos os seus benefícios, consagrar-se a Ele e oferecer-Lhe todas as suas ações e pedir-Lhe a graça de passar o dia sem ofendê-IO.

Depois, rezar o Pai Nosso, a Ave Maria, o Credo e os Mandamentos. Em seguida, se o puder, ouvir a Santa Missa, com muita devoção.

Antes e depois das refeições, deve fazer o Benedicite e as Gratas e, em suas ocupações e trabalhos pensará em Deus de vez em quando e dirá: "Deus me vê".

- Para que serve o dizer: "Deus me vê?"
- Para nos dominar quando fôssemos tentados a praticar o mal.
- À noite, antes de se deitar, deve fazer o exame de consciência, e logo depois, pedir perdão a Deus rezando o Confesso de Deus, dirá cinco vezes, com espírito de penitência, Jesus, em honra das cinco chagas de Nosso Senhor.
- Por que quereis ter devoção especial às cinco chagas de Nosso Senhor?
- Porque, por elas, derramou mais abundantemente o seu sangue para lavar nossos pecados.
- Onde estão estas cinco chagas?
- Nos pés, nas mãos e em seu lado.
- E estão ainda aí, depois de haver ressuscitado?
- Eternamente o estarão, porém gloriosas.
- Para que nos serve fazer o exame de consciência todas as noites?
- Para pôr-nos na graça de Deus e para que nos ajude a nos lembrar de todos os nossos pecados quando quisermos nos confessar e nos servirá de confissão se morrermos durante o sono.
- Que fazer após o exame de consciência.
- Rezar o Pai Nosso, o Credo e os Mandamentos; despir-nos com muita modéstia, persignar-nos, deitar-nos e dormir pensando em alguma coisa boa.
- Que fazer ao entrar na Igreja?
- Antes de tudo, ajoelhar-se e adorar a Deus, dirigindo o espírito ao Santíssimo Sacramento e estar sempre com grande respeito.
- Como se deve ouvir a santa Missa?

- Deve-se preparar para ela desde que o sacerdote se paramenta e pensar que a alva que ele veste representa a que Herodes mandou vestir em Nosso Senhor, zombando dEle, chamando-O de louco. O cingulo e a estola representam as cordas com as quais foi amarrado; a casula lembra-nos a cruz que levou em seus ombros quando caminhava para suplicio.

No princípio da Missa, com o sacerdote, pede-se perdão a Deus de todos os nossos pecados, ao rezarmos o Confiteor e, até ao evangelho, deve-se pensar em tudo quanto Nosso Senhor fez até a idade de trinta anos. Do evangelho até a Elevação da Sagrada Hóstia, pensar nas pregações e milagres de Nosso Senhor. À elevação da sagrada Hóstia, oferecer-se a Deus em união com seu Filho e lembrar-se de que Ele foi levantado na Cruz, onde morreu por nossos pecados, e até à Comunhão do Sacerdote, ir, em espírito adorá-IO sobre o altar, pensando que todos os Anjos e todos os Santos também O estão adorando.

Deve-se comungar espiritualmente com o sacerdote, mediante um grande desejo de estar unido a este Santíssimo Sacramento.

Da Comunhão até ao fim da Missa, deve-se dar graças a Deus pelo amor que nos manifestou na instituição do Santíssimo Sacramento, pedir-Lhe pela Igreja e principalmente pelos Sacerdotes para que, levando uma vida santa, Deus seja neles glorificado; e também pedir pelo mundo inteiro, e, finalmente, receber a bênção do sacerdote, como se fosse o próprio Deus quem no-la dá.

Período entre 1653 e 1647

E. 30 (A. 55)

Emprego do dia (observado pelas primeiras Filhas da Caridade)

(1633)

As jovens (1) levantam-se às cinco e meia, põem-se de joelhos junto à sua

E. 30 Rc. 5 A. 55. Autógrafo original.

(1) O texto diz "filles", uma palavra que, em francês, se expressa a idéia de "jovem", "moça" e também de "filha". As Irmãs começaram a ser "as moças da Caridade" e, com o passar do tempo a palavra foi adquirindo o sentido de "Filhas", título que São Vicente gosta de explicar. Os Fundadores costumavam chamar as Irmãs de "filles" e, ao longo dos escritos de Santa Luísa, sobretudo em cartas, a palavra "filles" é traduzida por "Irmãs". (Nota da tradutora).

(2) Provavelmente, costurar ou fiar.

cama, para adorar a Deus e pedir-Lhe sua bênção, a fim de empregar o dia segundo a sua vontade.

Vestem-se, fazem a cama e, às seis horas, dirigem-se ao local onde fazem a oração.

A oração termina às sete e depois, rezam-se as Ladainhas da Santíssima Virgem, Respice, Retribuere, de Profundis e a oração ao Anjo da Guarda.

“Prestam contas” de oração e guardam na memória o principal de suas resoluções para pô-las em prática durante o dia.

As que estão escaladas para o serviço dos doentes, dão uma passada na casa da senhora encarregada de preparar a comida deles, a fim de que tudo esteja pronto para saírem às nove e meia.

As que têm o encargo dos remédios, vão levá-los após a oração; de regresso, vão à Missa.

Voltando da Missa, põem-se a aprender a ler e a trabalhar. (2)

Às doze, fazem o exame sobre como praticaram as resoluções tomadas na oração, rezam o Benedicite e almoçam.

Depois das “graças”, recordam de novo as boas resoluções tomadas e pedem a Deus novas forças para praticá-las no resto do dia, porém para isso não se põem de joelhos.

As que estão encarregadas dos remédios vão pegar as receitas na casa do médico e fazem o que for urgente; e as que levam a comida, devem avisar a senhora encarregada de prepará-la para o dia seguinte.

De volta para casa, põem-se a trabalhar, lêem para aprender e depois recapitulam os principais pontos de doutrina, em forma de catecismo, lêem alguma passagem do Santo Evangelho para estimular-se à prática das virtudes e ao serviço do próximo, à imitação do Filho de Deus.

As que estão no serviço dos doentes cuidam continuamente, do que possam precisar, como roupa, lenha, doce de fruta, tisana e outras coisas necessárias.

Às seis, faz-se a leitura e depois dela, o exame sobre a prática das resoluções, depois, rezam o Benedicite, antes da ceia e as graças, após.

Terminada a ceia, fazem o recreio; em seguida, falam sobre o que guardaram da leitura; depois, as que quiserem “prestar contas” em particular, podem fazê-lo.

Trabalham (2) até às nove, fazem o exame geral e em voz alta, rezam o Confiteor, Misereatur, Indulgentiam, Visita quaesumus, Respice, Angelus, Retribuere, o De Profundis e as Ladainhas de Jesus. Deitam-se às dez e antes de o fazer, põem-se de joelhos ao pé da cama para adorar a Deus e pedir-Lhe sua santa bênção para a noite.

As jovens bem que desejariam comungar, algumas vezes, nas festas e do-

mingos. Observam o costume de não o pedirem ao confessor sem mo dizer, e eu me sirvo desta ocasião para adverti-las de algumas faltas que não devem haver em pessoas que comungam com frequência.

Ainda não têm observado o silêncio.

E. 31 (A. 54)

(Projeto de regulamento) (1)

A Confraria da Caridade de viúvas e moças do campo foi instituída para honrar Nosso Senhor, seu Patrono, e a Santíssima Virgem, e, de certo modo, para imitar as mulheres e jovens do Evangelho que seguiam Nosso Senhor e administravam as coisas que Lhe eram necessárias e a seus Apóstolos. E, fazendo isso, trabalhar em sua própria perfeição, na salvação de sua família e na assistência corporal e espiritual dos pobres doentes do dito lugar e das aldeias (*vizinhos*), servindo a eles por si mesmas em sua Paróquia e procurando que nas aldeias sejam bem assistidos pelas boas Irmãs (2) da Caridade que aí estão: fornecerão, de sua bolsa comum, às Caridades das referidas aldeias, as quais não poderiam assistir aos doentes sem a dita ajuda, e procurarão também que umas e outras façam todo o possível para que os pobres que se curarem vivam bem o resto de seus dias e os que morrerem, saiam deste mundo em bom estado.

A referida Confraria será dirigida por três viúvas ou solteiras de certa idade, a ela pertencentes, que serão eleitas pelos demais membros por pluralidade de votos, de três em três anos; esses votos serão recolhidos pelo Superior da Missão ou outro encarregado por ele: das três uma será a Superiora, outra a tesoureira e outra a ecônoma.

A Superiora cuidará de que o presente regulamento seja observado, terá a direção das ditas viúvas (3) quanto ao que se refere à Confraria, receberá na Confraria as moças do campo julgadas aptas (4), despedi-las-á quando nelas não

E. 31 Rc. 5 A. 54. Autógrafo original.

(1) Projeto redigido antes do regulamento de 1645 (Coste XIII p. 551). O título completo (no original) é o seguinte: Projeto de regulamento para reunir moças ou servas dos pobres às Irmãs da Confraria da Caridade nas aldeias.

(2) Os membros da Confraria da Caridade.

(3) O texto aqui está corrigido pelo Padre Vicente.

(4) Primeiros traços, imprecisos ainda, da Companhia das Filhas da Caridade. (Nota da tradutora).

encontrar as condições requeridas para a Confraria, transferi-las-á de um lugar para outro, dirigi-las-á nos caminhos da salvação, ensinar-lhes-á a maneira de bem assistir aos pobres doentes segundo os fins da Companhia, assim como dirigir escolas nas aldeias e corrigi-las-á.

Em uma palavra, será a alma que anima o corpo e o faça funcionar segundo o desígnio de Deus sobre ele; tudo isso, não obstante, atendo-se ao parecer do Padre da Missão nomeado pelo Superior e das outras "oficiais", quando residirem na Casa, ou, se não moram nela, tomará seu parecer somente nas coisas mais importantes.

A tesoureira servirá de conselheira à Superiora e para isso registrará todas as entradas e saídas, terá uma chave do cofre em que são guardados os documentos e o dinheiro da dita Confraria, à exceção de 100 escudos que ficarão em mãos da que desempenha o cargo de ecônoma e prestará conta todos os anos à Diretoria, em presença do dito Superior.

A Ecônoma servirá também de conselheira da Superiora, em caso de necessidade e cuidará, seguindo o parecer da dita Superiora, de que não faltem as provisões e de que quem a substituir na Casa, se aí ela não reside, desempenhe diligentemente tais funções e prestará contas no mesmo dia que a tesoureira.

As ditas viúvas verão a Superiora em Nosso Senhor e Nosso Senhor nela; estarão obrigadas a observar este regulamento e as que residem fora, o que lhes for indicado; umas e outras contribuirão para a conservação desta boa obra, segundo suas capacidades e devoção; amar-se-ão umas às outras, como Irmãs que Nosso Senhor uniu com o vínculo de seu amor; amarão as jovens (4) como as Filhas de Jesus Cristo e se reunirão pelo menos todos os meses para, juntas, tratar a respeito das coisas contidas neste regulamento.

As referidas viúvas farão retiro espiritual uma vez ao ano, para o qual irão à Casa; visitarão as Confrarias da Caridade das aldeias quando a Superiora o ordenar e elas puderem, porém, sempre seguindo ordens do Superior da Missão ou do Sacerdote por ele comissionado.

As moças olharão as viúvas como suas Senhoras e Mães, honrarão a Santíssima Virgem contemplando-a nelas, obedecerão à sua Superiora, vendo Nosso Senhor nela e ela em Nosso Senhor; irão de bom grado aonde forem enviadas, seja à cidade ou às aldeias, regressarão do mesmo modo quando a Superiora as chamar, servirão aos pobres doentes e ensinarão às Irmãs da Caridade daquele lugar como se deve assistir a eles ensinando-lhes também a preparar e administrar os medicamentos, curar as chagas ou outros males. Não sairão de casa senão duas a duas, enquanto possível, para ir à Igreja, ou ir fazer compra de provisões e visitar os pobres em suas casas; não se deterão, pelo caminho, a conversar com ninguém, darão aulas às meninas das aldeias enquanto aí estiverem; e tratarão de formar algumas moças do lugar para, em sua ausên-

cia, continuarem fazendo o mesmo, tudo isso por amor de Deus e sem nenhuma retribuição.

E. 32 (A.47)

(Visita à Confraria de Gournay)

(1636)

É preciso que se tenha um caderno grosso no qual serão registrados o histórico da fundação e o regulamento da Caridade, o nome das Irmãs, a eleição das Oficiais primeira e segunda, a eleição do segundo Procurador, e em seguida colocar-se-á o que se segue:

No dia da Santíssima Trindade, 18 de maio de 1636, as Irmãs da Caridade reuniram-se no Castelo, em presença da senhora de Gournay, a fim de tratar dos assuntos da referida Confraria para o serviço dos pobres; nesta reunião, foi, entre elas, de novo decidido, que continuariam praticando, com fidelidade, o regulamento e procederiam à eleição das Oficiais como nele consta, sem nenhuma preferência, pois, anteriormente, porque o compreenderam mal, passavam sempre cada uma das oficiais de um cargo a outro, fazendo rodizio. Foi resolvido que, no próximo ano, a Tesoureira ou a Encarregada dos móveis continuariam em seu cargo durante o ano seguinte, sendo mudadas as outras duas, a fim de que, a cada ano se possa trocar as que estão com dois anos. A eleição da oficial que tiver de ficar, se fará também por maioria de votos.

Decidiram também que todas vão levar uma vela na procissão a se realizar no terceiro domingo de cada mês, depois das Vésperas e acompanhem, sempre que lhes for possível, o Santíssimo Sacramento, quando levado aos doentes, tanto na ida como na volta.

Nesse mesmo dia, a senhora de Gournay pediu ser admitida na referida Companhia da Caridade, tendo sido recebida. A viúva do falecido N..., posteriormente esposa de N.... que, por se haver mudado para Paris, havia cedido seu posto, também solicitou reingressar na dita Companhia da Caridade, o que lhe foi concedido, mas somente após três meses, pelo menos, de residência aqui e houver manifestado sua intenção de aí ficar, ao menos enquanto seu marido viver.

As senhoras da Caridade propuseram duas questões, a saber: se é necessário esperar que os doentes tenham vendido tudo o que possuem, antes de recebê-los para serem assistidos pela Caridade e, a outra, se deveriam assistir a um doente que esteja de passagem.

Foi-lhes dada a seguinte solução: se os pobres doentes tiverem alguns móveis ou roupas não necessários, como vasilhas de estanho ou coisas parecidas, vinho ou alguma quantidade de trigo ou forma de pão, deveriam vendê-lo antes de serem assistidos pela Caridade, e se algum doente tiver terrenos dos quais não possa dispor, ele poderá ser admitido a receber os cuidados da Caridade, não porém se tiverem um "arpent" (1) livre de impostos.

Elas perguntaram também se poderiam assistir a doentes que tivessem alguns bens e desejassem deixá-los para a Caridade, caso morressem ou então se ficarem curados, servir-se dos referidos bens para reembolsar o que houvesse sido gasto. Foi-lhes respondido que não devem fazê-lo, uma vez que estão obrigadas a servir aos pobres sem visar retribuição; proceder assim, levá-las-ia a correr o risco de perder o que tiverem trazido ou incorrer em litígios, coisa a ser evitada a todo custo; porém se se der o caso em que tendo assistido a um doente que, à sua morte queira doar à Caridade o que possuía, sem ser convidado a isso pelas Irmãs, poderiam aceitá-lo, contando que o dito doente não tenha dívidas, nem herdeiros pobres.

Em outro lugar do livro, deve-se anotar a morte das Irmãs.

Em outro, a admissão dos pobres doentes e sua saída, seja por cura ou por falecimento. E, numa outra parte do livro, anotarão as esmolas extraordinárias feitas à Caridade, o título destas esmolas e os móveis dos doentes. E este caderno será mantido guardado na arca.

E. 33 (A. 21 e 21 bis)

(Pensamentos sobre a Paixão de Nosso Senhor)

(Depois de junho de 1646) (1)

Para honrar o estado de Nosso Senhor depois de sua Ressurreição *(isto é,*

E. 32 Rc. 5. A. 47. *Autógrafo original.*

(1) Arpent: antiga medida agrária francesa.

E. 33 Rc 5 A. 21 e 21 bis. *Autógrafo original.*

(1) Os autógrafos 21 e 21 bis descrevem o processo de uma mesma experiência quaresma-páscoa. Formam um único caderninho. Na primeira página, acha-se escrito: Pensamentos sobre a Ressurreição e sobre... deixando esperar a conclusão: a Paixão. O 21 bis traz datas de 1644 a 1646. A viagem a Chartres realizou-se a 14 de outubro de 1644. A doação a São Lázaro, em março de 1646. Como fala da Oitava de Corpus Christi e este foi a 7 de junho de 1646, Luisa deve tê-lo escrito depois de junho de 1646.

seu estado de glória e felicidade perfeita, tenho de passar por um) purgatório de desejo (*semelhante ao que Ele sofreu até o momento em que*) Deus seu Pai recebeu Seu espírito e nEle, o da natureza humana.

Fidelidade de Jesus Cristo na Cruz para cumprir as Escrituras. Sabendo Jesus que haviam sido executadas quanto ao que Ele deveria fazer, quis aumentar sua própria dor exclamando: "Tenho sede".

O pedido do mau ladrão fez-me pensar que não conhecemos o valor dos sofrimentos; e o do bom, o mérito existente em honrar a justiça, confessar a verdade e o mérito da oração.

Entreguei-me a Deus para aceitar as disposições de sua Providência caso queira que, durante o resto da Quaresma, eu permaneça em solidão interior e mesmo em aflição, para honrar o estado de Jesus Cristo que a Santa Igreja nos apresenta.

Depois de haver constatado que tudo estava cumprido, Jesus, na cruz, teve sede. Seu corpo dilacerado pede, como o cervo o alívio da água. Sua sede era dupla: a saber, do corpo e do espírito: manifesta-a gritando com a simplicidade destas palavras: "Tenho sede" e, rejeitando a bebida que lhe ofereceram, dá testemunho do desejo de que sua pessoa divina se reúna com a do Pai e a do Espírito Santo e esta é sua terceira sede: a de que sejam aplicados seus méritos a todas as almas criadas para o paraíso.

Sabendo Jesus que tudo estava consumado, disse: "Tenho sede!" querendo ir além do necessário e querendo utilizar todos os instantes de sua vida. Escuta, ó minha alma, como ditas unicamente a ti: "Tenho sede" de teu fiel amor.

A morte perdeu seu agulhão: não foi capaz de separar a divindade do corpo de Jesus Cristo, nem a própria graça do corpo bem-aventurado.

As zombarias são próprias dos que não crêem e pedem milagres a fim de fazer o bem. Jesus, ao perdoar, demonstra não haver nEle nenhum ressentimento, nem desejo de vingança pelos desprezos; pede perdão, quando desculpa.

O momento da Redenção da humanidade sendo obra tão admirável, é conhecido pela palavra de Nosso Senhor: "Meu Deus... por que me abandonaste?" que nos mostra como a pessoa divina sofria de maneira extraordinária, como que para discernir esse instante, em que Ele clama: Meu Deus... E pelo mérito infinito deste momento, a natureza humana adquire pleno poder para unir-se com o seu Deus, se quiser servir-se dos meios para a aplicação dele. Meu Deus, meu Deus! por que me abandonaste? Não disse: Meu Pai! o que prova o sofrimento do Filho de Deus, o abandono da segunda Pessoa da Trindade. O Pai abandona seu Filho, para acolher a natureza humana.

Tenho sede! Esta palavra dirige-se ao homem para dar-lhe a conhecer que não basta a morte (*de Jesus Cristo*) se os seus méritos não são aplicados... e não podem ser aplicados sem o consentimento de cada alma... Não se dirige a seu

Pai, não pede de beber, simplesmente diz tenho sede... (2)

Querendo satisfazer minhas dívidas com o Pai Eterno, oferecendo-Lhe a morte de seu Filho, veio-me ao pensamento que isso seria uma temeridade e seria ofendê-IO, se não fosse porque sua bondade consentira no mistério da Encarnação.

A Santa Comunhão do dia de Páscoa, à única ordenada pela Igreja, fez-me hoje pensar que seus filhos iam receber o legado testamentário de seu Esposo; isso me pareceu ser um tesouro que durante todo o ano iria prover-me de tudo quanto necessitasse, obrigando-nos a escolher a vida de Jesus Crucificado como modelo de nossa vida com o fim de que sua ressurreição fosse para nós meio de glória na Eternidade. E para viver desta sorte, pareceu-me que deveria pôr-me com frequência, diante de seus exemplos; para esse fim, pensei que poderia fazer três ou quatro atos cada dia, um de manhã, outro ao meio-dia e o outro à tarde, dirigindo-me à Humanidade santa de Nosso Senhor, à santíssima Virgem e ao Anjo de minha Guarda para abandonar N (3) às disposições de Deus, com o propósito de honrar a vida do Verbo e pedir o espírito de direção e conselho.

A 2 de março, diante das notícias das Irmãs de Nanteuil, reconheci ter cometido uma infidelidade para com Deus, ao deixar-me levár, nos acontecimentos penosos, à agitação e a recorrer aos que podem oferecer-me um remédio e não a Deus, apesar de minha resolução de fazer o contrário.

No dia da Oitava do Santíssimo Sacramento, enquanto O adorava no coro da Igreja de nossos veneráveis Padres, pedi-Lhe pela união amorosa do Verbo com o homem, que eles e nós estivéssemos eternamente unidos e unidos, também sempre, à Hierarquia Apostólica e Romana, mediante uma sólida união de todos os membros da Comunidade com os pobres, como Deus o quer, Renovei o pensamento que havia tido de doar um quadro a Chartres, outro a São Lázaro e à Casa, um outro da Santíssima Virgem rodeada de um símbolo de sua Imaculada Conceição, para alcançar a conservação da pureza numa e noutra Companhia, pedindo-a a Deus, pela pureza de sua Encarnação.

Esta promessa já está cumprida, pois enviei a Chartres uma imagenzinha de Nossa Senhora; a São Lázaro, um quadrinho da Virgem com um terço de nove contas, para honrar os nove meses que Nosso Senhor passou no seio da Santíssima Virgem.

(2) *Seguem-se três curtas linhas difíceis de serem lidas.*

(3) *Em branco; porém pode-se, com probabilidade, ler: "N" (seu filho Miguel).*

Observação: As palavras entre parênteses e em itálico não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

E. 34 (A. 41)

(Sobre as penas do Purgatório)

Pensando nas penas do purgatório, após a morte de uma pessoa de quem se poderia presumir ter vivido pelo menos uns anos sem pecar mortalmente, lembrando-me de ouvir falar que o Purgatório havia certo sofrimento para apagar a pena devida à alma que não tivesse querido e desejado ver a Deus, parece-me perceber as capacidades das almas que se submeteram à aplicação dos sentidos e paixões, sofrendo por um desejo excessivo de ver-se saciadas dEle, como: a vista pelo desejo de vê-IO; ou ouvido, de ouvi-IO; o gosto de prová-IO e saboreá-IO; o olfato, de sentir seu perfume; das paixões da alma; a afetiva, pelo desejo de amá-IO; o ódio, pelo de odiar-se a si mesma.

E. 35 (A. 30)

(Meditação sobre a fome e sede de justiça)

Bem-aventurados os que... A fome e a sede são duas necessidades cobradas com avidez, pela natureza, sobretudo nos corpos sadios; se nossas almas o estão também, devem senti-las, não como paixões, mas como desejos de justiça.

Pela fome de justiça, entendo a renúncia geral e todas as minhas paixões, tão contrárias aos mandamentos de Deus, como à perfeição que Ele me pede; e também, a preocupação de dar ao próximo, por palavra e obra e sentimentos do coração, aquilo que a Caridade requer.

E pela sede, que por ser mais premente, nos deve fazer desejar algo de mais nobre, será a união com nosso Deus e as disposições e meios para alcançá-la, um veemente desejo de que reine em nós o efeito da santa Vontade e de procurar, tanto quanto dependa de nós, que reine ela também nos outros, pois nada é tão justo quando o dono poder dispor, sem resistências, de tudo o que lhe pertence. Para chegar a isso, no que a mim se refere, abandonar-me-ei totalmente à santa Providência, renunciando, para sempre, a meu livre arbítrio que depositarei nas mãos de Deus e de meu Superior; e como prática de renúncia, aceitarei tudo o que o bom Deus me permita acontecer, seja vindo diretamente dEle, seja por meio das criaturas, a cujas decisões me acomodarei, apesar de minhas repugnâncias.

E. 34 Rc. 5 A. 41. Autógrafo em Loods.

E. 35 Rc. 5 A. 30. Original autógrafo.

E. 36 (A. 16)

(Desejo da Sagrada Comunhão)

No dia de São Bento, tive um novo motivo para entregar-me totalmente à Santa Providência: eu recusara comungar e sentindo uma grande dor por meus pecados, vi-me compelida interiormente pelo desejo da Sagrada Comunhão. Pedi a Deus que se tal fosse sua vontade, a mostrasse a meu Confessor. E, sem que nada lhe falasse, ele me mandou chamar para isso.

Senti grande consolo, sendo para mim uma graça especial da Divina Providência; a bondade de Deus me deu a conhecer seu grande amor, porque, tendo esquecido de declarar um pecado na confissão e, sabendo que somente o pecado poderia separar-me de Deus, *(tal fato me fez entender que)* seu Amor era tão grande que nem sequer o pecado poderia impedi-IO de vir a mim.

E. 37 (A. 22)

(Sobre a festa da Santíssima Trindade)

Querendo celebrar a festa da Santíssima Trindade no sábado, como Deus havia prescrito, chamando-o dia do descanso do Senhor, depois dos seis dias da criação do mundo, cuja obra principal foi o homem, pareceu-me que o pecado, de certo modo, o havia aniquilado, tornando-o incapaz de gozar de Deus. E como o designio de Deus é que esse aniquilamento não fosse perpétuo, o mesmo Deus, na distribuição de suas Pessoas, tendo dito: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança", da mesma maneira decidiu redimi-lo, o que é uma nova criação. E como depois *(quisesse)* todos os mistérios de nossa Redenção, o Espírito Santo inspirou à igreja a celebração da festa da Santíssima Trindade; parece-me que, para nós, é uma ordem de Deus, a fim de solenizarmos este dia como o dia do descanso.

E. 36 Rc 5. A. 16. *Autógrafo original.*

E. 37 Rc 5. A. 22. *Autógrafo original.*

Observação: A palavra entre parênteses e em itálico não está no texto; serve de esclarecimento. (Tradutora)

(Sonho na véspera de 8 de dezembro)

“Na véspera da Conceição da Santíssima Virgem, havendo escutado a leitura da epístola do dia, tive, em sonhos, a visão de uma grande escuridão em pleno meio-dia, parecendo-me pouca, no princípio, e depois, seguida de uma noite muito escura que assombrava e a todos espantava. Eu sentia apenas submissão à Justiça Divina. Passada a escuridão, chegou a claridade do pleno dia e, em determinada parte muito alta nas nuvens, vi como que uma figura no estilo de como costumemente nos representam a Transfiguração, que me parecia ter forma de mulher. Contudo meu espírito foi tomado de grande admiração que me levava à gratidão para com Deus, mas era tão grande que meu corpo se ressentia. Acordando neste momento, continueu sentindo ainda a dor durante algum tempo. E esta visão permanecia gravada em meu espírito, contrariamente ao que de ordinário me acontece nos sonhos, mostrando-me que esta primeira graça na Virgem, era o começo da luz que o Filho de Deus devia trazer ao mundo.

Em minha meditação sobre a Epístola, vendo que a santa Igreja aplicava à Santíssima Virgem sua existência antes da criação do mundo, meu espírito o admitiu assim, pensando que, não somente, estava desde toda a eternidade na mente de Deus por sua presciência, mas ainda, preferentemente a qualquer criatura, por causa da dignidade de Mãe de seu Filho para a qual Deus a destinava. Pode existir e assim (*Deus o quis*) antes da criação de todas as coisas terrenas susceptíveis de serem testemunhas do pecado de nossos primeiros pais. E Deus fez um ato explícito de sua vontade para criar a alma da Santíssima Virgem. Poderia ser também um ato efetivo (1); submeto, inteiramente, este pensamento à santa Igreja, servindo-me dele apenas para melhor honrar a Santíssima Virgem e renovar-lhe nossa dependência, a da Companhia em geral, como suas piores filhas, porém, vendo-a também como nossa mui digna e única Mãe. Sejam amados Jesus e Maria!

E. 28 Manuscrito A, Irmã Chétif, 2, n. 38 bis. Cópia. 1.

(1) O de haver criado, já efetivamente, a alma da Virgem. (Nota da tradutora)

Observação: As palavras entre parênteses e em itálico não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

E. 39 (A. 32 bis)

(Pensamento sobre a Santíssima Virgem) (1)

Prostrai-vos ante (2) a Virgem a quem Deus quis redimir antes de criá-la e apresentai-lhe o estado de vossa consciência, pedindo-lhe vos alcance a emenda de vossa vida e remédio para vossas mais prementes necessidades, tais como: um maior amor a seu Filho e mais forte união com sua divindade humanizada.

E. 40 (A. 32 bis)

(Sobre a festa da Epifania)

Não é bastante ter conhecimento de nossos defeitos; é preciso ainda uma ardente vontade de corrigi-los, a fim de limpar a consciência, adorá-la em embelezá-la para o nascimento de Jesus, em nós.

A limpeza é feita mediante confissão de todos os nossos pecados e, o embelezamento, por meio da prática das virtudes, sobretudo, da oração, do jejum e esmola que, de certo modo, servem às pessoas do mundo, como os três votos de religião, a saber: a esmola, em lugar da pobreza; o jejum, em lugar da castidade e a oração, da obediência.

Podemos também oferecê-los diante do presépio como os presentes dos três Reis. A esmola, em vez do ouro; o jejum, no lugar da mirra e, a oração, como incenso; e também, apresentá-los à Santíssima Trindade: a oração, ao Pai; o jejum, ao Filho e, a esmola, ao Espírito Santo. Fazendo assim, adoremos a Deus Encarnado, junto com os Anjos, por meio da oração; com os Reis, por meio da esmola e com os pastores, pelo jejum a Deus nos abençoará.

E. 39 Rc. 5 A. 32 bis. Autógrafo original.

(1) Pedaco de papel rasgado, provavelmente: fragmento de uma carta. Nesta hipótese, o texto foi traduzido como se tivesse sido dirigido somente a uma pessoa. (Nota da tradutora).

(2) No original está: "Adorai". O latim era familiar a Luisa de Marillac: daí o emprego dessa palavra frequentemente usada na Sagrada Escritura com o sentido de "prostrar-se ante". (Nota da tradutora)

E. 40 Rc 5 A. 45 bis. Autógrafo original.

*Regulamento
Para as Irmãs que cuidam das Crianças*

(pelo ano de 1640) (1)

De manhã, quando as Irmãs entrarem na sala das Crianças, pôr-se-ão de joelhos para oferecer a Deus todos os serviços que vão prestar à infância de Nosso Senhor na pessoa dos pequeninos; rezarão o *Veni Sancte Spiritus* e aspergirão com água benta todas as crianças, fazendo com que elevem o coração a Deus.

Levá-las-ão a fazer um ato de adoração, de amor, de agradecimento e de súplica para não O ofenderem durante o dia e durante toda a sua vida.

Depois, encarregarão as moças que estão com elas de levantar as crianças e vesti-las com roupa limpinha.

Quando prontas, devem ajoelhar-se para orar a Deus, fazendo-as rezar os atos de amor de Deus, de adoração, de ação de graças.

Em seguida, dar-lhe-ão a primeira refeição, a saber, aos menores de 3 a 4 anos, sopa bem cozidinha e, aos maiores, os de 5, 6, 7 e 8 anos, um pedaço de pão.

Às 10 horas, terão o cuidado de sentá-los, com ordem, em seus bancos à mesa, para dar-lhes o almoço, depois de havê-los feito rezar o *Benedicte* e, após a comida, as Graças.

Às 13, (*uma Irmã*) reunirá os maiores para explicar-lhes o catecismo e ensinar-lhes conhecer as letras. Depois disso, dar-lhe-á como merenda um pedaço de pão com algumas guloseimas se as tiverem.

Às 16, prepararão o jantar para dá-lo aos meninos.

Às 17, começarão a deitar os pequeninos e farão com que os maiorezinhos e as maiorezinhas rezem. Todos devem estar deitados às 18 horas, porque, tanto no inverno, como no verão, levantam-se às 5 da manhã.

Quando as crianças estiverem deitadas, deve-se ter o cuidado de lhes dar água benta, como pela manhã.

E. 41 Rc 5 A. 80. *Autógrafo original*

(1) Ver a carta do Padre Vicente (*Coste II, p. 114*).

*Vários costumes da Casa principal
(Para submeter à decisão do Padre Vicente)*

(depois de 1641) (1)

Toca-se o sino às 4 horas, para o nosso levantar e, às 4 e meia para o entrar na capela e fazer oração.

Toca-se às 11h30 para o almoço; dão-se três badaladas para sair da mesa.

O toque das Vésperas de São Lázaro serve para avisar-nos a leitura e o silêncio; depois, segue-se a instrução até às 3.

Às 5h30, toca-se para a oração; às 6 horas, para o jantar e, mais ou menos às 6h15, para se sair da mesa, tal como se fez no almoço.

Às 8 horas, é soado para a leitura do Martirólogo e do "ponto da meditação" e, até dar um quarto, algumas Irmãs são chamadas para dizer (*o que vão rezar no dia seguinte*); em seguida, vai-se para a capela para oração.

Desejariamos muito tocar as horas da Saudação Angélica, três vezes ao dia.

Não seria conveniente que as leituras e orações fossem feitas por várias Irmãs, ou frequentemente pelas três "Oficiais" e, às vezes por outras, como se faz com o ofício e leituras em todas as comunidades?

Esta expressão: a Irmã Assistente terá igual poder, não pode ter o sentido de que está acima das outras "Oficiais", isso seria prejudicial e a induziria a que atue imperiosamente; assim já tem acontecido, embora não se tenha declarado, nem tenha havido protestos, por ser a Irmã muito propensa a fazer aquilo que lhe dá crédito e autoridade ante as Irmãs.

Por esta razão, é que (*se sugere*) junto com as outras propostas, que as duas primeiras Irmãs "Oficiais" façam cada uma, por semana, a instrução, crendo-a necessária à Companhia. Já se havia começado assim, porém não se continuou com exatidão, até que se nos dê a ordem de fazê-lo.

Não se precisar do parecer das Irmãs "Oficiais", sobretudo para a transferência das Irmãs, frequentemente por necessidade, coisa que gasta muito tempo para pensá-la depois, quando resolvida, tendo-se motivo, muda-se de decisão, para enviar outra que, com efeito, for mais adequada.

E. 42 Rc 5. A. 76. *Autógrafo original.*

(1) *Depois da transferência da Casa Mãe de São Dionísio para perto de São Lázaro.*

Observação: As palavras entre parênteses e em itálico não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

Observações sobre as Regras (1)
(1º caderno)

Parece que, dada a dificuldade de se ter três Irmãs de confiança e competência na Casa (*Mãe*) seriam suficientes duas "Oficiais", a não ser que se tivesse a outra para ir sendo formada. Ela teria somente a função de anotar os gastos e não a de servir de conselheira e dar seu parecer, como se vem fazendo. Saber se, para melhor compreensão, haveria algo a acrescentar a este artigo.

A primeira Oficial, chamada segunda, não terá o nome de Irmã Servente, pelas razões expostas ao senhor Padre Portail.

No artigo referente à Tesoureira, em lugar de cem libras, seria bom colocar cem escudos, para evitar confusão quando se tenha de fazer gastos extraordinários e que requeiram abrir-se, com muita frequência, o cofre-forte.

A terceira Oficial presta conta, semanalmente, à Tesoureira e esta poderia fazê-lo, todos os meses, à Superiora, é o que é possível a uma e outra, por causa da grande quantidade de assuntos.

(Segundo caderno)

A terceira intenção do ato de adoração do momento da morte de Nosso Senhor, é pelas almas do Purgatório, a fim de que este divino mérito lhes seja aplicado.

No artigo do exame da noite, o que se refere ao prestar contas do que se guardou na leitura ou da oração, é feito depois do Martirológio, caso ainda haja tempo, isto é, não tenha soado o quarto de hora.

A Conferência das sextas-feiras faz-se só depois das orações da noite.

O Catecismo é feito aos domingos e festas, após as Vésperas e a outra instrução mencionada neste artigo, no tempo indicado.

O Artigo 17, deste caderno, é inútil, uma vez que nunca temos crianças desmamadas.

E. 43 Rc 5 A. 91. Autógrafo original

(1) O texto dos regulamentos sobre o qual Luísa de Marillac faz estas observações pôde ser redigido após a Conferência de 14 de junho de 1643. (Coste IX, 113)

Observação: As palavras entre parênteses e em itálico não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

(2) O E. 44 deve situar-se aqui, no final desta passagem sobre o Hospital Geral.

Regras Comuns

Explicar ou suprimir o nome de Irmã Servente num artigo.

No artigo que fala de entregar em mãos da Superiora as cartas e serem enviadas, acrescentar: também as que receberem. Isso seria colocado em primeiro lugar.

No artigo referente ao aviso das faltas, que determina a obrigação de todas fazerem advertência delas, não deveria ser especificado que as "Oficiais" têm de fazê-lo, de modo especial ou necessário?

Parece que a repetição do emprego do dia torna-se aborrecida; bastaria apresentá-lo uma só vez e, em seguida, especificar as questões próprias das paróquias, o que podemos dizer se no-lo ordenem e for necessário.

O costume é que as Irmãs peçam a Sagrada Comunhão à Superiora na Casa, e, nos outros lugares, à Irmã Servente; este exercício de humilhação parece proveitoso, contanto que umas e outras saibam utilizá-lo bem; não se fala dele no capítulo que se trata das Comunhões.

Para as Irmãs das Crianças Abandonadas

O artigo que vem após o 1º e determina o serviço espiritual prestado às Crianças - "não é para imitar à Santíssima Virgem" - parece ter necessidade de alguma palavra de explicação. Se assim for, poder-se-ia fazer um artigo sobre a estima de Nosso Senhor pelo serviço que se lhes presta.

A Irmã Servente deve ter o cuidado de expôr à senhora Tesoureira (*da Obra*) das Crianças, a necessidade de colocá-las, especialmente os garotos, tão logo os vejam em condições de servir ou então de aprender um ofício, tentando, sem que eles o percebam, conhecer suas inclinações e paixões, em particular dos rapazes, a fim de não guardá-los na Casa, depois dos 12 anos. Deve-se, previamente, comunicar isso à Superiora da Companhia das Filhas da Caridade, como qualquer outra coisa, conforme sempre se tem praticado, uma vez que esta relação tem como efeito uma grande união. Portanto, haveria de modificar o artigo que fala de 16 anos, a não ser no caso de algum inválido. Contudo, no caso em que, tendo esta idade, se julgasse que por suas inclinações pudesse prejudicar os meninos, a dita Irmã Servente o exporia, a fim de que as Damas o fizessem transferir para outro hospital de pobres ao qual ele não prejudicasse.

A Irmã que tem de representar a Irmã Servente não deveria ser chamada Assistente pelos Superiores? Não será possível que apenas esta Irmã cuide das Crianças desmamadas; isso requereria uma Irmã especial. Esse artigo seria mais claro se desmembrado em dois.

O seguinte não deveria passar o da Irmã Servente, uma vez que, de novo, a ela se refere?

O seguinte que fala dos meninos maiores parece-me estar compreendido em outro no qual haveria algo a ser reformado, para não figurar como repetição tanto num como no outro.

No artigo que fala em nada acrescentar nem reduzir, seria necessário especificar de que Superiora se trata, pois poder-se-ia entender ser a da Companhia das Damas. Sobre este assunto, eu havia notado algo semelhante a isto que talvez já não seja necessário.

O penúltimo artigo poderia ser desmembrado em dois.

Hospital Geral

Se chegar ao conhecimento delas (*das Irmãs*) alguma necessidade extrema de um dos pobres doentes, quer de ordem espiritual, quer temporal, a Irmã Servente o advertirá a uma das Senhora encarregadas da instrução.

Consertar o artigo que fala de mandar batizar as crianças, a não ser aquelas que se acharem em caso extremo, porque as Irmãs não devem mais fazer batizá-las nesse bairro.

Não tenham relacionamento com as Religiosas nem delas recebam coisa alguma; perguntar ao senhor Padre (*Vicente?*) se julga conveniente que peçam às Religiosas os remédios que lhes forem necessários em suas próprias enfermidades, coisa que, de bom grado, as Religiosas atendem. Isso introduziu-se há alguns anos, sem o sabemos e, até as enviavam a cirurgiões, para fazer-lhes sangrias. Tenho impedido, há algum tempo, as sangrias, não porém a solicitação de remédios, pois queria propor-lhe a pergunta.

Não falar, no artigo que trata das Crianças desmamadas, de fazer como na Casa (*Mãe*), pois, já não estão mais aí.

No último artigo, em lugar de: "fará levar algumas crianças", "avisará à Irmã Servente do Hospital que as envie."

Que um artigo fale do trabalho, assim como nas paróquias.

Que a Irmã Servente tenha o cuidado de anotar os nomes das Senhoras que lhe levem dinheiro, o dia e a soma recebida para prestar conta disso à senhora Tesoureira do Hospital Geral.

Enquanto houver, em Notre Dame, cofres (*para esmolas*) em favor das regiões devastadas e, se depois forem deixados para as esmolas em favor das Crianças e as Irmãs tivessem as chaves deles (*dos cofres*), terão o cuidado de esvaziá-los pelos menos todas as semanas e, à noitinha (*nos dias*) das grandes festas, lembrando-se de que devem depositá-las, com exatidão, em mãos da senhora encarregada disso. (2)

As Irmãs das Paróquias

Acrescentar aí, o respeito devido às senhoras e ao médico, a quem terão de tratar com grande reserva, assim como os Confessores dos Pobres.

No cuidado que devem ter na preparação dos doentes para receber os Sacramentos, fazer o possível para ajudá-los a preparar-se bem, como ainda, proporcionar-lhes consolo quando realmente o necessitem, respeitá-los e falar-lhes com doçura e humildade, não pensando que os doentes têm de lhes ser agradecidos pelos serviços que lhes prestam.

Não fazer maior caso dos louvores que das injúrias e desprezos que os pobres lhes dão, mas deles usar, desejando interiormente as primeiras e recebendo com agrado os outros, para honrar os desprezos feitos ao Filho de Deus.

Que num artigo conste que elas devem arrumar as camas, quando o for necessário e a Irmã Servente o saiba.

Outro (*expresse*) que devem ser diligentes em tudo e trabalhar quando o serviço dos Pobres (*não oferecer trabalho suficiente*) e se não tiver serviço, poderiam pedi-lo na Casa (*Mãe*), como várias já o fazem.

Muitas dessas coisas podem estar nas Regras Comuns, porém como isso lhes diz respeito em particular, ser-lhes-á mais útil que figurem nas suas também.

Dos forçados das galés

Incluir em algum dos artigos que (*as Irmãs*) não devem, de modo algum, discutir com os forçados, ainda que para fazê-los compreender os motivos de descontentamento que digam receber delas; não devem censurá-los, nem falar-lhes com dureza, mas, ter por eles grande compaixão, tanto por seu estado espiritual, como pelo corporal, digno de lástima.

Jamais devem falar com algum deles em particular, nem dar crédito às palavras que os justificam, nem mesmo quando seus parentes lhes falam para que elas os ajudem e tirá-los de lá, por causa dos males que têm resultado disso.

No artigo que fala do temporal e que obriga as Irmãs a pedirem o parecer da Irmã Servente, mudar a palavra por outra mais compreensível.

Quando tiverem de fazer alguma despesa extraordinária para os Galeotes, (*a Irmã Servente*) pedirá o parecer da Superiora da Casa (*Mãe*) a qual, segundo a necessidade ou grande utilidade lhe dirá que não a faça sem permissão do senhor substituto do senhor Procurador Geral, que, atualmente, é o senhor Icar.

Por ser este lugar o que apresenta mais perigos e dificuldades, tanto pelo que se refere ao manejo do dinheiro como à condição das pessoas, devem quanto lhes seja possível, conseguir, de vez em quando, a ida até lá de algumas se-

nhoras da paróquia para estarem presentes enquanto elas o servem. E, se essa Caridade chegasse a arrefecer-se, avisá-lo-iam ao Revmo. Padre Superior ou inclusive, à Superiora para que, ou por seus conselhos ou por si mesmos, procurem remediar a situação.

E, sobretudo devem ser cumpridoras exatas de suas Regras mais do que outras, pois, têm mais tempo para isso, do que em outros lugares e devem invocar o Espírito Santo para purificar seus pensamentos, palavras e ações.

Dos Hospitais

(*Pôr*) no final: e para isso, antes de (*os doentes*) saírem, façam de novo uma boa confissão e comunhão.

A Irmã Servente efetua tal coisa com exatidão: trata-se do dinheiro e do preço das roupas dos que morrem.

No artigo que fala do exortar os doentes à Sagrada Comunhão todos os domingos, isto deve ser sempre com o consentimento de quem é o encarregado de administrar os Sacramentos; porém elas podem induzi-los a que o peçam por si mesmos. Em alguns lugares, os Eclesiásticos acham ruim que as Irmãs os pressionem; de fato, com frequência, é de se temer que, no fazer receber os Sacramentos, se busque mais a santificação dos que cuidam dos doentes, do que proporcionar-lhes uma boa preparação (*para recebê-los*).

O artigo anterior que prescreve se dê um ovo ou um caldo às 7 horas... é muito tarde; a não ser que a plantonista tivesse feito os mais graves tomarem alimento às 4; no caso, deve informá-lo à Irmã que a substitui.

Parece haver um artigo que exclui ou não permite às Irmãs comunicarem à Superiora da Casa suas penas e assuntos espirituais; creio que isso poderia ser prejudicial a algumas.

A leitura das Regras não convém ser feita durante a refeição, porque nem todas as Irmãs estão presentes; parece-me seria melhor que fosse feita após o jantar, quando todas já estão em casa ou, depois da refeição, em lugar de outra leitura, antes da hora do silêncio.

Quando estiverem ausentes nas horas de observância das Regras, por causa do serviço dos pobres, transportar-se aí, em espírito, de vez em quando.

Ter sempre uma Assistente quando o número de Irmãs exceder a três; deve-se pedi-la ao Superior Geral ou avisar à Superiora quando não a tiverem, para que, a seu pedido, se possa tê-la.

Não seria necessário esclarecer mais o artigo que fala do "Benedicite" dos doentes, determinando-se que a Irmã Servente peça ao Padre presente, seja de casa ou de fora, que o reze?

(Observações sobre as Regras) (1)
Irmãs a serviço nas aldeias

Por causa dos perigos que podem advir das sangrias e purgantes, *(as Irmãs)* tomarão cuidado em empregá-las somente quando necessários. Por isso, se chamadas para ver algum paciente, depois da acolhida que devem dispensar-lhes cumprimentando-os cordial e afetuosamente, se informarão do tempo em que estão doentes e começarão a lhes dar lavagens ou sangrias se estiverem sentido enjôo. Se as febres continuarem, deverão repeti-las três ou quatro vezes. Se a febre persistir ainda, picarão no pé, depois voltarão a fazê-lo no braço até que ceda. Começarão a purgar com alguma tisana laxativa, quando for febre intermitente e com aumento de calafrios. Tomarão cuidado em não dar nenhum remédio enquanto durarem esses calafrios e o suor, a não ser um copo de água "mais ou menos forte": água misturada com uma pequena dose de teriaga (2), pouco antes de que voltem a aparecer os calafrios.

Não podem adotar o regulamento que seguem em Paris, as Mestras de Escola; o farão só com meninas, porém, a qualquer hora, devem receber todas as que querem vir aprender, de qualquer idade que sejam, tendo a discricção de levarem as acanhadas ou medrosas para um lugar reservado para elas, aconselho-as com muita cordialidade mesmo quando chegam à hora de sua refeição ou muito tarde, ensinando que elas devem se habituar e rezar de joelhos pela manhã e à noite.

Nos lugares onde há pouco trabalho, têm de ser muito fiéis em observar seu regulamento e em empregar bem o tempo; e se o trabalho não lhes for suficiente para ganhar parte de sua vida, pelo menos, devem ocupar-se em fiar para mandarem tecer.

Como as Irmãs das aldeias estão afastadas da Casa e, por conseguinte, dos avisos para sua orientação e da ajuda para se levantar de suas faltas e pequenas penas interiores, além de poderem escrever sobre isso a seus Superiores, ajudar-se-ão mutuamente, praticando entre si uma grande tolerância e cordialidade, que lhes possa dar liberdade para falarem, com reserva, daquilo que pudesse prejudicar a sua Irmã.

Como é muito fácil desviar-se das boas práticas e resoluções, é necessário acautelar-se, principalmente para não caírem em murmurações, malediscências e queixas, como o fazem com muita frequência, os aldeões. Sobretudo não falarão nunca do que ocorre entre elas, pensando que se encontram naquele lugar por ordem da Divina Providência para servir de edificação, e que atrairiam (castigos) sobre si mesmas e sobre a Companhia, se chegarem a dar

escândalos ou maledificação.

Se se vêm obrigadas a permanecer muito tempo fora de sua casa para servir ao próximo, conforme suas obrigações, levarão consigo algumas provisões para quando tiverem necessidade de tomar alimento, a fim de não se verem forçadas a ter de tomá-lo fora; e se por surpresa ou esquecimento, se virem na necessidade de pedir aos pobres alguma coisa para comer, que elas lhes paguem a fim de não serem peso para eles e demonstrarão sua necessidade para não dar oportunidade para que se as acuse de gula.

Quando se encontrarem em algum lugar onde as igrejas estejam desleixadas e sujas, com as lâmpadas apagadas, porque ninguém delas cuida, avisá-las à Superiora para pedir-lhe seu parecer sobre se devem encarregar-se de tal trabalho.

Para a instrução na Escola

No artigo que fala do cuidado em se verificar, mensalmente, quais as (alunas) que costumam faltar, a fim de repreendê-las, acrescentar: e dar algum prêmio às que são assíduas.

Irmã Servente dos Hospitais

Tratará sua Assistente com respeito, pedindo-lhe, sempre que puder, sua opinião nos assuntos duvidosos, porém, de tal modo que jamais lhe dê a conhecer o segredo das outras.

Nunca repreenderá as Irmãs por suas faltas em momento em que ela própria ou a Irmã estiver zangada, a fim de não envergonhá-la e também para que a sua advertência seja proveitosa.

De modo algum descobrirá os erros das Irmãs e, quando for avisada deles, não deixará ver que tem má opinião delas. Agradecerá à Irmã que a adverte, excusando, tanto quanto possível, a faltosa.

A Irmã que recebe os doentes

Informará quanto dinheiro encontrou nos recém-chegados anotando-o para prestar conta dele, no momento oportuno.

Avisará ao senhor médico sobre os que tenham chegado.

A que serve aos debilitados

Avisará à Irmã Servente quais os doentes que se alimentam muito pouco

por inapetência ou outro motivo, para que ela tome as devidas providências.

*A que se encarrega de preparar
a alimentação nos dias de abstinência*

Se se trata de lugares onde não há o costume de tomar papade leite ou outro líquido com farinha, não deve introduzi-lo, pois não é alimento muito próprio para os doentes (*e sim para os bebês*); em seu lugar poderia fazer umas boas torradas de pão com manteiga, molhando-as com um pouco d'água antes de passar a manteiga e também ovos preparados na caçarola de fazer tortas.

A que cuida das vasilhas

Quando se estragam peças, terá o cuidado de recolhê-las e avisar à Irmã Servente quando for necessário substituí-las.

A Veladora

Já de tardinha, terá o cuidado de perguntar à Irmã Servente se há algum doente a quem urja administrar-lhe os Sacramentos e poderão juntas dar uma volta pelas enfermidades para não serem surpreendidas, pensando que a hora das trevas é a do demônio e, por este motivo deve acautelar-se desconfiando de tudo, para recorrer a Deus e a seu Anjo da Guarda.

A Irmã que substituiu a veladora pensará igualmente que deve desconfiar de tudo, do mesmo modo a que deixa o plantão, uma vez que, no inverno, entrará às 3 horas da madrugada e ficará sozinha nas salas.

A Lavadeira

No último artigo para as moças que devem lavar, não excluir dele os outros quando a Irmã Servente o ordenar.

A Irmã Lavadeira, ao colocar a roupa, tenha o cuidado de separar a que precisa de remendo e a que já não presta, como também separar a roupa de homem da de mulher.

A Irmã encarregada da roupa dos mortos

No artigo que diz que ela comprará as coisas miúdas necessárias, acrescentar: por ordem da Irmã Servente.

E também: para a venda das roupas em bom uso, pedir a opinião dos senhores Padres.

Hospitais

Em nome de Deus, as Irmãs levantar-se-ão às quatro em ponto; depois de fazer um ato de adoração, vestir-se-ão e farão a cama. Às quatro e três quartos, começarão e oração. Devem terminá-la às cinco e meia, rezando em seguida as ladainhas de Jesus e duas dezenas do terço.

As seis, irão todas ao hospital para despejar os jarros e bacias e fazer as camas dos doentes. Antes de sair, todas terão tomado um pouco de vinho e de pão, exceto nos dias de comunhão, em que se contentarão em cheirar vinagre e, com ele, esfregar as mãos. Possivelmente, terão necessidade disso só até que se tenham acostumado com o hábito dos doentes.

Darão como desjejum aos mais graves, um caldo ou um ovo cru e, aos menos graves, manteiga fresca ou maçãs cozidas; a uns e outros, às sete horas.

As Irmãs ouvirão Missa todos os dias. Porém antes, terão (1) (de ministrar os remédios) receitados e terão o cuidado de (dar os caldos) nas horas prescritas.

As Irmãs que tivessem necessidade de tomar o café da manhã (irão fazê-lo) em seguida e, voltarão aos (doentes para) consolar (os moribundos e instruir) os que (precisarem, nas coisas necessárias à salvação), a fim de que (possam fazer uma confissão geral de toda a sua vida passada) e se disponham a se confessar e a fazer uma (boa) Comunhão todos os domingos, enquanto continuarem doentes; a receberem, a tempo, a Extrema Unção; aqueles que sararem, a resolver-se a não mais ofender a Deus e, em caso de o fazerem, confessar-se o quanto antes.

Darão almoço aos doentes, às dez horas em ponto e, se são elas que lhes devem preparar a comida, constará, pelo menos, de carne de vitelo e carneiro, com um pouco de carne de boi e, à noite, carne assada ou cozida.

E para os doentes que não comem carne, darão mais caldos do que para os outros e ovos crus: pelo menos quatro caldos ao dia e três ovos.

Uma vez servida a comida dos pobres, uma das Irmãs ficará no Hospital enquanto as demais irão almoçar às onze horas em ponto, depois de haverem feito

E. 45 Rc 5 A. 88. Autógrafo original.

(1) Neste lugar, o autógrafo está rasgado e não se vêem mais os finais de linha. Completamos o texto com passagens correspondentes, da Cópia do Regulamento de Angers, escrito por Mademoiselle.

As palavras acrescentadas estão entre parênteses. (Nota de Irmã Geoffre)

o exame. Durante a refeição lerão por turnos e depois das "Graças", rezarão uma dezena do terço; imediatamente, duas voltarão ao Hospital a fim de recrearem os doentes; ao mesmo tempo elas mesmas se distraem. A que havia ficado aí, irá almoçar juntamente com a leitora, na segunda mesa.

Depois que estas duas tiverem rezado as "Graças" como as (2) (outras e) levantado da mesa, irão ao hospital recrear-se (com os) doentes, enquanto as outras duas irão à sua casa (para costurar o que houver), seja a roupa dos (pobres), seja a de sua pequena Comunidade.

(Se não existir a Companhia das Damas (da Caridade) para darem (a consoadas) (3) todas irão ao hospital (exatamente às duas horas) para dá-la aos pobres doentes, repartindo-lhes algumas guloseimas como torradinhas ou peras cozidas.

(As que tiverem) trabalho para fazer, (irão embora para realizá-lo ou se nada tiverem de urgente...) (irão para junto) dos doentes (prepararão os recém-chegados para a Confissão), Geral, (instruindo-os antes de) se confessarem.

(Às quatro horas, aplicarão as lavagens, mudarão os lençóis que estiverem sujos, esvaziarão as bacias, arranjarão um pouco as camas dos pacientes, sem que eles se levantem).

Às cinco, darão o jantar aos doentes; depois do jantar, a mesma Irmã que esteve após o almoço ficará no Hospital; as outras irão jantar, depois do exame que farão durante um quarto de hora, a modo de recapitulação, ponto por ponto, da oração, a não ser que façam então a meia hora de oração seguida do exame. Durante o jantar, farão leitura.

Depois de darem "Graças", mais ou menos às seis e meia, irão ao hospital e a Irmã que aí ficou, irá jantar com a da leitura; as primeiras cuidarão de que todos os doentes estejam deitados às sete horas e tenham água, um pouco de vinho ou alguma guloseima para os que tiverem necessidade.

Às sete e meia, todas as Irmãs irão ao Hospital para fazer o exame de consciência em voz alta no meio dos pobres, rezarão as ladainhas da Virgem e darão água benta aos doentes.

A Veladora disporá de um livro para, durante a noite, ler se o desejar, e, sem prejudicar o serviço dos doentes.

A Veladora despertará as outras às quatro horas, depois de haver feito a oração às três e meia e se deitará depois de haver tomado o café da manhã, se o desejar; levantar-se-á às nove para ouvir a Santa Missa. Irá em seu lugar para o Hospital, outra Irmã que fará, aí, junto com as outras, a oração.

Todas as Irmãs, umas após as outras, velarão.

(2) Reverso da página rasgada: ver a nota anterior.

(3) Hoje chamaríamos merenda. (Nota da tradutora)

As Irmãs não sairão à cidade e dentro de sua casa guardarão grande modéstia, pensando com frequência na presença de Deus; falarão, modestamente, às pessoas de fora e com grande mansidão, o mesmo fazendo entre si e com os doentes.

Penso que haveria algo a ser dito acerca do trato com as Religiosas.

Seria de desejar que as Irmãs tivessem à sua disposição, para poder dá-los aos doentes, geléia, fruta, açúcar, algumas garrafas de vinho para evitar que os doentes, fora das refeições, tomem por sua conta do azedo quando necessitam tomar um golezinho.

Que tenham roupa dos doentes para mantê-los sempre limpos.

Que haja, no Hospital, várias pias de água benta, ou, pelo menos dois oratórios em forma de altazinho.

Que tenham quatro Cruzes para deixá-las aos doentes que receberam a Extrema-Unção, sugerindo-lhes que digam: Jesus, Maria; a essas Cruzes se terão aplicado a indulgência plenária.

Que disponham de quatro cobertas tecidas de lã ou de pêlo de cabra ou um impermeável para colocá-los na cama dos doentes quando fazem confissão extraordinária com pessoas que não são da casa.

Que haja no Hospital, pequenas pias de cobre para se poder esvaziar com mais facilidade as bacias e outras duas maiores, sempre cheias d'água fixas na parede, desaguando na fossa ou noutro lugar, destinados a lavar os jarros e bacias.

Que haja, no dito Hospital, dois defumadores que se acenderão em caso de necessidade, porém só com perfumes suaves como zimbro, bagas de loureiro ou, às vezes, podem queimar-se nos fornos crostas de pão ou jogar vinagre nas grelhas em brasa.

Seria de desejar que as moças que nos propõem para ajudar as nossas, tivessem suas camas no Hospital, a fim de servirem de companhia à veladora.

É necessário que haja o Hospital e, a cargo das Irmãs, colheres, canequinhas, pratos para servir a comida aos doentes; as indicações de como hão de fazer este serviço, não se acham aqui.

Não falo do ato que me parece devem fazer com os pobres de manhã, nem do Benedicite e Graças com os doentes, por não saber o que os Religiosos fazem, aliás, parece-me que haveria tanto a dizer para animar suas ações, que é melhor deixá-lo para cada ocasião.

Se me ocorrer alguma coisa, eu lhe escreverei, se Deus quiser.

E. 46 (A. 40)

(Pequena anotação sobre o Irmão Antônio)

A primeira coisa que aprendi do bom Irmão Antônio é que devemos estar sempre unidos a Deus, dependendo inteiramente d'Ele em tudo. Atribuir-Lhe a glória ficando alegres com qualquer acontecimento; não querer senão o que Ele quer de nós; fidelidade em aproveitar as ocasiões.

Tendo eu ficado aflito e com medo de morrer quando estive às portas da morte, porque não havia servido o próximo, (*resolvi*) entregar-me a isso, com mais empenho, o resto de minha vida.

(*Aprendi*) que não é o hábito, nem são as condições que me movem a amar a Deus, mas, a preparação de um coração aberto a tudo quanto Lhe agrade.

Que não mais devo olhar meu filho senão como filho de Deus e só amá-lo como tal e, por amor de Deus, sofrer a privação de vê-lo sempre.

E. 47 (A. 84)

*Modo de tratar os doentes
no Hospital de Saint-Denis*

(1645)

As Irmãs terão grande cuidado em que os doentes mais fracos, os que não podem comer carne, nem pão, tomem, de três em três horas, caldos e ovos, alternando uns com os outros, além de algum docinho posto na sua boca, segundo o necessitem ou lhes apeteça, contanto que não lhes prejudique a saúde.

Estarão também atentas a que os mais graves se lavem a boca ou se lhes faça essa higiene bucal com frequência, a fim de se evitar úlceras contagiosas. Igualmente terão cautela com eles, para que não lhes sobrevenha a gangrena.

Em caso de grande necessidade, como quando tais doentes não possam tomar caldo e ovos, dar-lhes-ão geléia e caldo suculento e terão que fazê-lo em pouca quantidade e mais freqüentemente. Os doentes que não bebem vinho, tomarão chá ou água doce.

E. 46 Rc 5 A. 40. *Autógrafo original.*

Observação: As palavras entre parênteses e em itálico não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

Para os que gostam de vinho, as Irmãs terão todo o cuidado em botar bastante água nele e que o tomem somente às refeições. Darão aos doentes a quantidade de pão que possam comer sem lhes fazer mal e que seja pão dormido.

Diariamente será posto na sopa meia libra de carne, por doente; assim haverá caldo para o dia todo; e, à tarde, mais ou menos uma libra de carne assada para cada três doentes; a essa hora, os que não puderem comer, tomarão caldo com um ovo.

Os doentes tomarão o café da manhã às 7 horas, almoçarão às 10, merendarão às 3 horas e jantarão às 5 horas e meia.

Comerão somente carne de vitelo ou carneiro e, na mesma panela (*em que foi feita esta carne*) se porá para cozinhar a carne de vaca para as Irmãs que os servem, à razão de três quartos de uma libra para cada uma; deste modo, obter-se-á melhor caldo.

Nos dias de abstinência se fará sopa de legumes, que tomarão desde cedo, pela manhã; nela serão colocados ovos à razão de um para cada duas porções; no verão, na sopa do almoço não se porá ovo; sim porém, no inverno, quando não é fácil encontrar-se legumes.

Tratarão de fazer doce de calda, xaropes e outras conservas, como o permita a estação.

Projeto da ordem a ser seguida pelas Filhas da Caridade da cidade de Saint-Denis, França

Para estabelecer-se melhor esta ordem, pedir-se-á (1) o antigo Saint-Denis para a recepção dos doentes, e assim, serão admitidos (2) no hospital só os que forem convenientes e, para a tranquilidade das Irmãs, ver se não será preciso que os doentes que se apresentam, já tenham sido olhados pelo cirurgião contratado para o serviço dos doentes, embora não resida no hospital.

Os exercícios das Irmãs serão feitos (3) mais ou menos como o são no hospital de Angers (4), dando sendo preferência às necessidades dos pacientes.

E. 47. Rc 5 A 84. Autógrafo original.

(1) Correção feita pelo Padre Vicente: "*pedir-se-á*".

(2) Anotação do Padre Vicente: "*quem guardará o registro de admissão e saída dos doentes será o Capelão ou a Irmã Servente*".

(3) Correção do Padre Vicente: "*tem que ser proposto*".

(4) Anotação do Padre Vicente: "*para isso terão uma cópia e verão o que se pode acrescentar*".

Observação: As palavras entre parênteses e em itálico não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

Cada Irmã, por rodizio, cuidará de prover às necessidades que os enfermos possam ter durante a noite, e, mesmo que não vele a noite toda, ela se levantará duas horas mais tarde que as outras.

Quando a necessidade dos doentes o requeira, velarão a noite inteira, por turno, e a veladora, depois de despertar as outras às 4 horas, irá deitar-se e só se levantará à 9.

A Irmã Servente receberá os doentes, lavar-lhes-á os pés, trocar-lhes-á a camisa, dar-lhes-á, se preciso, um gorro e terá o capricho de recolher as roupas e o dinheiro se os pobres o têm, anotando tudo num caderno, a fim de lhes devolver se se curarem, ou, se morrerem, vender as roupas, lançando o resultado na conta, como entrada.

Encarregar-se-á de todas as provisões indispensáveis à casa, conforme se lhe ordenar, seja indo ela própria buscá-las, seja enviado outra Irmã, calculando bem o tempo a fim de que nem os doentes, nem as Irmãs se vejam prejudicados no serviço do hospital.

Receberá as pessoas de fora, acolhendo-as afavelmente, e permitir-lhes-á servirem aos doentes em horas ordinárias, tomando, entretanto, cuidado em não perder tempo em conversas inúteis com elas.

Encarregar-se-á ou fará com que outros se ocupem da preparação dos doentes para, quanto antes, fazerem a confissão geral, caso não o tenham feito e, os que já o fizeram, predispô-los a uma confissão desde aquela ocasião, a não ser que o doente esteja muito grave, neste caso, em geral, o levará a rezar atos de fé, esperança e caridade necessários à salvação. Ensinar-lhe-á que é preciso ter arrependimento de seus pecados da vida passada, pedindo perdão a Deus por eles, de todo coração, advertindo-o que diga, em particular, a seu confessor todos os pecados de que se lembrar, procurando infundir temor naqueles que precisarem e, ao contrário, confiança, aos muito temerosos.

Ainda quando os doentes já tenham recebido os sacramentos à sua chegada no hospital, cuidará de que, uma vez recobrada a saúde, façam de novo uma confissão e recebam a comunhão na capela, ensinando-lhes o que devem fazer para viver como bons cristãos. Quanto aos doentes que ela prevê que vão morrer, zelarão para se confessarem com frequência, dispondo-os a uma boa morte, ajudando-os a se desapegarem da terra e das criaturas e a desejarem o Céu, tratando de mantê-los em sentimento de penitência e de esperança na morte de Jesus Crucificado, tendo grande atenção para que recebam o último sacramento para o qual os preparará.

A dita Irmã Servente será também encarregada de mandar embora os doentes e nisso, como em tudo o mais, agirá com grande mansidão e caridade, porém também com prudência e justiça, cuidando de que tenham sido devidamente purgados e suficientemente fortalecidos, temendo que, à falta disso, ve-

nam a recair, o que seria prejudicial a eles e pesará muito para a Casa. Não deve porém cair numa certa timidez natural que a induza a deixar no hospital, em tempo excessivo, os mandriões e preguiçosos; imitará a Nosso Senhor que, tão logo curava os doentes, fazia-os caminhar.

Terá também o cuidado de, se no hospital houver moças, procurar colocá-las como empregadas ou recomendá-las a alguns senhores da cidade; não sairão do hospital para lhes conseguir tal trabalho, sabendo que sua principal obrigação é o serviço que há de prestar a seus pobres doentes. Por elas, igualmente, nem ela, nem as outras Irmãs darão recados na cidade: somente em caso de urgência; encarregarão outros de o fazerem, seguindo sempre o parecer da Irmã Servente, como nas demais ações suas.

A dita Irmã Servente buscará ajuda no conselho de suas Irmãs, especialmente no da Irmã encarregada da farmácia, pois será a que pode ter maior conhecimento do estado dos pacientes; porém, da mesma maneira que é necessário que ela pratique esse ato de submissão com cordialidade, mansidão e verdadeira humildade, às vezes, abrindo mão de seu próprio parecer, não sendo coisa de importância, assim também, terá a Irmã de fazer outro tanto, cedendo sempre à opinião de sua Irmã Servente, quando não vir interesse especial tanto para a glória de Deus, como para o serviço do próximo.

Um as e outras se manterão em verdadeira união, guardando-se de demonstrar o contrário, ainda quando as más inclinações da natureza, os hábitos ou assomos de mau humor lhes inspirarem disposições contrárias. Lembrar-se-ão de honrar sempre a união da Santíssima Trindade, pela qual toda a ordem do mundo foi criada e se conserva e a quem se lembrarão que devem estar submissas.

A Irmã boticária terá grande cuidado em conservar sempre as drogas em bom estado: nada se estrague, nem se perca; todos os utensílios estejam limpos; os doentes tomem os remédios no momento necessário; avisará ao médico e cirurgião a fim de que os visitem a tempo e terá particular obrigação de comunicar à Irmã Servente o estado dos doentes para, por ordem sua, fazer com que lhe administrem os Sacramentos como foi dito e não fará nenhuma das outras coisas de seu ofício sem esse mandato.

A referida Irmã boticária ou alguma outra Irmã sangrará também os doentes, quando o cirurgião não estiver presente no momento necessário, fazendo também curativo de feridas, deverá ainda saber que esse seu ofício não a impede de dedicar-se aos outros da casa como: receber os doentes de modo como costuma fazê-lo a Irmã Servente - quando esta estiver ausente ou a encarregar disso - lavar a louça, a roupa e velar quando for sua vez, a não ser que, por ter, numa determinada ocasião, muito trabalho em seu próprio ofício, a Irmã Servente julgue conveniente dispensá-la. A Irmã Servente fará também, por seu turno, os

mesmos ofícios, devendo ser a primeira a dar às outras, exemplo de todas as virtudes e de trabalho.

A Irmã da portaria será muito pontual em seu trabalho e não deixará ninguém entrar na Casa sem a permissão da Irmã Servente. Servirá aos doentes quando for seu dia, como as demais Irmãs, sem por isso deixar de fazer seu ofício, exceto quando tiver feito plantão à noite, porque, então, outra Irmã a substituirá, pela manhã.

As Irmãs Serventes saberão que devem conservar (5) o Registro de entrada e saída dos doentes, seja por falecimento ou por outra causa; haverá três Registros: o de entrada no qual se anotará o ano, mês e dia da admissão dos doentes, seu nome, profissão e naturalidade, colocando-lhes no braço uma etiqueta, assim como em suas roupas que serão recolhidas. Terão o cuidado de guardar também os papéis de importância ou cartas que possam encontrar, como ainda avisará aos familiares o falecimento ou a cura de seus doentes. Neste último caso, se o julgarem necessário.

O segundo Registro servirá para apontar os doentes com alta, fazendo constar o tempo de internamento no hospital.

E, no terceiro, anotar-se-á o nome e a nacionalidade dos falecidos e a duração de sua doença e se deixaram alguma recomendação às Irmãs. Estas, pedindo conselho, procurarão cumpri-las o quanto antes.

A Irmã Servente e todas as outras Irmãs cuidarão da boa administração da Casa; os bens dos Pobres sejam conservados e procurarão fazê-los render, enquanto lhes seja possível, dando às pessoas de fora ocasião de conhecer sua boa administração e sobretudo seu esmerado serviço aos pobres e o bom exemplo que hão de dar tanto aos que visitam o hospital, como aos próprios doentes, que serão sempre testemunhas de sua caridosa conduta.

Não receberão nenhum desconhecido seu para comer nem dormir no hospital, nem sequer suas Irmãs da Caridade, a não ser que tragam meios para sua manutenção, como lhes está ordenado e tenham permissão de ir até lá.

“– Além de tudo o que foi dito, ajustar-se-ão tanto quanto o puderem à ordem do dia e às práticas que se observam na Casa da Diretora que reside em Paris (6); para este fim, terão uma cópia (*da referida ordem do dia*) que, de vez em quando, será lida juntamente com este –”.

(5) Nota escrita pelo Padre Vicente: “se for a Irmã Servente que deve guardá-la”.

(6) “Reside em Paris:” escrito pelo Padre Vicente.

E. 48 (A 91 bis)

Regulamento para a Casa principal

"Oficiais" de cargo eletivo:

A Superiora

A primeira Assistente

A Tesoureira

A Despenseira

A Zeladora das Irmãs Novas

As que estão à frente de trabalhos caseiros:

A Despertadora

A Professora

A Porteira

A Boticária

A Padeira

A Cozinha

A Jardineira (ou Horteloa)

A Lavadeira

Obrigações da Superiora

2.(1) Deve crer-se muito incapaz de virtudes sólidas; Deus a escolheu para servir às outras, a fim de que, por esse meio, a vergonha de não ser o que queria que as outras fossem, a leve a adquirir o conhecimento de si mesma.

Considere-se como o burro da Companhia carregado de preciosos tesouros dos quais deve dar conta muito exata. Não deve olhar-se a si mesma quando for, em geral ou em particular, questão do bem da Companhia, porém procurá-lo mais no tocante ao espiritual do que ao material, embora também deva cuidar dele com grande atenção. Terá enorme confiança na Divina Providência, tanto para com um, como para o outro.

1. Uma vez eleita, deve pensar que precisa desapegar-se, inteiramente, da preocupação consigo mesma, pois se entregou, de modo total, a Deus para cumprir sua santa vontade, em tão importante emprego.

Sua principal atenção será para com as Regras para que sejam cumpridas

E. 48 Rc 5 A 91 bis. Autógrafo original.

(1) O autógrafo está redigido assim. Este parágrafo deve ser lido depois do seguinte.

exatamente, porém com suavidade e não pela força. Assim deve insinuá-lo no espírito de suas Irmãs, primeiro por seu exemplo e também por suas palavras.

3. Como sozinha ela não pode desempenhar tão grande trabalho, terá confiança em suas "Oficiais", porém não até o ponto de descarregar-se nelas por completo; procurará ficar a par de tudo, como se estivesse sozinha. (2) Nunca dará mostras de ser importunada pelos conselhos ou permissões que se lhes peça. Velará continuamente por tudo o que ocorre em toda a Companhia, tanto pelas Irmãs que estão em Casa como pelas que vivem nas Paróquias ou aldeias, sem entretanto inquietá-las, nem dar a conhecer por que meios toma conhecimento do que ocorre, para não desgostar a ninguém.

4. Esforçar-se-á para que seu grande número de ocupações não a torne amarga ou mal humorada, o que poderia afastar de si as Irmãs; ela própria lhes falará com cordialidade, dominando-se, para isso.

5. Fará o possível para não demonstrar suas fraquezas às Irmãs, não se deixando levar por seus primeiros impulsos, nem falando de umas com as outras, tendo a discrição necessária para discentir os momentos oportunos para adverti-las de suas faltas.

Assim como deve tratar de ser acessível às Irmãs para que lhe falem com confiança, também, com discrição, há de cuidar de não lhes oferecer oportunidade para lhe faltarem ao respeito.

O meio que deve se servir para atrair as Irmãs à perfeição será, preferivelmente, o de fazê-las estimadas, em vez de infundir-lhes temor pelos castigos que recairiam sobre as que não forem fiéis. (3)

Falará frequentemente, em geral, e, às vezes, em particular, com suas Irmãs Oficiais, tanto para conhecer melhor o que sucede na Companhia, como para informá-las das necessidades ou assuntos de que se tenha inteirado ou haja observado, porém, com grande cordialidade e doçura, olhando as referidas Irmãs como parte de si mesma.

Procurará não fazê-las sofrer no exercício de seu trabalho, aceitando, sempre que possível, o que não tenha sido feito por determinação sua e o aprovará, enquanto não houver nisso prejuízo notável.

Inspirará às outras, estima pelas Irmãs "Oficiais" para que não deixem de comunicar-lhes o que possa ser-lhes útil, e não deixará perceber o que nelas não aprouve quanto à direção, salvo diante de uma grande necessidade.

Nada acrescentará nem diminuirá nas práticas das Regras, porém, dispensará de alguns exercícios as Irmãs que o necessitarem, ainda que não seja para sempre, tendo antes obtido permissão do senhor Padre Superior, como para

(2) Cf. o autógrafo original, do qual diverge, por engano, a edição francesa de 1983.

(3) Estas linhas estão riscadas por um traço oblíquo.

qualquer outra coisa, mesmo de pouca importância.

Terá sumo cuidado em não falar, nem escrever nada em nome do Superior, sem que ele o saiba e o aprove, por medo de fazê-lo desacertadamente. Fará o possível para que lhe levem as chaves da entrada da Casa e, em sua ausência, encarregará disso a Irmã Assistente

Será exata em responder as cartas das Irmãs que estejam longe e servirá deste meio para ajudá-las em sua perfeição, manifestando-lhes estima por sua virtude e boa vontade, mais do que assinalando-lhes as faltas, salvo se houver grande necessidade de fazê-lo.

Vigiará sobre si mesma para que não se lhe escape dizer o que se lhe haja (*comunicado*) em segredo, de qualquer tipo, pois isso poderia fazê-la perder a confiança que as Irmãs devem ter nela. Usará de grande prudência para advertir as Irmãs de suas faltas. Se lhe for possível, nunca o fará no mesmo momento, sem necessidade, mas, terá entretanto, grande cuidado em agir com doçura e cordialidade.

Ofício da primeira Assistente

A primeira Assistente, assim como as demais "Oficiais" aceitarão a eleição que delas se fez, sem muitas palavras de desculpa e, menos ainda, de recusa, humilhando-se diante das outras com receio de não saber cumprir, devidamente, suas obrigações. Terá confiança de que Deus a ajudará a fazer o que, de si mesma, não poderia. Arraigará em seu espírito a convicção de que deve exercer seu ofício com submissão à Superiora, nada realizando sem lhe comunicar, nem mandando fazer o que pensa que ela não permitiria. Nada lhe ocultará, por pior que seja, do que ocorra na Companhia. Pensará que não tem poder para agir, nem mandar fazer, senão por ordem de sua (Superiora) (4) ou, em sua ausência, e se conduz de tal sorte que as Irmãs percebam isso.

Quando as Irmãs lhe pedirem conselho em coisa de alguma importância, enviá-las-á à Superiora e, se não puder ser (*no momento*) falar-lhes-á que se encarregará de tudo lhe dizer.

E, como tem a mesma obrigação que a Superiora de fazer observar as Regras, estará atenta a tudo, para advertir às Irmãs "co-oficiais" se faltarem a seus exercícios, porém, com suavidade e caridosamente, recebendo, do mesmo modo, os avisos que lhe forem dados.

Quando a obediência a obrigue a ausentar-se, comunicá-lo-á à segunda As-

(4) Palavra riscada pela própria Luísa de Marillac.

Observação: As palavras entre parênteses e em itálico não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

sistente para que nada fique por fazer.

Procurará, em tudo, dar bom exemplo à Comunidade inteira, por sua modéstia, regularidade que marcam seu recolhimento pela presença de Deus.

Não se cansará de advertir às Irmãs de suas faltas e o que devam fazer, convencida de que para acabar com um costume e estabelecer outro são necessários muitos atos reiterados, e não fará como as que, sem levar em conta sua obrigação, nem o bem que resulta de formar as outras para a prática da virtude e para o trabalho, preferem fazer as coisas, a repetir o mesmo (*ensinamento*) durante tanto tempo ou tantas vezes.

Seu principal cuidado será o de observar as Irmãs que faltam às Regras para informar-se do modo que têm, avisá-las das faltas cometidas e para levar ao conhecimento da Superiora quando lhe for prestar conta, coisa que fará todas as semanas se possível, ou então quando ela lhe perguntar. E fá-lo-á com simplicidade, abertura de coração e grande caridade.

Ofício de Tesoureira

O ofício da Tesoureira, (5) além de representar a Superiora, na ausência da primeira Assistente, (*é o de*) cuidar da observância das Regras e de que cada uma das Irmãs se empenhe nisso. Terá uma chave do cofre-forte e outra do mealheiro onde se guarda o dinheiro que se recebe cada dia. Em presença da Superiora o anotará no Registro, entregará à despenseira 100 francos todos os meses, recebendo dela uma prestação de contas, também mensalmente, enquanto possível na presença da Superiora e, se observar algum gasto extraordinário ou excessivo, informar-se-á (*sobre o caso*) e, não podendo sozinho remediá-lo, avisará disso a Superiora, com doçura e caridade. Quando no mealheiro houver mais de 100 escudos, e a Superiora não o perceber, sugerir-lhe-á, com humildade, que os passe para o cofre-forte.

Fará todo o possível para que não se contraiam dívidas e para isso contribuirá com o que puder para que se administre bem o dinheiro.

Terá suas contas em dia para apresentá-las pontualmente, todos os anos, ao senhor Padre Superior ou àquele a quem sua caridade ordenar.

(5) No original estão acrescentadas por Luísa de Marillac as palavras: "ou ecônoma".

(6) Diretora do Seminário. A palavra no texto original é "Surveillante": vigilante, que vigia. Parece-me mais aceitável a de Zeladora, que tem o mesmo sentido. (Nota da tradutora)

Ofício da Despenseira

A Irmã Despenseira anotará, cuidadosamente, todos os gastos diários, levando as Irmãs encarregadas da compra das provisões de cada dia, a lhe prestarem conta com exatidão. Cuidará que a despesa ordinária não seja ultrapassada. Não inovará coisa alguma na economia da casa; velará para que nada se perca. E se ocorrer algum desperdício neste sentido, ao qual não possa dar remédio, dele fará cientes a Superiora e, o quanto antes, para impedir que se transforme em costume.

Cuidará de que as provisões gerais sejam compradas em tempo oportuno e, para isso, avisará à Superiora para que veja se há dinheiro em Casa. Terá em seu poder a chave da despensa para seguir de perto a Irmã da cozinha e estar atenta para que nada se estrague, tanto pela necessidade de que o pouco que se dá às Irmãs esteja bem preparado, como por boa administração.

Ofício da Zeladora (6)

A Irmã Zeladora terá um cuidado especial em considerar as obrigações de seu cargo e em adquirir as virtudes necessárias para exercê-lo, despojando-se de suas paixões, para agir desinteressadamente, e, se possível, sem julgamento próprio. Pedirá, com frequência, a ajuda do Espírito Santo para não olhar suas Irmãs e o que fazem, senão com sua divina luz, tanto as da Casa como as das Paróquias quando vêm ou quando for enviada a visitá-las. e prestará contas fielmente do que observe, dando o certo como certo e o duvidoso como duvidoso. Quando as Irmãs das Paróquias vierem à Casa para se confessar, tomará cuidado para que não se faça barulho no corredor que leva ao Confessionário e verá se o corredor não está fechado a chave. Fará com que uma Irmã se encarregue disso.

– De vez em quando, dará uma volta pela Casa a fim de impedir brincadeiras das Irmãs que vêm, com as da Casa porque, essas conversas descambam, muitas vezes, em bisbilhotices e queixas que não são as melhores disposições para as confissões.

– No exercício deste cargo, usará de grande prudência e doçura, advertindo as Irmãs do que terão de fazer e suportando de bom grado as respostas que lhe derem as mais apegadas a esse tipo de assuntos, fazendo-as compreender que seu ofício a obriga a isso e que quando se acostumarem, não lhes pareceria mal.

– De tempos em tempos, prestará contas de seu ofício à Superiora e o fará sem faltas à verdade e à caridade.

– E o principal dever desta Irmã será de interessar-se grandemente pelas Irmãs novas; durante os primeiros oito ou quinze dias, tratará de estudar-lhes o

humor e disposições naturais.

Trocará impressões com a Superiora a fim de verem juntas, para que parecem ter mais aptidões e, em que precisam ser exercitadas.

Durante esses primeiros quinze dias - ou mais - dir-lhes-á que rezem o terço à hora em que a Comunidade começa a fazer a oração, a fim de pedir a Deus, por intercessão da Santíssima Virgem e de São José, a graça de poderem fazer oração, quando a obediência lhes permitir rezar (com a Comunidade).

- Às 6 horas, sairá da Capela com as ditas Irmãs para instruí-las sobre as verdades da fé e obrigações de cristãs e ensinar-lhes à tudo o que é necessário para a salvação.

- É quando as tiver instruído suficientemente desde o princípio, as fará compreender a necessidade que têm as Irmãs da Caridade de se lembrar de sua primeira educação e que não devem pretender mudar de alimentação e de vestimenta senão para se aproximarem mais da vida de seus Amos que são os pobres, aos quais têm sempre de tratar com respeito.

- Adverti-las-á das faltas que cometerem contra a modéstia, ensinar-lhes-á a maneira de prestar conta de como a praticam, de que modo devem portar-se com as Irmãs antigas, dizendo-lhes que lhes peçam perdão tão logo se dêem conta de haver faltado a seu dever e também, como devem agir com suas irmãs igualmente recém-chegadas.

- No segundo mês, ensinar-lhes-á a maneira de fazer oração, explicando-lhes todos os dias a prática de um ponto e, cada dia também, um artigo das Regras, simples e brevemente, advertindo-as de que faltar a alguns deles pode colocá-las em perigo de cometer um pecado mortal contra os mandamentos de Deus.

Às 2 horas, depois da leitura de toda a Comunidade, a dita Irmã Zeladora irá com as Irmãs novas ao lugar para elas reservado e lhes fará uma instrução sobre a excelência dos Sacramentos e qual a via no-los comunica: a dos méritos do Sangue de Jesus Cristo. Falar-lhes-á da grande felicidade das almas que os recebem e da desgraça daquelas que os recebem mal; fá-las-á prestar conta do emprego da manhã relativamente às faltas contra as Regras e contra as Irmãs. Ensinar-lhes-á os atos necessários para fazer uma boa confissão e uma boa comunhão, mesmo sendo somente uma confissão de oito dias e, a estima que devem ter pelos confessores.

- Deixei de dizer que, à 1 hora, ensinará o Pai Nosso ou outra oração àquelas que não o saibam e o que puder nesse tempo, até às 2 horas.

- Quando a Superiora ou outra das "Oficiais" quiserem dar algum trabalho a uma das ditas Irmãs novas, tomarão o cuidado de que não seja nas horas dos exercícios e a Irmã à qual se mande fazer algo, irá dizê-lo à Irmã Zeladora, a qual nunca demonstrará que não gostou, porém, se vir algum inconveniente nisso ,

irá consultar a Superiora e avisará, com suavidade, à Irmã que queria servir-se da Irmã nova.

Ofício da “Despertadora”

A Irmã que tiver o encargo de acordar (*as outras*) deve considerar que seu ofício se relaciona com o de nossos Anjos da Guarda. À noite, recomendar-se-á ao seu, para ter o sino na mão, às 4 horas em ponto, depois de haver-se vestido decentemente, tanto em atenção à sua saúde, como a modéstia.

- Irá, sem ruído, a todos os pontos dos dormitórios para despertar, dizendo em voz moderadamente alta: “Em nome de Deus, minhas Irmãs, levantai-vos”.
- Às quatro horas e meia tocará para a reunião.
- Às cinco e um quarto, o Ângelus.
- Às onze e meia, para o almoço.
- Às doze e um quarto, a Irmã que serve à mesa é, geralmente, uma das Irmãs “Oficiais”; toca-se para se levantar da mesa, e a leitora rezará as “Graças”.
- Às seis, para o exame antes do jantar, e, às oito, para a oração da noite.

Ofício da Porteira

A Irmã Porteira pensará, com frequência, na confiança que nela se deposita ao entregar-lhe um ofício tão importante, e, por isso, como as outras, pedirá a graça de bem desempenhá-lo. E, como fica sozinha, cuidará de ter um trabalho que possa transportar, com facilidade, para não perder tempo.

- Não conversará sobre as coisas inúteis, nem do mundo, com as pessoas que estejam esperando. E, como habitualmente são pobres, fará o possível, enquanto depender dela, para dar-lhes alguns conselhos, inclusive às nutrizes. (2)

- Não se afastará da porta para não fazer esperar a quem chega. E, se receber queixas de alguém por haver esperado muito, pedir-lhe-á, humildemente, perdão.

- Quando ouvir a chamada para entrar ou sair, este som deve avisá-la de que tem de estar pronta para apresentar-se e falar com modéstia. Se perguntarem por uma Irmã não deve dar certeza de que esteja em casa, mas, fazer sentarem-se essas pessoas e avisar à Superiora ou à Assistente, em sua ausência, que fora procurada.

- Não deve tão pouco, encarregar-se de nenhuma mensagem para às Irmãs, nem dizer-lhes que não permitiram fosse chamada para alguém; e se lhe pedirem para transmitir algum recado, deverão dá-lo fielmente à Superiora.

- Terá atenção pelas coisas que lhe forem ditas a fim de evitar desordens por não saber o que informaram da cidade.

– Terá grande cuidado com as chaves da porta, sem deixá-la aí e fechará as demais portas da entrada do pátio, onde não deixará ninguém entrar, sem permissão.

– Fará passar os doentes para a sala São Cosme; aí esperarão pelas sangrias ou curativos; as meninas da escola, dela não das deixarásair; às famílias que cuidam dos meninos e às amas de leite (2), as fará entrar no parlatório próximo. Rogará às pessoas de boa condição e às de classe inferior que se sentem no parlatório São Pedro e conservará fechada a porta em frente, que dá para o refeitório.

– Terá o cuidado de fechar a porta com duas voltas de chave, antes que caia a noite, no inverno e nunca a ela se dirigirá sozinha, nem a abrirá depois das 7h30 no inverno e das 8 horas, no verão, sem permissão. Entregará as chaves à Superiora às 9 horas, depois de haver fechado bem todos os acessos. E se tiver dificuldade para fechar alguma, di-lo-á à referida Superiora.

Ofício da Professora

Dará aulas às Irmãs que estão aprendendo a ler, das seis às sete, hora em que as referidas Irmãs irão à Missa, exceto as que devem limpar o dormitório e o salão de baixo. Essas farão sua oração sozinhas, na capela, depois das “repetições” feitas pela primeira Assistente ou, em caso de necessidade, por uma outra para isso indicada.

Às oito, em ponto, irá à escola. Ajoelhar-se-á para pedir a assistência do Espírito Santo tanto para si como para as meninas, a fim de que sejam instruídas somente para a glória de Deus.

Terá o cuidado de que cada uma das alunas, faça o mesmo, ao chegar à sala de aula.

– Fará repetir a lição às meninas, com atenção, e não negligentemente e pensará, com frequência, que essas alunas devem, por meio dela, aprender o necessário para salvar-se. Deus lhe pede tal coisa, os pais das alunas se descarregam nela (dessa obrigação) e o interesse destas pobres meninas e impele a isso.

– Às 10h30, levará as meninas à Missa; colocá-las-á diante de si para acostumá-las a portar-se na Igreja como se deve: com respeito e bons modos. De volta à Casa, elogiará as que tenham se comportado bem e repreenderá, com suavidade, aquelas que tiverem cometido alguma falta, fazendo-as compreender a gravidade e importância dela. Dir-lhes-á que regressem às suas casas com modéstia e sejam respeitosas e obedientes para com seus pais, guardando-se de ofender a Deus e, em seguida, despachá-las-á a fim de que ela possa estar

presente ao exame de antes do almoço.

– À 1 da tarde, irá ao lugar destinado, para ensinar as Irmãs a escreverem, aquelas que tiverem permissão para isso. Fará com que cada uma escreva somente quatro linhas, com calma, sem agitar-se. Mandará sair à medida em que terminarem. Se houver alguma com dificuldade para aprender de cor as orações, quando tiverem acabado a escrita, fá-las-á repetir tais orações. Após a instrução feita depois da leitura das duas, irá à escola e fará o mesmo que pela manhã, quando nela entrou. Levará as meninas a repetirem de modo melhor, em vez de mais vezes e isso devagar e com atenção. (2) Quando forem numerosas, pedirá ajuda à Superiora, para nada omitir, principalmente no inverno.

Não se esquecerá de fazer as meninas rezarem a Deus de manhã e à tarde, antes de saírem.

Porá mais atenção em instruí-las direitinho nos mistérios da Fé e nos bons costumes, dando-lhes a conhecer o bem e o mal, do que em fazê-las adiantar-se na leitura e ensinar-lhes de cor uma quantidade de frases que servem apenas para satisfazer à curiosidade e à vaidade e não são verdadeira ciência, já que esta consiste, essencialmente, em bem compreender o que se aprende e em praticá-lo.

Levá-las-á a conhecer o que são os sacramentos e o que se deve fazer para recebê-los bem e a estima que se deve ter por eles.

– E para que suas advertências sirvam de proveito às almas às quais são dirigidas, ela mesma se exercitará em ter um grande amor pela salvação dessas almas e em ter muita estima por seu ofício, do qual se reconhecerá indigna. Cuidará atentamente em não lhes dar algum mau exemplo, corrigindo-as sem paixão e apresentando-se sempre, diante delas, com modéstia.

– Nunca aceitará coisa alguma do que as meninas queiram oferecer-lhe, nem sequer os presentes de Natal; mas, se for um objeto de pouco valor enviado por alguma mãe, ela o receberá, se tiver a licença da Superiora.

Todas as quintas-feiras, dará o Catecismo, explicando-o de maneira compreensível, usando palavras diferentes, formas diversas, para fazer as mesmas perguntas, a fim de que as meninas o compreendam com sua inteligência e não por rotina de palavras.

Ensinar-lhes-á a maneira de passar o dia, levando-as a prestarem conta de como o viveram. Terá maior atenção na época em que tenha de prepará-las para a Primeira Comunhão, fazendo-as compreender que, provavelmente, receberão grandes graças para sua salvação se se preparem bem direitinho para ela.

Ofício da Boticária

Sua primeira preocupação será de inteirar-se bem do modo de preparar os

“compostos” (e medicamentos), sendo muito exata na observância de tudo o que for necessário. Utilizará apenas as drogas em bom estado, as quais examinará, com freqüência, a fim de que se alguma se estragar, possa prontamente ser substituída.

– Terá cuidado, à chegada das estações ou épocas indicadas, de preparar os xaropes, respeitando as doses prescritas e fazendo tudo com diligência, porém, sem colocar nem demais, nem de menos (*os ingredientes*).

– Como seu ofício está relacionado com a saúde da Companhia, terá mais atenção para com a saúde de sua alma, a fim de que todos os seus cuidados sejam agradáveis a Deus.

Escutará caridosamente as Irmãs quando lhe falarem de seus males, não se inclinando demasiadamente aos remédios e pondo a Superiora a par do que saiba. Cuidará de todas as Irmãs, sem exceção de nenhuma. Em caso de doença, dará o todas, tudo aquilo de que necessitem. Será discreta para nada lhes dizer que possa afligi-las; compadecer-se-á, animará as pusilânimes e preocupadas; ajudará a umas e outras e submeter-se à vontade de Deus.

– Avisará à Superiora a qualidade de alimentação que lhes seja necessária e também (*entende-se precisam de receber*) os sacramentos, e que as visite para impedir caírem em grande abatimento.

Quando for preciso chamar um médico, lho dirá e será muito cuidadosa em seguir suas prescrições. Zelará para que a Irmã chamada Enfermeira, cumpra bem sua obrigação; não dará às doentes coisa alguma que lhes possa fazer mal; nada lhes dirá que possa entristecê-las, nem contará fora coisa alguma do que se fale na Casa ou se dê de comer às Irmãs.

Ensinará as Irmãs a sangrar, se tiverem permissão para isso (2). Será ela, enquanto possível, que fará os curativos e sangrias nos pobres que vêm à Casa e, procurará saber da Superiora quem poderá aprender a fazê-los, a fim de levá-las consigo quando for executá-los (2).

– Dará bom exemplo às Irmãs, tanto da Casa, como de fora, pois o ofício que exerce é um dos principais e deve levar em conta que tudo quanto diz, tem repercussão; por isso, terá atenção às suas palavras: nada lhe escape que possa desedificar.

– Evitará, especialmente, de ser curiosa, de querer averiguar o que ocorre nas Casas de cada uma das Irmãs. Fará com que, na medida do possível, se preste atenção para não se sangrar pessoas que tenham meios de procurar cirurgiões, e, que as outras às quais se lhes ministre, dele necessitem verdadeiramente; que as mulheres casadas nas quais não se percebe uma enfermidade de importância, nem tão pouco as solteiras, não se lhes dê sangria sem conhecê-las bem ou, ao menos, sem o médico havê-la receitado. Nunca se dê uma sangria em mulher grávida, sem essa mesma receita (2).

– Sendo costume vender remédios, fornecê-los-á a melhor preço do que nas boticas e sempre de boa qualidade.

Terá um livro de contas para anotar aquilo que lhe seja devido e riscar, imediatamente, o que lhe for pago.

Terá um cofre na botica, onde colocará o dinheiro recebido; terá a chave dele para poder retirar dinheiro quando precisar de fazer algum pagamento. De três em três meses, prestará contas à Superiora e à Tesoureira. Anotará o que entregar e, a Tesoureira, o que receber.

Ofício da Padeira

Gostará muito de seu ofício, porque o pão é (*o alimento*) mais necessário à vida, tratará de fazê-lo sempre da melhor maneira possível, sem entretanto misturar a farinha de modo diferente do ordinário.

Fará atenção a que o forno não esteja nem muito quente, nem muito frio e, para aproveitar bem o tempo, procurará ter sempre lenha cortada, pondo-a para secar no mesmo forno, uma vez pronta a fornada.

– Será muito pontual e fiel: cuidará de que não se pretendam fazer guloseimas tais como bolo folhado ou pastéis, tortas ou empadas, nem que as Irmãs venham pegar pão fresco ou partí-lo em pedaços.

– Terá cuidado para que as farinhas, as misturas e farelos não se estraguem; conservará o celeiro em bom estado.

– Para amassar, não empregará água muito quente; isso fará o pão ficar mais escuro e mais pesado. Não levará em conta seu cansaço, nem de sua companheira, para deixar de sovar a massa dando-a por pronta. Entretanto, sendo necessário, descansará por algum tempo.

O Ofício da Cozinha

É um dos ofícios mais importantes para a boa ordem da Casa e por isso, a Irmã se animará a si mesma, todos os dias, como se tivesse pressa, ainda que sem agitação. Cuidará de preparar já desde a noite, água suficiente para poder pôr no cozido de carnes, toucinho, legumes e hortaliças, pela manhã bem cedo; fará o mesmo com a lenha.

Irà à Capela, do mesmo modo que as outras (*Irmãs*), às quatro e meia; fará a oração em paz e sairá depois do toque do Ângelus para ir acender o fogo. Colocará a panela (*para cozinhar*), ficando por perto até que ela esteja fervendo e tenha espumado. Depois de acender o fogo, poderá, mesmo na cozinha, terminar as orações que (*as Irmãs*) estão fazendo nesse momento, sem deixar de vigiar o fogão.

– Depois de o “cozido” ter espumado, irá à Missa, a não ser que haja algum doente a quem se deva dar um caldo. Neste caso, o preparará, indo depois à Missa, com a devida permissão.

Se algum dia acontecer que não se tenha picado a verduda na véspera, pedirá que lhe dêem uma Irmã para ajudar, assim como nos outros em que tiver necessidade, para não deixar de ter o almoço pronto, às onze e meia.

– Quando houver na Casa alguma Dama (*da Caridade*) ou outra fazendo o retiro espiritual, terá maior cuidado ainda, para que sua refeição esteja pronta na hora devida.

Não esperará que se aproxime a hora do almoço para apressar-se, mas, trabalhará, com diligência, durante toda a manhã, informando-se cedo sobre o que deverá preparar para a refeição.

Procurará, com esmero, estar ela própria bem limpa, como tudo o que fizer, para evitar que se encontre algo de repugnante na sopa ou nos outros pratos.

Receberá, com humildade, as advertências e reprimendas que se lhe façam e terá vontade de aproveitar-se delas.

Organizará de tal modo o que vai preparar que terá sempre uma quantidade igual de porções.

Fará com que a carne não fique nem cozida demais, nem crua demais; tratando-se de carne refogada, aprontará um bom tempero, sem muito sal, nem muito vinagre, porque isso é prejudicial à saúde. Porém, tão pouco deve estar sem condimento ao ponto de as Irmãs não conseguirem comê-la.

Começará a preparar as sopas às onze e um quarto a fim de que as porções possam ser servidas com tranqüilidade e rapidez, sem agitação e barulho, para não incomodar a leitora.

– Às cinco, começará a fazer o jantar, a não ser que haja doentes ou pessoas em Retiro, porque, em tal caso iniciá-lo-á às quatro e trinta. Quando tudo já estiver em andamento (2), irá à Capela, às cinco e meia para escutar a leitura e fazer um quarto de oração, indo terminá-la na cozinha. Tudo deverá estar pronto a fim de entregar as porções quando as Irmãs chegarem ao refeitório, isto é, às seis e um quarto ou pouco antes...

15.12.1645. Testamento|de Luísa de Marillac: ver E. 111

*Observações sobre o memorando anexo
à petição apresentada
ao Arcebispo de Paris
para obter a aprovação da Companhia*

(agosto ou setembro de 1645) (1)

O número de Irmãs empregadas no serviço das Crianças Abandonadas é maior e será aumentado por ocasião da festa de Todos os Santos quando nos vão trazer muitas outras mais.

É necessário estender-se tão amplamente nos elogios às ditas Irmãs iniciadas por estas palavras: "E o que é mais considerável?" Não seria suficiente dizer que, além do serviço corporal que elas prestam aos pobres doentes, Deus dá sua bênção às pequenas advertências que lhes fazem para sua salvação tanto aos que estão para morrer, como aos que vão se recuperando, para ajudá-los a bem viver; isso produz um grande fruto e é percebido com evidência?

Quisera nomear os outros lugares em que estão desde a origem e dizer: há poucos dias ou tempo, no hospital de Saint Denis. Nomear Sedan e mencionar que as (*Irmãs*) dos campos servem tanto ensinando às meninas, como (*cuidando*) dos doentes e (*fazendo*) curativos de feridas.

Que não se faça menção dos bens da referida senhorita nem agora, nem no futuro. Não há viúvas que contribuam, senão pouco e raramente; não de modo ordinário.

No emprego das Irmãs da Casa, em continuação das palavras (*preparar ou dar remédios, acrescentar*): fazer sangrias e tratar dos males dos pobres de fora, que as vem buscar para isso.

A leitura e o silêncio das duas horas não estão especificados, nem do outro tempo também; talvez seja por não ser preciso.

Não seria bom mencionar que o dinheiro que se traz para a bolsa comum, serve para comprar as provisões necessárias à Casa, para a roupa das Irmãs, inclusive das que vivem nas Paróquias, uma vez que se faz para elas o hábito, a fim de, por este meio, conservarem a uniformidade?

Neste artigo, prestarão obediência e respeito em tudo o que se refere à (*sua direção*) e ao tratamento dos pobres doentes, ao dito (*Eclesiástico*).

E. 49 Rc 64. Autógrafo original.

(1) Coste II, 547-548.

*Regulamento para as Irmãs
enviadas a Le Mans (1)*

(Quarta-feira, 2 de maio de 1646)

Irmã Joana Lepintre (2) levará para Le Mans um coração cheio de caridade tanto para com os pobres doentes, como para com as Irmãs a quem acompanha e para com as que vai encontrar lá.

Terá grande cuidado em suportar e edificar as Irmãs que (*encontrará*) no Hospital e, com mansidão procurará dispô-las à prática de suas Regras, conforme lhes ordenar o Padre Portail (3), tendo para com elas um respeito cordial.

(*As Irmãs*) acatarão profundamente os senhores Administradores e obedecerão ao Superior da Missão.

Dar-nos-ão suas notícias o mais frequentemente possível, fazendo-nos saber o que ocorre entre elas e outras coisas das quais seja necessário avisar-nos.

Mesmo havendo um boticário, encarregar-se-ão da aplicação das lavagens nas mulheres e jovens solteiras.

Recordar-se-ão dos ensinamentos do Padre Vicente, em especial de não terem comunicação alguma com homens, mesmo eclesiástico, sem necessidade e não em outro lugar que na igreja ou no hospital.

Não se esquecerão de que devem ter entre si uma grande doçura e suporte, com abertura de coração e grande confiança na Irmã Servente, em todas as suas necessidades.

Em meu nome, cumprimentarão todos os senhores Padres da Missão, a quem muito devem respeitar e não abusarão de sua bondade e paciência; observarão com eles o mesmo trato que se lhes dá na Casa.

Indo pelos caminhos (*durante a viagem*) se lembrarão de cumprir, o mais exatamente possível, suas Regras; nos lugares em que a diligência parar, irão à igreja adorar o Santíssimo Sacramento, exceto a que se encarregar de ir à estalagem para as provisões e outras coisas de que precisarem. E, se tiverem tempo,

E. 50 Rc. 3. Autógrafo original.

(1) *Texto manuscrito, sem assinatura. Não foi escrito por Luisa de Marillac. Está catalogado entre as Cartas. (Nota da tradutora)*

(2) *Ver C. 75 n. 1.*

(3) *Ver C. 117 n. 1.*

Observação: As palavras entre parênteses e sublinhadas não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

irão ao hospital, caso haja no lugar, para visitar alguns pobres doentes, recomendando-se de que estão neste mundo só para amar e servir a Deus e ao próximo.

E. 51 (L. 131)

*Notas sobre temas
que convém tratar em alguma Conferência (1)*

(1646)

Fazer-nos conhecer qual é a condição das Filhas da Caridade e com que disposições elas devem vir para este lugar. Que estima devem ter por sua condição e pelos pobres, uma vez que são alimentadas e pagas com as esmolas dadas para eles.

O que fazer para evitar, já neste mundo, receber a recompensa do serviço prestado aos pobres, com o pouco trabalho de agora, em comparação com o que deixaram e com a honra que por ele recebem.

Se seria possível que as Irmãs se enganem a si mesmas com o desejo impaciente de servir os pobres tanto das paróquias como dos Hospitais, desejo que, às vezes, as faz gostar menos de permanecer em casa.

Se as que estão em casa não têm igual mérito que as que servem os pobres efetivamente!

Que atenção e afeto as Irmãs devem ter pelo Regulamento da Casa e para pô-lo em prática.

Como as Irmãs devem amar-se mutuamente, estimar-se e, de bom grado, aceitar que suas faltas cheguem ao conhecimento de quem, para elas, faz as ve-

E. 51 Rc 2. Autógrafo original.

(1) Texto autógrafo de Luísa de Marillac, catalogado entre as cartas.

Observação: As palavras entre parênteses e sublinhadas não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

(2) Estes temas propostos por Luísa de Marillac ao senhor Padre Vicente, foram por ele tratados numa série de Conferências do ano de 1646. :

Na de 13 de fevereiro: Amor à Vocação e assistência aos pobres.

Na de 1º de maio: Indiferença pelos lugares e obras.

Na de 19 de agosto: Prática do respeito e cordialidade que nos devemos mutuamente.

Na de 22 de outubro: Murmurações e maledicência; ocultar e desculpar as faltas das Irmãs.

zes de Superiora, e se, cada uma por sua vez não deve adverti-la, com caridade, das faltas que a vejam cometer.

De como é necessário que cada uma avise, prontamente, as faltas de sua Irmã, e como esta deve receber a admoestação.

O perigo existente em as Irmãs se dizerem, mutuamente, os descontentamentos que recebem uma da outra, sobretudo se o fazem a modo de murmuração e para, da mesma maneira, se desabafarem das repreensões que se lhes tenha feito (2).

E. 52 (A. 44)

*(Observações sobre as virtudes de
três Irmãs falecidas)*

(pelo ano de 1646)

Entre outras razões que temos para falar das Irmãs falecidas, uma das mais importantes, é o pouco progresso que vemos entre nós.

Uma outra, é para não sermos ingratas para com a bondade de Deus, pelas graças recebidas.

As três Irmãs de quem devemos falar, morreram jovens; esta é uma terceira razão que nos obriga a esta Conferência: apressemo-nos, tanto as jovens como as antigas, a pôr-nos no estado em que quiséramos encontrar-nos à hora da morte.

Nossa Irmã Maria, falecida em Saint-Denis, ficou na Companhia apenas três meses mais ou menos e, entretanto, praticou quase todas as virtudes que podemos imaginar, principalmente uma grande submissão e desejo de perseverar e morrer na Companhia. Ocultava suas enfermidades e tinha tal desprezo por sua vida que sua doença não a impedia de dedicar-se aos mais duros trabalhos.

Seu retiro: dava-lhe medo de sair dele.

Irmã Jacqueline Midy tinha grandes desejos de morrer na Companhia e, como via não ter suficientes forças físicas para nela permanecer, desejava antes morrer que sair. Tinha muita vontade de fazer penitência e suportava com grande paciência ser repreendida por suas faltas; embora lhe custasse quebrar sua vontade, submetia-se com grande paz. Pedia perdão por não haver dito de onde era.

Quanto à nossa Irmã Maria Despinal (1), desde o momento em que tentou entrar na Casa, com sua perseverança, deu mostras de uma verdadeira vocação e não deixou ver nenhuma imperfeição.

E. 52 Rc 5 A. 44. *Autógrafo original.*

(1) *Maria Despinal (ver C. 147 n. 1) morreu em maio de 1646.*

(Sobre as disposições da Divina Providência) (1)

O dia e hora em que nosso bom Deus nos permitiu reconhecer sua Divina Providência por acontecimentos tão notáveis como o desabar do soalho de nossa Casa (2), levaram-me a colocar diante dos olhos a grande transformação interior que tive quando Sua bondade me concedeu luz e esclarecimento sobre as grandes inquietações e dificuldades que (*então*) experimentava.

Em seguida, pensei que toda a nossa família deveria ter grande devoção à festa de Pentecostes e uma dependência total da Divina Providência. Tudo isso, porém, de um maneira muito especial, parecendo-me que, ao mesmo tempo, operava-se interiormente em nosso Honoratíssimo Pai e na alma de algumas de nossas Irmãs, algo de grande para o sólido estabelecimento desta pequena família. Nesta graça de Deus, mais que o acidente, deveríamos ver uma advertência à sua caridade para implantar estreita união entre a maneira de vida que Deus quer que esta Comunidade tenha e a de seu Instituto, pois os interesses são comuns. E, embora miserável como o sou, devendo ter pensado que o ocorrido fora por causa de meus pecados, nunca me veio tal idéia, nem naquela hora, nem depois. Sempre em meus lábios e, mais ainda no meu coração, (*tinha a certeza de*) que era uma graça de Deus operada com uma finalidade para nós desconhecida e que, por meio dela Deus nos pedia algo a uns e outros, esperando que sua bondade o daria a entender a nosso Honoratíssimo Pai.

Pareceu-me que para sermos fiéis a Deus, deveríamos viver em grande união umas com as outras e, assim como o Espírito Santo é a união do Pai e do Filho, assim também a vida que voluntariamente empreendemos deve transcorrer nessa adesão dos corações que nos impedirá indignar-nos contra as ações das outras e nos comunicará um suporte e paciência cordial para com nosso próximo. A isso poderão ajudar-nos nossas reuniões familiares que nos propusemos fazer às sextas-feiras e as conferências mensais se o pudermos; também, o pedir em nossas confissões extraordinárias, meios para adquirir esta virtude e a do abandono total à Divina Providência, pois me parece ser uma das coisas mais indicadas e pedidas por Deus para fazer subsistir nossa Comunidade.

E. 53 Rc 5 A 75. Autógrafo original.

(1) Por motivo da queda do soalho da sala de comunidade da Casa principal.

(2) Acidente ocorrido em junho de 1643, na véspera de Pentecostes.

Observação: As palavras entre parênteses e em itálico não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

Esta voz de Deus deve ensinar-nos também a nos acostumarmos, por amor, a pensar frequentemente nEle a fim de estarmos preparadas para morrer no momento que Lhe aprouver, inclusive, repentinamente, se tal for sua santa vontade, pois a vida no-lo demonstra suficientemente que isso pode ocorrer e devemos pensar nisso, com frequência.

Quanto a mim, vi que deveria ser mais do que nunca fiel a Deus, tanto em minha vida interior como no serviço devido aos pobres e, mais especialmente, na instrução e ajuda a nossas Irmãs, e pedir conselho sobre o uso que devo fazer de tantas graças, como vejo que Deus me outorga e de que me sinto interiormente cumulada.

Estando com estes sentimentos, parece-me recusá-las por querer somente a Deus e, uns dias depois, achei que Deus me dava a entender (*que as graças*) que Ele me concedia não eram para mim, mas para pertencer-Lhe da maneira em que Lhe pertença, sem entretanto compreendê-lo bem.

Quisera, de todo o coração, prestar e fazer com que outros dessem muita glória a Deus para corresponder, como o creio, ao desígnio que teve de tirá-la, ao permitir o que nos aconteceu; por isso, parece-me dever empregar toda a minha vida em me lembrar disso e dar-lhe graças pelos sentimentos interiores que então me comunicou.

Pedirei permissão para que todas as nossas Irmãs e também eu, comunguemos mensalmente em tal dia, em ação de graças e em reconhecimento pelo que Deus nos fez, chamando-nos a servi-LO na pessoa dos pobres, renovando o fervor que tínhamos no dia de nossa entrada na Casa.

Todas as nossas Irmãs pratiquem, todos os anos, algum exercício interior da Ascensão a Pentecostes, honrando os desígnios que o Filho de Deus teve quando ordenou a seus Apóstolos que permanecessem, passivamente, à espera da vinda do Espírito Santo e tentar acompanhar o estado da vida da Santíssima Virgem e dos próprios Apóstolos na privação da presença visível de Jesus; e, se for possível, de agora em diante, as Irmãs da Casa façam, nessa época, o Retiro e, se nos for permitido sejam privadas da sagrada Comunhão para entrarem num sentimento de penitência pelas faltas cometidas durante o ano, na recepção do Santíssimo Sacramento e assim, conseguir de Deus, melhores disposições para o futuro.

Todas nós possamos fazer alguma peregrinação par invocar os Santos e glorificar a Deus pelas graças que concedeu a toda a Companhia, com semelhante fato, e que, todos os meses, no mesmo dia, se rezem as Ladainhas dos Santos, no final da oração da tarde.

E. 54 (A 49 bis)

*Oração
para ser rezada de manhã
e à noite, antes do exame de consciência*

Eu te adoro, Trindade Santíssima, um só Deus em três Pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo, e te dou graças por todas as mercês que recebi de tua bondade. Entrego-te meu coração e tudo quanto me pertence, para cumprir sempre tua santa vontade.

Concede-me, te suplico, ó meu Deus, a graça de passar este dia sem te ofender e sem prejudicar o meu próximo. Dá-me o conhecimento de meus pecados e a contrição que deve ter por te haver ofendido. Meu Deus, tu que és tão bondoso, pelos méritos do preciosíssimo Sangue de meu Salvador, tem piedade de nós e das almas que estão em pecado mortal, a fim de que, por tua misericórdia, possam louvar-te eternamente.

Período entre 1647 a 1660

E. 55 (A 85)

*(Instruções às Irmãs enviadas a
Montreuil-sur-Mer)*

(1647)

Nossas Irmãs Ana Hardemont (1) e Maria Lullen (2) partem para Montreuil a fim de ver o que a Divina Providência quer que façam por lá.

Recordar-se-ão de que devem, primeiramente, buscar a Deus e sua glória e depois, o interesse das pessoas com as quais devem trabalhar, para melhor servi-las segundo a disposição de seu espírito.

Em terceiro lugar, lembrar-se-ão que por sua maneira de agir e de viver, nada farão que possa prejudicar a Companhia das Filhas da Caridade, nem entre elas, nem fora, porque devemos honrar a Deus, no interesse da Companhia.

E. 54 Rc 5 A 49 bis. Autógrafo original.

E. 55 Rc 5 A 85, Autógrafo original.

(1) Ana Hardemont, ver C. 120 n. 2.

(2) Maria Lullen ver C. 200 n. 3.

E, sobretudo, serão muito atentasem não fazer como coisa própria, “particular”, as obras nas quais Deus nos dá a honra de empregar-nos, seja por vã complacência, por satisfação ou outras intenções vaidosas às quais devemos frequentemente renunciar.

(*Enquanto viajam*), cumprirão o mais exatamente possível as suas Regras; se não puderem fazer a oração de manhã, antes de partir, não deixarão de fazê-la na diligência, pelos caminhos; antes de sair do quarto onde pernoitarem, rezarão o ato de adoração, como também, à noite, farão, de joelhos, o exame.

Levarão consigo algum livro para a leitura, na diligência, e procurarão que seus exercícios não chamem atenção e nem se tornem importunas aos outros.

Tomarão cuidado para que não se lhes escapem palavras pouco prudentes ou demasiado livres, nem ações pouco modestas. Para evitá-lo, cada um zelará pela outra, a fim de avisá-la, caridosamente, se, por inadvertência, deixasse escapular alguma coisa; a que receber a admoestação aceitá-la-á de bom grado, ainda quando não estivesse consciente de sua falta.

Nas hospedarias, se se lhes apresentar ocasião de dizer uma boa palavrinha a um pobre ou às criadas, fá-lo-ão com humildade, sem zombar de sua ignorância.

Ao descerem da diligência, antes de pensar nas refeições, irão à igreja mais próxima para adorar a Deus, no Santíssimo Sacramento.

Por todas as aldeias por onde passarem, farão, da diligência, o mesmo ato de adoração, saudarão o Anjo de Guarda do lugar e o das pessoas que aí moram, a fim de pedir-lhes proteção em favor (*de todos eles*), para a glória de Deus.

Após a refeição, se, antes da partida da diligência, puderem visitar alguns pobres doentes, fá-lo-ão ao hospital, se houver algum no lugar.

Quando chegarem a Montreuil, irão diretamente à Igreja e depois, ao Castelo para cumprimentar o senhor Governador (3), dizendo-lhe estejam aí para receber suas ordens ou determinações.

Lembrar-se-ão que as verdadeiras Filhas da Caridade para cumprirem o que Deus lhes pede, devem ser como uma só e porque a natureza corrompida nos despojou dessa perfeição, separando-nos, pelo pecado, de nossa unidade que é Deus, devemos, a fim de assemelhar-nos à Santíssima Trindade, não ser mais que um coração e agir somente com um mesmo espírito, tal como as três Divinas Pessoas. Assim, se a Irmã que trabalha com os doentes pedir ajuda à sua Irmã, a Irmã da instrução das crianças não deixará de dá-la. Igualmente, se a que é encarregada das meninas a pedir à dos pobres, esta fará o mesmo, julgado um e outro e emprego como de Deus somente e ambas considerando-se escolhidas pela Providência para trabalharem de comum acordo e unidas. Portanto, nunca

(3) *Conde de Lannoy, Governador de Montreuil-sur-Mer.*

se deverá ouvir: isso é trabalho seu e não meu.

Se as alojarem fora do hospital, irão lá apenas quando lhes for ordenado pelo Senhor Conde.

Se forem residir nele, ainda que tenham ido para servir os pobres da cidade, e apesar disso, o senhor Conde quiser que se encarreguem da escola das meninas e do cuidado do referido hospital, assim o farão e não se ocuparão de outra coisa.

Se o senhor Conde desejar que lhe comuniquem tudo o que ocorrer no hospital é nisto que deverão ter grande prudência e caridade.

Prudência, para se contentarem em dizer apenas as coisas importantes e não, uma quantidade de pequenos nada que não merecem ser apontados. E, aquilo que julgarem ter obrigação de falar, di-lo-ão com a maior caridade possível, pensando que nem tudo que parece mal é sempre um mal e, muitas vezes, o é somente em nossos sentimentos e opiniões. Para evitar que nossas Irmãs se tornem suspeitas e criem inimizade com as mulheres e moças que, há tempos, dirigem o dito hospital, começarão por tratá-las com muito respeito, demonstrando-lhes muito amor e cordialidade, nada fazendo sem permissão delas, nem sequer pegando um pote ou uma frigideira de que possam precisar, nem nenhuma outra coisa.

A esse respeito, lembrar-se-ão do ensinamento e exemplo de nosso bom Pai: de entrarem na referida Casa com a disposição de sofrer, de humilhar-se mais do que poderiam ter imaginado, como pedir perdão às que virem que estão aborrecidas com elas, embora, por sua parte não lhes tivessem dado nenhum motivo.

Se alguém puser na cabeça de algumas dessas mulheres e moças que as Irmãs foram para lá somente para fazê-las rejeitadas e despedidas do hospital, é preciso que sofram, em nome de Deus, essas pequenas suspeitas, tratando ao mesmo tempo de evitá-las tanto quanto o puderem, pela submissão e cordialidade. É necessário pensar que lhes devem esse respeito e olhá-las como suas mães e como pessoas a quem Deus escolhera para começarem essa boa obra, levada avante, tão acertadamente, durante tantos anos.

Nunca lhes repliquem as queixas e repreensões que possam dirigir-lhes e, ainda que tenham a certeza de que o senhor Conde as apoiará, não se escudem nisso. Pensem antes que estão aí a título de experiência, pois, se acontecer que essas boas mulheres façam regularmente bem (*os trabalhos*) e surgirem divisões e discórdias, infalivelmente, as Irmãs serão despedidas; isso há de obrigá-las a fazer suas ações com maior pureza de intenção, com os olhos postos só em Deus, com mais humildade, desconfiando de si mesmas e confiando nEle para que, se por acaso as despedirem, possamos ter motivos para crer que foi essa a vontade de Deus: isso não causará nenhum prejuízo à Companhia, nem escân-

dalo a ninguém.

Devem pois ir (*para Montreuil*) com intenção de fazer a vontade de Deus que lhes será manifestada através do senhor Conde a quem olharão em Deus e Deus nele para obedecer-lhe com a maior perfeição. Lembrar-se-ão de que o nosso Honoratíssimo Pai assim nos ensinou e, é possível que as grandes bênçãos que ele tem recebido de Deus se devam a esta santa prática.

Sua bondade (*a do senhor Conde*) fará com que se comunique frequentemente com as Irmãs e, com toda liberdade. Terão cuidado para não se afastarem do respeito e reserva nas palavras e, sobretudo, se Deus permitir que ocorra alguma desavença entre as Irmãs, nada lhe dirão, nem tão pouco a nenhuma outra pessoa, qualquer que seja. Muita atenção para não deixarem transparecer os pequenos desgostos que possam ter.

Serão também muito cuidadosas em não se dizerem palavras duras uma à outra, porém, de modo especial, diante de pessoas de fora; quanto a se ferirem com picuinhas, a caridade não permitirá que isso aconteça, com a graça de Deus.

A grande união que deve reinar entre elas se conservará mediante a tolerância dos pequenos defeitos uma da outra e prestando-se, mutuamente, conta do que fizeram durante o dia e aonde foram ou estiveram.

E quando se tratar de alguma dificuldade em seus ofícios, como por exemplo, se surgisse algum problema à Irmã que serve os doentes ou o mesmo acontecesse à das crianças, tratarão dele juntas e, quando chegarem a resolvê-lo, dele falarão - as duas juntas, se possível - ao senhor Conde ou à Superiora (*do hospital*), se houver uma.

Uma vez tendo exposto, com simplicidade, o que ordinariamente se costuma fazer em Paris e em outros lugares, se quiserem seja realizado de maneira diferente e isso não implicar ofensa a Deus, fá-lo-ão do modo como lhes for ordenado. Nosso Honoratíssimo Pai continua nessa mesma prática, acreditando que as opiniões dos outros valem mais do que as suas.

Uma das coisas mais necessárias às nossas Irmãs, para que Deus abençoe seus trabalhos e os faça redundar em sua glória, é contentar o pessoal; se por toda parte isso é necessário, de modo especial o é nesse lugar: o povo tem grande carinho pela Casa do hospital e precisarão de muita doçura e cordialidade para conquistá-lo. Por isso, será conveniente que todas manhãs, as Irmãs peçam, cada uma no seu interior, (a fim de não multiplicarem as orações já prescritas pela Regra), a bênção de nosso bom Deus, para agirem segundo o espírito de seu Filho quando estava na terra, ao empreender as obras de Caridade que terão de fazer, ou melhor, que esse mesmo espírito atue por meio delas. Comecem cada dia pensando estar acompanhadas por Jesus Cristo, pela Santíssima Virgem e por seus bons Anjos da Guarda; será bom também que tenham devoção aos An-

jos da Guarda de todas as pessoas da cidade.

Nossas Irmãs hão de se lembrar de ter grande respeito pelos sacerdotes, principalmente pelo que está no hospital, com ele não devem ter familiaridade e, se houver necessidade de lhe falarem, fá-lo-ão sempre as duas juntas ou uma acompanhada de outra pessoa; escolherão seu confessor (*entre os Padres*) da paróquia, pensando que, obedecendo, encontrarão continuamente uma bênção de Deus.

No que se refere à sua conduta junto dos doentes, por Deus! que não seja negligente, mas, cheia de afeto; devem conversar com eles e servi-los com o coração. Informem-se particularmente de suas necessidades, falando-lhes com doçura e compaixão, proporcionando-lhes sem importunação, nem pressa a ajuda requerida por suas precisões e, sobretudo, tendo grande zelo por sua salvação. Jamais sairão de perto de um pobre ou de um doente sem haver-lhe dito alguma palavra de Deus. Quando os virem em grande ignorância, devem ensiná-los a fazerem atos de fé, de contrição e de caridade, por exemplo: Creio tudo quanto a Santa Igreja ensina e quero viver e morrer nessa crença; e, às vezes, poderão sugerir-lhes atos explícitos de fé nos principais artigos de nosso Credo, feitos separadamente.

Elas não se esquecerão de entregar a nota dos gastos de sua viagem e o restante do dinheiro ao senhor Conde. Caso fiquem alojadas separadamente, dentro ou fora do hospital, e seja necessário anotar à parte os seus gastos pessoais, se o senhor Conde lhes der dinheiro para isso e tiverem de fazer alguma despesa para os pobres, seria preciso que uma manejasse o dinheiro de suas despesas e a outra, o dos pobres. Se for feito como nas Paróquias de Paris, em que se dá uma quantia (*fixa*) por ano, não seria preciso prestar-lhe contas dessa importância. Mas, se ele não limitar (*a quantia*) e se devesse pedir-lhe dinheiro à medida em que se gastasse, seria necessário fazê-lo, assim como das despesas dos pobres, porém, em separado.

Quanto à alimentação, ainda que lhes fosse dada uma melhor que a da Casa (*Mãe*), não deverão mudá-la.

Nossas Irmãs procurarão ser discretas tanto quanto possível, em todo lugar e não farão visitas, nem admitirão ninguém em seus aposentos, para visitas ou conversas inúteis.

Quando lhes for proposto algo e duvidarem se devem ou não fazê-lo, terão que diferi-lo quanto possam, a fim de terem tempo de pedir o parecer de sua Superiora.

Suplicamos, encarecidamente, às nossas Irmãs que nos dêem notícias, no princípio, de quinze em quinze dias; que peçam a Deus por nós e por toda a Companhia. Por nossa parte, sempre suplicaremos a Deus, as bênçãos que lhes são necessárias para o cumprimento de Sua Vontade e que Ele seja eternamente bendito.

(Da Santíssima Virgem)

Virgem Santíssima, bem sabeis o que hoje meu coração pensou, vindo o vosso amado Filho no Presépio e quão grande me pareceu este Mistério. Percebi nele a lei da Graça oferecida a toda a natureza humana, que, até então estivera cativa da culpa original que mantinha as almas sem a visão de Deus, para a qual foram criadas.

Oh! santo Tempo de Graça! como inundais nossos corações de perene gozo e alegria...

Como não bastais para encher nossa vida de amor para com um Deus tão bom? Quero, ó meu Deus, pensar nisto com frequência e agradecer-vos vossa grande Misericórdia por haver-me criado depois de tão santo tempo. Concedei-me a graça de vos ser sempre muito agradecida.

Porém, ó Santíssima Virge, quão admirável é vossa virtude! Eis que sois a Mãe de Deus e, entretanto não vos afastais da vileza e da humildade. É para confundir nosso orgulho e ensinar-nos a estimar a graça de Deus acima de todas as grandezas do mundo que, certamente, a ela comparada, são desprezíveis.

Oh! meu Deus! por que meu espírito não será capaz de dar a conhecer ao mundo as belézas que me haveis feito ver e a grande dignidade da Santíssima Virgem?

É verdade que, ao se dizer que ela é a Mãe de vosso Filho, tudo se disse; porém, quão admiráveis são, em si mesmas, todas as intervenções de Maria! Não sem razão a Santa Igreja a chama Mãe de Misericórdia. E o é, porque é Mãe da Graça.

Hoje, eu vos vejo puríssima, Virgem Mãe da Graça, porque não somente fornecestes a matéria para formar o Sagrado Corpo de vosso Filho - pois, até então não éreis Mãe - mas, ao colocá-IO no mundo, sois, e justamente, Mãe de Deus e Mãe de um Homem que, nascendo, traz ao mundo uma nova lei, a única lei que tem em si a Vida Eterna.

Ó Mãe de lei da Graça, pois sois a Mãe da própria Graça! parece-me que nunca vos havia reconhecido como tal. Se o povo de Israel honrava tanto a Moisés, por ser o mediador e aquele que recebia a manifestação da vontade de Deus, que amor e serviço não vos devo tributar por terdes sido vós que destes ao mundo o Deus da Lei da Graça! Quero demonstrar-vos meu agradecimento tanto com os louvores que desejo oferecer-vos e ajudando o próximo a conhecer vossas grandezas, como por uma devoção totalmente nova e a confiança que

quero ter no poder de que gozais junto de Deus.

Rogo-vos, Virgem Santissima, me ajudeis a cumprir estas tão justas resoluções.

E. 57 (A 20)

(Pensamentos sobre a Cruz)

São Paulo disse-nos chorando que muitos caminham como inimigos da Cruz de Jesus Cristo.

Somos, pois, chamados a honrar a Santa Cruz, entendida no sentido de toda espécie de sofrimento, tantoos relacionados com a mesma Cruz na qual Nosso Senhor foi cravado, como as demais penas e dores que padeceu durante sua santa vida humana, como Ele mesmo no-lo ensina, em diversas passagens dos santos evangelhos. Mas, principalmente as almas escolhidas por Deus estão, de modo mui particular, destinadas ao sofrimento que, para elas, é tão doce e agradável. Preferiram morrer a não ter de sofrer, pois, amar e sofrer é-lhes uma só coisa.

Nosso Senhor quis dar-nos a conhecer sua dignidade dizendo que São Paulo, por seu nome, com ele seria honrado e esta crença deve estabelecer-se com toda verdade, em nossos corações, pois, que fazemos neste mundo quando sofreremos? Aplicamo-nos, a nós mesmos, os méritos dos sofrimentos de Jesus Cristo.

E, que faz Deus, no céu? Conclui, eternamente, a morte e padecimentos de seu Filho, tornando bem-aventuradas as almas, redimidas por esses sofrimentos. Oh! Cruz! Oh! sofrimentos! como sois amáveis, pois honrados e, para sempre o sereis, pelo poder que conseguistes para as almas, de louvar a Deus! Oh! Cruz! oh! sofrimentos! quão amáveis sois, pois o amor de um Deus, em seu Filho, vos cedeu lugar para adquirir o poder de dar seu paraíso a quem os prazeres haviam banido dele.

(Pensamentos na festa de São Fiácrio)

São Fiácrio deixou seu país, a casa do Rei, seu pai, a fim de viver no deserto de Brie. O motivo que levou este este santo a tomar tão generosa atitude não pode ser outro senão um forte impulso interior que, ao mesmo tempo, iluminou seu entendimento dando-lhe a conhecer a grandeza de Deus e o desprezo a ser dado a todas as grandezas da terra.

E também moveu sua vontade falando-lhe no mais íntimo de seu coração, tirando de sua alma todos os obstáculos às disposições que a divina bondade lhe queria dar. Para torná-lo homem perfeito, feriu-o tão fortemente com seu amor que chegou a desprezar todas as coisas a fim de possuir esse divino Amor.

Ao considerar e compreender essa operação, minha alma desejou que Deus nela agisse, retirando-lhes todos os obstáculos à graça que Ele queria lhe conceder, dando-lhe as disposições necessárias. Minha resolução imediata foi de cooperar nessa obra de Deus, tratando de despojar-me de minhas más tendências, tantas vezes causa do pecado que é o nada, querendo se rebelar contra a onipotência de Deus, e, de evitar a preguiça a ser muito temida porque mantém a alma numa contínua pobreza viciosa, pois que, a cada momento, se a alma agir com Deus, pode conquistar grandes tesouros.

São Fiácrio não apenas deixou seu país, mas o fez porque não queria ser rei temporal e como estivesse sendo procurado para isso pelos deputados de seu reino, pediu a Deus ver-se coberto de lepra para ser deixado em paz na sua ermida.

Querendo meu espírito seguir este santo por considerar sua vida e seus desígnios, vi como ao deixar seu reino, tomou as rédeas de outro de maior importância: já fora dito que o homem é um mundo em miniatura.

Eu o vi, pois, como pacífico possuidor de sua pequena república, dominando, ou melhor, tendo dominado todas as suas paixões ao haver abandonado, por este motivo, todas as ambições do mundo, as quais, por sua vez, nos fogem quando chegar a hora da morte.

Porém, os súditos de nosso Rei espiritual jamais O deixarão, pois, passaram de terrenos, carnis e temporais que eram, a celestiais e espirituais. Ah! como será belo ver subir ao céu uma alma assim!... Será como um príncipe que, acompanhado por toda a sua corte, é recebido pelo Rei dos reis com triunfo e magnificência, para dele fazer um de seus principais cortezãos. Muito desejei imitá-lo no abandono total e voluntário de todas as coisas e especialmente no desprezo

de todo cargo que implique comando; tratarei de ver-me livre dele antes de minha morte, ou melhor, durante minha vida, não tendo nenhum interesse em (*saber*) quem ocupará meu lugar, quando os fatos tiverem de me afastar dele, precisando estar convencida de que Deus é o Dono Absoluto da direção das almas.

Não tendo viajado por intuição minha e havendo recebido o conselho de pedir saúde a Deus, assim o fiz, porém com o desejo de que fosse com os mesmos sentimentos com que São Fiácrio pedira a lepra e, se não tivesse eu de fazer dela o mesmo uso, preferiria não sarar. Minha alma porém, se veja livre de toda suspeita inútil, com relação ao próximo.

Nossa meditação sobre as peregrinações me deu o pensamento de que o desígnio de Deus ao criar as almas, fora enviá-las à terra como peregrinas, não devendo gozar da companhia de seu corpo senão por certo tempo. No que se refere à maioria de nossos antigos Padres, não tiveram morada permanente e, com frequência, empreenderam por devoção, peregrinações, possivelmente, para ter diante dos olhos que sua pátria verdadeira não é a terra. Para confirmá-los nesta crença, foi, às vezes, do agrado de nosso bom Deus, fazê-lo sempre acompanhados de um Anjo. Isso deve servir-me para me ajudar a aceitar de bom grado as mudanças de lugar quando a Divina Providência quiser permiti-las, sentindo-me interiormente acompanhada por meu Anjo da Guarda.

Pensei também que nosso primeiro pai, Adão, tendo violado as ordens de Deus, comendo do fruto proibido por querer eternizar-se na terra, em vez de adquirir a vida, mereceu a morte! Para remediar este mal, vem o Filho de Deus, em pessoa, fazendo-se peregrino, pois a sua vida foi uma contínua peregrinação e deve ser modelo da nossa. Por isso, tomei a resolução de fixar-me cuidadosamente em sua santa vida para procurar imitá-la; deti-me, com insistência, no nome de cristão que temos, pensando que isso requer conformidade (*com Cristo*). Pensei que devia procurar informar-me de que modo adquirir esse santo nome e quais as palavras usadas pela Igreja para no-lo dar e como recebi esse santo nome, a fim de chegar a ser de fato cristã.

E. 59 (A 42)

*(Sobre a multiplicação dos pães
no deserto)*

Cum sublevasset oculos...

Esta ação de Nosso Senhor como homem deve fazer-nos conhecer a modéstia de seu porte exterior e dar-nos a entender que, enquanto Deus, esse olhar é o escudo que protege e conserva nosso ser, tanto natural como imortal,

assim como o da graça que, subsiste em nós, só por seu amor e bondade, por ele, quero ser-lhe eternamente agradecida e também pela misericórdia que nos mostra em todas as ações de sua santa vida, especialmente o cuidado que sua Providência quis ter pelas turbas que o seguiam: e como se ignorasse o meio de prover as suas necessidades, perguntou onde se poderia comprar pão.

Meu Deus, queres ensinar-me o meio de receber tua assistência em minhas necessidades: na impossibilidade que se deixa ver naquele lugar, devo recomendar minha pobreza e enxergar a realidade de meu nada e de todas as minhas misérias que me impedem de atrair a magnitude de tuas misericórdias.

Oh! santa Providência, tu que era a fonte de todas essas graças, faz com que minha alma confie sempre em ti; porém só por esse olhar de Jesus poderei consegui-lo, esse olhar que se dirige para o alto. Tenho, pois, de desapegar-me da terra e unir-me fortemente a Deus com a ajuda de sua graça; e mediante a prática de sua santa presença, esse doce olhar me inflamará em seu santo amor.

Como o cervo suspira pelas águas, assim minha alma deseja meu Deus: preparar-me-ei para *(a Comunhão)* por um grande desejo de estar unida a Deus para que, assim como o alimento comunica suas qualidades ao corpo humano que o consome, assim a união de minha alma com Deus a torne semelhante a Ele, e a comunhão do preciosíssimo Corpo de meu Salvador me leve à imitação de sua vida santíssima.

E. 60 (A. 71)

(Sobre a Sagrada Comunhão)

(18 de agosto de 1647) (1)

A Conferência sobre a Sagrada Comunhão divide-se em dois pontos dos quais este é o primeiro: razões que temos para dar-nos a Deus, a fim de bem comungar.

Pareceu-me haver duas principais; nelas estão compreendidas todas as outras: uma é o temor e a outra, o amor.

E. 59 Rc 5 A 42. Autógrafo original.

Observação: As palavras entre parênteses e em itálico, não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

E. 60 Rc 5 A. 71. Autógrafo original.

(1) Pensamentos redigidos por Luísa de Marillac para a Conferência do dia 18 de agosto de 1647, sobre a Sagrada Comunhão. (Coste IX, 341).

O mandamento da Igreja que nos manda comungar todos os anos, sob pena de pecado mortal, faz-nos conhecer que Deus quer, absolutamente, que comunguemos e esta ameaça parece ser uma advertência para o fazermos mais amiúde, sob pena de perder muitas graças que receberíamos na Sagrada Comunhão. É, pois, muito importante para nós darmos-nos a Deus para comungarmos bem; sem isso nos exporíamos ao perigo de que as ameaças tanto aos que não comungam, como aos que comungam mal, se dirigiam a nós para nos castigar.

A outra razão que temos para darmos-nos a Deus a fim de comungarmos bem, é a gratidão que devemos ter pelo grande amor que Ele nos manifesta, dando-se a nós na Sagrada Comunhão. Isso exige que manifestemos a Nosso Senhor um amor de algum modo recíproco, desejando, de todo coração, recebê-Lo, pois, de todo coração, Ele quer se dar a nós. Seu amor pareceu-me ainda maior ao considerar que, tendo bastado sua Encarnação para redimir-nos, parece que se dá a nós na Sagrada Hóstia puramente para nossa santificação, não apenas aplicando-nos os méritos de sua Encarnação e Morte, mas também, dando-nos como Sua bondade quer fazê-lo, uma comunicação de todas as ações de sua vida e levando-nos a entrar na prática de suas virtudes, pois deseja que sejamos semelhantes a Ele, graças a seu amor.

No segundo ponto, quanto ao que convém fazer para nos doarmos a Deus para comungar bem pareceu-me devermos ter tão grande estima pela comunhão que nos inspire o temor de não estarmos nas devidas disposições para comungarmos bem e como um dos efeitos da Sagrada Comunhão, o principal, é o de unirmo-nos a Deus, devemos, tanto quanto possível, afastar todos os impedimentos dessa união. O mais perigoso deles é o amor exagerado por nós mesmos, pelo apego à nossa própria vontade. Para participarmos dos frutos da Sagrada Comunhão, temos, necessariamente, de nos dar a Deus para não termos outra vontade senão a Sua, o que desejei fazer depois de Deus me ter levado tantas vezes a conhecer minha incapacidade de fazer o bem, qualquer que seja, e indignidade de receber a Sagrada Comunhão.

O que também me pareceu dever fazer é fixar, mais fortemente, minha atenção nas ações do Filho de Deus para tentar unir as minhas às Suas, ajudada pela Sua graça.

E porque sei que Deus tudo vê, penso devermos ter sempre reta intenção para comungar, sem mistura de respeito humano, só pelo amor que devemos ter à Humanidade santa e divina de Jesus Cristo, para lhe sermos fiéis e corresponder ao amor que nos demonstra no Santíssimo Sacramento. O conhecimento que Deus me deu do abuso que, na minha vida, tantas vezes tenho, feito da Sagrada Comunhão, levando uma vida que me tornava indigna dela, pela violência de minhas paixões, inspirou-me o desejo de procurar mortificá-las para não merecer o ódio de Deus, em vez de seu santo amor, se continuasse fazendo uso indevido deste divino manjar.

(Motivos para perseverar na vocação) (1)

Três razões da necessidade que têm as Filhas da Caridade de se colocar na firme resolução de pertencerem durante toda a sua vida, à Companhia.

A primeira é a estima que devemos ter pela graça de nossa vocação.

A segunda, o perigo que supõe o estar na incerteza pois nos leva sempre a pensar no futuro e nos impede de bem empregar o presente.

E a terceira, as ocasiões que, em todo momento, as Filhas da Caridade teriam de perder sua vocação.

Meios para tomar esta resolução e mantê-la

O primeiro é pedi-la, encarecidamente a Deus.

O segundo, pensar, com frequência, em que consiste esta vocação, vinda de Deus e aceita por nós, reconhecendo-nos indignas dela.

E o terceiro, jamais admitir um pensamento que nos desvie de tal resolução.

Sinais para conhecer as Irmãs que tomaram esta resolução

O primeiro é observar fielmente seus Regulamentos.

O segundo, animar as outras e ter grande desejo da perfeição de todas.

O terceiro, ter grande cordialidade, manifestando uma sólida e respeitosa amizade.

E. 61 Rc 5 A. 63. Autógrafo original, em Vitré (cahier vert)

(1) Luisa de Marillac preparava, por escrito, seus pensamentos sobre o tema da Conferência a partir das notas do Padre Vicente, dos bilhetes das Irmãs, além do que cada uma havia guardado na memória. Em maio de 1646, encarregou desta tarefa, a sua secretária Elisabeth Hellot. Em 1652, foi Juliana Loret, depois, Maturina Guérin. As secretárias conservaram várias das notas escritas por sua Fundadora.

(Sobre a obediência)

(7 de agosto de 1650) (1)

A primeira razão que me veio ao pensamento é que Deus, ao criar o mundo, submeteu todas as criaturas, à obediência de tal sorte que somente ao aparecer a criatura racional foi transgredida essa lei. Isso nos obriga a amar e praticar a obediência.

Outra razão é que a desobediência foi sempre desa gradável a Deus e havendo começado pelo homem, para reparar essa falta foi preciso que uma das três divinas Pessoas da Santíssima Trindade se fizesse homem, não somente para que com o exemplo de seus atos de obediência, vissemos quão razoável é que obedeçamos, mas também, para que nossas próprias obediências, imperfeitas, tenham o mérito das do Filho de Deus, estando unidas a elas, o que é um poderoso motivo para adquirir e praticar a virtude da obediência.

Uma terceira razão é que, sem a obediência, seria uma contínua desordem em todas as famílias, mais especialmente nas Comunidades e maior ainda entre as Filhas da Caridade que em qualquer outra, tanto pela liberdade que sua ocupação lhes dá para ir a diferentes lugares, como pela desordem interior e exterior que a desobediência causaria nelas.

E porque a obediência pode ser observada de diversos modos, pareceu-me que *(a nossa)* para ser tal como Deus no-la pede, é preciso que obedeçamos com grande simplicidade e humildade.

Em segundo lugar, devemos obedecer às pessoas que têm autoridade para dar-nos ordens como se fosse Deus que no-las desse, pois é por seu Amor e para fazer a Sua vontade santíssima que temos de obedecer.

A terceira condição da verdadeira e virtuosa obediência é a de não levar nossos Superiores a mandarem o que desejamos, mas, procurar que nos ordenem o que sabem que Deus nos pede.

Em quarto lugar, parece-me que a obediência deve ser alegre, pronta, sem argumentações, mas com submissão do próprio juízo; seremos fiéis em executar o que nos tenha ordenado. Segundo o meu modo de ver, muito nos ajudará nisso, o acostumar-nos a não sermos obstinadas em nossas opiniões e a ceder a

E. 62 Rc 5 A. 68. Autógrafo original.

(1) Pensamentos preparados para a Conferência desse dia: Sobre a Obediência. (Coste IX, 528).

qualquer pessoa mesmo nas pequenas coisas.

Senti grande confusão, reconhecendo ter faltado muitas vezes a todas essas práticas por minha soberba e obstinação; disso me arrependo e peço perdão a Deus e a todas as Irmãs que puderam notá-la.

Um dos meios que pensei poderia ajudar-nos a adquirir a virtude da obediência tal como Deus a deseja, é segundo creio, o de muito estimar esta virtude, pondo-nos frequentemente diante dos olhos, a do Filho de Deus e em coisas tão penosas e difíceis para nós; pensar que, se quis fosse visível nEle até em sua morte, foi para que nos servisse de exemplo e alento.

Outro meio de que espero poder servir-me, é buscar as ocasiões de praticar a obediência; e se não tenho a dita de que se me apresentem, com frequência, essas ocasiões no que se refere às minhas ações diárias, propus-me ter presente, quando der ordens ou aconselhar alguma coisa às pessoas, pois sou obrigada a fazê-lo por meu cargo, que o faça porque assim me ordena a vontade de Deus, por meus Superiores. E quando se tratar de coisas indiferentes e sem importância, tentarei, com a graça de Deus, ceder com mais humildade às pessoas que desejam algo de mim, contanto que nisso não haja ofensa (*a Deus*).

E. 63 (A. 44 bis)

Fórmula dos votos

Eu, abaixo assinada, na presença de Deus, renovo as promessas de meu batismo e faço voto de pobreza e castidade e obediência ao Venerável Geral dos Padres da Missão, na Companhia das Filhas da Caridade, para empregar-me durante todo este ano ao serviço corporal e espiritual dos pobres doentes, nossos verdadeiros Senhores, mediante a ajuda de Deus, que lhe peço por seu Filho Jesus Crucificado e pelos rogos da Santíssima Virgem. (1)

E. 63 Rc 5 A. 44 bis. Autógrafo original.

(1) Esta fórmula de votos está assinada por Joana Delacroix que começou a recopiá-la até a palavra "castidade". O resto foi escrito por Luisa de Marillac. Antes da assinatura, Joana escreveu de novo as palavras "abaixo assinada", que foram riscadas.

*(Pensamentos sobre a estima que se
deve ter pelas Irmãs)*

(5 de janeiro de 1651) (1)

O tema da conferência era sobre a estima que devemos ter por nossas Irmãs, a fim de sempre falar bem delas.

1. No primeiro ponto, pareceu-me que uma das razões que temos para nos darmos a Deus, é a grande dificuldade que, constantemente, o amor pela própria estima opõe à prática dessa virtude, pela cegueira em que nos faz cair a respeito de nós mesmas e a respeito do próximo; isso é causa de que, com frequência, julguemos as intenções e ações de nossas Irmãs de maneira muito diferente da verdade.

2. Outra razão é que se nos tivermos verdadeiramente doado a Deus para isso, não nos pertencendo mais a nós mesmas, sua bondade não permitirá que abusemos das paixões arraigadas em nosso ser, e nos concederá a graça de não agir senão como sendo suas, por seu espírito, nem tão pouco permitirá que O desonremos fazendo de outro modo: porque não pode fazer nada que pertença inteiramente a Deus e o contradiga.

O segundo ponto era das faltas que se podem cometer contra esta santa prática: não apreciá-la, não pensar no bem que dela pode resultar e não pensar, sobretudo, no quanto é agradável a Deus, não nos incomodando de nos acostumar com elas.

Quando juntas se está conversando, se não se fala bem das Irmãs, acaba-se, infalivelmente, por falar mal delas ou por se tratar de coisas inúteis; isso poderia trazer grande prejuízo à Companhia e escandalizaria o próximo se viesse a sabê-lo.

Outro grande mal a se temer e muito, seria, que se chegasse a viver juntas, mas, em discórdia; que não nos amássemos bastante e, finalmente, ocorreria que ofenderíamos, com frequência a Deus. Se nos acostumarmos a estimar nossas Irmãs e a falar bem delas, criar-se-á na Companhia o espírito de união, de cordialidade, de verdadeira caridade, como parece ter sido desígnio de Deus ao formá-la.

E. 64 Rc 5 A. 74. Autógrafo original.

(1) A data não figura no original, somente na cópia que se conserva sob o n° 124, feita por Margarida Chétif.

Um dos meios para adquirir este costume é trabalharmos para se chegar a um verdadeiro conhecimento de nós mesmas, mediante a experiência de nossas faltas ordinárias.

Outro é o de sempre se separar os pequenos defeitos percebidos nos outros, da pessoa, interrompendo nosso julgamento e excusando os primeiros movimentos como queremos sejam os nossos excusados, suportando-nos por amor de Deus.

Outro meio é ajudar-se mutuamente a adquirir esse costume de falar bem de nossas Irmãs e, se por acaso houver algumas a quem lhes escape dizer palavras em prejuízo de suas Irmãs, deveria mortificar-se e não se lhe daria ouvidos, dizendo-lhe com bondade: Lembremo-nos, querida Irmã, da advertência que nos foi dada para que sempre falemos bem umas das outras.

Porém, o meio mais seguro é o de humilhar-nos reconhecendo que nunca poderemos adquirir esta virtude por nossas próprias forças e devemos pedi-la a Deus, com confiança, para sua glória e por seu Amor.

E. 65 (A. 11)

(Notas durante um Retiro Espiritual)

(maio de 1651) (1)

Comecei meu retiro espiritual com tantas ocasiões de mortificações de minhas opiniões, que não sei se isso foi causa de todas as penas que meu espírito experimentou. Estas contradições foram por ter de deixar minhas orações costumeiras, coisa que me afligiu durante muito, quase até ao ponto de queixar-me ou murmurar.

A recusa de que mandássemos uma Irmã para Madame Manceau, pensando desfazer-nos dela de uma maneira delicada e buscando seu bem; a de deixar uma outra ir a sua terra...

A leitura por terminar...

Que remédio dar a essa atividade para reconhecer os defeitos, considerá-los e inquietar-me com cada um, em particular, e em geral, com os da Companhia.

Se me engano quando penso ver com clareza as disposições interiores de meu próximo, especialmente as da Companhia.

E. 65 Rc 5 A 11. Autógrafo original.

(1) Coste IV, 199.

Se minha estupidez em comunicar-me e pedir conselho não me põem em perigo de perder-me, o que me impede, segundo penso, é não poder encontrar palavras bastante significativas do que sinto e quero dizer.

Se há falta na recusa dada às mulheres de Saint-Etienne e, em todas as condições em que sinto repugnância (*para aquiescer*); embora me pareça dever fazer o que faço, sinto nisto satisfação de alguma paixão.

Se não devo evitar dissipar-me tanto exteriormente quando falo alto com alguém enquanto vou caminhando, para ganhar tempo.

Se hei de adotar uma nova ordem em minhas orações tanto vocais como mentais e em meu regulamento.

Se devo continuar a leitura regular em Granada e no Novo Testamento.

Minhas pequenas distrações com estampas ou outras devoções.

A que tenho com meus filhos e o que faço quando vejo em casa algo que lhes poderia servir bastante e não está em nosso uso; pago não conforme o que vale, mas como poderia ser vendido.

Quanto à obediência, exemplo da Comunhão de união.

Suplicar, com toda humildade, por amor de Deus, me advertir os defeitos que mais me podem prejudicar, e a Companhia, pensando na glória de Deus, com a segurança de que sua bondade me concederá a graça de bem aproveitar dessa advertência.

E. 66 (M 40 bis)

(Abandono à Providência)

Preciso praticar uma humildade muito grande e uma desconfiança de mim mesma, abandonando-me continuamente à Providência e imitar, tanto quanto puder, a Nosso Senhor que veio à terra para cumprir a santíssima vontade de Deus, seu Pai, ajudar o próximo em tudo que puder, tanto às almas como aos corpos, pelo amor que Deus nos tem a todos igualmente e praticar com esmero meus exercícios.

E. 67 (A. 14)

(Pensamentos sobre a Encarnação e a Eucaristia)

O Filho de Deus tomou um corpo humano no seio da Santíssima Virgem, numa inocência mais perfeita que a do primeiro homem, com a qual poderia satis-

E. 66 Ms A. Irmã Chétif, 2º, nº 40 bis. Cópia.

E. 67 Rc 5 A 14. Autógrafo original.

fazer à divina Justiça pela desobediência de nossos primeiros pais e dar-nos a conhecer a verdade das coisas de Deus nestas palavras: Suas delícias são estar com os filhos dos homens.

Entretanto, a imensidade de seu amor para conosco não se contentou com isso, mas, querendo unir inseparavelmente a natureza divina com a natureza humana, realizou-a após a Encarnação, na admirável invenção do Santíssimo Sacramento do Altar, no qual habita, continuamente, a plenitude da Divindade da segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Essa união é o meio pelo qual o Criador se une à sua criatura, embora todos não participem dela, por causa da vontade livre que o homem conserva, quer para se perder, seguindo a maldade de suas inclinações e as persuasões do espírito maligno, quer para salvar-se pela graça de aplicação dos méritos do Filho de Deus.

Temos motivos de crer que, a certeza que Nosso Senhor nos deu de estar sempre conosco, era seu designio de santificar as almas por essa presença continua, embora invisível, e pela aplicação do mérito de suas ações, nas suas criaturas: seja pedindo perdão a seu Pai para apagar nossos crimes opostos às virtudes que Ele praticou, seja para tornar agradáveis a Deus as ações virtuosas que, por sua graça, os homens podem fazer, unindo-as aos seus méritos. Por esta via é que me pareceu que a humanidade santa de Nosso Senhor nos está continuamente presente, santificando as almas, pela aplicação de seus méritos, sendo como o ar sem o qual a alma não tem vida. Assim é que vi a Redenção do homem na Encarnação e sua santificação, por meio da união do homem com Deus, na pessoa de seu Filho, por sua presença que, continuamente, aplica seus méritos a cada uma das almas associadas à união pessoal de Deus no homem, honra para toda a natureza, fazendo com que Deus a veja em todos, como sua imagem se não estiver desfigurada pela recusa dessa aplicação dos méritos de seu Filho que é em que consiste o pecado.

Este pensamento veio-me após desejar durante algum tempo, o amor da Humanidade santa de Nosso Senhor, para ver-me impelida à prática de suas virtudes, especialmente a mansidão e a humildade, a tolerância e o amor ao próximo, a fim de arrancar-me dos vícios contrários nos quais caio com tanta frequência.

Por um caminho desconhecido aos homens, comunicando-lhes os ditos méritos que obtém.

(Devoção à Santíssima Virgem)

Todas as almas verdadeiramente cristãs hão de professar um grande amor à Santíssima Virgem e honrá-la intensamente por sua qualidade de Mãe de Deus, assim como pelas virtudes que Deus lhe outorgou, por causa dessa prerrogativa.

Esta qualidade obriga-nos e prestar-lhe todos os dias, alguma honra; e, a maior que lhe possamos oferecer é a de unir nosso espírito à intenção da Santa Igreja nas preces com que, em cada tempo litúrgico, a saúda: regozijando-nos e felicitando-a pela escolha que Deus fez dela para unir, em seu seio, a natureza humana à sua divina, com o desejo de jamais romper esta união em nós.

Quando nos sentirmos cheio de gratidão pelas graças de Deus, recebi através da Encarnação, e, pelos exemplos da vida de Jesus Cristo, vejamos a Santíssima Virgem como canal pelo qual nos chega todo esse bem e, por este motivo, façamos atos de amor para com Ela.

Ao realizar nossas ações, olhemos a Santíssima Virgem e pensemos que a maior honra que lhe possamos tributar é a imitação de suas virtudes; em particular, sua pureza, pois somos esposas de Jesus Cristo; sua humildade, uma vez que por essa humildade, Deus faz nela tão grandes coisas; seu desapego de todas as coisas da terra, visto que, desde seus primeiros anos esteve separada de seus pais; dediquemos também, a essas três virtudes existentes nela, todas as ações de nossa vida, suplicando-lhe oferecê-las a seu Filho.

Devemos celebrar as festas que a Santa Igreja estabeleceu em sua honra, aplicando nosso espírito, durante todo esse dia ao tema que a mesma festa nos propõe, e devemos rogar-lhe, habitualmente, que nos ajude a oferecer a Deus o serviço que lhe prometemos e, a cumprir sua santa vontade com a mesma submissão dela.

Seria bom que escolhêssemos algumas orações para rezá-las todos os dias, fazendo, às vezes, atos de amor para com ela; outras, regozijando-nos no íntimo do coração pela glória que tem no Céu, com o desejo de ir, um dia, para lá, a fim de tributar-lhe toda a honra que Deus queira que lhe dediquemos.

(Pensamentos sobre o Batismo)

Nós fomos batizados em Jesus Cristo... fomos batizados em sua morte. (1)

Sendo o batismo um nascimento espiritual, deduz-se que, aquele no qual fomos batizados, é nosso Pai e, como bons filhos, devemos parecer-nos com Ele, pois, batizados na morte de Jesus Cristo, toda a nossa vida deve ser uma morte contínua. Por conseguinte, seria muito prejudicial à alma viver rodeada de delícias, tendo em conta, aliás, que essa morte na qual fomos batizados, foi causada pelo amor que, desde toda a eternidade, Nosso Senhor tem por nós, amor que não pode expressar-nos melhor do que por uma morte antecipada. Com efeito, se as criaturas fazem tanto caso desta vida, preferindo-a a tudo, quantos motivos não teria nosso querido Mestres para estimar a sua, acompanhada de toda espécie de virtudes e de um corpo vigoroso e em plena saúde! Por isso, como boa filha que quero ser, com o desejo de imitar tão bom Pai e para ser verdadeiramente filha de sua morte, não mais quero, ajudada por sua santa graça, não amar a morte que deve nos unir a Jesus Cristo por toda a eternidade, pois não é razoável que os membros fujam tanto quanto possam daquilo que seu Chefe tanto buscou.

Vivamos, pois, como mortas em Jesus Cristo e, portanto, nada de resistência a Jesus, nada de ações senão por Jesus, nem pensamentos senão em Jesus; numa palavra, não mais vida senão por Jesus e pelo próximo, para que, neste amor unitivo, ame eu tudo o que Jesus ama, para que este amor cujo centro é o amor eterno de Deus por suas criaturas, alcance de sua bondade as graças que sua misericórdia quer conceder-ma.

E. 69 Rc 5 A. 23. Autógrafo original.

(1) Cf. Rom. 6, 3-4 (Nota da tradutora)

(Obrigações da Serva dos Pobres)

O primeiro motivo pelo qual devemos desejar que nos informem sobre o modo como as Irmãs da Caridade hão de portar-se, em todos os lugares onde trabalham no serviço dos Pobres, é o perigo de agir de maneira diferente da que devem, se não o souberem.

– O segundo é o perigo de que agindo de modo diferente, se proceda contra a vontade de Deus.

– O terceiro é o de que, não fazendo o que devemos, Deus não seja glorificado por nossos trabalhos.

– As faltas que podemos cometer, se não estivermos bem informadas, podem ser grandes... e haveria temeridade em não se saber como realizar o que se tem de fazer para agir corretamente.

– 2º Achando-se na incerteza daquilo que se deve fazer, se estará sempre em perigo de ofender a Deus.

– 3º Poderia ocorrer que, em vez da união que deve reinar entre nós, vivêssemos em discórdia; isso seria a coisa mais prejudicial à Companhia e uma das mais contrárias ao que Deus lhe pede.

– O 4º dano é que a Irmã estando na ignorância, correria o risco de servir de maledicção para as pessoas do mundo, não serviria os pobres com espírito de Jesus Cristo e, por suas repetidas faltas, poderia atrair a indignação de Deus, pouco a pouco se iria relaxando, de tal sorte que, tornando-se indigna das graças de Deus, sua bondade, talvez, se visse obrigada a retirar-lhe a vocação. Chegaria a cometer faltas tão grandes que causariam a destruição da Companhia.

– Parece-me que o primeiro meio que nos ajudaria a portar-nos como verdadeiras Filhas da Caridade é o de estar sempre dispostas a praticar a santa obediência, a fim de cumprir a vontade de Deus.

– Ser indiferentes aos lugares para onde nos enviarem, dispostas a submeter-nos à Irmã que nos for dada como Irmã Servente e nada fazer sem lhe comunicar.

– Antes de partir, tomar a firme resolução de não fazer coisa alguma contrária às regras e às máximas da Casa ou da Companhia.

– Observar, com fidelidade, o não receber, nem dar notícias sem a permissão da Irmã Servente, que não deixará de enviá-las aos Superiores de Paris.

– Ser muito respeitosas com as Senhoras ou outras pessoas que se dedi-

cam ao serviço dos Pobres.

– Não se intrometer a dizer-lhes nada sem que a Irmã Servente o saiba ou aprove.

– Ser muito recatadas no falar com as pessoas de fora, sobretudo acerca do que as Irmãs fazem no interior da Comunidade.

– Ser tolerantes, cordiais, condescendentes umas para com as outras, conservando o espírito de mansidão e caridade.

– Tudo isso será fácil de fazer se as Irmãs se aplicarem, como o devem, à prática de seu regulamento, o qual devem trazer frequentemente à memória, lendo-o nos lugares em que isso seja possível.

– Porém para cumprir todas essas coisas, é necessário ter grande desconfiança de si mesmas e confiar em Deus.

– Uma prática poderia ser: pensar se Jesus Cristo não fosse...
(A frase ficou sem terminar).

E. 71 (A. 56)

Notas sobre as assembléias das Senhoras (1)

É certeza manifesta que, neste século, a divina Providência quis servir-se das mulheres para socorrer os povos arruinados e outorgar-lhes poderosa ajuda à sua salvação.

Ninguém ignora que, para estabelecer esta obra, Deus serviu-se da (*Congregação*) da Missão, através da direção do senhor Padre Vicente e que, por este caminho, tanto se estendeu o bem que se faz, que não se pode duvidar de quanto é necessária a sua continuação. Nestas assembléias das Senhoras, onde se dão a conhecer as necessidades (*dos pobres, precisamente*), o espírito de Deus parece presidi-las.

O poder conferido pelo Santo Padre à dita Missão, de estabelecer a Confraria da Caridade, tem sido como a semente deste fruto que ela produziu e continua produzindo todos os dias, em quase toda a terra habitável.

Não é verdade que é por essa luz que as Senhoras da Companhia conheceram as necessidades das Províncias (*regiões*) e que Deus lhes deu a graça de poder socorrê-las tão caridosa e magnificamente, de modo que Paris ficou admirada e serviu de exemplo a todo o reino?

E. 71 Rc 5 A. 56. Gobillon (edição 1676 livro II, capítulo 1 pp 62-64).

(1) Da Confraria da Caridade do Hospital Geral.

Observação: As palavras entre parênteses e em itálico não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

Os meios usados por estas caridosas Senhoras para organizar as distribuições (*de socorros*), foram, sem dúvida alguma, suas assembléias presididas pelo senhor Padre Vicente, Superior da Missão, que tem proporcionado, como todos o sabem, pessoas fiéis e caridosas para reconhecer as verdadeiras necessidades e socorrê-las com discernimento, tudo isso serviu não somente para o temporal, como também para o espiritual, com o que Deus se vê, talvez, agora honrado no Céu por uma multidão de almas cujo número só a presciência divina conhece.

Sendo patentes essas verdades, não parece óbvia a necessidade de que a Companhia das Senhoras da Caridade do Hospital Geral continue suas funções?

É sabido que, desde o nascimento espiritual deste benemérito corpo, tem-se podido apreciar, cingindo-se apenas à visita dos doentes deste santo lugar, um bem muito grande para o próprio lugar e para as pessoas que nele encontraram meios para sua salvação; uns morreram santamente, preparados pelas confissões gerais organizadas, outros, após essa confissão, saíram em admitável estado de conversão, e, as próprias Senhoras entraram no caminho da santificação que não é outro senão o da caridade perfeita, como a têm praticado, muitas vezes, com perigo da sua vida, tendo-se visto senhoras de altíssima condição como princesas e duquesas, sentadas à cabeceira dos doentes para durante horas inteiras, instruí-los nas coisas necessárias à sua salvação e ajudá-los a sair dos perigos em que se encontravam.

Se se anotasse tudo o que as Senhoras nomeadas para este santo exercício - designadas com o título de "as catorze" - têm feito, cada uma por seu turno, ver-se-ia com maior clareza ainda, tudo o que aqui referimos.

Se todo esse bem que se fez, é, não apenas útil, mas, necessário, não é razoável fazer-se o possível para que continue? E, se por vontade de Deus se pudesse dar uma poderosa garantia de que tão logo haja paz, todos viverão como bons cristãos, Deus não mais seria ofendido e ninguém teria necessidade da ajuda dos outros, em tal caso, a continuação da Companhia, que não pode subsistir sem o vigor que lhe comunicam as Assembléias, já não seria tão necessária como tem sido enquanto têm existido as calamidades passadas. Para cada uma delas tem havido tantas Assembléias particulares; então, também elas poderiam acabar.

Porém, esse refúgio geral de todas as pátrias e nações, a previsão dos males que podem advir tanto na França como em outras partes, que constituem o objeto dessas santas Assembléias, bem merecem que continuem, embora pareça, presentemente, que nelas não se faz grande coisa. Se uma nuvem oculta um pouco essa luz, a nuvem passará e a claridade de novo descoberta favorecerá os frutos que Deus quer de sua obra. Por isso parece-me que se as Senhoras Supe-

rioras e demais "oficiais" desejam a continuação dessas Assembléias para a glória de Deus, fariam uma obra digna de sua nobreza e agradável à Caridade Eterna, buscando os meios para continuar contando com os conselhos e direção da pessoa de quem Deus se tem servido, enquanto for de seu agrado conservá-la neste mundo. É isso o que pareceu fácil a quem pede humildemente perdão por seu atrevimento em dar este conselho e também por ousar dizer que esta assembléia e os outros estabelecimentos da Caridade podem obter de Deus firmeza em sua fidelidade e perseverança no espírito primitivo da Missão. Vede se tal bem é pouca coisa.

E. 72 (A 89 bis)

(Envio das Irmãs a Polônia)

No 5º dia do mês de setembro de 1652, o senhor Padre Vicente, nosso Honoratíssimo Pai, comunicou às nossas três Irmãs, que haviam sido escolhidas para ir a Polônia e deveriam seguir no dia seguinte, de manhã. Não obstante, a Divina Providência adiou a partida até o dia 7.

Os nomes das referidas Irmãs são: Irmã Margarida Moreau (1), Irmã Madalena Dugeon (2) e Irmã Francisca (3) e deu-lhes, mais ou menos, as seguintes instruções:

Queridas Irmãs, suponho que sabeis que faz mais de dois anos, a Rainha da Polônia, virtuosíssima princesa, insiste comigo para lhe enviar Filhas da Caridade, a quem quer estabelecer em seu reino da mesma maneira que as viu a trabalhar na França. Foi preciso deixar correr algum tempo para testar este chamado e reconhecer se era coisa de Deus. Agora, já não há motivos para dúvidas, pois, esta bondosa senhora persistiu em seu desejo e, há seis meses está insistindo muitíssimo para que lhe enviemos as Irmãs.

Ah! que felicidade, minhas Filhas, é para toda a Companhia a certeza desta vocação! Mas, também, que felicidade para vós o haverdes sido escolhidas entre tantas outras da Companhia que, talvez, façam melhor do que vós. E disso não deveis duvidar.

Porém, minhas Filhas, por que esta vocação é tão grande ventura? Vejamos algumas razões:

E. 72 Rc 5 A. 89 bis. Autógrafo original.

(1) Margarida Moreau, ver C. 317 n. 3.

(2) Madalena Dugeon, ver C. 472 n. 4.

(3) Francisca Douelle, ver C. 431, n. 2.

(4) Texto escrito por Luísa de Marillac, não publicado por Coste.

A primeira é que é Deus quem vos chama. Ser chamada por um Deus: admirável vocação! E isso se conhece pela queixa feita pelo próprio Deus ao ver alguém querendo meter-se em trabalhar no seu serviço, quando Ele não o tenha chamado. Também Nosso Senhor dá a entender a grandeza desta vocação quando disse a seus Apóstolos: "Não sois vós, mas Eu, quem vos escolhi." Deveis, pois, ter grande apreço pela vossa vocação. Humilhai-vos, queridas Irmãs. Confundi-vos ante esta graça e sede reconhecidas por ela. Pois, se não vos humilhades à vista de vosso nada, admirando-vos de que Deus vos tenha tirado da pobreza, da baixeza, para servir-se de vós, que seria de vós, queridas Irmãs? Se tivésseis permanecido como as outras jovens, vossas companheiras, estarieis ocupadas, como os pobres, em trabalhos manuais. E ninguém vos teria considerado pessoas diferentes das outras de vossa classe. Por isso, vós e eu temos muitos motivos para humilhar-nos profundamente, porém com uma sólida humildade que sempre vos faça estimar os outros acima de vós (4).

E. 73 (A. 51)

(Visita a uma Casa) (1)

– As conferências feitas para nossas Irmãs versam, ordinariamente, sobre algum ponto de nossas Regras.

– Avisos para observá-las bem e sobre algumas virtudes necessárias à Companhia ou contra as quais se cometem algumas faltas.

– E assim podem ser feitas na presença do confessor ou de alguma pessoa de confiança.

– Os pontos da conferência são dados algum tempo antes, a fim de se poder fazer oração sobre eles.

1. A Irmã Servente tem propensão para trabalhar muito, tomando, inclusive, para si a tarefa das outras, caso nelas encontre repugnância e contrariedade em executá-la, em lugar de advertir e de se dar ao trabalho de fazer com que seja realizado o que manda e é dever das outras. Por temperamento é um tanto ríspida.

Poderia também deixar de velar pelas demais e manter-se em certa disposição de retraimento e melancolia: isso seria um prejuízo para a comunidade e até impediria a abertura e cordialidade, caso não seja ajudada e advertida.

E. 73 Rc 5 Suplemento I. Autógrafo original.

(1) Provavelmente se trata do Hospital de Saint-Denis, onde esteve Cláudia Brigida desde 1652.

2. A Irmã Assistente, chamada Cláudia, é bem parecida com a Irmã Servente. Talvez um pouco mais melancólica e escrupulosa. Parece-me que não se deva dar-lhe ouvidos a seus escrúpulos e nem permitir-lhe fazer confissões gerais. Precisa ser animada a decidir-se a ajudar mais as outras Irmãs, quer advertindo-as, caridosamente, de suas faltas ou do que devem fazer, quer consolando-as em suas penas. O carinho que tem por sua Mãe, serve-lhe, às vezes, de pretexto, porém, sua Mãe não precisa dela. Deseja (*sempre*) vir a Paris.

3. A Irmã Catarina escuta, com facilidade, as pessoas de fora e também as queixas das Irmãs e suas pequenas murmurações e descontentamento. Por natureza, teria pequenas afetações e delicadezas para consigo mesma, com um pouco de vaidade. É preciso ajudá-la a descobrir suas próprias necessidades. Não obstante, é uma alma boa e, assim que é avisada, emenda-se, porém está muito longe de ser escrupulosa. Ao contrário, deve ser ajudada a temer as faltas, sobretudo, as faltas contra as Regras.

4. A Irmã Brígida é de caráter franco e simples, gosta de ser avisada de seus erros. Tem alguma facilidade para melindrar-se, porém, passado o primeiro ímpeto, às vezes, violentíssimo, retrata-se.

5. A Irmã Margarida, um pouco apegada a seu modo de sentir ou ao que quer fazer, gosta de falar com os de fora e de escutá-los.

6. A Irmã Antônia, um tanto altaneira e não muito exata à obediência, por falta de atenção; todos os seus defeitos vêm de seu temperamento, não porém de sua vontade, graças a Deus.

E. 74 (A. 78)

(Para escolher Irmãs Serventes)

Uma primeira razão é que, se não saíssemos de nós mesmas, a escolha que fariamos seria suspeita porque, infalivelmente, nos inclinariamos a seguir nossas simpatias pessoais.

Outra razão é que se nos tivermos doado, de verdade, a Deus, não levaremos em conta senão seus interesses e assim devemos esperar que faremos a escolha somente conforme seu agrado.

Devemos estar atentas para este discernimento: as Irmãs que gostaríamos de escolher devem amar muito sua vocação e a prática de seus regulamentos e, em sua conduta, testemunhem querer adquirir ou já possuírem o espírito da Companhia, que é: humildade, simplicidade e caridade.

E. 74 Rc 5 A. 78. Autógrafo original.

Outro sinal é que sejam as primeiras fazendo o que devem ensinar às outras e estejam dispostas a igual ou maior submissão aos Superiores.

Quanto a nós, um meio para proceder bem é estabelecer-nos na indiferença.

E. 75 (A. 77)

Práticas a serem observadas por nossas Irmãs enquanto estiverem viajando para suas Fundações (1)

– Quando tiverem recebido sua “obediência” se entregarão a Deus para cumpri-la e lhe pedirão a graça de ser-lhe muito fiéis em todas as coisas.

– No dia da partida, depois de recebida a bênção do Senhor Padre, seu Superior, e de haver comungado, se as circunstâncias o permitirem, pensarão que, indo pelas estradas, devem honrar as viagens de Nosso Senhor e entrar, tanto quanto puderem, numa disposição de humildade e confiança na Providência.

– Seu véu será a modéstia tanto no olhar como em suas palavras e outras ações, certas de que todos os que estão na diligência secretamente as observam em tudo: por isso, não de servir de edificação e não, de escândalo.

– Farão o possível para estarem juntas uma da outra nas diligências e assim poderem ouvir-se mutuamente e impedir que se lhes falem, a um em particular.

– Quando as diligências saírem muito cedo e não tiverem feito a oração na estalagem, fá-la-ão assim que estiverem na diligência, depois de rezar a oração dos viajantes e, da mesma maneira, continuarão fazendo seus exercícios (*de comunidade*), mais ou menos, às mesmas horas.

– Passando por povoados onde não vão parar, adorarão (*em espírito*) o Santíssimo Sacramento e saudarão os Anjos da Guarda de todas as pessoas daquele lugar.

– Não comerão à mesa com os demais hóspedes; logo que chegarem à hospedagem, dirigir-se-ão à igreja mais próxima para adorar o Santíssimo Sacramento; se houver alguns pobres por perto, irão visitá-los ou então se ocuparão em catequizar a quem encontrar e tomarão a refeição juntas em lugar à parte, na estalagem, havendo feito provisão do necessário, na noite anterior.

– Serão sóbrias no comer, observando as horas de suas refeições e, se seu

E. 75 Rc 5 A. 77. *Autógrafo original.*

(1) *Luisa de Marillac escreveu primeiro “estabelecimento” porém, riscou com um traço essa palavra e pôs “fundações”.*

zelo as impelir a dizer algumas palavras para edificação dos presentes, cuidarão de fazê-lo com humildade e modéstia e não por presunção.

– À noite, não sendo tarde demais, irão adorar o Santíssimo Sacramento. Darão alguma simples instrução aos pobres, repartindo-lhes estampas e também às serventes das estalagens que, com frequência, necessitam ser instruídas para se salvarem.

– Quando chegarem, pedirão à dona da hospedaria que lhes dê um quarto pequeno para se retirarem e se deitarem sozinhas; nele tomarão a refeição, que será abundante para compensar a má noite na estalagem, e também para aí poderem reservar comida para o almoço do dia seguinte. E como ordinariamente, o pão custa caro nas pousadas, farão bem em comprar um grande, na padaria e assim, terem o suficiente.

– Farão todo o possível para ouvir a Santa Missa no dia seguinte, sobretudo nos domingos e dias santos; para isso se informarão, na véspera, do horário da primeira Missa e, quando puderem, confessar-se-ão na véspera das festas para poderem comungar no outro dia; não obstante, cuidarão de não causar transtorno aos outros viajantes e de não se exporem ao perigo de perder a diligência; para isso tratarão de não se separar.

E. 76 (A. 99)

*(Notas sobre a organização
do Asilo do Nome de Jesus)*

(1653 aproximadamente) (1)

Querendo estudar a obra diante de Deus, veio-me ao pensamento considerá-la em todos os seus aspectos: seu começo, continuação e fim. Não deve ser vista como projeto dos homens, mas inspirada por Deus a seus servos, para fazê-la prosperar.

Observando-a em seu fim, vi que era excelente pois tende, unicamente, à glória de Deus pelo cumprimento de sua santa vontade que ordenou que o homem coma seu pão pelo trabalho.

Outros de seus fins é que as pessoas que foram para este lugar se verão aju-

E. 76 Rc 5 A. 99. Autógrafo original.

(1) Ver C. 428.

Observação: As palavras entre parênteses e em itálico não estão no texto original; servem de esclarecimento. (Tradutora)

dadas pelas instruções que receberem, como pelo bom emprego que farão que seu tempo, participando do mérito da vida e morte de Jesus Cristo, para sua eterna salvação.

Ora, como esta obra tem grande alcance e convém seja baseada em fundamentos sólidos, tanto para fazê-la o mais perfeitamente possível, como para torná-la duradoura, pareceu-me ser desejável que as pessoas escolhidas, as primeiras, fossem de grande probidade, não propriamente mendigos. Por isso, uma vez feita sua indicação, seria conveniente fazê-las compreender a importância da decisão que tomaram. (*Também seria bom*) se encontrássemos pessoas de classe mais rica, porém, que não vissem inconveniente em passar por pobres, soubessem alguns bons ofícios e quisessem ficar na casa ainda que por apenas uns seis meses para ensinar o que sabem a outros. Creio que a Providência nos proporcionará tais oportunidades.

Para evitar complicações, parece-me necessário que, no princípio, não sejam admitidos nem homens, nem mulheres casados, nem tão pouco com filhos o que será muito difícil de encontrar. No entanto, se houver alguns assim que se propusessem vir por algum tempo, resolvendo-se deixar o resto de sua família, depois de haver considerado se a coisa pode ser feita como Deus manda, talvez, entre eles se pudesse encontrar, ainda que só um número reduzido, quem queira ajudar a estabelecer um bom fundamento para a obra.

A dificuldade estaria em que a este tipo de pessoas seria preciso dar-lhes um pouco de vinho ou de cerveja.

Sendo o trabalho um dos maiores bens que esta obra oferece, é necessário proporcionar-lhes trabalho útil e que possa ter saída, como seria:

Um tecelão de seda ou lã, um tecedor autorizado de linho, cânhamo ou algodão, outro de sarja; estes ofícios, além de darem saída à produção, em parte para uso da casa e, em parte para outros lugares, embora não requeiram muitos apetrechos, ocupam várias pessoas. Sapateiros ou recomendações (*consertadores de sapatos*) podem ser muito úteis. Fabricantes de botões, trabalhador que saiba bem preparar o fio - de qualquer espécie - para a tecelagem, deixando-o pronto para servir.

Rendeiras, costureiras de luvas ou de roupas, que possam receber encomendas das lojas de tecidos de linho ou algodão ou outros, artesãos de alfinetes.

Como é necessário ter um bom número de obreiros que ponham o trabalho em andamento e ajudem na sua continuação, não se deve olhar o gasto a ser feito, tanto com provimento de ferramentas e apetrechos, como em material; nem atemorizar-se diante das dificuldades em encontrar endereços e lugares onde comprar a melhor preço e com facilidade. A Divina Providência não nos há de faltar e a experiência far-me-á descobrir os endereços convenientes.

É preciso levar em conta que, o primeiro ano trará lucro muito pequeno.

Nota referente ao projeto do Grande Asilo Geral (1)

Se a obra é considerada política, parece-me que deve ser executada por homens...

Se a obra é considerada obra de caridade, as mulheres podem empreendê-la, como executaram outros grandes e penosos trabalhos de caridade, que Deus aprovou pela bênção que sua bondade lhes outorgou.

Que fiquem sozinhas, parece não ser possível, nem mesmo aconselhável; porém, seria de se desejar que alguns homens piedosos, seja de alguma corporação ou particulares colaborassem com elas como conselheiras, para dar seu parecer, como qualquer uma, como agir nos processos e atos de justiça que talvez fosse conveniente ter para sustentar toda espécie de gente em seu dever, por causa da diversidade de espíritos, costumes e caracteres.

Duas ou três coisas são de se desejar:

Que as Senhoras renovassem sua submissão ao juízo ou à proposta do parecer delas, àquele a quem Deus lhe escolheu.

Que se mantivessem fiéis à prática de sua primitiva simplicidade dando, de boa vontade, o seu parecer, sem desejarem, apaixonadamente, que seja seguido. Os senhores coadjutores não se sintam diminuídos por esta circunstância, embora humanamente falando, pareça que essa maneira de agir não seja razoável, pois não é a ordinária; porém, a experiência fez ver que Deus a inspirou e, sempre que as Senhoras têm agido sozinhas, em sua empresa, o espírito cristão aí apareceu na doçura, união e caridade que, com frequência, faziam-nas expor sua vida pelo amor de Deus.

O ensaio da direção desta obra pelas Senhoras, de maneira alguma pode

E. 77 Rc 5 A. 112. Original escrito por Santa Luísa.

(1) Quando o Asilo do Nome de Jesus ficou bem estabelecido, as Senhoras da Assembléia encantaram-se tanto com a boa ordem que aí reinava que fizeram insistentes pedidos junto ao Padre Vicente, para forçá-lo a empreender, para todos os mendigos de Paris, o que acabava de realizar, com tanto êxito, para 40 velhinhos. Nesta época, Paris albergava nada menos que 40.000 mendigos, restos infelizes das guerras e divisões do reino, desde a morte de Henrique III.

O relato desta grande obra, que coroa a vida do servo de Deus, pertence à sua biografia. Não julgou oportuno encarregar seus Missionários, nem as Filhas da Caridade da direção de uma obra semelhante; porém, vê-se pela presente nota, que Mademoiselle era consultada em todas as empresas de caridade, seja pelas Senhoras da Assembléia, seja pelo santo apóstolo da caridade.

causar prejuízo e muito pode servir para revelar o poder de Deus que, em todos os tempos, se tem tantas vezes servido da mulher, seja para coisas temporais, seja para espirituais. O exemplo de Judith e de outras, de santa Úrsula, santa Catarina, martir, santa Teresa, etc.

Creio ser desejável que os homens chamados para coadjuutores não sejam considerados membros da Companhia. Parece que o espírito da Companhia do Santíssimo Sacramento repugna a isso, sempre havendo estado e querido permanecer ocultos em todas as suas atividades caritativas, inclusive, não se chamam comumente de Companhia, creio que por humildade, e, o mesmo ao empreenderem obras públicas. Parece que Deus lhes pede isso. E, as obras que Ele faz e manda fazer por intermédio das Senhoras são ao contrário.

Não há razões para pensar que haja inconveniente em que as Senhoras a empreendam, pois todas são pessoas de condição; nada fazem sem pedir conselho e estão há muito tempo habituadas à administração de grandes negócios.

E como se trata de uma obra pública e que poderá ser observada por todos, quando elas, dentro de 50 anos, a derrogarem, haveria meio de refazê-la ou mudar sua direção; isso poderia muito bem não suceder pois, não a querem empreender senão por ordem de Deus.

E. 78 (A. 101)

*(Nota sobre o projeto de obras no
Asilo do Nome de Jesus)*

(1653)

Há motivos para se acreditar que os trabalhadores manuais e comerciantes não conseguem grande fortuna ocupando-se com tecidos, embora isto seja feito em Paris. A razão é que os operários custam muito, os alugueis das casas são caros e as famílias têm crianças. Porém, nesta obra à qual Deus deu uma casa, alguns fundos para alimentar os pobres cujo número será aumentado somente à medida em que se quiser, o lucro não poderá ser tão pequeno que não traga alguma vantagem para melhora do projeto.

Além disso, deve-se crer que Deus tem algum designio sobre esta iniciativa e que sua Providência, provavelmente, tem dado conhecimento destas pessoas

para tal coisa, sem terem sido procuradas. E, mesmo devendo-se fazer muito gasto para seu funcionamento, pode-se acreditar que terá condições de compensar os fundos investidos e esperar que a experiência dê oportunidade de encontrar meios para fazer vir a mercadoria a ser utilizada, por melhor preço que a que se poderia adquirir em Paris.

Outra razão para empreender estas obras é que se podem empregar muitas pessoas para trabalhar nelas.

Oferecem-se rapazes cujas necessidades e ignorâncias levam a ofender a Deus. Saber se poderiam ser aceitos os de boa vontade.

Um bom senhor, comerciante arruinado, também se ofereceu. Se tivesse o propósito de entregar-se a esta, por amor de Deus, seria útil nela. Saber se lhe pediram referências.

E. 79 (A. 102)

*(Asilo do Nome de Jesus
Nota informativa para o trabalho.
Seu parecer)*

(1653)

O tecelão de "ferrandine" (1) também sabe fazer fustão, tela e esta pequena "tabi" (2) que, no bom tempo, é bastante vendida; aceita ensinar às pessoas de boa vontade e fazê-las trabalhar com ele; encontrou, à venda, algumas oficinas de trabalho totalmente equipadas. Seria muito conveniente que alguém bastante entendido fosse com ele para vê-las e realizar a compra.

Seria necessário que pessoas caridosas vivessem junto das que se apresentam, para se ter um juízo sobre elas, e, inclusive, obter-se conhecimento suficiente para se informar a respeito de sua vida e costumes.

O bom para a obra, tanto no espiritual como no temporal, é que nela não houvesse ninguém inútil, sobretudo no princípio.

28-12-1653. Primeiro codicilo ao Testamento: ver E. 1-11.

E. 79 Rc 5 A. 102. Autógrafo original.

(1) Ferrandine: tecido de seda e lã.

(2) Tabi: tecido de seda trabalhada.

E. 80 (A. 79)

(Notas concernentes às Filhas da Caridade de Chantilly)

(1654)

As Filhas da Caridade, servas dos pobres doentes em Chantilly, viram-se obrigadas a viver de empréstimos durante o ano de 1653, pois só receberam no correr do referido ano, a quantia de 77 libras, entre cereais e dinheiro, em vez das 200 libras que lhes tinham de pagar. Portanto, para cobrir a diferença, lhes é devido o total de 123 libras.

E, no ano de 1654, até 24 de outubro, receberam a quantia de 61 libras e 12 soldos, em vez das 171, aproximadamente, que deveriam ter ganho até o referido dia 24 desse mesmo mês e ano. Por conseguinte, lhe são devidos 109 libras e 8 soldos. Desde o mês de outubro, receberam todo o seu pagamento tanto em cereais como em dinheiro.

Além disso, faz quatro anos que se deve o aluguel de sua casa; o prazo vai findar-se na próxima festa de São Martinho, à razão de 36 libras por ano. Por esta divina foram-lhe embargados os móveis e estão a ponto de ser vendidos.

E. 81 (A. 62)

*(Motivos pelos quais as Filhas da Caridade
se doam a Deus para obterem
a conservação da Companhia)*

(25 de maio de 1654) (1)

A primeira razão que temos para nos doarmos a Deus, a fim de obter de sua bondade que a Companhia dure muitos anos, ou se for possível, sempre, é:

A convicção que devemos ter, de que foi o próprio Deus quem quis o estabelecimento desta Companhia e a quis tal como é.

Outra primeira razão é a de se crer que Deus não quer que as criaturas contribuam para destruir o que Ele fez.

E. 80 Rc 5 A. 79. Autógrafo original.

E. 81 Rc 5 A. 62. Original escrito por Luísa de Marillac.

(1) Pensamentos preparados para a Conferência desse dia. (Coste IX, 693)

(2) Luísa de Marillac leu apenas a primeira parte de suas anotações, porque o Padre Vicente interrompeu-a para explicações.

Uma segunda razão é que as que forçarem a bondade de Deus a exterminar a Companhia seriam também, provavelmente, causa da perda de muitas almas e impediriam que muitos pobres fossem assistidos.

Terceira razão: as que forem infiéis até este ponto, com fundamento, teriam que temer sua perda eterna.

O que muito poderia contribuir para a ruína da Companhia seria, em primeiro lugar, querer mudar qualquer coisa que fosse na sua organização, pois, de certo modo isso significaria apreciar seu próprio critério mais que o proceder de Deus, que conhece bastante o que, no futuro, pudesse fazer-lhe falta (2).

Outra coisa que poderia levar à ruína da Companhia seria o pouco amor e estima que, por covardia, se tivesse para com os exercícios dos pequenos Regulamentos.

Outro fato ainda levaria a Companhia à sua ruína total: se as Irmãs, por esquecimento do que são e, pela constante convivência com as Senhoras, manejando o dinheiro das esmolas, vivendo folgadamente e sem pensar em ganhar para viver, criassem para si uma vã complacência, acompanhada do desejo de possuir mais. Com isso, chegariam ao esquecimento das obrigações de sua vocação, pensariam em estabelecer-se independentes, em algum lugar. Pior ainda seria ter o pensamento de juntar dinheiro para tão descabidos propósitos. E se tudo isso contagiar várias Irmãs da Companhia, seria de temer que a bondade de Deus se irritasse e permitisse sua ruína total.

Os meios para impedir a ruína da Companhia são: ter sempre no pensamento a graça que Deus nos deu, chamando-nos para ela.

Pedir-Lhe que nos conserve na Companhia.

O último é o de esforçar-nos por adquirir o espírito da Companhia, mediante o amor que devemos a Nosso Senhor e a prática da humildade, simplicidade e verdadeira Caridade.

E. 82 (A. 67)

(Sobre a mortificação)

(3 de janeiro de 1655) (1)

Vi, que uma das razões que temos para praticar a mortificação, é a de manter sempre nossas almas no estado em que foram criadas, pois, sendo feitas à imagem de Deus, ficam, de certo modo, desfiguradas quando não mortificam

E. 82 Rc 5 A. 67. Original escrito por Luisa de Marillac.

(1) Pensamentos preparados para a Conferência desse dia. (Coste, 63)

suas paixões e por elas se deixam levar.

Outra razão é que a mortificação é a vida da alma, como a alma o é do corpo; se seguindo suas paixões, não a mortificarmos, morre e torna-se desagradável a Deus.

O exemplo do Filho, embora nEle não haja o que em nós é paixão e pecado.

Terceira razão: se não praticarmos a virtude da mortificação, não poderemos suportar-nos umas às outras, como o somos obrigadas, e, muitas vezes, seríamos motivo de escândalo para o mundo, ao deixar-nos levar por nossos primeiros ímpetos.

Sobre o 2º ponto, parece-me que teremos de praticar esta virtude, principalmente, mortificando, com frequência, nosso próprio ponto de vista para cedermos ao dos outros.

Mortificar também nossa vontade para inclinar-nos mais à de nossas Irmãs, quando não houver prejuízo para a glória de Deus.

Quanto ao tempo durante o qual temos de trabalhar para adquirir uma perfeita mortificação, não pode ser fixado de antemão. Temos de empreender, generosamente, esse trabalho durante toda a nossa vida porque, apenas mortificarmos, não matamos nossas paixões; assim, elas continuarão vivas e temos de velar continuamente e trabalhar para mortificá-las. Para isso, seria bom que, cada uma de nós tomasse a precaução de pedir, de vez em quando, para fazer algumas mortificações exteriores, após entretanto haver trabalhado em mortificar nosso interior e tudo quanto vemos ser preciso mortificar em nós, como o é o que nos faz infringir as pequenas determinações do regulamento da Companhia.

Também nos é indispensável uma rigorosa mortificação da curiosidade, principalmente quando várias Irmãs se encontram reunidas: há sempre uma urgência de se informar dos defeitos e caráter das outras e também, pressa em se dizer o que se sabe sobre isso. Estamos também obrigadas a empenharmos na mortificação dos ressentimentos e dos desejos de pequenas vinganças que podem semear discórdias entre as Irmãs das Paróquias, quando alguma conta os pequenos desgostos que reciprocamente se deram.

Creio que, em geral, as Filhas da Caridade para manter-se em sua vocação e obter de Deus as graças que para isso necessitam, têm de vigiar, constantemente, sobre seus sentidos e paixões para não lhes conceder aquilo que sempre nos propõem. Tudo isso requer que se tome o cuidado de explicar bem e fazer compreender o que são aqueles e estas.

Reconheço-me culpada, diante de Deus, da negligência que tenho tido em ajudar nossas Irmãs neste ponto e, sobretudo, em dar-lhes exemplo, havendo-me excusado frequentemente a fazê-lo, por causa de minhas covardias, delicadezas comigo mesma e sensualidade.

O espírito simulado (1)

(2 de fevereiro de 1655) (2)

A interpretação do espírito simulador apresenta-nos um motivo para precaver-nos contra ele, pois, dá-nos a entender que se trata de um demônio escondido ou fechado na alma e pode causar-nos muito maior mal do que a possessão do corpo pelos espíritos malignos. O primeiro refere-se à vida eterna e o outro apenas à vida temporal.

Outra razão é que as pessoas que procedem com este espírito oculto são muito irritadas e desagradáveis àquelas com quem vivem e correm grave perigo de que o espírito de orgulho tome grande ascendência sobre sua imaginação, de forma que, por haver-se querido fazer sombra aos outros, por algum motivo seu desconhecido, cheguem a ocultar-se de tal modo a seus próprios olhos que já não possa dar-se a conhecer e isso as impede de receberem as advertências de que necessitam.

2º

Embora haja temperamentos físicos ou corporais que possam ser naturalmente inclinados a não se abrir, nem explicar-se aos outros, creio, entretanto, que são as paixões que mais as atraem para essa tentação; sobretudo o orgulho impele-nos a não dizer a coisa tal e qual, receando as consequências ou porque se acredite que, por alguma vez, haver-se caído numa falta, suspeitem-se dela para sempre; daí provém um grande dano à alma e dá-lhe motivos para deixar-se ir a muitos defeitos.

As pessoas que têm este defeito de não se manifestar, com liberdade, a seus Superiores, quando têm uma aflição de espírito ou alguma necessidade, ou quando lhes falam na comunicação, estão em perigo de mentir ou dissimular, isso poderia levá-las a um hábito que se arraigará de tal modo que, chegará a surpreendê-las até na confissão.

Como este espírito simulador procede do maligno, pode fechar as pessoas que o possuem numa tal opressão que cheguem a sentir desprezo pelas

E. 83 Rc 5 A. 65. Original escrito por Luísa de Marillac.

(1) Adotamos a expressão "espírito simulado" como sinônimo de "espírito oculto".
(Nota da Tradutora)

(2) Pensamentos preparados para a Conferência do mesmo dia. (Coste X, 75).

advertências de seus Superiores e já não façam sequer conta de comunicar-lhes suas dificuldades, por acreditá-los interessados ou influenciados pelos outros. Isso levá-las-á a buscar ajuda e consolo onde não devem e, assim, os que recebem são nefastos e, as mais de uma, levaram à perdição.

Aquelas que pouco a pouco vão caindo nesta prática do espírito simulador, não podendo guardar só para si suas dificuldades, nem as coisas que sabem de outrem, vêem-se muitas vezes, em perigo de abrir-se indevidamente a qualquer pessoa, isso lhes acarreta grave prejuízo para seu adiantamento espiritual, levando-as io ofenderem a Deus e fazer com que as que as escutam, cometam a mesma falta.

3º

Como este espírito é perigosíssimo e, quase sempre passa despercebido, temos de pedir, com frequência, a Nosso Senhor, luz para descobri-lo, se é que está em nós.

Todas devemos temer e desconfiar que o possuímos em alguma parte e, para nos libertar dele, é necessário que apenas sintamos alguma dificuldade ou repugnância em dizê-la, recorramos ao Espírito Santo para pedir-Lhe força e, vencendo-nos a nós mesmas, manifestá-la, por amor de Deus.

Se alguma se sentir inclinada a buscar consolo noutra pessoa para desaba-far-se, deve desconfiar; igualmente, se sentir repugnância em que seus Superiores viessem a saber o que quer dizer ou Até pensar, deve temer e...

E. 84 (S 4)

(Conselho)

5 de outubro de 1655

As três primeiras "oficiais" começaram a tomar sua deliberação sobre três assuntos: o primeiro, ter em conta que nossas Irmãs Henriqueta (1), Maria Marta (2) e Renata (3) deveriam chegar de Nantes a pé, e ver de que maneira ir-se-ia recebê-las.

E. 84 Rc 5 Suplemento. Original escrito por Luisa de Marillac.

(1) Henriqueta Gesseume, ver C. 86 n. 1.

(2) Maria Marta Trumeau, ver C. 72 n. 4.

(3) Renata Delacroix, ver C. 315 n. 4.

(4) Joana Gressier, ver C. 510 n. 4.

O segundo, ver quem seria enviada a Châteaudun em lugar de Irmã Genevêva que, em breve, deveria chegar de lá. E o terceiro, ver juntas a conduta das Irmãs, para serem informadas dos defeitos, necessidades e estado em que se encontravam as Irmãs da Casa.

Foi resolvido que receberíamos nossas queridas Irmãs com um rosto alegre, demonstrando-lhes satisfação por sua chegada, sem falar, de modo algum do ocorrido em Nantes, nem à sua chegada, nem noutra momento. Depois de havê-las recebido, informar-nos-íamos sobre sua necessidade de tomar alimento ou então de retirar-se para descansar, e, tiverem vindo a pé, se lhes prepararia água fervida com ervas finas para se lavarem as pernas.

A Irmã Joana de Senlis (4) foi proposta para ir para Châteaudun e assim ficou decidido.

O tempo urgia; não falamos de outra coisa...

E. 85 (A. 13 bis)

(Sobre o Mistério da Encarnação)

Desde que nosso primeiro pai pecou, a bondade de Deus, apiedando-se da natureza humana, prometeu reparar sua falta pela Encarnação do seu Verbo. E essa promessa foi tão poderosa que, embora não tenha abolido inteiramente o pecado, por causa da liberdade que Deus dera ao homem, mudou-lhe o efeito, convertendo-o em pessoal. Valendo-nos pois, de sua promessa de efeito, que dava como executado o designio de Deus, a natureza humana em geral, não mais poderia participar da falta de um de seus membros em particular, por causa da pessoa de um Deus, que dele fazia parte.

Oh! admirável! oh! segredo escondido! Que quisestes fazer com a criação do homem, uma vez que não ignoráveis a sua fraqueza? Era porém necessário que fosse assim, para fazer-nos compreender, ó nosso Mestre, os efeitos de vosso imenso Amor!

Não será também, que vossa admirável Encarnação era o estabelecimento da graça de que as almas têm necessidade, para alcançar seu fim? Porque ao criar os corpos lhes destes todo o necessário, para seu alimento, vestuário e até prazeres; porém, a alma, segundo sua natureza, não poderia servir-se, por si mesma, de todos esses meios para sua conservação e não se poderia ver tão estreitamente unida a seu objeto que é Deus, inacessível a todo ser, senão por esse meio tão singular que leva para Deus o homem e, ao homem, Deus. Esse Deus,

E. 85 Rc 5 A. 13 bis. Original escrito por Luisa de Marillac.

que presente continuamente à alma... tornou-a tão semelhante a Ele, atua nela como bem lhe pareça e de acordo com suas necessidades, para permitir-lhe alcançar seu fim, cada uma segundo seus divinos desígnios sobre ela.

Sim, meu Deus, aceito de todo o coração este pensamento que me parece tão próprio de vossa bondade e vosso Amor; sim, seria, de certo modo, diminuir essa bondade e desconhecer o Amor que tendes pelo homem, o não confessar que quereis comunicar-vos interiormente com ele. Seria possível que quisésseis a Comunhão dos Santos da Igreja triunfante, padecente e militante e sendo vós que operais tamanhas maravilhas, vos comportásseis como os príncipes da terra que, para resguardar sua autoridade, necessitam manter-se reservados ou afastados? Não, não é assim, porque sendo vós um bem infinito quereis sempre comunicar-Vos. Estarei pois, cada vez mais atenta à vossa presença. Suplico-vos, ó meu Senhor, que não desdenheis a mais infiel de vossas criaturas. Assim o espero de vosso Amor. Haveis de participar os sentimentos que comunicais a meu coração nesta curta meditação, aos que tenham necessidade disso, para que, amando e honrando vossa presença amorosa, se apliquem a tão santa prática; não lhes recuseis as graças que sempre concedeis aos que se mantêm em disposições de recebê-las, da mesma maneira que o sol não faz nenhuma distinção para dardejar seus raios sobre tudo o que está debaixo dele.

Eis que chegou o tempo de cumprir vossa promessa. Sede para sempre bendito, ó meu Deus! pela escolha que fizestes da Santíssima Virgem... Por acaso não merecia o diabo que vossa divindade decretasse sua última perdição? Foi preciso que vossa onipotência se valesse do sexo mais fraco da natureza humana para esmagar sua cabeça, como o havia ameaçado vossa justiça. E, para isso, vos servis do sangue da Santíssima Virgem para, com ele, formar o corpo de vosso amado Filho. Oh! admirável bondade! Que caminho tomais para esta execução! Por quanto tempo o haveis diferido?...

E. 86 (A. 24)

(Supremo domínio de Deus)

Que no único e verdadeiro ser de Deus se descubra a essência de todos os demais seres que, por sua bondade, foram criados. E, como todos os tempos dependem de sua eternidade, é muito razoável que os empreguemos de conformidade com sua santa vontade e para sua glória. Como tudo foi criado por Ele com uma ordem perfeitíssima, quero aplicar-me mais do que até agora o fiz, a viver o mais ordenada e regularmente que puder, honrando, neste mês, essa sagrada ordem colocada na criação, pela verdadeira e única divindade.

E. 86 Rc. Rc. 5 A. 24. Original escrito por Luisa de Marillac.

(Pureza de amor necessária para receber o Espírito Santo)

As almas verdadeiramente pobres e desejosas de servir a Deus devem ter grande confiança em que o Espírito Santo ao descer sobre elas, e não encontrando nenhuma resistência, as disporá convenientemente para cumprir a santíssima vontade de Deus, que deve ser seu único desejo.

E, para chegar a esse estado de não resistência, é preciso estabelecer-se em obediência, como os Apóstolos e no reconhecimento sincero de nossa incapacidade, desapegando-nos totalmente de todas as criaturas e até de Deus mesmo, quanto aos sentidos, pois, o próprio Filho de Deus que preparou os Apóstolos para receberem o Espírito Santo, colocou-os nesse estado, privando-os de sua santa e divina presença, por sua Ascensão. E, sem dúvida alguma, o Espírito Santo vindo às almas assim dispostas, o fogo de seu amor consumirá todos os obstáculos às operações divinas, nelas estabelecer-se-ão as leis da santa Caridade e lhes dará fortaleza para atuar sobre o poder humano, contanto que essas almas permaneçam no desapego absoluto, acima referido.

O amor que devemos ter a Deus há de ser tão puro que não pretendamos, na recepção de suas graças mais especiais, outra coisa senão a glória de seu Filho, como Nosso Senhor no-lo ensinou na pessoa dos Apóstolos a quem prometeu o Espírito Santo, assegurando-lhes que por Ele seria glorificado.

É isto o que há de pretender a alma que ama a Deus e a maior felicidade que possa obter é a de cooperar para dar testemunho da glória dAquele cuja morte ignominiosa encheu de assombro o mundo. Se com Deus, não merecesse a pureza desse amor e de ser o único objeto de todos os nossos afetos, ao menos seria precioso prestar à sua humanidade santa, o dever da gratidão à imensidade de seu amor.

Bem-aventuradas as almas que ajudam as outras a render-Lhe tais deveres e bem-aventuradas aquelas que, à vista de sua impotência, resolvem-se a não ter outros interesses, nem ocupação e empregam fortemente seu amor em fazer que o seu Mestre seja o dono absoluto de seu coração.

E. 88 (A. 28)

(Pensamentos sobre a excelência de nossas almas)

O amor que Deus tem por nossas almas procede do conhecimento da excelência do ser que lhes deu participação do Seu; conhecimento que nos pode revelar a grandeza delas pois é um ato exterior a Ele, igual, de certo modo, ao que produz em Si mesmo, gerando a segunda Pessoa de sua divindade. Porém, porque nossas almas não são Ele mesmo, o conhecimento produzido pelo amor que lhes tem, leva-O a dignar-se ter um cuidado paternal da direção geral daquelas que se entregam totalmente aos efeitos de sua santa vontade.

E. 89 (A. 37)

(O céu comparado com grão de mostarda)

Nosso Senhor quis colocar mais ao nosso alcance, o reino dos céus comparando-o com o grão de mostarda, para ensinar-nos a facilidade de alcançá-lo, pois, já no-lo havia conquistado por meio de tantos trabalhos, padecimentos e por morte. O gozo *(deste reino)* nos está assegurando se o desejamos e parece que neste mundo, este reino é apenas desejo, porque o que há menor do que um grão, que coisa, menor que um desejo?

Como, meu Deus, tão pouca coisa é essa felicidade eterna, única capaz de saciar as almas bem-aventuradas? De tal modo desprezais o sangue e a vida que vos custou, que o rebaixais até o ponto de compará-lo com um diminuto grão de mostarda? Sim, já vi que este grão contém em sua natureza uma grande força tanto pelo que multiplica, como pela qualidade que confere ao que sai dele.

Tratarei, pois, de tero desejo do céu e, uma vez que o tenha, vou semeá-lo na terra do meu coração. Para que cresça e se aperfeiçoe, rogarei a Deus que fecunde essa terra com seu ardente Amor e a regue com o precioso Sangue de meu Salvador.

E. 88 Rc 5 A. 37. Original escrito por Luisa de Marillac.

E. 89 Rc. A. 37. Original escrito por Luisa de Marillac.

(Sobre o Recreio)

Sempre devemos começar o recreio lembrando-nos da presença de Deus, da igualdade de todas as criaturas racionais diante dEle e pensando que, as que menos apreço merecem dos homens, talvez sejam as mais amadas de Deus.

Temos também de ver o tempo do recreio como concedido pela bondade divina para nos unir fraternalmente, graças a uma comunicação sincera de pensamentos, palavras e ações; tudo isso para honrar a verdadeira unidade na distinção das três Pessoas da Santíssima Trindade e a união admirável que existe entre os bem-aventurados no céu.

A conversa durante o recreio deve ser alegre e cordial, de verdade, falando-se indistintamente com as pessoas que nos agradam e com as que nos são menos simpáticas; respondendo com afabilidade, sem deixar transparecer nenhuma contenção de espírito e sem nunca levar nada a mal, recordando a mansidão de Jesus Cristo ante as censuras com que tantas vezes foram recebidas suas santas palavras e ações.

Não deveis rir das que não sabem expressar-se corretamente, a menos que tenhais certeza de que não levarão a mal e não tenhais em vosso coração nenhum sentimento contrário à caridade. Se derdes motivo de riso para as outras, não vos zangueis, considerando todas as vossas Irmãs como melhores do que vós e, portanto, mais amadas de Deus e considerando-vos felizes de poder servi-las.

De vez em quando, durante o recreio, elevai vosso espírito a Deus, lembrando-vos de que esse tempo de expansão para o corpo e o espírito é para remédio da fraqueza de ambos e assim, possam eles melhor empregar-se no serviço de Deus, conforme sua orientação, após haverem recobrado novas forças para o trabalho.

Durante o tempo do recreio, pensai na alegria eterna que gozareis no céu se, na terra, amardes muito a Deus e vosso próximo, como Ele no-lo ordena. E, para ajudar-vos nesse amor que deveis ao próximo, pensai, ao vos verdes reunidas, que o vínculo de vosso afeto mútuo é o Sangue derramado do Coração de Jesus Cristo.

A conversão durante as horas em que a obediência no-la permite, deve ajustar-se ao exemplo dado pelo Filho de Deus quando estava na terra, isto é, o de um espírito de grande caridade; procurar unir-vos àquelas que mais vos estimulam à virtude ou a quem vos possa ajudar. Tende interesse pelo bem dos outros,

não vos indignéis pelas ações deles e menos ainda por suas intenções; evitai as afeições particulares, pois estais obrigadas a uma mútua correspondência, a fim de conservar a união que deve reinar em vossa família religiosa. Sede afáveis com todas e honrai sempre a vossa superiora; deveis vê-la como Jesus Cristo na terra. Nunca censureis sua conduta e governo, mesmo se suas determinações contrariem algumas vezes os vossos sentimentos e até pareçam opor-se à razão. Tende certeza de que com um pouco de paciência chegareis a conhecer que é o espírito de Deus e não o dela que governa.

Tende grande cuidado em tomar a defesa dos ausentes e fazei-o com um espírito de caridade que vos impeça de julgar levianamente os outros. Pondevos no lugar dos que são criticados, seja colocando ante os olhos vossas próprias, faltas, seja considerando quanto as inclinações naturais ou o hábito exercem influência sobre os espíritos, ao ponto de quase tornar impossível o libertar-se delas. Finalmente, refleti e levai, aquelas que se encontrem convosco, a refletir sobre as graças que tendes de dar a Deus, umas e outras, se estiverdes isentas desses defeitos. Cuidai porém, sobretudo, de que vossas palavras, ao falardes dos outros, procedam de um coração verdadeiramente cristão e não, de uma virtude fingida.

Vossas conversas versem, na maioria das vezes, sobre temas que vos ajudem no cumprimento de vossas Regras, pensando que qualquer outra devoção vos é mais prejudicial que útil.

E. 91 (A. 92)

(Sobre os officios da Casa Principal)

Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo.

As Irmãs encarregadas dos officios da Casa pensarão ser duplamente obrigadas a dar bom exemplo a toda a Companhia à qual servirão em espírito de mansidão e caridade, do mesmo modo que serviriam os pobres se estivessem dedicadas a seu serviço, isto é, vendo nelas Nosso Senhor.

— A despertadora terá devoção especial a seu Anjo da Guarda para que a ajude a acordar um pouco antes das quatro horas, pensando que Deus lhe pedirá conta das que, por sua culpa, deixarem de levantar-se à hora. Também se animará com o pensamento de que Deus a vê, com agrado e de que terá grande parte no mérito das orações que Deus inspirar àquelas que, por sua ajuda, serão diligentes.

Vestir-se-á, sem fazer barulho antes de despertar as outras; caminhará modestamente, dirá apenas o necessário para não distrai-las, nem lhes dar motivo de riso.

Terá o cuidado de tocar para todos os exercícios, como o almoço às 11 e meia, a oração da tarde às 5 e meia, o jantar às 6 e a oração às 8, exceto às sextas-feiras em que tocará às 7 e meia.

Lembrar-se-á de que não deve assemelhar-se ao sino que toca: ele não vai ao lugar para onde chama. Ao contrário, será a primeira a pensar que tendo de chamar as outras, deve animar-se a si mesmo não somente a ser a primeira a chegar na Capela, mais ainda, a considerar aonde vai e o que vai fazer.

– A Irmã da Portaria assim que nomeada para este officio, pensará na importância de cumpri-lo bem e na necessidade que tem de uma grande discricção e reserva. Depois de pedi-las a Deus, rogará ao Anjo da Guarda que a ajude tratando, a cada vez que for abrir a porta, de elevar seu pensamento a Deus.

Tanto quanto lhe for possível, não deixará que tenham de chamar duas vezes, animando-se à diligência com um ato de caridade e o pensamento de que se Deus lhe fizer a misericórdia de ir para o Purgatório e dele sair para entrar no Céu, sentiria muito que lhe atrasassem a entrada.

Terá a chave da arca onde se guarda o pão e se encarregará de cortar os pedaços para o café da manhã, que serão de uns três quartos de libra, e, não dará duas vezes, nem mais do que o previsto, a nenhuma.

Encarregar-se-á, igualmente, de cortar o pão para a sopa, em fatias bem finas para ficarem mais embebidas e, em quantidade razoável, sem excesso, a fim de que possa tirar caldo para aquelas que tiverem necessidade, as outras poderão colocar na sopa mais um pouco do seu pão, se nele não houver o suficiente.

Terão o cuidado de não cortar pedaços demasiado grandes para a primeira mesa, a fim de não faltar para a segunda, embora volte a passar mais para quem quiser.

Recolherá logo as tigelas de sopa e se for preciso, lavará algumas para a segunda mesa.

Tirárá o molho dos pratos, mandando, bem limpas as sobras à Irmã da Cozinha; preparará o serviço de sopa da segunda mesa, enquanto as Irmãs estiverem rezando o Ángelus, na Capela.

Quando as Irmãs tiverem terminado a refeição, - percebê-lo-á ao faltar pouco para soar o primeiro quarto de hora ou quando vir que a maioria já não comerá tocar três badaladas para se levantarem da mesa e todas se lembrarão de adorar as três Pessoas da Santíssima Trindade.

Esquecia-me de dizer que ela deve preparar o serviço das sopas depois que houver dado 11 horas e um quarto, preparando sempre a primeira sopa do pobre, no qual honrarão a Nosso Senhor.

Também terá o cuidado de limpar a tempo o pátio e a entrada da porta, dentro e fora da casa, assim como as escadas que vão da Capela até em baixo.

Toda vez que a dita Irmã abrir e fechar a porta, é necessário que seja atenta em ter sempre um porte modesto e reservado solicita em escutar com respeito e responder como é devido.

Quando lhe perguntaram pelas Irmãs, não dará outra notícia senão a de sobre sua saúde e nada falarão do lugar onde se encontram. Se vir que essas pessoas estão preocupadas e têm grande interesse por elas, pedir-lhes-à que esperem que ela vá perguntar e, para isso recorrerá à Diretora ou, na sua ausência, à Assistente.

Jamais avisará a uma Irmã que perguntaram por ela, até que tenha a devida permissão e, se não se julgar conveniente que a Irmã atenda não lhe pode contar que vieram vê-la, nem tão pouco transmitir qualquer recado a alguém.

A dita Irmã se vigiará para não sucumbir á curiosidade, quando alguém entrar e ficar esperando na casa. Não se informará jamais de novidades e, se lhas quiserem contar, procurará, com habilidade, desviar a conversa. Porém, se não puder evitar inteirar-se de alguma coisa, não a comunicará às Irmãs, a não ser que se trate de necessidade que requeira orações. Nesse caso, transmitirá à Diretora ou à Assistente, tal notícia.

Ao anoitecer, terá todo o cuidado de fechar as portas e janelas dos lugares dos quais é encarregada e levará as chaves à Irmã Assistente.

Fará muita atenção às chaves, não as deixando nem na portaria, nem noutra lugar; fechará a porta com duas voltas de chave e quando lhe ordenarem fazer outra coisa, não entregará as chaves sem permissão da Irmã Assistente ou da Diretora.

Fará, ordinariamente, o serviço da primeira mesa, cuidará de que não haja barulho no refeitório, onde não deixará entrar nenhum cachorro, gato ou galinhas; conservará a porta fechada e não fará barulho ao abri-la ou fechá-la, fazendo-o com delicadeza; também tomará cuidado para que nada falte às Irmãs, como àgua ou pão. Servirá as porções com modéstia e sem preferências, considerando que está servindo as Servas de Nosso Senhor e dos pobres.

Se observar que uma Irmã tenha deixado de tomar sua porção em mais de uma refeição, avisará à Irmã da Cozinha.

— A Irmã Cozinheira irá às 6 horas em ponto ou, um pouco antes, para seu ofício a fim de acender o fogo e nela pôr a panela da Comunidade, pensando na alegria que tiveram Santa Marta e Santa Joana de Cusa, quando preparavam a comida para Nosso Senhor, ao terem a felicidade de recebê-lo. Este pensamento levá-la-á à devoção, fazendo-a considerar que serve a Nosso Senhor quando serve àquelas que são suas servas, na pessoa dos pobres.

Terá cuidado de preparar a comida com presteza e o melhor que puder de tal modo que semelhante esmero supra os manjares mais deliciosos servidos em outras Comunidades.

Será pontualíssima em ter tudo pronto para o almoço às 11 horas e meia e o jantar às 6 em ponto, tendo também cuidado para que não se fale alto na cozinha, nem se faça barulho para não atrapalhar a leitura que as Irmãs fazem e que ela procurará escutar.

A Irmã Cozinheira - chefe, sendo também despenseira, terá cuidado tanto em dar o necessário às Irmãs, como em evitar o supérfluo, porque a caridade requer o primeiro e a virtude de pobreza recomenda o segundo. Quando souber que alguma está indisposta ou muito inapetente, dar-lhe-á, com caridade, o melhor que tiver e o que lhe parecer mais adequado para sua enfermidade e, do mesmo modo, algo para tomar com o pão, no café da manhã e merenda para aquelas que tiverem, de fato, necessidade.

A dita Irmã precisa de grande caridade e prudência para não se levar pelo desejo de dar mais a umas que as outras; sua obrigação deve impulsioná-la a amar e a dar, igualmente, a todas as Irmãs aquilo de que necessitam. Se verificar que alguma Irmã, por capricho, acreditasse necessitar de outra coisa diferente da que se lhe dá, avisá-lo-á à Diretora, a fim de saber se deve contentá-la, porém, é sempre preciso, quer dando, quer recusando, o faça com afabilidade e de bom grado.

Quando houver Irmãs realmente doentes terá de redobrar seu cuidado em preparar-lhe bons caldos, pensando que a maneira de prepará-los, mais que a quantidade de carne que neles ponha, faz com que os torne saborosos e agradáveis às doentes.

Ao fazer a sopa, guardará sempre caldo para as Irmãs doentes tomarem à noite.

E, embora se esmere o mais que possa na preparação da comida das Irmãs, nela não porá condimentos ou, então, só em pouquinha quantidade no que for preciso, nem cebola, porque é pouco saudável para as mulheres.

Fará o possível para sempre tomar a refeição com as outras Irmãs, na segunda mesa e não sozinha, a fim de dissipar toda sombra de suspeita de que escolhesse o melhor para si. E, uma vez que haja cumprido seu dever em tudo, exortamo-la a não se afligir, nem se apoquentar com as queixas que algumas Irmãs poderiam fazer de que prepara demais ou não prepara bastante ou prepara mal o alimento, nem inclusive, se essas pessoas descontentes acusassem-na de escolher o melhor para si. Procurará aproveitar-se dessas críticas, suportando-as com mansidão e consolar-se-á pensando que também censuraram Nosso Senhor quando servia o próximo, alegrando-se com isso, não se sentindo culpada.

Todas as Irmãs devem saber que não podem entrar em nenhum ofício sem permissão da encarregada, nem retirar dele coisa alguma sem a mesma permissão. Por sua parte porém, as "oficiais" devem ser amáveis com as que se lhes apresentem e, se forem obrigadas a negar-lhes a entrada, como o faria com as que aí fossem somente para conversar ou esquentar-se, em hora indevida, deverão fazê-lo com amabilidade, lembrando-as de que assim o quer a obediência; porém, se for possível, devem deixá-las entrar, por exemplo, se precisam levar para si algumas brasas ou algum utensílio; isso lhes será permitido, à condição de que lho devolvam, pelo transtorno que causará o não ter à mão aquilo de que necessitam.

– A Irmã Enfermeira assim que for encarregada do cuidado de uma ou várias Irmãs doentes, receberá esta ordem como vinda de Nosso Senhor, pensando que a chama, de modo especial, para imitá-LO nas dificuldades e trabalhos, mediante o cansaço de velar e cuidar dos doentes.

Terá o cuidado de avisar à Irmã Boticária tudo quanto ocorrer às doentes e suas necessidades, como também não lhes dará alimento, nem remédios sem seu parecer.

Será pontualíssima em respeitar o tempo e as horas em que terá de administrar-lhes remédios ou alimento e em não lhes dar, a pedidos seus, o que lhes poderia ser prejudicial.

Ainda que faça tudo quanto possa para desempenhar bem sua tarefa, poderia entretanto ocorrer que as doentes se queixassem dela; não se ofenderá com isso, mas, as excusará tendo em conta seus sofrimentos e preocupações. Procurará, se for possível, um meio de dar-lhes gosto sem que lhes suceda algum mal. E, se a doente, num momento de impaciência, lhe disser palavra desagradável ou de queixa, faça como se não a ouvisse ou então, desculpe-se, humildemente, honrando assim as críticas que os judeus dirigiam a Nosso Senhor quando curava os doentes em dia de festa.

Como as Irmãs da Caridade estão obrigadas a servir os doentes tanto espiritual como corporalmente, à imitação de Nosso Senhor que, ao curar alguém, sempre lhe fazia alguma advertência referente à salvação das almas, dizendo a uns: "não pequeis mais", a outros dando-lhes a entender que sua fé os havia salvado e outras muitas palavras semelhantes, do mesmo modo nossas Irmãs Enfermeiras terão grande cuidado de que as Irmãs doentes fiquem submissas à vontade de Deus, tenham grande confiança em seu amor, saibam aproveitar-se de todas as dores que sentirem. Oferecê-las-ão a Deus em união com as de seu Filho e toda a sua esperança de salvação descanse na vida e morte de Jesus Crucificado. Tomem a resolução de servir a Deus bem melhor do que até agora o têm feito e, a terem daí por diante, grande compaixão pelos pobres doentes que sofrem muito, sem outra assistência corporal, nem espiritual que as que elas

lhes prestam. Será bom dizer-lhes, de vez em quando: Irmã, aí da vossa cama, não pensais nos sofrimentos de nossos pobres doentes que, tantas vezes, vêm-se sozinhos, sem luz, recostados num pouco de palha, sem lençóis nem cobertores, sem nenhum alívio nem consolo? Não vos parece que sois muito feliz com tantas graças que Deus vos concede?

A Irmã Enfermeira estará bem atenta para observar todas as alterações e acidentes que sobrevenham às doentes, a fim de avisar tudo ao médico ou à Irmã Boticária; também, se perceber que estão decaindo dar-lhes-á aviso, para que se lhes administrem os Sacramentos.

O Ofício da Irmã Boticária. Dado que a saúde é o mais precioso de todos os tesouros de vida, a Irmã encarregada da Botica deve ser caridosa, prudente e muito cuidadosa em preparar os medicamentos e fórmulas em suas épocas próprias, sem poupar coisa alguma para manipulá-los bem; de vez em quando revisará-los para que nada se perca, tendo sempre os potes e garrafas fechadinhos.

Faça cada vez melhor as coisas, se Deus lhe der vida e saúde.

E. 92 (A. 93)

(Observações concernentes às Regras Comuns)

(aproximadamente em 1656)

– Artigo 5º. Não há nada a objetar a estas palavras do artigo 5º. Para merecer, como ele, ir um dia para o céu?

– Artigo 8º. É pouco claro. E, aliás, parece-me que isenta as Irmãs das paróquias das aldeias de entregar à Casa, a sobra; isso não seria justo pois, também elas, como as outras, são vestidas às expensas da referida Casa. Nesse mesmo artigo: enquanto houver na Casa uma Irmã que tenha o nome de Superiora, julgou-se que a 1º Assistente não deveria se chamar Irmã Servente.

– 9º. Essas linhas sublinhadas são do artigo 9º; todo o resto é do 8º.

– 10º. A palavra ingratos não é dura demais e não faz presumir que os pobres devem agradecimentos às Irmãs da Caridade? o que não seria, pois as Irmãs têm obrigação de servi-los.

E. 92 Rc 5 A. 93. *Autógrafo original.*

Observação: As palavras entre parênteses e em itálico não estão no texto original: servem de esclarecimento. (Tradutora)

Após a palavra "dos Sacramentos", parece-me que se teria de (*acrescentar*) que, se o doente vai continuando a viver e tem devoção de comungar e necessidade de se confessar, as Irmãs devem estar atentas a isso ou, inclusive, animá-lo a fazê-lo.

- 11º. Depois da última palavra, "seus desejos" (*acrescentar*) animando, tanto quanto puderem, as Senhoras e outras pessoas a fazerem o maior bem possível aos pobres.

- 19º. Depois dessas palavras "de Irmã Servente" que não se deve entender da Casa, acrescentar: estando nas paróquias; ou então, um artigo que fale que as Irmãs Serventes devem ser consideradas como Superiores pelas Irmãs "associadas".

- 21º. Após "por boas intenções que tenham" acrescentar: e isso o mais sucintamente possível.

- 29º. Aqui aparece, de novo, a palavra Irmã Servente; além disso, não seria necessário dizer que pedirão licença à Irmã Assistente só em caso de ausência da Superiora? porque há perigo em atribuir demais às Assistentes por várias razões, já que nossas Comunidades não são como as das Religiosas.

- 30º. Este artigo não parece afirmar excessivamente que as Irmãs podem ter aversão umas pelas outras? Muitas vezes, trata-se apenas de um repente de temperamento em um ato determinado ou numa palavra.

Art. 31. - Artigo 11º do Emprego do dia. Depois da leitura do Martirologio, fazer a do ponto de meditação, porque se for deixado para depois da oração, já estarão cochilando; toma-se um pouco de tempo, até um quarto, para que alguma Irmã fale sobre o assunto da oração do dia seguinte e, seja assim bem gravado no pensamento.

A repetição de oração é feita todos os dias após a oração da manhã.

No final desta artigo (*acrescentar*): é bom que se vá dormir com algum bom pensamento.

Fiz essas observações porque vossa Caridade mo ordenou; a palavra Irmã Servente ficaria mais clara se se dissesse: nas paróquias.

Fiquei ainda sabendo que o Confessor de Chars (1), com frequência, proíbe (às Irmãs) que digam as coisas ao Senhor Cura e, em várias ocasiões, também pergunta o que este lhes tem dito: isso parece uma curiosidade para se aproveitar de um e das outras.

31. - Em vez de aversão, dizer descontentamento

(Observações sobre o Regulamento das Crianças Expostas)

Depois do Artigo 4º

Não seria conveniente preparar duas ou três Meditações cujo tema fosse o serviço das Criancinhas, tando para dar-lhes a conhecer (*às Irmãs*) quanto ele é agradável a Deus, como há perigo em servi-las com negligência, e, recompensa para as que as servirem devidamente? Que as ditas Irmãs retomassem esses temas de oração todos os meses?

Depois do Artigo 6º

Não permitirão que as crianças se levantem sem roupa, nem que (*ao se deitarem*) fiquem totalmente despidas, nem também andem descalças, nem com a cabeça descoberta, tanto para se acostumarem à honestidade e pureza, como por razão de saúde; não os pentearão, nem lhes mudarão de gorro em lugares descobertos, como no pátio, nem mesmo em seu quarto, com as janelas abertas.

Cuidarão também de que, no inverno, as Crianças não permaneçam muito perto do fogo, mas farão com que brinquem de jogos que as aqueçam, ainda que, de vez em quando, façam-nas aproximar-se do fogo.

Igualmente, não deixarão as Crianças dormindo ao sol ou em algum lugar insalubre e isso, em qualquer estação.

Depois do Artigo 12º

As Irmãs que servem as Crianças em seus quartos, procurarão corrigi-las, com pequenas privações ou com palavras bondosas, que as animem ao bem; porém se se tornarem rebeldes e elas julgarem ser necessário castigá-las de outro modo, di-lo-ão à Irmã Servente que lhes dará umas chicotadas ou mandará que as Irmãs o façam. Isso será feito sempre sem paixão e, portanto, após diferirem algum tempo após o conhecimento da falta e se absterão, absolutamente, de bater na cabecinha delas.

Artigo 8º, da Irmã Servente

Depois de "ou de outro modo" (*acrescentar*): a não ser que fossem aptas a servir na Casa.

9 º

Em continuação às palavras: "e o silêncio", (*acrescentar*): exceto se tiverem necessidade de infringi-lo por causa de seu trabalho.

Marcar a hora em que devem começar as ladainhas, nos dias de festa.

Não seria necessário fazer também, separadamente, os ofícios das Irmãs,

como o da porteira, da "despertadora", da cozinheira e da que cuida da roupa branca e do vestuário?

Essa última cuidará de que todo fio ou seda seja bem empregado, isto é, que as Crianças tenham o suficiente para fazerem sua tarefa e vender o que é feito na Casa, como também cobrar o preço dos comerciantes, para prestarem conta de seu ganho à Senhora Tesoureira da Companhia das Ditas Crianças e de cozinhar... (1)

Continuando o artigo 19º, relativo às Crianças, (*acrescentar*) que todas as que trabalham, até à idade de 16 anos, levantar-se-ão às 5 horas, no verão e, às 5 e meia no inverno e deitar-se-ão ordinariamente, às 9 em ponto.

À hora do levantar das Crianças, a Irmã encarregada irá a seu quarto e levá-los-á à Capela para rezarem a Deus. De volta, tomam a lição e logo começarão a trabalhar. O café da manhã ser-lhe-a servido às 8 horas.

A referida Irmã levará, diariamente, uma ou duas crianças à Missa, à hora em que a Irmã Servente julgar mais oportuna, quando a Missa não for celebrada no Hospital. Colocá-las-á diante de si, procurando que rezem com atenção e de volta à casa, as repreenderá pelas faltas que tiverem cometido.

No artigo 7º das Regras

Depois das palavras "desde seu levantar", (*acrescentar*) que o mais cedo será às 7 horas para os pequeninos e às 6 e meia para os de 6 a 7 anos.

No Artigo 8º

Em vez de ser a Irmã quereze o Benedicite, será uma das meninas maiorezinhas, por rodízio, cada uma durante uma semana; as que vão todos os dias à Missa, rezarão, diariamente, o terço, em vezes, isto é, uma dezena depois da oração da manhã, duas depois das "graças" do almoço e outras duas após as "graças" do jantar.

E. 93 Rc. 5 A. 81. Original escrito por Luisa de Marillac.

(1) Original, frase sem terminar...

E. 94 (A. 66)

(Sobre a necessidade de aceitar as mudanças) (1)

(1) Ponto: A primeira razão pela qual as Irmãs da Caridade têm de aceitar as mudanças de lugar, de pessoas e trabalhos, é o respeito que devemos à submissão do Filho de Deus, que se comportou de tal maneira.

A segunda é que todas essas mudanças podem e devem ocorrer; *(do contrário)*, não se teria, muitas vezes, a paz interior que tão necessária é para agradar a Deus e cumprir sua santa vontade.

Uma terceira razão é a consideração a ser feita pelas Irmãs das dificuldades em contentar a todos, prover de Irmãs os lugares em que são pedidas Filhas da Caridade para o serviço; dar satisfação a tantas pessoas e procurar evitar vários inconvenientes que podem ocorrer.

As faltas que as Irmãs podem cometer caso não aceitem essas transferências ou mudanças, em todas as formas em que podem ser propostas, são grandes, pois, no caso da mudança de uma Irmã para se enviar outra, se a que é enviada não é de seu gosto ou tenha ouvido dizer alguma coisa dela, não se lhe dirá nenhuma palavra amável, se se der crédito ao que foi falado... quando estiverem juntas se contradirão, será difícil refrear seus sentimentos, sem deixá-los transparecer e a coisa poderá chegar a tal ponto que, conversando com os Senhores, o espírito maligno poderia sugerir que dissessem coisas desfavoráveis à sua Irmã.

Outro mal seria, ainda, o mau exemplo que se daria ao próximo; a impossibilidade de cumprir, decididamente, os regulamentos; o perigo de perder a vocação e uma infinidade de outros males: seria muito demorado enumerá-los.

(1) Pensamentos preparados, talvez, para a Conferência de São Vicente, do dia 6 de junho de 1656, sobre a indiferença.

*Avisos de "Mademoiselle" Le Gras
às Irmãs enviadas a Arras*

(agosto de 1656) (1)

1º A Irmã Margarida Chétif e a Irmã Radegunda Lenfentin (sic) vão para Arras por ordem do senhor Padre Vicente, seu Honoratíssimo Superior e segundo o desejo que lhes expuseram as Damas "Oficiais" da Caridade de Paris, a pedido de algumas pessoas importantes da cidade de Arras e, pelo tempo que a ele lhe pareça e que o supracitado senhor, seu Superior, julgue oportuno.

2º Vão para lá com as mesmas condições dos outros lugares onde temos Estabelecimentos, a saber, para servir os pobres corporal e espiritualmente, praticando suas Regras em tudo que puderem, como o fariam se estivessem na Casa, lembrando-se, entretanto, que seu principal deve é o serviço dos pobres, preferindo-o a qualquer outra coisa.

3º Pensarão, com freqüência, que foram instituídas para honrar Nosso Senhor Jesus Cristo, seu Patrono; farão todos os esforços para imitá-IO nas virtudes de que lhes deu exemplo, sobretudo na humildade, simplicidade, modéstia e caridade, virtudes que compõem seu espírito. O meio para tal é figurar-se que o Salvador lhes está presente; outro meio é agir e falar com o fariam se seus Superiores a vissem.

4º Porão todo o cuidado em viver como verdadeiras Filhas da Caridade; afeiçoar-se-ão à pobreza de Nosso Senhor e honrá-IO-ão pela prática que dela farão, gerindo os bens que tiverem de administrar e contentando-se em ter o necessário para alimentar-se e vestir-se.

5º Terão grande respeito pelas Senhoras da Caridade que as empregam no serviço dos Pobres, assim como pelo médicos e outras pessoas que lhes prestam serviço, obedecendo a todos e a cada um, segundo os cargos que tenham. Finalmente, respeitarão e honrarão, muito especialmente, os senhores Eclesiásticos.

6º Se houver pessoas que desejam empregar-se em servir os pobres, ensinar-lhes-ão de boa vontade, o que souberem, porém, não o farão àquelas que têm como única finalidade ganhar sua vida; e, para evitar qualquer acidente, não ensinarão a nenhuma pessoa de fora a sangrar. Só poderão aplicar sangrias diante de moças que já saibam picar e tenham feito sua aprendizagem com pes-

(1) *MV I, 157 ss. 30 de agosto de 1646.*

soas capacitadas, que conhecem os perigos de uma sangria.

7º Não se juntarão a ninguém nem nos seus exercícios e ofícios, nem para se deitarem; isso lhes é expressamente proibido.

8º Caso queiram encarregá-las da administração dos bens materiais dos pobres, recusarão fazê-lo e, enquanto lhes seja possível, não tocarão em nenhum dinheiro para distribuí-lo aos pobres, mas, incentivarão os benfeitores a que o façam eles mesmos; agirão dessa maneira por duas principais razões: primeira, a fim de que as pessoas que fazem a caridade tenham o mérito completo de sua obra; em segundo lugar, a fim de obedecer às suas Regras e a seus Superiores. No caso de não conseguirem, em absoluto, impedir que sejam encarregadas de alguns gastos pequenos, será preciso que a Irmã Servente anote, por escrito, o dinheiro que receber. Mandará sua companheira comprar essas miudezas necessárias, apontará o total exato das despesas, a fim de prestar conta disso, a quem competir, ao menos uma vez por mês ou todas as semanas, se possível.

Se se dá pão, carne, vinho, dirão de que modo se faz em Paris e tudo quanto pagarem, será com recibo, cuidando de fazer, com antecedência, as suas compras.

9º Enviarão, diretamente, todas as suas cartas e negócios a Paris; escreverão de tempo em tempo à Superiora e, se for necessário, também escreverão ao senhor Padre Vicente e ao senhor Padre Portail, sobretudo tendo dificuldades notáveis tanto espirituais como materiais.

10º Não receberão nenhuma visita em sua casa, nem as farão sem necessidade; despedirão, prontamente, as Senhoras da Caridade que forem vê-las por causa dos assuntos dos pobres; não comerão em casa de externos, nem oferecerão refeições em sua casa.

11º Não permitirão que nenhum homem entre em seu quarto, nem mesmo o sacerdote e o médico que estejam encarregados do cuidado dos pobres, quando vierem lhes falar. Mas, as duas descerão, se for possível, a fim de receber suas ordens. Quando nossas Irmãs forem falar com o Padre, será, ordinariamente, na Igreja; e, com o médico, será em algum lugar próprio para isso, como na casa dele ou em casa de algum doente.

12º Se, em seu alojamento, antes do seu quarto, houver um espaço amplo e iluminado, será este o lugar em que poderão falar com as pessoas; porém, se não tiverem lugar apropriado para tal, mandarão fazer uma porta dupla dividida em duas e abri-la-ão na parte de cima quando tiverem de falar com alguém.

13º Quando estiverem doentes não mandarão chamar nem o confessor, nem o médico e não os deterão mais do que tiverem verdadeira necessidade. Comportar-se-ão assim, a fim de não abusar da bondade deles e de não fazê-los perder tempo e porque este é um dos principais pontos de nossas Regras.

14° Viverão em concórdia e se tolerarão mutuamente, pedindo logo perdão pelos menores motivos de desgosto que se derem. Não falarão de suas pequenas dificuldades com ninguém, seja quem for, falarão delas somente a Nosso Senhor, ao pé do crucifixo. Lançarão sobre si mesmas toda a culpa e, sem esquecer-se do que são, aceitarão que ninguém as pode ofender, nem tratá-las pior do que merecem.

15° Tomarão como Confessor ordinário o Padre que for nomeado pelo senhor Padre Vicente; submeter-se-ão à sua direção em tudo que se trata de consciência, isto é, em tudo o que for conforme às suas regras e à maneira de agir de sua Casa Principal de Paris.

16° Porém, a fim de seguir exatamente estes conselhos, os lerão, durante os três primeiros meses, ao menos uma vez na semana e, depois, uma vez ao mês, assim como as Regras Comuns. Como as Regras são longas, serão lidas em diversas vezes ou dias, fazendo-o de modo que, em três ou quatro dias tê-la-ão findado e se preocuparão em observá-las fielmente.

17° Uma vez que nada podemos fazer sem a graça de Deus, Iha pedirão com freqüência em suas orações a fim de poderem realizar sua santa vontade por meio do cumprimento dessas coisas.

18° Durante a viagem, observarão seus pequenos exercícios de devoção como: a meditação, terço e outras orações vocais, às horas e no modo que lhes seja possível. Estanto no coche, pôr-se-ão frequentemente na presença de Deus; agirão com modéstia e discrição, falando apenas quando tiverem ocasião de dizer alguma palavra de edificação e que sirva à glória de Deus, ou, ainda, quando se virem forçadas a isso para impedir blasfêmias e libertinagens. Nas hospedarias, estando aí para comer e dormir, ficarão junto com as mulheres e moças e darão catecismo aos pobres se tiverem tempo de fazê-lo.

À sua chegada à cidade de Arras, pôr-se-ão de joelhos ao entrar em sua casa. Irão logo depois à igreja para adorar o Santíssimo Sacramento e para comungar, se o puderem.

E. 96 (A. 45)

(Conselhos pedidos ao Senhor Padre Vicente)

Hoje, 30 de dezembro de 1656

Ao sair de minha última doença, no mês de (em branco) do presente ano, perguntei ao senhor Padre Vicente, nosso Honoratíssimo Pai e Instituidor, com

E. 96 Rc 5 A. 45. Original escrito por Luisa de Marillac.

que disposições deveria resolver-me a continuar vivendo.

Sua caridade disse-me, entre outras advertências que, segundo a vontade de Deus, deveria ser com a resolução de negar-me a mim mesma e renunciar às minhas satisfações, recusando aos sentidos e paixões tudo o que lhes agrada, para honrar a conduta do Filho de Deus no uso que fez destas e daqueles. Durante a doença causada por minha queda, querendo instruir-me acerca dos meios de que poderia servir-me para ajudar algumas pessoas a tomarem conhecimento de suas faltas e como dissesse a meu Honoratíssimo Pai que esse desejo que eu tinha, levava-me a adverti-las de tais faltas e não via que isso desse resultado, ou muito pouco, sua caridade respondeu-me que era preciso suportar muito e esperar mais de Deus que de nossos próprios meios. Pergunto-me: E quem somos nós para pensar que podemos fazer algo tão difícil e tão importante? Percebi então que havia uma certa pressa em meu zelo e que, às vezes, nele podia estar entrando minha paixão. Ensinou-me outra prática, a de servir as almas em suas necessidades por meio da paciência, com os olhos postos em Deus e dEle esperando o que eu não poderia fazer, manifestando-Lhe isso com ato interior de confiança em sua graça e bondade; este meio pareceu-me ser mais eficaz.

Falando à sua Caridade a respeito da direção de nossas Irmãs, dada a diversidade de caracteres e de ofícios, além da liberdade que têm estando em tão diferentes lugares, ele, com sua costumeira caridade e bondade, respondeu-me, entre outras explicações, que, para se chegar a ter o dom da direção, era preciso consegui-lo por meio da paciência. Com isso, entendi que nem sempre seria conveniente manifestar que as faltas estavam sendo percebidas. Era mister desfazer-se da repugnância que se experimenta em suportá-las, sobretudo quando não se trata de coisas notáveis e estar atenta para não se deixar surpreender por alguma paixão que poderia fazer tomar uma determinação de dispor - fazendo uso de autoridade - da colocação das Irmãs, coisa que sempre se deve... (frase inacabada).

E. 97 (M 70)

(Sobre a Confissão)

Temos de tornar nosso espírito capaz de um verdadeiro conhecimento do Sacramento da Penitência e pensar, seriamente, porque queremos recebê-lo. Como este sacramento não se aplica senão à alma pecadora, antes de apresentar-nos para recebê-lo, temos de reconhecer-nos e confessar-nos como tais, desprovidas portanto da graça de Deus, o que é um mal insuportável para a alma cristã.

Ao ver-se neste estado, nossa alma sabedora de que não há outro remédio, para tão grande mal senão a Confissão, depois de se haver examinado, cuidadosamente, deve conceber um santo ódio contra si mesma. Percebe-se como insensata que quis levantar-se contra seu Deus sempre tão bondoso para com ela e que, por si mesmo, merece ser infinitamente honrado, produzindo assim uma dor filial de havê-lo ofendido de tal maneira e um firme propósito de vencer-se a si mesma, evitar as ocasiões que com tanta frequência, fazem-na cair em falta. E, reconhecendo, sobretudo, que por si só lhe é impossível guardar-se do pecado, deve fazer um ato de amorosa confiança para pedir a Deus a graça de ter, em primeiro lugar, maior cuidado e desejo de agradar-Lhe, subjugando até o menor de seus maus hábitos, com a vontade de amar a Deus, por Ele mesmo.

Depois, a alma, cheia de confusão, apresentar-se-á aos pés do sacerdote como (diante de) seu juiz, acusando-se simples e humildemente e esperará a santa absolvição entre o temor e a esperança, recebendo-a com admiração ao considerar que o grande amor que Deus nos tem, consente em que a lembrança da cruel morte do seu Filho nos mereça o perdão.

E. 98 (A. 26)

*(Razões para dar-se a Deus a fim de
receber o Espírito Santo no dia de Pentecostes)*

1657

O primeiro motivo de minha oração é a incapacidade de participar disso, se permanecer fechada em mim.

Considerando que sou de Deus por seu Ser único e pela criação - fundamentos de minha dependência dEle - vi que a Ele pertencia também pela conservação, isto é, o sustento de meu ser, uma espécie de criação continua. Perguntei-me então o que pretendia fazer quando pensava em entregar-me a Deus. Vi que este poder de possuir-me, o devia à excelência do desígnio, que Ele teve ao criar o homem, de unir-se a Deus estreitamente por toda a eternidade, se pusesse em prática o único meio para isso: a Encarnação de seu Verbo o qual sendo homem perfeito queria que a natureza humana participasse da divindade por seus méritos e por sua natureza tão intimamente unidos. Ah! no Céu, quantas maravilhas se vêm, a este respeito, nas almas que se deram a Deus esse "elas

E. 98 Rc 5 A. 26. Original escrito por Luísa de Marillac.

937

mesmas”, que não pode ser outra coisa senão a vontade livre, em cujo uso e dela não querem servir-se senão como possessão ou propriedade de Deus.

Excelência da alma livre que, já não se pertencendo a si mesma, age em todos os seus pensamentos, desejos e ações com a justiça de Deus, nada havendo tão razoável, vantajoso e justo, que o dar-se inteiramente a Ele.

Que amor, que invenção teve a Divindade para dar a conhecer sua onipotência, neste fato singular e incomparável, de que a criatura lhe esteja tão unida no que lhe concerne, que caminha de igual a igual com seu Criador.

– Confusão pelo abuso feito - oblação inteira e resolução, não isenta de desconfiança - de agir melhor no futuro.

A segunda oração sobre a segunda causa que tenho de dar-me a Deus para dispor-me a participar da recepção do Espírito Santo: o que perderia e o dano que daí me adviria.

Uma das maiores perdas que podem sobrevir às almas que não participam da vinda do Espírito Santo é que os dons infundidos no Batismo não têm seu efeito; isso nos faz compreender a verdade de uma advertência de Nosso Senhor às almas covardes e preguiçosas: não somente nada terão mas, ainda o pouco que lhes será tirado. É, verdadeiramente, colocarmos-nos, por nossa miséria, na importância de que nem a graça nada opere em nós! Oh! quantas vezes encontrei-me em tal estado, afastando-me assim da ordem dos designios de Deus que são grandes sobre as almas às quais envia seu Espírito Santo! Isso me fez ver que todas as desordens da vida vêm da falta de dar-se a Deus para receber o Espírito Santo e, faltando seus dons aparece uma surpreendente diferença no agir entre as pessoas que estão animadas por eles e as que não o estão, cujo agir é terreno e despropositado, como tantas vezes por minha miséria o experimentei com as desordens de meus sentidos e paixões.

De que meios se serviu que disposições se deve ter para participar da vinda do Espírito Santo.

O primeiro que me veio ao pensamento é que Nosso Senhor adverte a seus apóstolos que precisa deixá-los, para ir ao Pai e enviar-lhes o Espírito Santo. Isso me ensinou o desapego geral de todas as criaturas e até o da ternura de sua presença, para que a minha alma vendo-se livre dos impedimentos que poderiam ser um obstáculo, Ele a encha, com sua presença, de seus dons que a tirarão de suas fraquezas pela força de seu Amor e a farão agir por sua virtude.

Não basta pois que me ensineis, ó meu Salvador, os meios para preparar-me à vinda do Espírito Santo, mas, é preciso, ó minha alma, que trabalheis de verdade para esvaziar-vos de todos os impedimentos e atueis, ou melhor, deixeis agir, plenamente, a graça que o Espírito Santo quer derramar em todas as potências de nosso ser. Isso não poderá acontecer senão mediante a destruição de meus maus hábitos que, na hora das ocasiões, se interpõem como obstáculo.

Curai minha cegueira, ó Luz eterna! Dai simplicidade à minha alma, Unidade perfeita! Humilhai meu coração para assentar o fundamento de vossas graças e que a capacidade de amar que pusestes em minha alma não se detenha nunca mais no desregramento de minha presunção insolente que, com efeito, não é mais que um obstáculo e um impedimento ao puro Amor que hei de receber com a efusão do Espírito Santo. Confusão pois para mim por causa de meus enganos que tantas vezes me têm atado a falsidades, apartando-me da Verdade eterna. Consumi tudo isso, ó fogo do Amor divino, embora não mereça tal graça!

O tema desta Oração é continuação da anterior. Dos meios e disposições necessários para participar da vinda do Espírito Santo.

O primeiro pareceu-me ser a estima em que devemos tê-la, tanto por sua grandeza, como pelo bem e a glória eterna que dela receberemos. Haverá, por acaso, algo mais excelente, no céu e na terra, do que este tesouro? Como viver na insensatez depois de haver-se entregue totalmente a fim de preparar-se a este bem infinito? Não deveria eu desejar morrer, ó meu Deus, tão logo o houvesse recebido? Viver tanto quanto quiserdes, porém, de vossa vida que é toda de Amor. Por que não poderei, já desde este mundo, derramar-me no oceano de vosso Ser Divino? Ao menos, se sou tão feliz que chego a receber o Espírito Santo, oh! quanto devo desejá-lo e com todo o coração! Já não desejo mais vida que para seguir este caminho, não mais satisfações que a de amar e querer vosso Divino beneplácito!

Ainda vedes em mim, algumas fraquezas quanto à afeição às criaturas: consumi-as, fogo ardente do divino Amor, e, por efeito de vossa graça, enfraqueci minhas paixões e o uso de meus sentidos, para que, tornados impotentes, vos tribute a honra que minha vontade não soube exigir de seus desmandos e que deverá sempre tributar-vos. Rejeito de todo coração os excessos de minha animalidade aos quais renuncio para sempre, por mais solicitações que me dirijam o mundo, a carne e o demônio; pelo menos, que eu tenha a dita de que vossa bondade se digne vir a mim e restabeleça as graças que me concedeu no santo Batismo. Pai Eterno, peço-vos esta misericórdia pelo designio que tiverdes desde a eternidade de realizar a Encarnação de vosso Filho, e vós, Salvador meu, concedei-me esta graça que lhe tendes.

Oh! Divino Espírito, operai esta maravilha em pessoa tão indigna pela amorosa união que desde toda a eternidade tendes com o Pai e o Filho.

Temas da oração do terceiro dia:

Dos sinais que indicam se haver participado da vinda do Espírito Santo.

Considerando o que a pessoa do Espírito Santo é na essência divina, vi a perfeita união dos Três na unidade e recordando a glória que a Santa Igreja lhes tributa sempre no final dos salmos, meu espírito se deteve nesta verdade: a Divindade não poderia ser devidamente honrada senão por sua própria glória, em toda a eternidade, e vi que um dos efeitos do Espírito Santo em Deus é o da união; lembrando-me então do desígnio de Deus na criação do homem à sua imagem e semelhança, considerei no dito homem suas três excelentes faculdades, das quais as duas primeiras estão orientadas para a terceira que é a vontade. Por essa semelhança pareceu-me que cada uma das três divinas Pessoas da Santíssima Trindade operava em cada uma dessas faculdades e que o Espírito Santo por seu poder unitivo conferia à vontade a facilidade para unir de modo perfeito, de sorte que não exista na alma nenhum desregramento. Isso a manteria na excelência de seu primitivo estado na criação, participando dessa primeira glória que honra a glória eterna de Deus, depois da copiosa redenção oferecida pelo pecado. E meu espírito recordou o pensamento que tivera de que o desígnio da Santíssima Trindade era que o Verbo se encarnasse já desde a criação do homem, para fazê-lo chegar à excelência do ser que Deus queria dar-lhe pela união eterna que queria tivesse com Ele, como a mais admirável de suas operações exteriores!

Minha oração foi mais de contemplação que de raciocínio, com grande atrativo pela Humanidade santa de Nosso Senhor e o desejo de honrá-LO e imitá-LO o mais que pudesse na pessoa dos pobres e de todo o meu próximo, pois aprendi numa leitura, que Ele nos ensinou a caridade para suprir a incapacidade em que nos achamos de prestar serviço a sua pessoa. Isso penetrou em meu coração de modo especial e muito profundo.

O tema de minha sexta oração foi dos sinais que o próprio Nosso Senhor dá para saber se se recebeu o Espírito Santo.

O Amor forte e terno de Nosso Senhor mostrou-se bem claro, quando anunciava aos Apóstolos o consolo que a vinda do Espírito Santo lhes daria e o manifestou de suas maneiras: uma, dizendo-lhes que o Espírito Santo lhes daria testemunho de Ele. Porém, meu Salvador, já não lhes havíeis dado bastante de vós mesmo, por vossas palavras e ações durante vossa vida humana e depois de vossa ressurreição? Que mais haveria de oferecer-lhes essa vinda do Espírito Consolador que o Pai enviaria por vós? Ó profundo e inescrutável segredo! Trindade perfeita em poder, sabedoria e amor, acabáveis a obra da fundação da Igreja Santa, dela querieis fazer Mãe de todos os crentes e para isso, a consoláveis pelas operações infinitas com que confirmáveis as verdades que o Verbo Encarnado lhe havia ensinado. Infundíeis no corpo místico a união de vossas produções, dando-lhe o poder de operar o testemunho verdadeiro que querieis desse vosso Filho. Operáveis, nos membros desse corpo místico, santidade de

vida pelos méritos do Verbo Encarnado e o Espírito Santo em seu amor unitivo associava-se a Ele para que produzisse os mesmos efeitos de sua missão, dando perante os homens o testemunho da verdade da divindade e humanidade perfeita de Jesus Cristo, testemunho que deveria servir para todos os homens, de gozo, emulação, desprendimento efetivo de todo afeto, para que pudessem formar-se segundo suas ações santas e divinas, o que em nós produziria a resolução de viver como criaturas racionais. Parece-me ser isso o que Nosso Senhor queria dizer aos Apóstolos quando lhes anunciava que depois da vinda do Espírito Santo, também dariam testemunho dEle. E é isto que devem fazer todas as criaturas: não mais dar testemunho sobre a doutrina, coisa que compete só aos homens apostólicos, mas dá-lo por suas ações perfeitas de verdadeiros cristãos. Que felizes são as pessoas que, por disposição da Divina Providência têm o dever de continuar, em todas as práticas mais simples de sua vida, o exercício da caridade!

Oh! Espírito Santo, só vós podeis fazer compreender a grandeza desse Mistério que, se assim se pode dizer, parece manifestar a impaciência de Deus; é bem mais o anúncio de que se aproxima o cumprimento do desígnio de Deus sobre a natureza humana, para que alcance a perfeição da união que sua onipotência quer nela realizar. Oh! homens cegos por ninharias, e eu mais que ninguém, elevemos nosso espírito não acima do que somos nos desígnios de Deus, porque isso é impossível, mas, acima de nossa inclinação natural procedente da corrupção do pecado, para que, em todas as nossas ações, possamos honrar a Nosso Senhor pelo testenho que quer demos dEle, fazendo as mesmas ações que fez na terra, às quais, por seu amor, aplicará o mérito das suas; querendo por este meio que todos os cristãos tenham, já nesta vida, a união com Deus que Ele nos mereceu.

Como meio para tal, tentarei, ajudada por sua graça, arrancar-me de minhas preguiças e servir-me de uma prática que aprendi numa leitura: a de considerar, em todas as ocasiões que se me apresentem de fazer algum bem a meu próximo, não somente a recompensa que Ele me prometeu, como se a fizesse a Ele mesmo, mas, que esse próximo tome o lugar de Nosso Senhor, substituindo-O por uma invenção de amor que sua bondade sabe e deu a entender a meu coração, ainda que não consiga explicá-la.

E, do pensamento que sua bondade me inspirou, justamente quando estava distraída por um movimento de vaidade, crendo que me viam fazer uma boa ação: o de acostumar-me a fixar em minha mente a crença de que Deus e os Anjos estão me olhando.

(Da Sagrada Comunhão)

Para dispor-nos a bem comungar, devemos considerar três tempos: o que antecede a Sagrada Comunhão, o da Comunhão e o que a sucede.

No primeiro, devemos firmar em nossa alma o que é a Sagrada Comunhão e quem vai comungar. Recordar o que a fé nos ensina: que é a segunda Pessoa da Santíssima Trindade na unidade de sua essência. Isso infundirá em nós o conhecimento de nossa dependência de Deus, junto com a confissão de nosso nada, se Ele não nos assiste, dando-nos também um grande desejo da Sagrada Comunhão.

Devemos considerar que motivo poderia Deus ter tido para esta ação tão admirável e incompreensível para os sentidos humanos e como não poderemos encontrar outro, senão seu puro amor. Devemos com atos de admiração e amor, dar glória e honra a Deus em agradecimento a essa amorosa invenção para se unir a nós. Algumas vezes perguntando-lhe se já não era bastante o haver-se feito homem a fim de ganhar todo o nosso coração; outras, pedindo-lhe nos diga o que há em nós que queira Ele fazer seu a tão alto preço, para se Lhe oferecer.

É preciso que o conhecimento da excelsa dignidade do Santíssimo Sacramento produza em nós o de nossa incapacidade a fim de preparar-nos bem para recebê-lo. E, por esse motivo, desejar e pedir ao amor - autor de tal maravilha - que é o Espírito Santo, digne-se descer em nosso coração para Ele próprio ser seu ornamento, colocando aí todas as disposições necessárias para honrar a presença de tão insigne Senhor.

Podemos, outras vezes, apresentar à Santíssima Trindade o que sua onipotência fez em nós e pedir-Lhe venha alegrar-se no que Lhe pertence.

As vezes, também, oferecer a Deus as boas disposições da Santíssima Virgem e as dos Santos, com o desejo de fazê-las nossas, para assim receber em nós a Nosso Senhor com mais honra. Tudo isso, com atos bem simples do entendimento e da vontade, que produzam impulsos internos de amor, permanecendo em paz e esperando, com alegria a presença do Senhor, a quem devemos desejar como o Amado de nossa alma.

Refletindo sobre quem deve comungar com freqüência, devemos humilhar-nos muito pois, não de ser as almas inteiramente desprendidas de todas as coisas, tendo grande amor de Deus e que nunca retrocedem no caminho do santo amor.

O segundo tempo é o da recepção da Sagrada Comunhão. Depois que os mencionados atos tenham nossa alma em paz e tranquilidade, iremos receber este augusto Sacramento como a nosso Deus, nosso Rei e nosso Esposo, fazendo atos de adoração, dependência, confiança e total abandono do que somos, suplicando-Lhe tome inteira possessão de nós, unindo-nos totalmente à sua vontade como à de nosso Esposo. Feremos muitos atos de amor, considerando os motivos que nEle há para suscitar nosso amor, sobretudo o de sua presença real em nosso peito e estar-nos atentas ao que Lhe apraza operar em nós, ainda que não o vejamos.

O tempo que segue à Sagrada Comunhão deve estar unido a esses mesmos atos e sentimentos, mantendo-nos atentas à sua divina presença e, umas vezes, expressando, simplesmente, nossa ação de graças à Divindade. Outras, multiplicando atos separados às três divinas Pessoas, segundo seus atributos, regozijando-nos e admirando este surpreendente invênto, e amorosa união, pela qual Deus, vendo-se em nós, faz-nos, uma vez mais, à sua semelhança com a comunicação não só de sua graça, mas, dEle próprio. Aplica-nos, eficazmente, o mérito de sua vida e de sua morte e nos dá a capacidade de nEle viver. Tendo-O vivo em si, a alma pode ocupar-se neste exercício com uma grande simplicidade, agradecendo-Lhe todos os momentos de sua vida, oferecendo-Lhe toda a glória que eternamente recebeu dEle mesmo, a que Lhe tributará pela eternidade a humanidade santa de seu Filho e a que receberá, para sempre, de todos os bem-aventurados; tudo isso em ação de graças pelo grande bem recebido de sua bondade, tão generosa para conosco.

E. 100 (A 95)

*Projeto de Regulamento para as órfãs que querem
ser confiadas às Irmãs da Caridade, em Cahors*

julho de 1657

As meninas serão advertidas de que devem se levantar após a oração da manhã das Irmãs. Enquanto se vestem, considerarão que talvez seja este o último dia de sua vida e deverão prestar contas a Deus de todas as coisas, a sós com Ele.

Às seis, reunir-se-ão na sala, onde logo depois invocarão o Espírito Santo com o Veni Sancte Spiritus, e saudarão a Santíssima Virgem e seus Anjos da Guarda, pedindo-lhes tomá-las sob sua santa proteção e conservá-las, se lhes aprouver, na comunhão dos santos e na santa Igreja Militante, como os bons cristãos, para entrarem em todos os desígnios de Deus.

Cada manhã, tomarão um virtude da Santíssima Virgem para ser imitada e se abandonarão a Deus, com a confiança de que Ele as fará praticá-la. Pedirão à Santíssima Virgem e a seu anjo da guarda que lhes obtenham a graça e a força para isso e, nesta intenção, rezarão um Pater. Cada dia escolherão uma alma do Purgatório pela qual oferecerão todo seu trabalho e todas as orações do dia.

Por-se-ão ao trabalho e oferecê-lo-ão para pedir a Deus a paz universal e a união na santa Igreja e a graça de que o Santíssimo Sacramento nela seja bem administrado, particularmente nesta casa.

Depois das sete, marcarão no relógio uma meia hora, durante a qual será lido um capítulo do livro que for indicado. E, durante mais meia hora, guarda-se silêncio, a fim de preparar-se conveniente para ouvir a santa Missa. Oferecer-se à o silêncio da Missa para pedir a Deus as graças necessárias a nossos Superiores em suas carências particulares e direção de nossas almas e pelas precisões da casa.

Ouvirão a santa Missa por todos as intenções que lhes forem indicadas.

Às oito, voltarão ao trabalho até às nove; oferecê-lo-ão para pedir a Deus as graças e as forças necessárias aos pobres aflitos para que tirem proveito de suas penas e as graças de que os agonizantes precisam para bem morrer.

Às nove e três quartos, será feito o exame no qual serão marcados os assuntos em voz alta; no fim, se rezará um Pater para pedir a Deus o batismo para as crianças que nascem.

Às dez, almoçarão. Passando diante do altar, farão uma paradazinha a fim de pedir a Deus as graças necessárias: para não ofendê-lo; não comerão mais do que precisam; guardarão silêncio durante este tempo, ou falarão por necessidade.

Depois da refeição farão o recreio para honrar a infância de Jesus.

Voltando ao trabalho, oferecê-lo-ão para pedir a Deus as graças necessárias a todos os doentes, para receberem bem todas as caridades espirituais e temporais e a força de saberem sofrer suas dores a fim de agradecer a Deus.

Às onze, será rezado o terço com atenção e, em todas as intenções de Deus; em seguida, enquanto se refletirá sobre a leitura que foi feita e, de vez em quando, se pedirá misericórdia para si e para os pecadores. No final do silêncio, dir-se-ão, em voz alta, sete Pai Nossos e Ave pela intenção do santo escapulário de Nossa Senhora do Carmo e para pedir os sete dons do Espírito Santo.

Às quatro, irão à igreja durante meia hora.

Às cinco menos um quarto, exame, como pela manhã e, no fim, se rezará um Pater pelos pobres prisioneiros.

Às cinco, irão jantar do mesmo modo como à hora do almoço.

Às seis, voltarão ao trabalho que será oferecido a Deus, pedindo-Lhe se dige devolver aos sacerdotes e religiosas e a todos os cristãos, o primitivo fervor em seu serviço e que Lhe apraza dar-lhes perseverança, para sua glória.

Às sete, invocar-se-á o Espírito Santo e a Santíssima Virgem, como de manhã, em cuja presença prestará contas da fidelidade ou faltas à Regra e da virtude que se haja tomado e de alguma das leituras do dia: esta prestação de contas será oferecida pela última intenção.

Quando nessas ocasiões se verificar que foi praticada alguma virtude, reconhecer-se-á que é Deus quem agiu em nós e, ao mesmo tempo, se Lhe dará graças, outras tantas vezes, elevando o coração até Ele.

A oração da noite será oferecida a Deus para agradecer-Lhe as graças recebidas durante o dia e pedir-Lhe perdão pelas faltas que se tenha cometido, impondo-se, como penitência, o silêncio.

Tudo será feito para a maior glória de Deus.

E. 101 (A. 61)

*(Do cuidado que as Filhas da Caridade devem ter pela
conservação da Companhia)*

- A primeira razão é a desgraça eterna e inevitável que mereceriam as que, por, malícia, fossem causa da perda ou ruína de uma coisa que Deus fez por disposição de sua Providência, como o é a Companhia. Temos motivos para crê-lo.

- A segunda, a perda que suporia para tantas pessoas as quais Deus pode chamar à Companhia se ela subsiste; não acontecerá isso se chegar a desaparecer. O prejuízo que resultaria para muitos pobres, tanto para a salvação de sua alma como por seu bem material, se a Companhia desaparecesse, pois, não têm outro meio para serem atendidos; e não ser que Deus suscitasse outra.

- A quarta, a injúria que cada uma em particular faria a Deus se, com sua

desgraçada soberba, quisesse opor-se à divina vontade sobre o estabelecimento da Companhia das Filhas da Caridade, fazendo coisas que ocasionariam a perda ou a ruína total da dita Companhia.

2º

– Muitas coisas há que as Irmãs podem fazer e que levariam à ruína total da Companhia.

– Uma das principais é a falta de estima que se poderia ter pelo tipo de vida das Filhas da Caridade: devem comportar-se em todas as suas ações, atendo-se à prática de seu Regulamento

– Outra coisa é não declarar a frieza que nosso amor próprio pode insinuar-nos para com nossa vocação.

– Uma muito perigosa é a leviandade das Irmãs em suas conversas, quando se apresenta a ocasião de falar de tudo o que ocorre em geral e em particular na Companhia, sobretudo quando há mudança de alguma Irmã por quem se sente antipatia ou aversão para com outra, (muitas vezes de uma que nos haja feito advertências ou que seja ou teria querido ser mais observante e cumpridora de suas obrigações). Por isso, a criticará ou fará com que a repreendam; terá pena das que são enviadas com ela e também dará ocasião de murmurar dizendo que seu desgosto pela vocação procede da diversidade de caracteres com as quais se tem de encontrar na nova destinação. Na realidade, entretanto, isso emana é de sua falta de mortificação, afeição pelo mundo e de um princípio de relaxamento que ocultaram a si mesmas e a seus Superiores.

– Outra coisa muito a temer é que, como a maioria das que entram na Companhia não têm costume de conversar com pessoas de alta posição, de manejar dinheiro, nem ter muitas coisinhas que agora têm a liberdade de possuir, quando começam a acostumar-se a tratar com pessoas de posição, abusam, afastam-se do respeito que lhes devem e chegam a tamanho atrevimento que poderiam tornar-se insuportáveis. Quanto ao manejo do dinheiro, poderiam chegar a apropriar-se dele e dele usar segundo sua inclinação; a ter coisas inúteis porque viram que outras as tem e dá-las a seus parentes ou outras pessoas de sua preferência. E isso, não apenas do seu, mas do bem dos pobres. A liberdade exagerada que tomam com as Damas podeis fazer com que algumas, por uma tolerância mal entendida e já meio desgostosas de sua vocação, tirassem às Senhoras, para dar àquelas que vissem vacilantes em sair da Companhia.

Os meios para impedir a perda da Companhia que todas essas coisas produziram, são: dar muita importância à prática de todos os seus Regulamentos, tanto em geral como a cada coisa em particular e, especialmente:

– Evitar a adubação e o trato inútil com pessoas de fora.

- Tomar cuidado em não permanecer em nenhum lugar mais do que o necessário; fugir do todo trato com homens, de brincadeiras com eles e, à noite, procurar retirar-se cedo.

E. 102 (A. 94)

*Plano da parte nova da Casa.
Bairro de São Lorenço*

(1658) (1)

Depois da padaria, a escola e, em seguida a enfermaria dos doentes; para lá do portão, um curral, caso seja possível, e, uma fossa (2).

Sobre a ante-sela, construir um dormitório.

Em cima dele, a enfermaria; e, em cima da enfermaria, um celeiro.

É preciso encontrar um jeito de se ir a todos esses lugares altos pela escada principal da casa velha e, se possível, fazer na frente do dormitório um escritório ou um pequeno quarto de dormir.

A parede, que não tem mais que pé e meio e, em alguns lugares, dois, poderá suportar? E, quanto custa uma toesa?

Que cimento se usará na parede que serve de apoio à casa? que grossura? quanto custa a toesa? (3)

Que separação há entre as madeiras?

Que altura mínima se dará a um dormitório?

Poder-se-ia colocar um lavatório?

Que se fazer para contratar um pedreiro?

E. 102 Rc. 5 A. 94. Autógrafo original.

(1) Coste, M V, 1450 cita este texto como sendo de 1658, relacionando-o com as obras de ampliação retomadas neste ano e que foram tratadas no Conselho de 27 de abril de 1656. Não se poderia, porém, remontar até 1654, quando Luisa de Marillac fala com Bárbara Angiboust da necessidade imediata de reconstituir a parede e os projetos "em prazo mais longo" de outras obras? (C. 452, C. 375 e depois, C. 530 aproximadamente de abril de 1656. A resposta do arquiteto Rc 5 It. 1038 parece referir-se a esses apontamentos (2) Uma fossa ou um poço? (3) Repetição existente no original (Tradutora).

E. 103 (A 18)

(Desejo de imitar Nosso Senhor em sua morte)

16 de agosto de 1658

Na segunda-feira, no momento de receber a Sagrada Comunhão, tive logo consciência de um aviso ou desejo de que Nosso Senhor viesse a mim acompanhado de suas virtudes para mas comunicar, porque pareceu-me que me havia sentido envergonhada do abuso que fizera da honra de recebê-lo.

E como o tema de nossa oração da manhã era sobre os sinais que aconteceram no momento de sua morte, pedi-Lhe, para mim, dois deles: que o véu do templo que se me figurava ser meu entendimento, se rasgasse para não mais me deter em meu próprio juízo e que a pedra de meu coração se quebrassem por meio da tolerância para com meu próximo.

Para realização disso veio-me ao espírito que deveria considerar Nosso Senhor nos seus últimos momentos de vida. O que mais me serviu de lição foi sua última palavra: "Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito. Entendi que nada de importante deveria fazer sem esta relação. Sua última ação - inclinar a cabeça - deveria servir-me de advertência para não reter meu olhar em tantas coisas e para condescender humildemente.

E. 104 (M. 73)

*(Sobre o espírito interior necessário às
Filhas da Caridade) (1)*

Nossa conversa interior com Deus deve ser, como me parece, a lembrança habitual de sua santa presença, adorando-O ao toque de cada hora, fazendo atos de amor para com sua bondade, lembrando-nos tanto quanto possível, dos motivos que mais nos impressionaram na criação e, principalmente, dos afetos e resoluções que nela tomamos para corrigir-nos e adiantar-nos neste santo amor.

Em todas as ocasiões penosas para os sentidos, temos de olhar a paternal

E. 103 Rc A. 18. Original escrito por Luisa de Marillac.

E. 104 Ms A, Irmã Chétif 2 p. 36. Cópia.

(1) Cópia de um manuscritozinho de devoção composto por "Mademoiselle" Le Gras.

bondade de Deus que, como bom Pai, permite sejamos tocadas por sua divina justiça: umas vezes para corrigir-nos; outras, para manifestar-nos seu grande amor, fazendo-nos participar de sofrimentos ora para aplicar-nos o mérito de seu Filho, ora para, por nossa parte, Lhe sermos gratas.

Quando se nos apresentam coisas que nos agradam e tudo corre segundo nossos desejos, antes de nos deixarmos levar pela alegria que nos é oferecida, olhemos a Deus com um olhar interior e sejamos agradecidas à sua misericórdia que, por seu amor, nos dá este consolo. Aceitemo-lo com esta visão e unamos a isso algum ato de amor.

Também devemos procurar que todos os objetos que se apresentam a nossos sentidos nos sirvam para elevar nosso espírito até Deus, umas vezes considerando-os como criados por sua mão onipotente, outras considerando os desígnios de Deus ao criá-lo, os quais, quase sempre, são em proveito do homem para que este homem Lhe seja agradecido.

Outras vezes, pensemos na excelência do ser que Deus nos deu, a fim de assim, elevarmo-nos acima das baixezas às quais nos atrai nossa natureza corrompida pelas vãs inclinações de nosso apego a coisas que não merecem ocupar nosso espírito e protestemos nada querer na terra, senão Deus.

Quando, premidas, conforme nos parece, pela necessidade, desejamos ou buscamos a ajuda das criaturas e esta chegue a faltar, seja por disposição da Divina Providência, seja por algum erro de outrem que, em realidade, procede, em última análise, dessa disposição, vejamos, imediatamente, a santa vontade de Deus. Aceitando-a nessa provação, elevemos nosso espírito a Ele, recorrendo a Ele só e considerando que desde toda a eternidade foi e é suficiente a Si mesmo e, por conseguinte, pode e deve bastar-nos a nós também. E, uma vez que somos tão felizes de achar-nos num estado no qual devemos tê-LO, a Ele só, por consolo, façamos interiormente um ato de aceitação amorosa da privação daquilo que nos falta, mesmo nos parecendo muito justo e necessário possui-lo. Permanecemos em paz e a nós com Deus, sem murmurar contra as criaturas que, mesmo todas juntas não seriam capazes de dar-nos motivo de desgosto, se Deus não permitisse. Porém, temos de tentar que nosso espírito se una fortemente a Deus e nossa vontade produza tais atos, pois, conforme me parece, é um meio adequado para ocupar nosso espírito em Deus, segundo seu divino agrado. Em todas essas circunstâncias de que acabamos de falar, temos de nos acostumar a fazer atos de desejo de conhecer a Deus e de conhecer-nos a nós mesmas, os quais nos levam a fazer atos de amor a Deus, como o devemos e a negar-nos o que Lhe desagrade. Abandonemo-nos frequentemente a Ele, mostremos-Lhe nosso coração cheio de confiança e gratidão e, de vez em quando, procuremos ter nos lábios algumas orações jaculatórias.

Prática do puro Amor

Eis-me, aqui, Senhor meu, aos pés de vossa cruz, na qual vos vejo cravado, para nos atrairdes a Vós com o prometestes. Se não fosse por vossa palavra toda poderosa, temeria a força de gravidade das afeições terrestres; porém, bem a conheceis, amado Salvador, pois não pedis nem vosso consentimento, nem nosso trabalho. Agi fortemente, unindo meu amor à vossa Morte que, por vosso Amor triunfa da vida.

O puro amor consequrado a Deus

Em São João (1) - 28 - Pai, glorifica teu Nome. Então veio uma voz do céu: "Eu O glorifico e tornarei a glorificá-IO". - 29 - Ora, a multidão que ali estava e que a ouvia, dizia haver sido um trovão. Outros afirmavam: "Foi um anjo que Lhe falou". - 30 - Disse Jesus: "Não foi por Minha causa que se fez ouvir esta voz; foi por vós. - 31 - Agora é que é o julgamento deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo. - 32 - "E Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a Mim". - 33 - Dizia isso para indicar de que morte morreria. - 34 - Respondeu-Lhe a multidão: "Sabemos, pela Lei, que o Messias permanece para sempre. Como é que dizes que o Filho do Homem tem de ser levantado? Quem é esse Filho do Homem?"

Queridas Irmãs e todas as almas que aspiram à perfeição do puro amor divino, temos aqui as palavras de nosso amado Mestre que nos ensinam devermos pretender chegar a esse amor, ficando seu designio claramente expresso pela atração que quer exercer quando for levantado da terra.

Admiremos como tudo dispôs para tornar eficazes essas palavras e dar-nos a conhecer que todas as almas predestinadas têm parte nelas, porque falava a toda a turba que o Seguia, porém, diante dela se dirige a Deus seu Pai com palavras que nos devem, a todas, encantar. Pede-Lhe a glória de seu nome, precedida e seguida de tanto amor.

E para testemunhar que era seu Filho quem falava com poder para efetuar suas promessas, deixou-se ouvir e o povo O reconhece, verdadeiramente, como o Cristo, perguntando-Lhe quem era o Filho do Homem, pois Lhe fazia com-

E. 105 Rc. 5 A. 27. Original escrito por Luisa de Marillac.

(1) Jo. 12.

(2) Cf. Sl. 44

(3) Cf. Cant. 5, 10

(4) Cf. Pr, 8, 31

prender que iria morrer e seria levantado da terra. Seria necessário outra coisa, meu bem Amado? Por que prevalece a vaidade contra a verdade? Sejamos mais esforçadas, queridas Irmãs, e cumpramos tanto quanto nos seja possível a palavra de Deus dita a seu Filho, que seu nome será glorificado; e o será pelo efeito da promessa de Jesus de tudo atrair a Si, quando for elevado, o que dará o domínio sobre todas as coisas ao Autor de tudo, como é muito justo.

Não é porém uma glória para as almas o cooperar com Deus no cumprimento de seus desígnios? Aquiesçamos, pois, à vontade de nosso Amado, a fim de que suas palavras sejam verdade em nós.

Que seria de nós, se vendo-O levantado e com o desejo de atrair-nos a Ele, permanecêssemos tão fortemente presas à terra, que o peso de nossas más afeições prevalecesse sobre o poder de atração de seu puro amor?

Atrai-nos, pois, Senhor meu, e correremos, e o odor de vossos perfumes penetrará de tal modo em nós que nada poderá separar-nos de vossa caridade.

Quereis atrair-nos a vós. Fazei que esta palavra se grave profundamente em nós: se somos vossas, já não nos pertencermos e, se cremos que somos vossas, não será um roubo fazer uso de nós mesmas e viver, por pouco que seja, afastadas dos preceitos do puro amor que nos ensinastes neste mundo?

Nossa vida deve, portanto, depois de completa aquiescência de nossa vontade à pureza do santíssimo amor, consistir numa contínua observância da regra que nosso Amado nos deixou desde que foi levantado da terra, até sua morte.

Demos então o primeiro passo para segui-LO que é o de dizer, com todo o nosso coração: eu O quero, amado Esposo, quero-O assim e para vo-lo provar, sigo-vos até ao pé da cruz que escolho para meu claustro. E aí, quero deixar à terra o que são afetos terrenos, posto que vossa voz me convida, falando-me ao coração a que incline o ouvido esqueça meu povo e a casa de meu pai para me tornar prisioneira de vosso Amor (2). Ao pé da Cruz santa e sagrada, adoro-vos, pois, e sacrifico tudo o que possa ser impedimento à pureza do amor que desejais de mim, sem pretender depois outro gozo senão o de ser submissa a vosso divino agrado e às leis da pureza que vosso Amor me propõe.

Não vos espanteis, queridas Irmãs, mesmo quando com esta palavra TUDO eu não pretenda COISA ALGUMA excetuar. Os espinhos dessas duas rosas não vos sejam obstáculo para adornar-vos com este ramalhete que terá a virtude de tornar-vos agradáveis a nosso Amado, de quem aquela que nos precedeu e a quem podemos considerar como nossa Abadessa, disse que era branco e vermelho (3). E porque Deus ao criar o mundo nos ensinou que a semelhança era algo que dependia de seu amor, conservemos em nós sua semelhança, procuremos parecer-nos com Ele por essas duas eminentes perfeições: a da pureza representada pela brancura, e a da caridade, pelo vermelho da rosa; representamos a pureza de Deus em todas as graças que sua bondade sempre outorgou e

continuará dando a todas as suas criaturas, com total desinteresse seu.

Amor de Deus em Si mesmo, que, na unidade de sua essência, desde toda a eternidade, dará origem a seu Verbo pelo conhecimento de Si próprio e a geração do Espírito Santo, Amor recíproco do Pai e do Filho.

Amor de Deus para com os homens, que o levou a querer que seu Filho se fizesse Homem, porque põe suas delícias em estar com os filhos dos homens (4) e, a fim de que acomodando-se ao estilo dos homens, lhes desse todos os testemunhos que sua vida humana contém, de que Deus os amou desde toda a eternidade.

Amemos, pois, o Amor e chegaremos a conceber o que é sua duração que não depende em maneira alguma de nós, e, para isso, tenhamos sempre na memória a lembrança de todas as ações de nosso Amado para imitá-LO: não contente com o amor geral de todas as almas chamadas, quer ter algumas prediletas, elevadas pela pureza de seu Amor.

E antes de entrar na prática desta alta proposta, admiremos a bondade de nosso Amado e, com esta simplicidade da pomba que Ele nos pede, perguntemos-Lhe se nos ama e se quer ser amado por nós.

Meu Senhor, recebi não sei que nova luz acerca de um amor não comum que desejais das pessoas que escolheste para exercerem, na terra, a pureza de vosso Amor. Aqui tendes um pequenino rebanho; poderemos pretender esse amor? Parece-me que temos tal desejo no coração, porém, o conhecimento de que nossa fraqueza manifestada em nossas infidelidades passadas de que não limitastes o número de vezes que devemos perdoar a nosso inimigos, faz-nos crer que fareis isso conosco: sendo assim, acreditamos que nos amais.

Sim, verdadeiramente nos amais, pois sois um com vosso Pai que quis manifestar-nos seu amor, dando-nos seu Filho, Vós mesmo!

E temos a certeza de que quereis ser amado por nós, pois tanto vossa antiga Lei como a nova no-lo ordenam e, nos prometeis: se vos amamos, o Pai nos amará e virá a nós convosco e permaneceréis em nós. Oh! poder do amor! Admirável tesouro oculto no mais íntimo da alma!... Oh! exelência do homem! quem vos poderia conhecer? todos os homens acabariam sendo cativos vossos. Sois o objeto da eternidade gloriosa das almas já elevadas ao céu, porque, se estais na alma, Deus quer nela habitar.

Oh! puro Amor, quanto vos amol! Pois que sois forte como a morte, ponde longe de mim tudo quanto vos seja contrário.

A primeira, poder dizer o Pater, sendo co-herdeira de Deus, com Jesus.

A segunda, poder, em verdade, dizer com São Paulo: Absit, etc...

A terceira, a grande paz da alma que não esteja presa a coisa alguma, nem mesmo na vida civil.

Como devemos começar a prática do puro amor ao pé da cruz, escolhendo a

Companhia por claustro, à imitação de Jesus que se chama a flor dos campos e o lírio do vales.

A alma perguntando a Jesus, Jesus respondendo-lhe com as palavras de sua atração; e a alma, tendo aprendido de Jesus, comunica-o às outras e a anima.

Servir-se do Cântico para escutar semelhante chamado.

Ver que esta esperança de ser atraída vem depois do conhecimento que Deus ofereceu de Si. A visão do povo, o desapego de tudo e logo, a vida livre e perfeita!

O que Nosso Senhor falou e fez na cruz, conforme o "Combate espiritual".

As entradas na via de desapego da terra, à imitação de Jesus vivendo na cruz.

Ouvir as palavras.

E. 106 (A. 31 bis)

(Pensamentos sobre a Imaculada Conceição da Virgem Maria)

Queira Deus que eu possa escrever todos os pensamentos que sua bondade me concedeu a graça de ter sobre a Conceição Imaculada da Santíssima Virgem, para que o verdadeiro conhecimento que tenho tido de seus méritos e a honra que lhe devo, assim como a vontade de lhe tributar, nunca se afastem de meu coração.

Considerando esta santa Conceição, vi ao mesmo tempo a aplicação do designio de Deus, na Encarnação de seu Filho, na matéria que deveria formar esse Corpo virginal, a fim de que, sem deixar de ser filha de Adão, nela não houvesse mancha alguma do pecado original, pois que nela deveria formar-se o Corpo divino do Filho de Deus, que não teria podido satisfazer com sua morte à divina Justiça se hovesse participado do pecado original. O corpo puríssimo da Santíssima Virgem é digna morada da alma que Deus lhe criou e um e outro sempre foram agradáveis a Deus, sempre enriquecidos, além de sua Puríssima Conceição, com os méritos da morte de seu Filho.

E, como vaso preciosíssimo, recebe contínuo aumento de graça com a qual nunca deixou de embelezar-se; por isso, com toda razão deve ser honrada por

toda criatura e, em especial pelos cristãos, já que é a única criatura isenta de imperfeições que sempre foi agradável a Deus, o que a faz ser a admiração de toda a Corte Celeste e o encanto de todos os homens.

Ela é também digno motivo para que se conheça e adore a onipotência de Deus que nela pôs a graça de dominar inteiramente a natureza, salvando-a sem que estivesse perdida, não só por misericórdia como por justiça, uma vez que não havia pecado, e, por ser necessário para a Encarnação do Filho de Deus, segundo seus designios, por toda a eternidade, para a Redenção do gênero humano.

Devemos, pois, honrar esta Santa Conceição que a faz tão preciosa aos olhos de Deus e crer que só de nós depende o ser-nos ajudados pela Santíssima Virgem em todas as nossas necessidades, porque me parece impossível que a Bondade de Deus lhe negue alguma coisa, uma vez que jamais dela afastou o divino olhar. Vendo-a sempre segundo seu Coração, devemos crer que sua vontade esteja sempre disposta a conceder-lhe o que lhe peça, porque também nada lhe pede que não seja para sua glória e nosso bem. Temos, então, que ver, com benevolência, as prerrogativas que a Santíssima Virgem tem sobre todas as criaturas por causa de sua Imaculada Conceição.

A primeira é que, por uma consequência necessária, uma vez que foi concebida sem pecado, nela jamais existiu a concupiscência, o que me parece ser o que fomenta o pecado, isto é, o que induz ao pecado, mal comum a todos filhos de Adão.

Ah! quanto paz, quanta suavidade, quanta caridade, quanta humildade existem na alma da Santíssima Virgem, pois, é este instinto que tanto nos perturba e nos leva, constantemente a pecar.

Que o conhecimento que Deus nos dá da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem nos mova a glorificá-la eternamente por essa obra prima (*operada*) por sua onipotência na natureza puramente humana e nos faça admirar a beleza de seus pensamentos tão puros que jamais se inclinarão ao inútil, nem se ocuparão no pecado.

Que vendo a miséria dos homens concebidos no pecado, o que os leva sempre a se levantar contra Deus por palavras ofensivas, cheguemos a conhecer a honra que a Santíssima Virgem lhe tributou com as suas sempre proferidas em justiça e em verdade.

Aqueles que amam esta Virgem Santa e Puríssima estejam atentos à consideração de suas ações que nunca, na mínima coisa, foram desagradáveis a Deus; sempre foram feitas segundo sua santíssima vontade.

A Conceição Imaculada da Santíssima Virgem iluminou, pois, inteiramente, o seu entendimento e inflamou sua vontade, o que a fez sempre agir sem nada omitir daquilo que Deus lhe pedia e portanto, viu-se sempre cheia de virtudes,

tanto na matéria quanto na forma de todo o ser que havia recebido de Deus.

Por isso, quero durante toda a minha vida e na eternidade, amá-la e honrá-la tanto quanto puder, em agradecimento à Santíssima Trindade pela escolha que fez da Virgem Santa para estar estreitamente unida à sua Divindade e quero honrar as três Divinas Pessoas distintas e conjuntamente na Unidade e na essência divina.

E, 107 (M. 5 bis)

(A Virgem Maria Co-Redentora)

“No dia 15 de agosto de 1659 (1) minha ocupação durante a Santa Missa na qual devia comungar, foi com a grandeza da Santíssima Virgem como Mãe do Filho de Deus, a quem tanto se esmerou por honrar, que podemos dizer que, em parte, cooperou em todos os mistérios operados por Nosso Senhor; contribuiu para sua humanidade com seu sangue e leite virginal. Ao considerá-la desta maneira, parabeneizei-a por sua excelente dignidade que, por este meio, tem no grande e divino sacrifício perpétuo da Cruz, representado e oferecido em nossos altares.

Vi também, por este meio, o Filho de Deus, de certo modo, engendrou a natureza humana para a eternidade, dando-lhe a capacidade de aí gozar de Deus segundo seus divinos desígnios, que me pareceram tão grande no Céu, considerando a natureza e essência divinas, a natureza angélica e a natureza humana que era aí considerada pelos Anjos e a humanidade de Nosso Senhor divinizada.”

E. 107 Ms. A Irmã Chétif 2, n. 5 bis. Cópia.

(1) A copista escreveu 1660, o que não é possível, uma vez que Luisa de Marillac faleceu a 15 de março de 1660.

(Inconvenientes para a Companhia)

(1660)

O modo de instruir adotado em La Fère, além do perigo de a Irmã nele colocar muito de pessoal e acrescentar máximas que não consiga explicar, tem o inconveniente, muito a temer, de que ao fazê-lo em lugar público, como o são as salas dos hospitais nas quais está o Santíssimo Sacramento, seja dado motivo para se acusar os Superiores das Filhas da Caridade de lhes permitirem avançar demais.

Outros inconvenientes são em primeiro lugar, que havendo Deus escolhido jovens aldeãs para o estabelecimento sólido das Servas dos Pobres Doentes, e esta maneira de instruir sendo atraente, brilhante, pode resultar que as que tenham verdadeira capacidade recebam a permissão de a ela se dedicar embora não se lhes dispense de outros empregos mais baixos. Entretanto, uma vez acostumadas a isso, poderiam pretender serem eximidas de outros trabalhos humildes e até do trato com as pessoas que neles se empregam, o que, ao lhes ser negado, poderia levá-las, em breve a querer sair da Companhia.

Outras se entregariam, com ansiedade, a desejos de ler, mesmo se lhes custasse sacrifícios e para parecerem competentes, esforçar-se-iam por aprender, deixando de lado os trabalhos e o aplicar-se à prática da mortificação, ainda que recém-chegadas; desta verdade, já temos algum exemplo na Companhia.

Diz-se que isso não poderá continuar por muito tempo, pois, nem sempre se encontrariam Irmãs capacitadas. Ter a permissão do Vigário Geral, do Senhor Cura e os aplausos da maior parte da cidade são coisas toleráveis tratando-se de particulares ou outras pessoas às quais Deus tivesse querido reunir para isso, como é o caso da Senhorita Pileure.

Porém, dar tanta importância a esta função dentro da Companhia das Filhas da Caridade é um caminho para destruí-la ou, ao menos, nela introduzir como que dois corpos num, isto é, o das que se considerariam aptas para semelhante emprego - o corpo dominante - e teriam a pretensão de exercer as funções de Santa Madalena (2), submeteriam e considerariam como abaixo delas as que estivessem empregadas na visita aos doentes, e, pouco a pouco as jovens simples deixariam de entrar na Companhia e as outras tornar-se-iam "Madres" (3) o

E. 108 Rc 5 A. 100. Original escrito por Luísa de Marillac.

(1) Ver C. 716 de janeiro de 1660.

(2) As "funções de Maria", frente às de Marta. (Nota da Tradutora)

(3) O original diz "Damas", nome que se acostumava dar a certas Religiosas de coro.

que já é querido por várias.

Pode-se objetar que uma das principais funções do estabelecimento da Confraria e da Companhia das Filhas da Caridade é o serviço espiritual dos pobres; estamos todas persuadidas dessa verdade. Glória a Deus por isso! Embora rudes e simples, é o que sua graça faz que todas o cumpram. Quantas pessoas, em toda parte, têm saído do pecado, quantas têm feito confissões gerais depois de haverem passado longos anos afastadas dos sacramentos, quantas meninas instruídas pelas que dirigem escola, quantas pessoas e famílias às quais se levam alimento, quantos hereges convertidos desde que as Filhas da Caridade servem nos hospitais! Uma Irmã que esteve todo esse tempo no hospital de Saint-Denis, lembra, perfeitamente, que no ano de 1659, converteram-se aí cinco ou seis e até o filho de um Ministro (protestante), sem contar os que se converteram antes dessa data; tudo isso, porém, se fez em silêncio e, prouvera a Deus não fosse necessário se falar disso! Tudo foi feito segundo o exemplo e ordens do primeiro Instituidor da Companhia, Jesus Cristo, como servos seus, para honrar sua Santa Vida oculta, o que é tão necessário para segurança da dita Companhia que, talvez, receba um dia a graça de ser empregada no serviço dos aldeões, antes que nas cidades, como foi seu primitivo desígnio ou melhor o de Deus, coisa que poderia ocorrer por causa das mudanças ordinárias do mundo. Ah! que felicidade se, sem ofender a Deus, a Companhia pudesse se ocupar somente dos pobres desprovidos de tudo! Por isso, a dita Companhia não deve se afastar da economia, nem mudar de estilo de vida, a fim de que, se a Providência lhe dá mais que o necessário, as Irmãs sirvam os pobres às suas expensas, quer espiritual, quer corporalmente, sem barulho, na surdina, não importa; contanto que as almas honrem, eternamente, os méritos da Redenção de Nosso Senhor.

E. 109 (M 8 bis)

(Da Comunhão)

(janeiro de 1660)

“No dia de Santa Genoveva de 1660, indo receber a Sagrada Comunhão, senti, ao ver a Santa Hóstia, uma sede extraordinária que partia de um sentimento de que Ele queria se dar a mim, com simplicidade de sua divina Infância. E, ao recebê-lo e durante muito tempo após, meu espírito quedou ocupado com uma

E. 109 Ms. A Irmã Chetif, n. 8 bis. Cópia.

íntima comunicação, que me fazia compreender que Ele não se dava só, mas, com todos os méritos de seus mistérios. Esta comunicação durou-me o dia todo, não por via de ocupação forçada e interior, mas por via de presença e de aplicação às ocasiões, como ocorreu quando algo me mortificava.

Senti em mim o aviso de que Jesus havendo se dado inteiramente a mim, acompanhado de todos os seus mistérios, era preciso que eu aproveitasse esta oportunidade para participar de sua submissão nas humilhações.

Um meio para alcançar este fim é que, sem que haja razão em mim, apareço diante dos outros como possuidora de algumas graças de Deus, o que me humilha e me dá coragem.

Sem desejo, nem resolução, a graça de Deus cumprirá, em mim, o que for de seu agrado.

E. 110 (A. 49)

Oração para antes da Sagrada Comunhão

Espírito Santo, Amor do Pai e do Filho, vinde purificar e embelezar a minha alma para que seja agradável a meu Salvador e eu possa recebê-LO para sua glória e minha salvação. Com todo meu coração desejo-vos, ó Pão dos Anjos! Não olheis minha indignidade que me afasta de vós, mas, o vosso Amor que tantas vezes me convidou a aproximar-me. Rogo-vos que vos deis inteiramente a mim, ó meu Deus, e que vosso preciosíssimo Corpo, vossa Alma santa e vossa gloriosa Divindade a quem adoro neste Santíssimo Sacramento, possuam-me totalmente.

Ó doce Jesus, ó bom Jesus, meu Deus e meu Tudo! Tende piedade de todas as almas resgatadas por vosso preciosíssimo Sangue. Feri-as, fortemente com

Ó doce Jesus, ó bom Jesus, ó bom Jesus, meu Deus e meu Tudo! Tende piedade de todas as almas resgatadas por vosso preciosíssimo Sangue. Feri-as, fortemente com um dardo de vosso Amor para torná-las agradecidas ao Amor que vos fez dar-vos a nós no Santíssimo Sacramento. Por ele vos ofereço a glória que tendes desde toda a eternidade em vós mesmo, todas as graças com que cumulastes a Santíssima Virgem e os Santos e a glória que eles vos tributarão, eternamente, por esse mesmo Amor.

E. 110 Rc. 5 A. 49. Original escrito por Luisa de Marillac

Testamento de "Mademoiselle" Le Gras

15 de dezembro de 1645

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Prostrada, com toda humildade, diante da presença real de Deus em todo lugar, único Ser e Criador de todas as almas imortais, no verdadeiro conhecimento do meu nada e impotência sem sua graça, imploro, muito humildemente, sua misericórdia sobre minhas indigências que me tornaram culpada de tantas ingratidões para com sua bondade. Muitas vezes O ofendi com meus inumeráveis pecados que me tornam indigna de participar dos méritos de Jesus Crucificado. Apesar de tudo, confiando nEle, nEle ponho toda a minha esperança. Para isso, suplico à Santíssima Virgem que seja minha verdadeira Mãe e protetora e me obtenha perdão, na hora de minha morte, do abuso que fiz das graças de Deus. E, com o beneplácito de meu Deus, suplico a meu anjo da guarda, a São Luís e a todos os santos que me ajudem com sua intercessão, nesta passagem tão importante e à qual me submeto, por amor de Deus, embora não tivesse necessidade disso, para honrar o instante da separação da divina alma de meu Salvador, desejando a salvação da minha, para glorificá-LO, eternamente, com seu Pai e o Espírito Santo.

Diante de Deus e de todas as criaturas, protesto que quero viver e morrer na Igreja Católica, Apostólica, Romana e recomendo a meu filho, tanto quanto posso, que faça o mesmo, pois, ela é o único caminho do Paraíso para o qual fomos criados. Na esperança de que Deus lhe conceda essa graça, suplico à sua bondade, tomar posse plena e inteira de quanto ele é, para nele e dele fazer sua santíssima vontade. Orvalhe com suas graças eficazes, para o tempo e a eternidade, a Bênção que, como sua mãe, me outorgou poder de dar-lhe e lhe dou. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, Amém. Suplico à humanidade santa de Jesus, nosso Salvador, que tenha piedade de nossas almas pecadoras, no momento de nossa morte.

Peço, muito humildemente, perdão a meu santo anjo da guarda e a meu Honoratíssimo Pai e Diretor, por intermédio de quem rogo à bondade de Deus conservar-me ligada à vontade de fazer a Sua santíssima, peço perdão pela pouca correspondência e fidelidade que tenho tido aos caridosos cuidados por minha salvação, que me deram a honra de ter, reconhecendo que, sem isso, muitas vezes me teria miseravelmente afastado de Deus.

Peço também, muito humildemente, perdão a todo o meu querido próximo

a quem desedifiquei ou escandalizei com meus pecados, a quem ofendi e contristei de qualquer maneira; e, a todas as criaturas das quais usei, indevidamente, contra a santíssima vontade de Deus, entregando-me a Deus para fazer-lhes assim a restituição que aprover à sua misericordiosa justiça, neste mundo ou no outro.

A obrigação de mãe, com afeição natural que sempre tive, de modo profundo, por meu filho, faz-me recomendar-lhe que se lembre do cuidado que a bondade de Deus teve por sua educação para a salvação e suplicar-lhe seja-lhe grato por isso, durante toda a sua vida, procurando nunca fazer algo contrário à sua santíssima vontade. E, ajudá-lo, meu filho, aconselhe-se em todos os seus com pessoas capacitadas e de santa vida, e, para servir-se utilmente dos conselhos que lhe dêem, peça--os sempre antes de tersua opinião formada, porque isso o impediria de dizer francamente o pró e o contra de sua propostas, pois, assim você se enganaria a si mesmo.

Com absoluta certeza, espero da bondade do senhor Padre Vicente que nunca lhe negue sua assistência em suas necessidades tanto espirituais como temporais. Conhece as obrigações que você e eu lhe devemos? Isso me faz pedir-lhe que, se tiver a felicidade de ter ocasião de servir à sua Companhia, dedique-se a fundo a tal coisa. Você o está obrigado, muito particularmente, não apenas pelo reconhecimento aos benefícios que dela temos recebido, mas também pelo serviço que prestam à santa Igreja, nossa Mãe. Faça, eu lhe peço, o mesmo pelos senhores Padres de São Nicolau du Chardonnet, pelas mesmas razões.

Rogo-lhe, meu filho, que se lembre, frequentemente, de pedir a Deus, pelo descanso da alma de seu pai. Recorde-se de sua vida, pois, era temente a Deus e irreprensível, e, sobretudo, de sua paciência em sofrer os grandes males que lhe sobrevieram em seus últimos anos, nos quais praticou grandes virtudes.

Meu filho, lembre-se sempre de honrar os senhores de Marillac e servi-los de coração, se Deus lhe der ocasião, como também ao senhor Conde e senhora Condessa de Maure e a todos a quem tenho a honra de perceber: sei que uns e outros lhe terão sempre grande afeto, enquanto se comportar como homem honrado. Nunca lhe negarão sua ajuda em suas necessidades, como muito humildemente o suplico, se se lembrar que os senhores seus predecessores nos orientaram sempre nesta maneira de ser, fazendo-nos a honra de reconhecer-nos como parentes seus: o que digo, ó meu Deus, sabeis que é pela necessidade que, acredito, tem disso o filho que me destes!

Declaro que os herdeiros do senhor Gachier, da Auvergne, têm em sua poder setecentas ou oitocentas libras, sem juro da referida soma, desde a morte do falecido senhor Le Gras, meu marido. Elas me pertencem como à sua primeira credora, por causa de meus direitos de viuvez e minhas estipulações. Não ha-

vendo podido receber este dinheiro por nenhum dos rogos que lhe mandei fazer, o senhor Bonnefoy, seu neto e único herdeiro, o qual não quis pôr em juízo até o presente, peço de novo a meu filho que solucione este assunto pela via mais suave que puder (1).

Dou e deixo dez escudos do dinheiro mencionado neste último artigo, aos pobres envergonhados da cidade de Montferand, quando for recebido.

Deixo trinta libras de renda à perpetuidade, depois da morte de meu filho, aos veneráveis Padres da Missão, estabelecendo inicialmente, com a graça de Deus, pelo senhor Padre Vicente, no Colégio de "Bons Enfants" perto da Porta de São Vitor, com a condição de que mandem celebrar, todos os anos, três Missas rezadas em São Paulo, na Capela de Santo Amável, a saber: uma no 1º dia do ano; outra, no dia de Todos os Santos e a outra, no dia da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem, para eximir-me da obrigação que tenho pelo testamento de meu falecido pai, havendo-se dado poder, por parte do senhor de Marillac, Guarda-selos, de dispor disso à minha morte. E também estarão obrigados, os ditos Padres da Missão, a dar em esmola, em cada dia da celebração das referidas Missas, cinco soldos à obra, cinco soldos aos pobres e ainda oferecer dois cirios de uma libra cada um, à dita obra, depois de terem ficado acesos no dia de Finados durante a santa Missa, celebrada na mencionada Capela, como também, a dizer, no lugar que lhes convier, três Missas rezadas: uma, no dia de São Tomé, antes do Natal, dia do falecimento de meu marido; e as duas outras nos dias aniversários de minha morte e da de meu filho, isso para honrar a hora da morte de Nosso Senhor na Cruz, para que o mérito desse divino sacrifício perpétuo seja aplicado às almas dos agonizantes e às que estão sepultadas no pecado mortal, para obter-lhes da misericórdia de Deus uma graça eficaz que dele as retire.

Dou dezoito libras a meu confessor da paróquia onde eu morrer, em reconhecimento por todos os incômodos que sua caridade tomou para comigo. Esta soma será empregada em alguns livros ou coisas que lhe sejam bem úteis.

Dou seis escudos à minha afilhada que é também afilhada de meu filho, Ana Luísa Métais, para que sejam usados em alguns presentes quando lhe derem o

E. 111 A. 114

(1) Nota à margem, do próprio punho e assinada por Luísa de Marillac.

"Lembrei-me que, imediatamente após a morte do falecido senhor Le Gras, o senhor Gachier disse-me querer desobrigar-se desta soma e começou a pagá-la, enviando-me cem libras ou mais, não me lembro. Enviei-lhe recebido disso. Marillac."

(2) À margem: prometendo-lhes, se aprovar a Deus ter misericórdia comigo e introduzir-me ao Paraíso, fazer tudo o que puder uma alma fazer por eles, em recompensa da caridade que exercerão neste assunto.

dote. Recomendo-a a meu filho em caso de sua mãe morrer antes dela se casar ou (se fizer) religiosa ou (estiver) em idade de poder dirigir-se.

Dou um escudo a cada uma das Confrarias adiante indicadas, nas quais tive a honra de ser recebida, pedindo perdão a Deus por haver faltado tanto às devoções por elas tão recomendadas, o que me faz compreender que mais vale inscrever-se em pouca e bem cumprir tudo, Os lugares nos quais tive a honra de ser inscrita são: em São Nicolau du Chardonnet, na Confraria do Santíssimo Sacramento; nos dominicanos da rua São Tiago, na das Cinco Chagas de Nosso Senhor; nos franciscanos do Convento Grande, na do Cordão de São Francisco; nos agostinianos do bairro São Germano, na do Cinturão de Santa Mônica e em São Lourenço, como associada da Companhia do Santíssimo Sacramento.

Dou seis escudos anuais às Filhas da Caridade, minhas muito queridas Irmãs, com quem tive a honra de estar, há tantos anos. Dezoito libras serão para ajudá-las a fazer unguentos que empregam no trato dos pobres doentes que vêm à sua Casa, declarando que seria obrigada a fazer muito por elas, se Deus me tivesse dado meio para isso. E, por essa razão, peço a meu filho que lhes seja sempre agradecido pelas caridades/que elas me fizeram e tenha como uma grande bênção, que Deus lhe dê alguma ocasião de trabalhar por elas; a isso, enquanto posso, exorto-o a não faltar.

Dou e deixo dez escudos para serem distribuídos aos mendigos, no primeiro domingo ou festa após meu falecimento. Nesta ocasião, alguma pessoa caridosa que quiser tomar sobre si este trabalho, por amor de Deus, far-lhes-á uma pregação na Igreja de São Lourenço, ou na de La Chapelle ou melhor, em São Lázaro, se possível. Suplico-lhe em nome de Nosso Senhor, que fale apenas para instruir os pobres, ensinando-lhes a obrigação que têm de conhecer a Deus, tanto aos bons como aos maus pobres e quão proveitos é sua condição para sua salvação se souberem usar devidamente dela: o que devem fazer antes de vir mendigar; com que humildade devem pedir; sua obrigação de servir a Deus e ouvir a santa Missa nos dias santificados e nos domingos; levá-los a se decidirem a pôr-se de joelhos de manhã e à noite, para agradecer a Deus o bem dessas almas que perdem tantas graças por não conhecerem seu estado e suas obrigações.

Dou, à perpetuidade, um escudo às Filhas da Caridade, minhas muito queridas Irmãs, começando no primeiro ano de minha morte, à condição de que uma delas reze, todos os anos, cinco vezes o terço por meu filho, a saber: na festa da Apresentação da Santíssima Virgem, na de sua Imaculada Conceição, na terceira sexta-feira de fevereiro, na Sexta-feira Santa e na sexta-feira das quatro temporadas da Exaltação da Santa Cruz. E isso, entre sete ou oito horas da noite dos supracitados dias, a fim de obter de nosso bom Deus, alguma graça particular para os que recebem as sagradas ordens.

Meu filho gozará de meus bens após minha morte, como único herdeiro, depois de pagas as minhas dívidas e legados. Após sua morte, todos os bens que lhe deixo, pertencerão aos pobres, a quem constituo meus herdeiros depois dele. E, no caso de ele se casar e ter filhos, deles gozará, assim com seus filhos do modo costumeiro nas sucessões substitutivas; entendendo e querendo que os pobres sejam herdeiros do pouco que Deus me deu, enquanto Ele não lhe dê descendentes legítimos. E, para isso, suplico, muito humildemente, ao senhor Padre Vicente, Fundador e Geral dos Padres da Missão e a seus sucessores que tomem a si o incômodo de fazer atenção a esta disposição. Se acontecer a substituição, mandem recolher para se fazer anualmente sua distribuição, sabendo que seu principal exercício é trabalhar na salvação dos pobres a que eu quisera, se pudesse, contribuir com minha própria vida.

Porém, no caso de Deus conceder a bênção de um firme estabelecimento da Companhia das Irmãs da Caridade das Paróquias, de tal modo que possam subsistir, como já fazem há alguns anos, permanecendo sob a direção dos ditos senhores Padre da Missão, minha intenção e última vontade é que sejam elas que gozem, com os fins e condições supracitados, dos poucos bens que deixo, para lhes dar mais meios de assistirem aos pobres doentes das aldeias, nos lugares em que tiverem pouca ajuda, com exceção de queos referidos senhores Padres da Missão gozarão de cem libras de renda. Suplicando à bondade de Deus que, se for de seu agrado conceder algum mérito a esta disposição sobre a alma de meu filho e sobre a minha, no nome de nosso morte, da qual temos grande necessidade para nossa salvação.

Suplico, muito humildemente, ao senhor Padre Vicente pela caridade que Deus lhe deu para com o próximo e pelo amor que tem à humanidade santa de nosso Redentor perdoe-me todas as faltas de reconhecimento da honra que me fez, exercendo tanta caridade para com meu filho e comigo, do que lhe dou graças com todo o meu coração e lhe rogo queira continuar sua santa afeição para com ele, servindo-lhe de pai, com seus bons conselhos e ajuda em suas necessidades, concedendo-me à muito humilde petição que lhe faço, pelo amor de Deus, e a seu sucessor, se Deus o chamar a Si antes de mim, de ser o executor deste meu primeiro testamento, com meu filho ao qual propus a substituição (2), que fiz no presente testamento, um pouco antes de seu casamento, na casa das irmãs que servem a merenda aos pobres do Hospital Geral e a aceitou.

Lúisa de Marillac

Entrego e abandono minha alma, de todo o coração, nas mãos de Deus, seu Criador e seu último fim e deixo de muito boa vontade meu corpo à terra, esperando sua ressurreição. Quanto ao lugar de sua sepultura, deixo-o inteiramente à disposição da Divina Providência, por meio da direção do senhor Padre Vicen-

te, a quem rogo se lembrar de que lhe manifestei ter grande desejo de ser posta junto a uma parede, debaixo da Igreja de São Lázaro (no pátio pequeno que parece um cemitério, pois foram encontrados aí ossos de pessoas). Continuo desejando isso, enquanto o posso e peço, pelo amor de Deus, à sua caridade.

Suplico-lhe também que se ponha logo no mesmo lugar, na parede, uma grande cruz de madeira com o Crucificado e um letreiro a seus pés com a inscrição: Spes Unica. Tudo às expensas do pouco que deixei e que Deus me deu para executar este meu testamento.

Para meus funerais, declaro não querer que se façam outros gastos senão os que se têm feito com nossas Irmãs falecidas. Se alguém quisesse que se fizesse de outro modo, creio, desde agora, que não teve para comigo nenhuma afeição, não sendo razoável que meu miserável corpo, que tanto ofendeu e fez ofender a Deus, seja tido em alguma consideração. Aliás, seria declarar-me indigna de haver morrido como verdadeira Irmã da Caridade e serva dos membros de Jesus Cristo, embora, entretanto, não mereça esta condição.

Eis aqui, ó meu Deus, vossa pobre criatura prostrada aos pés de vossa divina Majestade e Grandeza, que, se confessando criminosa e merecedora do inferno, no rigor de vossa justiça, que me deveria condenar, se não fosse por este poderoso amor que fez o vosso Filho único se encarar, para me livrar dele. Praza à vossa divina bondade que eu seja, e meu filho, do número das almas que, por Jesus, vos glorificarão eternamente. Dignai-vos olhar, com benignidade, os atos, desejos e disposições determinados no presente testamento feito na esperança de que tenha sido vossa santa vontade que dirigiu a minha. Sem ela, protesto, de todo coração, nada querer; jamais. Com ela, declaro querer findar minha vida, de acordo com este escrito que fiz e assinei de próprio punho nesta sexta-feira, 5 de dezembro de 1645.

Luisa de Marillac

Estando sadia de corpo e espírito, pela graça de Deus.

Primeiro codicilo

28 de dezembro de 1653

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo

Hoje, festa dos santos Inocentes do ano de 1653: revi meu testamento, acreditei havê-lo feito da melhor forma em que o poderia para sortir seu pleno efeito. Portanto, confirmo-o e aprovo-o em todos os artigos. E porque houve

mudança em meu filho, a quem a divina Providência, creio, havia destinado ao casamento, e que, por seu contrato lhe dei quinhentas libras de renda constituídas por diversos contratos que lhe entreguei em mãos, assegurando-me dele, verbalmente, pouco antes de seu casamento, que não sofreria nada pela substituição de minha pequena herança, não lhe causando nenhum prejuízo nem a seus filhos se ele os deixar. Pensei que sou obrigada, em consciência, a declarar o que segue, para a execução de meu testamento; desejando de todo coração que, se Deus lhe der algum mérito, sua bondade o aplique à salvação de toda a família e para ter misericórdia de minha pobre alma.

Em primeiro lugar: Enquanto os senhores Padres da Missão forem encarregados de mandar celebrar as Missas mencionadas em meu testamento, ou, depois da morte de meu filho, este gozará das trinta libras estipuladas para tal, que serão tomadas da renda da Prefeitura (Hôtel de Ville) a mim reservada; como serão também tomados dessa, todos os legados que fiz, à excessão dos dez escudos tirados ao dinheiro que me é devido na Auvergne.

E, se, por infelicidade, acontese perder-se esta renda e não se pudesse recorrer aos bens da senhora de Vandy, que ma havia vendido em troca das rendas que ele me devia sobre todos os seus bens, peço a meu filho não deixar de executar este meu testamento, em consideração a tudo que fiz por ele, como o sabe pela conta que lhe dei em justiça, pouco depois da morte de seu pai, meu bom marido, que Deus tenha em sua misericórdia, ele me ficou devedor, creio, de quase quatro mil libras. Deus me é testemunho de que faço este ato crendo estar obrigada a isso: a não continuar a celebração das Missas no caso de esta renda se perder em sua totalidade, pois, este fundo estava fixado no mencionado rendimento.

Para concluir a presente declaração, o contrato desta renda ficará em poder dos senhores Padre da Missão, os quais, gozarão do resto, se houver, em partes iguais com nossas Irmãs da Caridade, suplicando-lhes a uns e outras que peçam misericórdia para mim.

O referido contrato será encontrado junto com a conta a que me referi, no armário de minha escrivaninha da Alemanha; rogo ao senhor Padre Vicente dá-la a meu filho com algumas outras peças do resto de nossos móveis, dos quais se encontrará, se Deus quiser, um inventário que é bem limitado.

Sabeis, é meu Deus, que sou toda vossa e, vossa Providência, por sua bondade, tem dirigido todos os estados de minha vida, do que vos dou graças muito humildemente, pedindo-vos, com sinceridade, perdão, de todo o coração, por meus esquecimentos e ingratidões. Ofereço-vos esta pequena disposição como movida por vossa vontade, renunciando a qualquer outra consideração.

Suplicando-vos, pelo amor de Jesus Crucificado, me concedais vossa

bênção, a meu filho e a toda a sua família, a fim de que possamos glorificar-vos eternamente.

Dado e assinado neste dia e ano já mencionado.

Luísa de Marillac

Segundo codicilo

11 de maio de 1656

Hoje, quinta-feira, 11 de maio, às quatro da tarde, do ano de 1656, por mandato de “Mademoiselle” Luísa de Marillac, viúva do falecido Antônio Le Gras, em vida Escudeiro secretário da falecida rainha Maria de Médieis, os tabeliães abaixo assinados foram à casa onde mora a referida “Mademoiselle”, no bairro São Dionísio, defronte à Igreja de São Lázaro. Encontraram-na acamada, doente de corpo, porém sadia de espírito, memória e juízo, como aparece em suas palavras e comportamento. Ele disse e declarou que fizera seu testamento hológrafo desde 15 de dezembro de 1645 e depois, um codicilo, também hológrafo, no dia dos santos Inocentes do ano de 1653. Tendo feito a leitura deles depois da doença pela qual se encontra impedida, quis fazer um novo codicilo que, para este fim, ditou e dita aos citados notários o que segue:

Tendo todos os motivos para estar contente com a conduta de Miguel Antônia Le Gras, Escudeiro, seu único filho, “Oficial de justiça” de São Lázaro e conselheiro no tribunal da Moeda e de “Mademoiselle” Gabriela Le Clerc, sua esposa, pelos respeitos e provas de amizade que deles recebeu depois de seu casamento. Assegurando-se de que seu dito filho, vindo a morrer sem descendência, tratará de fazer assistir aos pobres com os bens que ele tem ou tenha da dita “Mademoiselle” sua mãe; ela revocou e revoca, pelas presentes, a substituição que faz de seus bens pelo dito testamento em favor dos pobres, querendo que seu dito filho goze deles e disponha em plena propriedade como bem lhe pareça. Quer e ordena, segundo os ditos testamentos e codicilos, que as rendas que lhe pertencem na Vila sejam para e em proveito dos senhores Padres da Missão, aos quais ela faz abundantes doações e legados nas obrigações impostas pelo dito testamento e codicilo e começam a recebê-los a partir do dia de seu falecimento e a satisfazer os respectivos encargos. Mais: entregar sobre as primeiras rendas vencidas que receberem, trinta libras para os pobres de São Lourenço, sua paróquia e dez ou oito libras para o legado que fez, pelo dito testamento, a seu confessor, e também, entregar, cada ano, dez ou oito libras à sua refeição aos pobres da paróquia em que viva sua neta, refeição esta que ela mesma lhes servirá.

Querendo que o resto do referido testamento e codicilo seja executado;

suplicando ao senhor padre Vicente que aceite ser, com o dito filho seu, executor do presente codicilo.

Assim foi feito, dito e pronunciado pela referida "Mademoiselle" Le Gras aos ditos Tabeliães e a ela por um deles, presente o outro, a leitura bem ouvida por ela, na referida casa em que mora, num pequeno quarto do primeiro andar, no qual está doente, de cama, nos mencionados dia e ano e assim assinou, assinado,

Luísa de Marillac
Le Caron e Galois, Tabeliães com rubrica

Testamento espiritual

Minhas queridas Irmãs, continuo pedindo a Deus por vós e rogo conceder-vos a graça de perseverar em vossa vocação para que possais servi-LO no modo como Ele vos pede.

Tende grande cuidado do serviço dos pobres e, sobretudo, vivei juntas numa grande união e cordialidade, amando-vos umas às outras, para imitar a união e a vida de Nosso Senhor.

Pedi muito à Santíssima Virgem que seja vossa única Mãe. (1)

(1) Este testamento espiritual foi conservado pelas Irmãs que assistiram a Luísa em seus últimos momentos e no-lo transmitiram, com fidelidade. Gobillon cita-o em sua "Vida de Mademoiselle Le Gras", escrita em 1676.

ÍNDICE TEMÁTICO

- ABANDONO:** das consolações c. 321; a Deus e à sua vontade ou Providência cc 324, 383, 438, 502; E 1, 10, 12, 22.
- ABLEVOIE:** c. 171.
- ABSTINÊNCIA:** das sextas-feiras cc. 55, 171, 210; da Quaresma cc 522, 572, 575.
- ACIDENTE:** na Casa Mãe, cf. Soalho; do Padre Vicente cf. Queda.
- ACOLHIDA:** aos benfeitores dos pobres cc. 322, 404; aos doentes cc 291, 631; E 136, 147, 148; na Casa Mãe para o retiro: às Damas c. 679; às religiosas cc. 606, 648; às Irmãs cc. 171, 192, 291, 293, 398, 444, 510, 543; E. 84, 91, 94; a todos, ricos ou pobres cc. 322, 404; às jovens em comunidade c. 411; cf. Alunas.
- ACONTECIMENTOS:** Deus fala pelos: cc. 158, 162, 202, 296, 306, 329, 504, 507, 508.
- ACUSAÇÕES:** contra as Filhas da Caridade: cc. 41, 42, 101, 116, 201, 290, 297, 314, 321, 393, 436, 437, 487, 592, 703 Cf. Angers, Bernay, Chantilly, Nantes; não provocá-las c. 433; E. 55; contra LM cf. Queixas.
- ADESÃO** a Jesus Cristo: E. 69; cf. Abandono, Amor, Obediência.
- ADMINISTRAÇÃO:** assumi-la com exatidão: cc. 286, 291, 402; E. 95; não aceitar a do hospital c. 536; E. 95.
- ADMINISTRADORES:** de Angers cc. 21, 23, 32, 35, 61, 66, 68, 81, 82, 109, 111, 116, 139, 167, 171, 180, 237, 293, 333, 386, 391, 606, 695, 719 cf. Angers; de Châteaudun c. 581; de Le Mans cc. 146, 153; de Nantes 153, 167, 171, 249, 324, 329, 359, 430, 437, 445, 484, 510, 706; cf. Nantes; das Casinhas c. 551; atitude para com eles cf. Obediência, Respeito.
- ADMISSÃO À COMPANHIA:** cc. 35, 38, 52, 201, 233, 316, 417, 490, 491, 492, 543, 625, 627, 682; de moças pobres c. 38; E. 108.
- ADORAÇÃO:** c. 171; E. 41, 43 (2º caderno), 45, 55, 99. cf. Santíssimo Sacramento.
- AFEIÇÃO:** entre as Filhas da Caridade cc. 15, 72, 488, 545, 601, 609, 611, 614, 716; de LM para com as Filhas da Caridade cc. 55, 164, 191, 211, 222, 253, 276, 282, 285, 335, 375, 392, 398, 402, 406, 452, 540, 550, 556, 630, 692, 696, 714; para com os doentes c. 124, cf. Caridade, Cordialidade, Serviço; de LM por Angers cc. 432, 513, 613.
- AGRADECIMENTO:** a Deus cc. 370, 517; E. 10, 104, 111; pela vocação cc. 315, 316, 404, 436, 447, 449, 456; E. 175; por sua proteção cc. 280, 287, 294; pela Eucaristia E. 99, 265; de LM ao Padre Vicente cc. 163, 191; ao Abade de Vaux; cf de Vaux; ao senhor Padre Ratier.

ÁGUA: benta E. 126, 142; medicinal cc. 124, 132, 414, 427.
ÁGUAS: trazidas à Casa Mãe cc. 687, 696, 698.
AIGUILLON, senhora Duquesa d': cc. 12n2, 71, 74, 136, 222, 270, 413, 542.
AJUDA FRATERNA: cc. 75, 204, 248, 466.
ALEGRIA: cc. 31, 51, 73, 147, 171, 194, 325, 390, 659; E. 29, 61, 121, 237, 238.
ALFABETO: ensino do: c. 211.
ALIMENTAÇÃO: dos doentes cc. 171, 208, 296; E. 45, 47.
ALIMENTOS: cc. 171, 291, 405, 522; E. 17, 18.
ALMA: cc. 446, 707, 713; E. 85, 87, 88, 111, cf. Homem; redimida pelo sangue do Filho de Deus cc. 30, 434, 672, 699; E. 5, 43 (2º caderno).
ALMÉRAS, Renato, CM: Biografia C. 197 n2; Roma c. 197; visita a Nantes cc. 438, 440, 441, 453; Paris c. 721.
ALUGUEL: da casa das Filhas da Caridade: Richelieu c. 635; Chantilly E. 80.
ALUNAS: cc. 186, 204, 223, 304, 325, 481, 558, 583, 616, 658, 661, 688; formação espiritual cc. 674, 684. cf. Catecismo, Escola.
AMA DE LEITE: das crianças expostas cc. 9, 303, 312, 318, 320, 326, 624; ama de leite do Rei c. 696.
AMIZADE: entre as Filhas da Caridade c. 482; de LM para com Filhas de Caridade c. 54, 186, 207, 604; Amizade só se paga com amizade c. 604
AMOR: aos pobres. Caridade, Serviço dos Pobres; entre as Fs. C. cf. Afeição, Caridade, Cordialidade; à vocação: cc. 78, 116, 330, 451 ; a si mesmo cc. 49, 330, 565.
AMOR DE DEUS: cc. 42, 73, 115, 128, 140, 159, 176, 226, 269, 276, 288, 330, 359, 362, 370, 392, 426, 447, 449, 500, 502, 517, 571, 584, 604, 609, 621, 649, 667, 670; E. 10, 11, 19, 21, 98; meditação de LM E. 105; amor de Deus e Jesus Cristo cc. 42, 391, 398, E. 4; a Maria E. 6, cf. Maria amor à vida comunitária cc. 622, 692; trabalhar por amor a Deus cc. 191; 323, 400, 516, 589.
AMOS: os Pobres são nossos amos: cc. 7, 33, 73, 78, 115, 116, 171, 322, 410, 435, 487, 622, 630; E. 63.
ANA, FC: natural de Richelieu, c. 185; saiu da Companhia, c. 141.
ANA, FC: Fontenay cc. 70, 71; Nanteuil c. 75.
ANA, FC: Richelieu cc. 162, 175, 187, 190, 200, 206, 246, 248.
ANA, FC: São Sulpício c. 70.
ANA: cf. Bocheron, Denoual, de Gennes, Hardemont, Lauraine, Levies, Moisson, Rosa, Scoliège, Thalonière de la, Thibault, Valin, Varon, Vaux.
ANA: d'Áustria: cc. 87, 94, 100, cf. Rainha.
ANA MARIA, FC: Paris, dá escândalo cc 198, 299.

ANDRÉA, FC: Issy c. 151.

ANDRÉA, FC: nota biográfica c. 144 n 5; Saint-Etienne c. 144; Le Mans c. 151; Angers c. 151.

ÂNGELUS: E. 42, 91.

ANGERS: cartas às Fs. C. 33, 49, 115, 118, 123, 260, 319, 433, 467, 533, 540; nota histórica c. 60 n. 1 fundação c. 16, 19, 21, 66; aprovação episcopal c. 62; colocações e mudanças de Fs. C. cc. 109, 118 119, 123, 150, 151, 167, 180, 194, 196, 245, 269, 273, 292, 301, 372, 385, 386, 389, 406, 513, 519, 532, 543, 635, 659, 660, 695; Padres Reformados cc. 63, 89; dificuldades cc. 245, 393, 395, 404, 627, 636; outras menções: cc. 333, 427, 580; segunda casa cc. 327, 328; visitas: do Padre Lambert cc. 16, 22, 30, 32, 55, 95, 101, 106, 107; do Padre Lambert c. 372; de Vicente de Paulo cc. 275, 280; do Padre de Chesne c. 426; do Padre Berthe cc. 513, 580, 599, 601; do Padre Dehorgny cc. 681, 695, 699; Postulantes cc. 24, 25, 27, 34, 50, 77, 149, 258, 432, 450, 454, 535, 539, 543, 601, 625, 627, 636. Fs. C. naturels de Angers: Margarida Deshaies, Maria Dille, Perrine Fleury, Renata. Fs. C. enviadas a Angers: Cecília Angiboust, Madalena Bécu, Maria Bertrand, Elisabeth Brocad, Cláudia Chantereau, Maria Despinal, Maria Donion, Etienne Dupuis, Clemence Ferré, Margarida François, Maria Gaudoin, Nicole Georget, Catarina Huitmill, Elisabeth Martin, Madalena Mongert, Margarida Moreau, Margarida Tourneton, Bárbara Toussaint, Maria Marta Trumeau, Elisabeth Turgis, Andréa, Bárbara, Catarina, Michelle, Perrette, Perrine, cf. também Vaux, Abade de; afeição toda especial de LM por Angers cc. 432, 513, 613.

ANGIBOUST, Bárbara, FC: nota biográfica c. 7 n 1; cartas 7, 15, 43, 79, 84, 112, 186, 223, 240, 244, 247, 285, 291, 352, 353, 399, 410, 419, 421, 427, 451, 452, 456, 475, 481, 487, 488, 490, 491, 492, 493, 504, 507, 514, 517, 526, 529, 536, 544, 550, 553, 555, 560, 566, 574, 578, 582, 583, 584, 597, 600, 602, 608, 610, 615, 616, 646, 650, 652, 661, 663; Saint Germain-en-Laye c. 9; Richelieu cc. 15, 43; proposta para Angers cc. 32, 36, 47; Paris cc. 53, 57; Galerianos cc. 71, 81, 84; visita às Crianças Expostas cc. 112, 115; Serqueaux c. 140; Paris c. 155; Fontenaibleau cc. 173, 174, 186, 223, 240, 244; visita às Crianças Expostas cc. 243, 247; Casa Mãe cc. 250, 255, 258, 266, 284; visita a Liancourt c. 285; Saint-Denis cc. 291, 352, 353, 399, 404; Brienne cc. 410, 419, 421, 427, 432; Châlons-sur-Marne cc. 447, 449, 451, 452; Brienne c. 456; Paris, Casa Mãe cc. 463, 468, 475, 477, 481, 482, 487, 488, 450, 491, 493, 504, 508, 514, 516, 517, 526, 529, 536, 544, 550, 553, 555, 560, 565, 566, 578, 582, 583: visita a Santa Maria do

Monte cc. 582, 584, 588; Casa Mãe c. 594;| Châteaudun cc. 594, 597, 600, 602; visita a Varize cc. 602, 608, 610, 611, 614, 615, 616, 644, 646, 650, 652, 661, 663; aviso de sua morte cc. 667, 670, 673, 698; elogio cc. 666, 669; cartas conservadas por ela c. 594; livro de oração c. 684; morte de seu pai c. 427.

ANGIBOUST, Cecília FC: nota biográfica c. 36n2; cartas cc. 245, 250, 266, 269, 322, 328, 331, 333, 372, 392, 398, 400, 426, 432, 444, 454, 463, 468, 477, 495, 499, 513, 561, 580; Angers cc. 16, 42, 47, 119, 124, 223, 237, 245, 250; Irmã Servente cc. 266, 269, 291, 293, 322, 328, 331, 333, 372, 389, 392, 393, 398. 400, 421, 426, 432, 433, 444, 448, 451, 452, 460, 463, 468; proposta para Polônia cc. 472, 477, 478, 488, 491; dificuldades com sua Assistente cc. 495, 499, 513, 526, 553, 561, 563, 580; dificuldade encontrada para sua substituição cc. 519, 532, 539, 540, 543, 549, 552, 600, 601, 606; Paris, Casa Mãe c. 610; Casinhas cc. 610, 613, 615, 616, 646, 650, 661, 663.

ANJO: cc. 91, 276, 609, 707; anjo da guarda cc. 88, 127, 171, 396, 434, 435, 566, 669; devoção ao Anjo da Guarda c. 335.

ANUNCIAÇÃO: dia de renovação dos votos c. 486

APEGO às criaturas: cc. 115, 152.

APLAUSOS: em Nantes c. 161; em Richelieu c. 187; em Montreuil-sur-Mer cc. 214, 223.

APÓSTOLOS: esperando o Espírito Santo E. 15, 22, 53, 87, 98; anúncio do Evangelho E. 7; lava-pés E. 23; devoção aos apóstolos E. 7.

APRENSÕES: de LM cc. 143, 182; de Irmã Hellot c. 164.

APROVAÇÃO da Companhia: pelo arcebispo de Paris cc. 133; pelo Rei; aprovação episcopal para uma casa cc. 62, 63, 171.

ARNAUD, Monsenhor Henrique: nota biográfica c. 356 n2; cc 372, 385, 389.

ARRAS: fundação casa cc. 546, 553, 556; Regulamento E. 95; dificuldades c. 630; confraria c. 717; postulantes c. 461; Fs. C destinadas para Arras: Margarida Chétif, Radegunda Lenfantin.

ASCESE: cc. 124, 567, 621, 637, cf. Mortificação.

ASSEMBLÉIAS das Senhoras da Caridade: cc. 215, 222, 272, 527, 679, E. 32, 71; confraria das Crianças Abandonadas cc. 227, 268, 304, 306, 308, 312, 358.

ASSISTENTE da Casa Mãe: cc. 141, 379, 401; ofício E. 42, 43; das casas particulares (Angers) cc. 293, 465, 466.

ASSUNÇÃO de Maria: c. 75, E. 5.

ASSUNTOS pessoais das Fs. C.: cc. 228, 272, 359, 594, 600, 608, 684.

ATA de fundação da Companhia c. 394.

ATENÇÃO às necessidades dos doentes: E. 45, 91; de LM para com cada F. C. cc. 28, 29, 45, 55, 72, 79, 86, 120, 150, 155, 157, 225, 252, 264, 370, 389, 416, 427, 452, 456, 485, 568, 625, 650, 691; a cada Irmã na Comunidade cc. 75, 331, 500.

ATIVISMO: cc. 375, 722.

ATO de Fé, Esperança e Caridade cc. 91, 227, E. 47; de contrição, E. 55.

AUTORIDADE: como vivê-la cc. 118, 119, 129, 229, 540, 713; das Damas c. 574; dos Administradores cc. 42, 440, cf. Administradores; na Companhia cc. 472, 495, 592, 593, cf. Superior; da assistente c. 466; da Irmã Servente cc. 15, 440, 705, 727, cf. Irmã Servente; respeito pela autoridade c. 551

AVERSÃO por uma Irmã: c. 116.

AVISO: dado por LM cc. 15, 38, 115, 116, 118, 158, 168, 179, 191, 267, 331, 398, 471, 477, 676, 706, 713; maneira de dá-los c. 705; de aceitá-los c. 561; quem deve dá-los E. 43; à Irmã Servente cc. 212, 621; às oficiais E. 48; às Irmãs entre si E. 55; LM se reprova por não havê-lo dado C. 642.

BAGARD, Catarina, FC: nota biográfica c. 84n4; Galerianos c. 84; Nantes cc. 171, 176, 189, 198; Paris cc. 211, 212; sai da Companhia |c. 218.

BAILLY, Bárbara FC: nota biográfica c. 42n2; Paris cc. 282, 421, 662, 676, 683; Votos c. 702.

BAILLY, Philippe FC: nota biográfica c. 397 n2; Chars cc. 388, 380, 397, 402, 403, 415; Paris c. 630; Votos c. 486.

BÁRBARA, FC: Angers c. 454.

BÁRBARA, FC: natural de Troyes: Angers c. 432.

BÁRBARA, FC: Hennebont c. 372.

BÁRBARA, FC: Valpuiseaux c. 245.

BATISMO: cc. 712; E. 4, 29, 98; das Crianças Expostas cc. 213, 235; de Nosso Senhor E. 23; outras referências: cc. 350, 668.

BAUCHER, Catarina, FC.: nota biográfica c. 562n1; cc. 562, 563, 564; Nantes cc. 288, 289, 445; Paris, 445; Brienne cc. 506, 562, 564; Paris, em retiro cc. 669, 672.

BAUCHER, Elói CM: c. 564.

BAUCHER, Marino CM: c. 564.

BEAUMONT, Pedro de, CM: nota biográfica c. 542n2; Richelieu cc. 542, 635.

BEAUVAIS: Confraria c. 5; Fs. C. naturais de Beauvais: Francisca Carcireux, Maria Gaudoin.

BÉCU, Bento CM: cc. 267, 269.

BÉCU, Humberto, Irmão da Missão: c. 269.

BÉCU, João CM: cc. 269, 512.

BÉCU, Madalena FC: nota biográfica c. 269 n 3; Angers cc. 198, 269, 293.

- BÉCU, Maria FC:** c. 336
- BELARMINO, Catecismo de:** c. 233.
- BÊNÇÃO APOSTÓLICA:** pedida a Roma c. 423; à hora da morte cc. 197, 243, 605.
- BENS dos pobres:** cc. 286, 456; E. 25, 26, 32, 101; da Comunidade cc. 272, 323, 451, 545, 652; não misturá-los com os dos Pobres c. 402; prestar contas deles; colocar em comum os bens: cc. 133, 145, 555; bens pessoais das Fs. C. cc. 26, 76, 309, 471, 628, 671, 715, cf. Herança; das Confrarias cf. Confrarias.
- BERNAY:** cc. 475, 488; visita aos doentes e alunas cc. 481, 488; hospital cc. 517, 529, 536, 555, 566, 622; casa das Fs. C.; dificuldades cc. 488, 566, 614; outras menções cc. 555, 556, 584, 589, 594; Postulantes cc. 490, 492, 493, 504, 506, 584, 639, 644, 669, 670; Irmãs colocadas em Bernay: Bárbara Angiboust, Laurence Dubois, Ana Levies; F.C. natural de Bernay: Maria Papillon.
- BERNAY, senhor de:** cc. 488, 566, 622.
- BERTHE, Tomás, CM:** nota biográfica c. 281n3; Roma c. 423, visita a Angers cc. 513, 580, 599, 601, 613; visita a Châteaudun c. c. 602; visita a Nantes c. 520; enviado a Polônia cc 500, 501.
- BERTRAND, Maria, FC:** Angers cc. 659, 660.
- BICÊTRE:** compra cc. 94, 96; estudo do projeto c. 99; mudança das crianças para Bicêtre cc. 203, 213; organização cc. 222, 231; vida das Fs.C. e das crianças Abandonadas; escola c. 210; visitas de LM cc. 229, 264; contratação de trabalhadores cc. 231, 235.
- BISPO:** cc. 32, 63, 171, 301; Angers, contrato da fundação cc. 62, 356, 372, 385, 398, 450, 478, 536, 719; carta do Padre Vicente cc. 552, 599, 601, 606; Beauvais c. 344; Cahors 577, 691; Châlons, submissão cc. 449, 451, 452; Nantes aprovação para a fundação c. 171; dificuldades cc. 289, 293, 440; Narbona cc. 672, 713; Senlis c. 316; Ussel, acordo para a fundação c. 632.
- BLOT, Joana Fc:** Paris c. 562.
- BOCHERON, Ana Fc:** nota biográfica c. 602n6; Châteaudun cc. 602, 608, 610, 615, 646, 650, 652, 661; testemunho sobre Bárbara Angiboust c. 698.
- BOLSA COMUNITÁRIA:** cc. 133, 452, 555, cf. Dinheiro, Contabilidade.
- BONDADE:** de Deus cc. 684, 696, 698, 704, 706, E. 10, 14; com o próximo E. 10.
- BONS ENFANTS:** c. 6n1.
- BONVILLIERS, Joana, FC:** nota biográfica c. 442 n 3; Chars cc. 422, 425; Chantilly cc. 505, 526, 558, 567, 569.

- BOTICA:** cc. 155, 171, 177, 208, 242, 329.
- BOTICÁRIA:** ofício E. 47, 48, 91.
- BOUCHERS, Luísa FC:** Cahors c. 698.
- BOUILLON, senhora de:** nota biográfica c. 56n3; c. 688; Morainvilliers cc. 157, 548; Paris, cc. 277, 416.
- BOUILLON, senhora de, a jovem:** c. 687.
- BOULONNOIS, senhora:** c. 315.
- BOURBON:** estação de águas c. 486; para uma FC. c. 497.
- BRIENNE:** dificuldades cc. 506, 564; outras menções cc. 427, 456; visita do Padre Portail c. 506; postulantes cc. 506, 669, 672, 683; Fs.C. destinadas a Brienne: Bárbara Angiboust, Catarina Baucher, Maria Donion, Genoveva, Joana; Fs. C. nascidas em Brienne: Bárbara Bailly, Joana Blot.
- BRIENNE, senhora de:** nota biográfica 94n5; Paris cc. 306, 427, 484, 518, 564, 683; Saint-Denis c. 575; Brienne c. 451; devolve as Fs. | C. c. 669; não lhes paga c. 676.
- BRÍGIDA Cláudia FC:** nota biográfica c. 65n1; cc. 72, 78, 90, 261, 263, 271, 272, 304, 316, 414, 418; Angers cc. 65, 68, 72, 78, 88, 72, 78, 88, 90, 116, 119; Paris c. 123; paróquia de São Bartolomeu c. 144; le Mans c. 144, 151; Angers cc. 151, 161; Nantes cc. 161, 162, 189, 267; Chantilly cc. 261, 263, 271, 272, 304, 316; Saint-Denis cc. 414, 418; Votos c. 208; carta a LM c. 189.
- BROCARD Elisabeth FC:** nota biográfica c. 273n3; cc. 466, 471; Angers cc. 273, 432; assistente cc. 465, 478, 494, 499; Paris cc. 513, 519; La Fère cc. 544, 546, 562.
- BROU, senhor de:** cc. 493, 529.
- BULA:** para o Jubileu c. 526.
- BULLES:** visita à Confraria de, por LM E. 25, 26.
- BUSCA de si mesmo:** é preciso evitá-la c. 659.
- CABARET, Gabriela FC:** nota biográfica c. 589n3; doente c. 589; Votos c. 710.
- CABRY, Francisca FC:** Sedan c. 463.
- CAEN:** cc. 481, 561, 574.
- CAHORS:** pedido do Bispo c. 577; envio em missão cc. 631, 691; projeto de regulamento E. 100; Fs. C. destinadas a Cahors: Luísa Boucher, Adriana Plouvier, Maria Marta Trumeau.
- CAILLOU, Genoveva FC:** nota biográfica c. 23n1; Angers cc. 20, 109, 110; Paris c. 140; São Gervásio c. 144; proposta para Le Mans c. 144.
- CALAIS:** envio de Fs. C. c. 638; volta das Fs.C. cc. 646, 647, 653; Fs.C. destinadas a Calais: Maria Cuny, Henriqueta Gesseaume, Francisca Manceau, Margarida Ménage, Cláudia Muset, Maria Poulet, Francisca Joana.
- CALÚNIA:** contra as Fs.C. cc. 201, 696; sofrê-las à imitação de Jesus Cristo

- Crucificado cc. 208, 290, 713; não temê-las se a comunidade estiver unida c. 525.
- CALVÁRIO:** c. 604, cf. Cruz.
- CAMPONESES:** socorridos pelas Caridades E. 25, 26; prioridade em atendê-los E. 108.
- CANTO:** cc. 506, 657.
- CAPELA:** da Casa Mãe c. 325.
- CAPELÃO:** da Grande Senhorita, cc. 243, 244; do Castelo de Chantilly cf. Hode.
- CARCIREUX, Francisca FC.** nota biográfica c. 251n2; cc. 251, 325, 354, 368, 542, 549, 556, 605, 635, 692, 705, 713; Paris cc. 197, 211; Richelieu cc. 251, 325, 350, 354, 368, 420, 432, 521, 542, 549, 556, 635; Narbona cc. 691, 692, 693, 698, 705, 711, 713.
- CARIDADE:** cc. 159, 226, 249, 315, E. 19, 23, cf. Amor, Deus, Jesus Cristo; espírito das FsC. cc. 420, 556, 561; pedi-la a Deus c. 398; vivê-la cc. 516, 638, 640, 657; para com os pobres cc. 115, 150, 292, 441, 448, 500, 533, 587, 642, E. 10, 50; para com todos cc. 323, 686, E. 90; entre Irmãs cc. 15, 115, 116, 118, 123, 177, 203, 316, 376, 433, 436, 456, 513, 556, E. 31, 44, 91; leva à defesa dos ausentes c. 375; entre os membros das Confrarias E. 18, 25, 26.
- CARIDADE ESPIRITUAL:** cc. 115, 177, 267, 398, 580, E. 55 Cf. Avisos; da Irmã Servente às Irmãs Servente às Irmãs c. 621.
- CARLOTA, Fc:** Richelieu, doente c. 605; morta c. 605.
- CARLOTA:** cf. Moreau, , Poisson, Royer.
- CARINHO:** de LM cc. 276, 434, 669; da Ir. Servente por suas companheiras c. 727; entre as Irmãs c. 609; cf. Afeto, Amizade.
- CARRÉ, Cláudia F.C.:** nota biográfica c. 561n5; cc. 613, 621; Nantes cc. 171, 177, 192, 207, 218, 225, 242; Angers cc. 543, 552, 561; nomeada Ir. Servente cc. 613, 625, 627, 636, 660; Votos c. 636.
- CARTAS:** dificuldades e lentidão do correio cc. 166, 168, 169, 218, 220, 242, 254, 324, 329, 366, 373, 517, 526, 556, 600, 615, 641; cartas perdidas cc. 163, 166, 170, 321, 333, 359, 406, 463, 504, 616, 630, 641, 657, 682, 719; LM quer escrever com mais frequência cf. Sobrecarga; pede às Irmãs que lhe escrevam cc. 60, 123, 160, 322, 359, 377, 406, 463, 468, 488, 513, 558, 582, 588, 608, 611, 673; e que seja de forma legível cc. 635, 646; as Irmãs querem mais cartas c. 240; cartas c. 240; cartas aos Superiores, liberdade cc. 200, 202, 482, 629, 716, 727; escrever de quinze em quinze dias; à família ou a conhecidos cc. 368, 476, 516, 521, 526, 630; entre Fs.C. cc. 202, 488, 493, 526, 574, 602, 604, 610; que devem ser enviadas à Superiora cc. 209, 225, 232; para pedir permissão c. 727; do Padre Vicente às Fs.C. cc. 171, 189, 191,

- 335, 406, 409, 491, 708; diversas cc. 240, 578, E. 48.
- CASA MÃE DAS FILHAS DA CARIDADE:** em La Chapelle; Paróquia de São Lourenço: compra c. 38; número de Fs. C. 115, 145; ofícios cf. Assistente, Cozinheira, Despenseira, Porteira; regulamento E. 42, 48; queda do soa-lho cf. queda; concertos cc. 71, 452, 582; pavilhão novo cc. 616, 630; encanamento de água cc. 687, 696, 698; voltar a ela de vez em quando cc. 569, 573, 583, 589, 603, 650, 658; cf. Retiro, Acolhida.
- CASAMENTO:** de LM E. 3, 16; de Miguel Le Gras cf. Le Gras Miguel; da Virgem Maria E. 5, 6.
- CASINHAS:** fundação cc. 493, 496, 508, 551; Fs. C. nelas colocadas: Cecília Angiboust, Ana Hardemont.
- CASTIDADE:** voto E. 40; e o futuro da Companhia c. 394.
- CATARINA, FC:** paróquia de São Sulpício c. 76.
- CATARINA, FC:** Angers c. 660.
- CATARINA:** cf. Bagard, Baucher, Gesse de, Huitmil, Ménage.
- CATARINA, Santa:** cc. 116, 264, 661.
- CATECISMO:** cc. 175, 481, 658, 674, 684, 711, 716, E. 44, 48, 75, 108; dá-lo com simplicidade c. 233; às crianças cc. 204, 658; aos jovens c. 711, E. 44, 48; do Padre Lambert às FsC. c. 141, entre as Fs. C. E. 30; o livro de Belarmino c. 233; texto de LM E. 29, 43, 2º caderno.
- CATOLICAO:** cc. 214, 425, 651, 691.
- CAVALO:** cc. 219, 425, 651, 691.
- CEINTEREAU, Joana Maria FC.:** nota biográfica c. 447n2; Angers cc. 389, 477.
- CHÂLONS-sur-MARNE:** socorros para os feridos cc. 447, 449, 457; postulantes cc. 452, 457; FsC. destinadas a Châlons: Bárbara Angiboust, Perrette Chefdeville, Ana Hardemont, Joana Henault, Maria Poulet, Ana Thibault.
- CHAMADO:** a vocação é um chamado; cc. 14, 29, 73, 106, 115, 257, 271, 365, 526, 642, 692, 706; para o serviço dos pobres são muitos os chamados: cc. 197, 315, 413, 416, 427, 450, 454, 513, 526, 566; chamam-nos aos hospitais cc. 82, 87, 120, 144, 167, 171, 386; às paróquias cc. 85, ver Párcos; os bispos nos chamam: ver bispos; as Damas da Caridade também, cc. 306, 413, 575, ver Damas; estudo da resposta a ser dada cc. 180, 575; dificuldades da resposta cc. 16, 200, 478, 566, 688.
- CHAMPLAN:** viagem de LM cc. 648, 652.
- CHANTAL, senhora de:** cc. 62, 63.
- CHANTEREAU Cláudia, FC.** nota biográfica c. 481n3; Angers cc. 293, 433; Santa Maria do Monte cc. 480, 481, 508, 517, 526, 536, 550; morte cc. 561, 562, 571; elogio c. 561.
- CHANTILLY:** cc. 567, 589, 603, 637; fundação cc. 235, 252, 263, 397, 469,

505, 558, 637; visita aos doentes e escola cc. 558, 658; relações com o pároco cc. 603, 645, cf. Pároco; dificuldades econômicas cc. 484, 658, 680; visita de LM cc. 252, 297; de Ir. Henriqueta Gesseume c. 637; FsC. destinadas: Joana Bonvilliers, Cláudia Brígida, Genoveva Doinel, Joana Etienne, Maria Navain, Maria Prévost, Elisabeth Turgis, Francisca, Luísa, Maria Marta.

CHANTRE DE NOTRE DAME: requerimento de LM c. 48.

CHARS: Fundação: cc. 221, 232, 235, 383, 587; escola, hospital, visita a domicílio cc. 221, 222, 408, 587; dificuldades cc. 546, 586, 589, 591, 616; retiro das FsC. cc. 592, 593, 616; Vigário cf. Pouvot; cartas ao Pároco cc. 586, 592, cf. Pároco; postulante cc. 402, 408, 586, 592; FsC. destinadas: Vivência Auchy, Philippe Bailly, Joanna Bonvilliers, Margarida Chétif, Clemência Ferré, Juliana Loret, Francisca Manceau, Maria Poulet, Elisabeth Turgis, Genoveva Maria, Marta, Michelle: FC. natural de Chars: Carlota Moreau.

CHARTRES: peregrinação de LM cc. 120, 121.

CHÂTEAUDUN: chamadas por uma Dama: cc. 413, 510, 615, 616, E.84; hospital e escola cc. 615, 616, 684, 714; dificuldades cc. 581, 597, 608, 673; visita do Padre Berthe c. 602; postulante c. 581; FsC. destinadas a C. Bárbara Angiboust, Ana Bocherin, Joana Delacroix, Sulpícia Dubois, Joana Lepintre, Carlota Moreau, Marta, Renata.

CHEFDEVILLE, Perrine, FC: nota biográfica c. 366n1; Serqueux cc. 140, 249, 267, 305, 384, 447, 440, 450, 452.

CHESNE, Pedro du, CM: nota biográfica c. 166n4; Bons Enfants cc. 166, 168, 169; Paris c. 282; Richelieu c. 420; visita a Angers cc. 426, 432, 433.

CHESNEAU, Guilhermina, FC: Nota biográfica c. 154n1; cc. 365, 370; paróquia de São Paulo cc. 154, 202; Santo Estêvão a Arnes cc. 365, 370.

CHESSE, Maria, FC: nota biográfica c. 698n8; Narbona cc. 691, 692, 698.

CHÉTIF, Margarida, FC: nota biográfica c. 357n2; cc. 366, 502, 604, 609, 630, 719; Chars c. 357; Paris c. 363; Serqueux c. 366; Paris c. 497; destinada a Polónia cc. 500, 502; Arras cc. 553, 604, 609, 630, 717; Votos c. 486; elogio c. 501.

CHEVALIER, senhora: nota biográfica c. 448n1; estudo de sua vocação cc. 448, 450, 454; em casa da Senhorita Lestang cc. 460, 463.

CHINON: FsC. Naturais de Chinon: Cláudia e Joana.

CIRCULARES: dos Superiores, lê-las e observá-las c. 191.

CIRURGIÃO: de Chars c. 462; de Saint-Denis E. 47.

CIZÂNIA: entre FsC, cc. 191, 207, 436, cf. Desunião

CLARA, Francisca, FC.: nota biográfica c. 119n5; Angers cc. 109, 119, 123,

- 124; Paris cc. 249, 266.
- CLARIVIDÊNCIA:** de LM a respeito da Companhia cc. 374, 722; E. 108.
- CLÁUDIA, FC:** de Chinon: c. 347.
- CLÁUDIA, FC:** La Roche-Guyon c. 480
- CLÁUDIA, FC:** Paris c. 538.
- CLÁUDIA, FC:** Varize cc. 601, 615, 663; na Casa Mãe cc. 650, 651.
- CLÁUDIA:** cf. Brígida, Carré, Chantereau, Lauraine, Muset.
- CLAUDINA, FC:** Paris c. 481.
- CLAUSTRO:** das FsC. cc. 420, 692, cf Clausura.
- CLAUSURA:** das FsC. cc. 646, 721.
- CLERO:** cf. Bispo, Pároco, Congregação da Missão.
- COCHE:** c. 171, 199, 202, 446, 474, 692, 716; comportamento durante as viagens E. 55, 75.
- CODOING, Bernardo, CM:** nota biográfica c. 325n3; Richelieu c. 325.
- COLABORAÇÃO:** entre FsC. c. 379; com as Damas cc. 475, 615; com os seculares cc. 410, 480, 712; o começo da fundação pode ser fonte de dificuldades cc. 144, 211, 416, 536, 632, 713; de LM com o Abade de Vaux cc. 46, 100, 532, 601.
- COLÉGIO:** de Bons Enfants c. 5.
- COLOCAÇÃO:** de mulheres pobres cc. 253, 257, 346, 523, 623; de mocinhas pobres cc. 336, 381, 473; de meninos cc. 294, 368; de crianças abandonadas com amas de leite cc. 112, 115.
- COMBATE:** espiritual cc. 193, 571.
- COMPANHIA DAS FILHAS DA CARIDADE:** Inspiração E. 3; fundação c. 39; Instituição cc. 374, 394; aprovação pelo Cardeal de Retz, pelo Rei c. 576; nome cc. 498, 671; guiada e querida por Deus cc. 461, 507, 508, 538, 702; dependente da Igreja E. 38; direção dos Padres da Missão cc. 23, 181, 228, 374, 634; constituída por moças do campo E. 31, 108 e por viúvas E. 31; secular e não religiosa cc. 62, 293, 320; finalidade cc. 228, 717, 721, E. 53, 81, 100, 101, 108; espírito cc. 106, 115, 133, 323, 539, 574, 713, 717, E. 74, 81; dificuldades cc. 105, 198, 199; pobreza cc. 125, 320, 578; confiança na Providência cc. 545, 546, 582; graças concedidas por Deus cc. 170, 690; estabilidade cc. 374, 510, 666, 694; futuro cc. 108, 394, 413, 496, 498, 721; E. 70, 81, 101, 108, LM defende sua reputação c. 201; as FsC. devem amá-la cc. 452, 526; conhecê-la c. 473; rezar por elas cc. 143, 427, 432, 454, 456, 689; agem em seu nome c. 171; Maria, sua única Mãe cc. 121, 281, 663, E. 38; consagração a Maria c. 121.
- COMPAIXÃO:** para com os pobres cc. 116, 150, 331, 449; de LM para com uma Irmã isolada c. 435.

- COMPETÊNCIA** profissional: c. 178, E. 44, 48, 91.
- COMUNICAÇÃO**: com a Irmã Servente cc. 155, 158, 377, 409, 466, 613, 621, 622, 659, 705; com os Superiores cc. 466, 536, 556, 650; com o Diretor espiritual c. 495; com o Visitador c. 681 cf. visitas; com o mundo cc. 141, 187, 267, 441, 571, 623, 645, 656; necessária entre a Assistente e a Superiora c. 466; difícil por correio, cf. cartas.
- COMUNIDADE**: reunida pelo Amor de Deus c. 556; para o serviço dos pobres cc. 110, 598, cf. Vida comunitária, Participação.
- COMUNHÃO**: cc. 345, 446, E. 13, 33, 43 cf. Eucaristia; meditações de LM E. 21, 53, 60, 99, 100; comunhões de LM cc. 113, 128, 510, 596, E. 2, 35, 103; negada a uma FC. cc. 592, 593; pelas FsC. falecidas cc. 179, 296, 430; levada a domicílio E. 25, 32; primeira comunhão das crianças cc. 213, 674 E. 48; de doentes E. 44, cf. Sacramentos; oração de LME. 110.
- CONDESCENDÊNCIA**: cc. 176, 220, 397, 653.
- CONFERÊNCIAS** às FsC.: do senhor Padre Vicente, LM as pede cc. 86, 120, 132, 527, 554, 585, E. 51; escreve-as c. 86; cita-as cc. 65, 86, 94, 97, 124, 145, 168, 171, 189, 227, 229, 252, 253, 302, 338, 347, 428, 454, 481, 505, 512, 516, 616, 622, 649, 656, 690, 698, 707, 730; do Padre Portail c. 453; do Padre Ratier c. 613; do Abade de Vaux cc. 22, 356, 467, 563; de LM cc. 57, 71, E. 42, 43; sobre as Irmãs falecidas cc. 158, 318, 430, 436, 571, 698; E. 52; entre FsC. cc. 136, 168, 175, 362, 411, 454; E. 53; às Dama da Caridade cc. 222, 227 cf. Assembléias; conferência das culpas (de sexta-feira) c. 537; E. 42 2º caderno, 53; das Terças-feiras em São Lázaro c. 701.
- CONFESSOR**: escolha pelos superiores cc. 337, 398, 451, 452, 477, 478, 551, 585, 592; E. 55, 95; preferentemente um Padre da Missão cc. 146, 451; só um para cada Comunidade cc. 539, 565, 571, 590, 600, 690; E. 55; livre escolha cc. 432, 525, 526; confessor extraordinário c. 124; apego ao confessor cf. Respeito; cf. Direção espiritual.
- CONFIANÇA**: cc. 25, 630; base da Companhia c. 546; em Deus cc. 116, 276, 321, 322, 324, 332, 370, 424, 426, 546, 571, 594, 692, 696, E. 10, 22, 70, 98, 99, 104; a exemplo de Maria E. 5, 6; entre Fs. C. cc. 371, 379, 481, 495, 580; nos Superiores cc. 51, 191, E. 48, 50; cf. Providência.
- CONFRARIA DA CARIDADE**: cc. 4, 8, 555; organização c. 5; E. 71 e a Congregação da Missão E. 71; Arras c. 717, Asnières E. 16; Bulles E. 25, 26; Saint-Cloud E. 16; Crianças Abandonadas cc. 37, 103; Santo Estêvão c. 71; São Francisco c. 64; Gournay E. 25, 26, 32; Hospital Geral de Paris E. 71; Neufville-Roy E. 25, 26; Pont-Saint-Maxence E. 25, 26; São Sulpício c. 71; Verneuil E. 25; nome da Companhia das Filhas da Caridade cc. 498, 671.

- CONGREGAÇÃO DA MISSÃO:** obra de Deus c. 429; E. 9; Fim, espírito E. 8, 9; direção da Companhia das Fsc. cc. 23, 282, 374, 634; ajuda espiritual às Fsc. cc. 158, 175, 200, 226, 228, 590; E. 50 cf. Visita; responsabilidade ante as Confrarias E. 71 cf. Missão; legado no testamento de LME. 111.
- CONHECIMENTO:** da pessoa por LM cf. Psicologia; das Fsc. por LM cc. 45, 76, 157, 568, 714; E. 73; de si mesmo E. 64, 104; da língua, dos costumes, para um bom serviço cc. 416, 500.
- CONSAGRAÇÃO:** da Companhia a Maria cc. 103, 121
- CONSELHO:** da Companhia cc. 155, 510; E. 84.
- CONSELHOS EVANGÉLICOS:** c. 73.
- CONTABILIDADE:** cc. 140, 181, 330, 332, 341, 402, 456, 506, 657; E. 31, 48; fazê-la bem cc. 291, 545; E. 43, 48; contabilidade dos pobres separada da contabilidade da Comunidade cc. 71, 631; E. 55; faltas de LM e das Fsc. cc. 211, 364, 370, 397, 600; livro de despesas e receitas c. 696, cf. Dinheiro.
- CONTRATO com o Hospital:** de Angers cc. 21, 23, 33, 44, 46, 171; de Nantes cc. 165, 167, 171, 314; Châteaudun c. 581; Bernay c. 614; de Ussel c. 632; das Crianças Expostas c. 235; com uma senhora cc. 443, 445.
- CONVERSÃO:** cc. 223, 260, 623; E. 4, 14; rezar pela conversão dos pecadores c. 293; E. 10.
- CORAGEM:** cc. 119, 311, 694; para o serviço dos pobres c. 210; para trabalhar na perfeição cc. 251, 471.
- CORDIALIDADE:** cc. 116, 119, 123, 129, 136, 155, 186, 226, 289, 316, 371; entre as Fsc. cc. 15, 54, 124, 176, 194, 211, 315, 323, 328, 335, 377, 456, 467, 481, 482, 528, 540, 542, 598, 613, 634, 645, 667, 674, 682, 686, 713; E. 44, 55, 70, 90, 91, 94; com a Irmã Servente c. 49; da Superiora com as Fsc. c. 621; com os doentes cc. 124, 319, 322, 331; com todos cc. 319, 615.
- CORPO, Criado por Deus E. 58, 85; necessidades c. 628; cuidado com o corpo c. 628, cf. Descanso.**
- COSTURA:** ensino às meninas cc. 210, 211.
- COSTUREIRA:** c. 713.
- COZINHA:** da Casa Mãe c. 530.
- COZINHEIRA:** da Casa Mãe c. 115; cf. Le Roseau Francisca; Nantes c. 171.
- CRIAÇÃO:** E. 10, 11, 37, 62, 85, 86, 98, 104; nova criação E. 37.
- CRIANÇAS ABANDONADAS:** começo da obra cc. 6, 71, 74, 247, 277, 295, 302, 303; dificuldades cc. 211, 214, 302, 303, 318, 320; em La Chapelle c. 12; em Bicêtre c. 99, ver Bicêtre; as Treze Casas; em La Chapelle c. 189; refugiadas em Paris c. 415; recursos cc. 94, 100, 214, 216, 222, 227, 231, 303, 358; falta de recursos cc.

231, 267, 302, 3303, 308, 309, 312, 318, 320, 412; instrução cc. 174, 175, 210, 211, 434, 684, 688, ver Escola, Alunas; amas de leite cc. 9, 112, 115, 326, 351, 388, 472; visita às amas de leite cc. 97, 112; dificuldades cc. 38, 103, 349, 350, 671; morte de crianças cc. 231, 259; FsC destinadas às Crianças Abandonadas: Bárbara Bailly, Joana Fouré, Cláudia Lauraine, Maria Le Maire, Genoveva Poisson, Elisabeth Turgis, Joana Batista, a antiga; Damas da Caridade cc. 37, 103, 222, 227, 268, 302, 358, ver Lamoignon, Romilly, Traversay, Viole senhoras de.

CRISTÃ: viver como boa: cc. 257, 316, 500, 670, 677, 712, 717.

CRÍTICAS: entre FsC. c. 116; contra a Irmã Servente c. 115; do mundo c. 567.

CRUCIFIXO: rezar ante o crucifixo: c. 226.

CRUZ: de Cristo c. 557; E. 19, 33, 105, 107; meditação de LM E. 57; aceitar as cruzes com Cristo cc. 51, 106, 466, 564, 669, 713; medalha ou relicário cc. 328, 333, 555, 560, 578, 677, sinal da cruz E. 29.

CUIDADO: das Irmãs doentes c. 7. 124, 147, 174, 230, 248, 277, 285, 433, 556, 558, 559, 574, 628, 688; dos doentes cf. Enfermos.

CUISSOT: Gilberto, CM: nota biográfica c. 42n3; Richelieu c. 420.

CUNY, Maria, FC.: nota biográfica c. 655n3; Calais c. 647; Paris c. 655.

CURA de águas: em Bourbon cc. 354, 497, 515.

CURIOSIDADE: cc. 116, 433, 657; as FsC. excitam a curiosidade em Nantes c. 171.

DALMAGNE, Joana FC.: nota biográfica c. 80n1; 91; Nanteuil cc. 75, 80, 91.

DAMAS DA CARIDADE: cc. 553, 573, 615; E. 71; das Crianças Abandonadas cc. 94, 96, 103, 215, 221, 268, 302, 303, 312, 318, 320, 358; relações com as FsC. cc. 155, 203, 358, 370, 614, 720; pagam o aluguel para as FsC. c. 635; querem tê-las junto de si c. 687; as FsC. devem-lhes respeito cc. 155, 404, 475, 622; Damas da Caridade de Arras cc. 604, 717; de Nantes c. 171; cf. Assembléia, Confraria.

DARRAS, Maria FC.: c. 112; visita das Crianças Abandonadas cc. 112, 115.

DAUTEUIL, Marta FC.: nota biográfica c. 178n1; Paris c. 178; Nantes cc. 333, 359, 379, 384, 391, 409, 417; Hennebont c. 437.

DAVID, Toussainte FC.: nota biográfica c. 323n1; c. 323; paróquia de São Severino c. 137; Valpuseaux cc. 343, 438; Moranvilliers c. 688.

DECLARAÇÃO: ante um Juiz c. 527.

DEFERÊNCIA: entre as FsC. c. 713; cf. Respeito.

DEFESA: dos ausentes E. 64, 90; LM defende suas Irmãs cc. 42, 195, 201, 551; crianças abandonadas cc. 303, 318.

DEHORGNY: João CM: nota biográfica c. 6n1; Roma c. 197; visitas a Angers cc. 681, 695, 699; visita a Nantes cc. 681, 706; visita a Richelieu c. 711; visita a Ussel c. 707.

DELACROIX, Joana FC.: nota biográfica c. 360n5; cc 446, 673, 684, 714, 722. Paris cc. 151, 152, 159, 160; Serqueux c. 267; Paris cc. 315, 350, 376, 430; Châteaudun cc. 673, 684, 714, 722; formula dos votos E. 63.

DELACROIX, Renata FC.: nota biográfica c. 315n5; Paris cc. 151, 152; Nantes cc. 288, 289, 315, 417, 430, 447; Paris c. 510, E. 84; Votos c. 596

DELANTAL: Hábito das FsC. c. 504.

DELEGAÇÃO: recebida do Superior Geral cc. 191, 192.

DELICADEZA: de LM cc. 31, 225, 531, 533, 561, 562, 670; para comos pobres E. 44 cf. Cordialidade, Mansidão, Serviço.

DELVILLE, Guilherme, CM: c. 604.

DEMÔNIO: c. 681, E. 22, 23, 83.

DENOUAL, Ana, FC.: nota biográfica c 713n2, Narbona cc. 691, 692, 698, 713.

DEPENDÊNCIA: da Companhia das FsC. do Arcebispo de Paris c. 181; do Superior da Congregação da Missão cc. 23, 181, 632.

DESACORDO: entre as FsC. cc. 477, 495, E. 64.

DESÂNIMO: cc. 71, 288, 293, E. 104.

DESCANSO: das FsC. cc. 27, 97, 155, 405, 445, 456, 485, 496

DESHAIES, Margarida, FC: nota biográfica c. 52 n 1; postulante c. 60, admissão c. 52; seminário cc. 55, 56.

DESOBEDIÊNCIA: de nossos primeiros pais E. 67; cf. Pecado original; desobediência às regras ensinada pelos jansenistas c. 593.

DESPEDIDA: de uma Irmã cc. 278, 281, 299, 389, 394; de Nantes cf. Nantes, Dificuldades; de Montreuil E. 55.

DESPINAL, Maria FC.: nota biográfica c. 147n1; Angers cc. 123, 147, 149, 150; morte cc. 151, 153, 287; conferência sobre suas virtudes c. 158 E. 52.

DESPREZO: amá-lo cc. 214, 290, 540, E. 43; das FsC. c. 721; do mundo E. 58.

DESUNIÃO: entre as FsC. cc. 42, 116, 396, 477, 571, 648, E. 64, 70.

DEUS: meditação de LM cc. 348, 360, 434, 435, E. 4, 8, 85, 86, 99, 104, 111; Deus Caridade c. 570, E. 4, 19, 85, 104; relação da alma com Deus cc. 392, 475, 529, 604, 609, 718; Deus presente no pobre cc. 446, 487, cf. Pobres; deixar Deus por Deus c. 537; fazer Deus conhecidos c. 657, cf. Evangelização, Serviço espiritual; cf. também Amor, Bondade, Glória, Humildade, Misericórdia, Plano de Deus, Providência, Sabedoria, Vontade de Deus.

DEVOÇÃO: à Virgem Maria E. 68, cf. Ângelus, Maria, Terço; aos pobres cc. 78, 123.

DIÁLOGO: entre as FsC. cc. 204, 475, 482, 506, 536, 587.

DIARRÉIA: tratamento c. 655.

DIETÉTICA: conselhos ao Padre Vicente c. 715.

- DIFICULDADES:** sinal das obras de Deus c. 698; nos começos das casas, cf. Bernay, Le Mans, Montreuil-sur-Mer, Ussel; dificuldades com os administradores cf. Angers, Nantes; com as Damas c. 130; cf. Santa Maria do Monte Ussel; com os Padres cf. jansenistas, Pároco; com as FsC. cc. 70, 75, 130; dificuldades econômicas de LM c. 96; da Comunidade cf. Dinheiro, Empréstimo.
- DIGNIDADE:** de LM cc. 290, 311.
- DINHEIRO:** cc. 15, 37, 206, 353, 366, 370, 483, 703, 707; para a vida da Comunidade cc. 130, 410, 419, 427, 452, 478, 604, 630, 717; para as viagens cc. 288, 289, 296, 438, 584, 706; para os pobres cc. 216, 604, 702; perigo de manejá-lo cc. 330, 506, E. 81, 101; explicações solicitadas por LM cc. 343, 528, 548, 600; dinheiro trazido pelas postulantes cc. 454, 670; dinheiro das Confrarias E. 17, 18, 25, 26.
- DIREÇÃO:** da Companhia das FsC. pelo Superior Geral da Congregação da Missão cc. 181, 228, 374, 408.
- DIREÇÃO ESPIRITUAL:** cc. 29, 43, 495, 623, 681; fazê-la com simplicidade cc. 441, 448, 471, 549, 623; LM pede-a ao Padre Vicente cc. 396, 666; LM a dá a uma Dama c. 723; a uma FC. cc. 604, 609; Direção Espiritual da Companhia das FsC. pelos Padres da Missão cc. 200, 226, 228, cf. Richelieu.
- DIRETOR:** das Filhas da Caridade, função c. 729.
- DIRETOR ESPIRITUAL:** cc. 108, 141, 195, 441, 495, 711.
- DIRETORA:** das Filhas da Caridade na Polônia c. 472; do Seminário, ofício E. 48.
- DISCERNIMENTO:** diante de um chamado cc. 327, 328; diante de uma vocação cc. 92, 95, 120, 141, 454, 490, 539, 552, 627, 635, 669, 682, 684; necessário para a direção c. 358. E. 48.
- DISCIPLINA (mortificação corporal):** cc. 52, 64, 68.
- DISCRIÇÃO:** entre as FsC. cc. 288, 321, 337, 398, 444, 513, 544, 602, 690, 727; com as pessoas que não são da Comunidade cc. 335, 371, 500; diante de dificuldades cc. 167, 314, 488, 587; da Irmã Servente cc. 397, 400, 621, 660; da Superiora E. 48; em certos ofícios 48, 91; da Companhia sobre o bem realizado cc. 707, 732, E. 108.
- DISPONIBILIDADE:** ao Espírito Santo cc. 24, 141, 150, 245; para os lugares e trabalhos cc. 56, 149, 200; da Irmã Servente para com suas Irmãs c. 659.
- DISTRAÇÃO:** de LM cc. 144, 230, 589, 694.
- DOCILIDADE:** para com Deus cc. 51, 171; ao Espiritual cf. Disponibilidade.
- DOINEL, Geneveva, FC:** nota biográfica c. 304 n3; cc. 316, 558, 569, 573, 640, 645, 647, 656, 658, 680, 690, 712; Paris cc. 183, 284, 304; Chantilly c. 304; Hennebont c. 333; Chantilly c. 558, 567, 569, 589, 603, 640, 647,

656, 658, 690, 712,

DONION, Maria FC.: nota biográfica c. 448 n2; cc. 562, 564, 669, 676, 683; Angers cc. 389, 433, 448; Brienne cc. 506, 562, 564, 669, 683.

DOUELLE, Francisca, FC.: nota biográfica c. 431 n2; c. 500; Polônia cc. 431, 472, 500, E. 72.

DROGAS: cc. 187, 214; compra em Paris, cc. 364, 365, 589 cf. remédios.

DRUGEON, Madalena, FC.: nota biográfica c. 472 n4; c. 500, Polônia cc. 472, 500.

DUBOIS, Laurence, FC.: nota biográfica c. 475 n. 1; cc. 482, 488, 503, 516, 537, 565, 588, 594, 598, 611, 614, 622, 628, 639, 644, 670, 686, 718; Paris c. 282; Bernay cc. 475, 481, 488, 490, 493, 503, 504, 508, 516, 517, 526, 529, 537, 544, 550, 555, 560, 565, 566, 574, 578, 582, 588, 594, 598, 600, 601, 614, 628, 639, 644, 661, 670, 686, 718.

DUBOIS, Sulpícia, FC.: nota biográfica c. 650 n. 4; Varize cc. 615, 650, 661; Châteaudun cc. 663, 673, 684; testemunho sobre Bárbara Angiboust c. 698.

DUCOURNEAU, Bertrando, CM.: nota biográfica c. 161 n. 1; c. 618; São Lázaro cc. 161, 189, 443, 620, 630; doentes c. 462; procura da ata da aprovação da Companhia c. 394.

DUPUIS, Etiennette, FC.: nota biográfica c. 660 n. 1; Angers cc. 660, 695; Richelieu c. 711.

ECLESIAÍSTICO: ver Bispo, Pároco, respeito.

ECONOMIA: cc. 211, 713, E. 47.

EDUCAÇÃO: das FsC. por LM, ver Aviso, Oração, Pobres, Vida comunitária; das crianças ver Alunas, Escola.

EGOISMO: c. 191.

EMOÇÃO: de LM c. 200, ver Defesa das FsC.

EMPREGO: da FC. ver Ocupação, Vocação.

ENFERMIDADE: como vivê-la bem cc. 124, 147, 150, 248, 305, 328, 433, 485, 521, 556, 557, 606; avisar aos Superiores c. 603; as FsC. doentes; do Padre Vicente cc. 103, 104; ver úlcera; de LM cc. 11, 17, 24, 26, 29, 185, 191, 221, 281, 332, 403, 405, 416, 519, 523, 534, 536, 556, 561, 597, 600, 637, 642, 666, 717; diferentes enfermidades: mal de pedra c. 125; do pulmão cc. 185, 262; ver também cancro, erisipela, fluxão, hidropisia, otite, úlcera.

ENTREGAR-SE A DEUS: cc. 191, 245, 348, 367, 427, 437, 509, 520, 535, 609, 619, 642, 666, 704, 706, 710, 717; para servir ao próximo E. 23; pelos Votos cc. 142, 236; na Companhia c. 717; entrega a Deus de LM cc. 127, 396, 578, E. 2, 14, 16, 22.

ENTUSIASMO: cc. 54, 161.

ENVIO: em missão cc. 144, 146, 171, 198, 236, 416, 445, 454, 474, 495, 500, 660, 692; para uma visita regular cc. 191, 192, dificuldades cc. 217, 382, 424, 415; primeiro envio em missão ver Tomada de hábito.

EQUILÍBRIO de vida: c. 640.

ERISÍPELA: c. 514.

ESCÂNDALO: dado por uma FC. cc. 298, 299; pelas religiosas de Forges c. 264.

ESCOLA: cc. 15, 45, 175, 186, 210, 222, 388, 436, 529, 587, 615, 657; E. 31, 44; pedido de abertura c. 48; ensino cc. 210, 222, 408, 558; educação cristã ver Catecismo.

ESCOLHA: das Fsc. para um lugar cc. 144, 244, 477, 577, 663; da Irmã Servente ver Irmã Servente; das Oficiais cc. 498, 634, 685, E. 73.

ESCREVER: aprender a cc. 210, 528, 558, 674.

ESCRÚPULO: cc. 72, 617, E. 73 ver Penas interiores.

ESPERANÇA, Madalena, FC.: nota biográfica c. 376 n1; Paróquia de São Nicolau du Chardonnet c. 371; morte 376, 377.

ESPERANÇA: em Deus, E. 4, 7; em Jesus Crucificado E. 111.

ESPÍRITO: da Companhia das Filhas da Caridade cc. 115, 420, 447, 561, 640, 717; espírito de fé para com os Superiores cc. 115, 118, E. 90, 91; espírito oculto: meditação de LM E. 83.

ESPÍRITO DE VITRÍOLO: C. 630.

ESPÍRITO SANTO: cc. 72, 359, 362, 684, E. 7, 37, 53, 83, 98; e a Igreja 7, 37; e os Apóstolos 15; disposições para recebê-lo c. 409, E. 22, 87, 98; novena c. 193; meditações de LM c. 128, E. 87, 98; orações de LM E. 98, 110; a Congregação da Missão é obra sua E. 9; ver Pentecostes.

ESTABELECIMENTO: dificuldade dos começos cc. 454, 475, 642, 649, E. 55; permissão do Bispo, ver Bispo; estabelecimento da Companhia c. 394.

ESTAMPAS: ver imagens, presentes.

ESTILO DE VIDA: cc. 14, 45, 147, 475, 587, 692, 717, ver Simplicidade.

ETERNIDADE: c. 98, E. 29 ver Salvação das almas.

ETIENNE Joana, FC: 219; Chantilly c. 219.

ETIENNE, Nicolau, CM: naufrágio c. 722.

EUCARISTIA: E. 13, 21, 29, 99; e a Santíssima Trindade E. 99; e o Espírito Santo 99; adoração c. 171, E. 75; presença real na casa C. 231, E. 99, 108; ver Comunhão, Santíssimo Sacramento.

EVANGELHO: leitura E. 7, 30; meditação c. 128; anunciado pelos Apóstolos E. 7.

EVANGELIZAÇÃO: ver Catecismo, Serviço espiritual.

EXAME: de consciência cc. 49, 191, 260, 556; particular E. 30; geral E. 7, 30,

45; de LM c. 461, E. 65.

EXCESSO de trabalho: das FsC. cc. 245, 327, 372, 638, 684; de LM cc. 242, 244, 387, 441.

EXECUTOR TESTAMENTÁRIO: cc. 715, 720, E. 111.

ÊXODO: da população C. 412.

EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL: de LM cc. 404, 609, E. 3.

EXTREMA-UNÇÃO: cc. 124, 128, 172, 262, 718, E. 45.

FALTAS: das FsC. cc. 129, 195, 201, 444, E. 44, ver Acusações; como deve comportar-se a Irmã Servente c. 444, E. 44; ver Avisos; aceitar ser avisada c. 115 ver Caridade espiritual; falta das moças c. 472.

FAMA: de LM cc. 163, 165.

FAMÍLIA: das FsC.: notícias dadas por LM cc. 75, 152, 159, 187, 190, 192, 202, 209, 223, 239, 251, 252, 267, 325, 350, 354, 368, 373, 384, 404, 409, 417, 420, 427, 430, 454, 468, 488, 491, 520, 521, 562, 564, 567, 582, 583, 625, 628, 636, 638, 661, 676, 683, 686, 708, 711, 713, 722; relações com a família cc. 521, 631; visita cc. 491, 493; dificuldades familiares de LM cc. 648, 651, ver Marillac, Maure, Attichy, Atry.

FAMILIARIDADE: com a Rainha c. 472, ver Corte real; com os homens cc. 241, 506, 587, ver Conselhos de prudência.

FANCHON, Francisca, FC.: nota biográfica c. 653 n. 1; Casa Mãe cc. 160, 597; Votos cc. 509, 653.

FARMÁCIA ver Botica.

FAY, senhorita du: nota biográfica c. 3 n. 1; c. 4.

FÉ: ver Deus, Encarnação, Jesus Cristo, Redenção, Trindade; viver na fé E. 16, 31; desenvolvê-la no meio dos pobres, E. 55 ver serviço espiritual.

FEBRE: cc. 73, 253, 326, 371, 403, 511, 514, 618, 655 E. 44.

FEIRA: cc. 210, 455, 646.

FENIX, FC.: São Nicolau c. 155.

FERRÉ, Clemence, FC.: nota biográfica c. 40 n. 1; c. 587; Angers cc. 19, 22, 40, 42, 72, 82, 109, 110; Liancourt c. 285; Chars 586, 587, 592; proposta para Irmã Servente c. 633.

FERVOR: cc. 110, 115, 123, 129, 185, E. 53.

FIACRIO, Irmão, c. 510.

FIACRIO, São meditação de LM E. 58.

FICHA TRIENAL: c. 391.

FIDELIDADE: a Deus cc. 7, 33, 43, 62, 73, 115, 176, 185, 186, 249, 260, 263, 269, 271, 296, 300, 321, 322, 332, 383, 444, 451, 471, 495, 528, 533, 705, 725, E. 12, 53; apesar das dificuldades cc. 517, 609, 649, 694; à vocação cc. 170, 391, 435, 468, 493, 540, 660, 667; às Regras

cc. 72, 176, 202, 322, 328, 430, 473, 500, 503, 507, 556, 567, 631, 698; pedi-la a Deus cc. 211, 504; da Companhia a Deus cc. 141; de Maria c. 121, ver Maria.

FILHAS DA CARIDADE: primeiras cc. 3, 5, 8; nome c. 249; não são religiosas c. 62, ver Secularidade; vocação cc. 250, 257, 436, 482, 618, 706, 717; E. 70; obrigações c. 545; serva dos pobres c. 475, E. 91, ver Povo, Serviço aos Pobres, vocação; virtudes, espírito cc. 192, 316, 323, 420, 447, 501, 536, 561, 618, 622, 667, 690; ver Caridade, Espírito, Humildade, Simplicidade; não ser só de nome e hábito cc. 129, 686; o número é insuficiente cc. 190, 187, 224, 478 ver Chamado; a Filha da Caridade não alguém sem família c. 201; ver também Casa Mãe, Companhia, Irmãs.

FILHAS: da Cruz c. 320; da Madalena c. 132.

FIM de ano: celebração c. 454.

FINALIDADE: da Companhia, ver Companhia.

FIO: cc. 354, 481, 493, 544, 550, 578, 684.

FLEURY, Perrette, FC.: falecida cc. 186, 197.

FLORES: de pessegueiro cc. 44, 252.

FLUXÃO: cc. 75, 179, 208, 209, 272, 281, 584, 655.

FONTAINEBLEAU: Fundação c. 140; serviço das crianças e doentes cc. 172, 209; casa das FsC. c. 612; salários c. 427; FsC. destinadas a Fontainebleau: Bárbara Angiboust, Joana Cristina Prévost, Ana Scoliège, Margarida.

FONTE, voltar à: ir à Casa Mãe cc. 519, 650.

FONTENAY-AUX-ROSES: cc. 71, 338, 505; FsC destinadas a Fontenay Henriqueta Gesseume, Joana Lepintre, Juliana Loret, Joana, Maria.

FORÇA: buscá-la em Jesus Cristo, cc. 434, 435, 451, 584, 670.

FORGES-LES-EAUX: cc. 264, 446.

FORMAÇÃO: das FsC. 22, 38, 71, 74, 115, 126, 244, 293, 371, 417, 459, 517, 526, 540, E. 30, 31, 48, 53; finalidade da formação c. 556, E. 70, 111; formação da Irmã Servente, ver Ir. servente: formação das Oficiais c. 634; formação das Formadoras c. 478; formação profissional cc. 172, 304, 332, 383, 398, 422, 674, E. 48.

FORTIA, senhorita de: c. 103.

FORÇADOS: c. 320 ver Galerianos

FOUQUET, Madre, Maria Teresa: cc. 692, 713.

FOUQUET, Monsenhor: c. 692

FOUQUET, Joana FC.: nota biográfica c. 252 n. 11; nas Crianças Abandonadas c. 155; Valpuiseaux cc. 271, 323; sai da Companhia 354.

FRANÇA: oração pela França cc. 296, 468, E. 28

FRANCHANDIÈRE, senhorita de la: cc. 116, 468.

FRANCIÈRE, senhor de: cc. 418, 484, 518.
FRANCISCA, FC: La Roche-Guyon c. 674.
FRANCISCA, FC: Casa Mãe c. 732.
FRANCISCA, FC: de Montargis, falecida c. 197.
FRANCISCA, FC: de Richelieu c. 420
FRANCISCA, ver Cabry, Carcireux, Clara, Douelle, Fanchon, Le Roseau, Man-
ceau, Ménage, Noret.
FRANCISCA PAULA, FC: nota biográfica c. 569 n3; Casa Mãe cc. 370, 569; ofi-
cial c. 634.
FRANCO: valor do Francês c. 528.
FRANÇOIS, Margarida, FC: nota biográfica c. 22 n4; Angers.
FRANCOVILLE: visita à Confraria por LM E. 17.
FRESNE, senhor de: nota biográfica c. 568 n2; cc. 568, 671.
FRONDA: em Paris c. 280, ver Guerra.
FRUTA: cc. 208, 379, 390, 553, E. 45.
FUGA: de uma FC. cc. 474, 643.
FUNDAÇÃO da Companhia das FsC. c. 39; da Congregação da Missão; de diver-
sas casas, ver Estabelecimento.
GALERIANOS: cc. 9, 62, 71, 81, 84, 155, 265, 413; visita das Damas c. 527;
regulamento para as FsC. a seu serviço E. 43; FsC. destinadas aos Gale-
rianos: Bárbara Angiboust, Luísa Ganset, Catarina, Nicole.
GALLAIS, Guilherme, CM.: nota biográfica c. 117 n2; Sedan c. 117; Le Mans cc.
144, 151; Nanteuil c. 267; Touquin-en-Brie cc. 443, 445.
GALLOIS, Maria, FC.: nota biográfica c. 257 n5; Montreuil-sur-Mer c. 257; Paris
c. 294.
GANSET, Luísa, FC.: nota biográfica c. 15 n. 1, c. 43; Richelieu c. 43; Galerianos
c. 136; Maule c. 568; enferma c. 671.
GARSON, senhor: nota biográfica c. 586 n4; Chars c. 221, 587, 592.
GASTOS: para o sustento das FsC. cc. 71, 341, 506; os Galerianos E. 43, ver
Contabilidade, Dinheiro; de viagens cc. 171, 285, 287, 296, 386, 389,
486, 577, 695, 706, E. 55.
GAUDOIN, Maria, FC.: nota biográfica c. 473 nl- carta cc. 473, 548, 613; Les
Alluets c. 473; Angers cc. 543, 548, 552, 561, 563, 580; assistência cc.
613, 660; Nantes c. 660; Hennebont c. 706.
GAUTHIER, Dionisio, CM: nota biográfica, c. 185 n2; Richelieu c. 185.
GENEROSIDADE: c. 704.
GENNES, Ana de, FC.: nota biográfica c. 350 n3; morte c. 350.
GENOVEVA, FC.: Chars c. 381.
GENOVEVA, FC.: Châteaudun E. 84; Paris E. 84.
GENOVEVA, FC.: Nantes cc. 438, 447.

GENOVEVA, FC.: São Germano.
GENOVEVA, FC.: Votos c. 512.
GENOVEVA, ver: Caillou, Doinel, Poisson, Vigneron,
GENOVEVA, Santa: c. 410.
GENTILLY: c. 203.
GEORGET, Nicole, FC.: nota biográfica c. 273 n2; c. 677; Angers c. 273; Nanteuil c. 677.
GESSE, Catarina de FC.: nota biografica c. 121 nl; c. 682, paróquia de São Bartolomeu c. 128; São Gervásio c. 236; Maule c. 236; Montmirail cc. 506, 682.
GESSEAU, Henriqueta, FC.: nota biográfica c. 86 n. 1; c. 655; Paris c. 56; proposta para Sedan c. 71; proposta para São Sulpício c. 76; Fontenay-aux-Roses c. 86; Saint Germain cc. 126, 136, 155; Casa Mãe c. 170; Nantes cc. 176, 177, 179, 207, 208, 225, 242, 249, 267, 288, 307, 315, 329, 359, 377, 379, 384, 388; viagem a Angers cc. 389, 391; disponível para Hennebont cc. 396, 417, 438, 484; Paris c. 514; São Severino cc. 600, 638; visita a Chantilly c. 637; Calais cc. 647, 655.
GLÓRIA: de Deus cc. 159, 368, 672, 707, E. 8, 10, 22, 55, 98.
GLOU, senhora de: cc. 685, 720.
GONAIN, Maria, FC.: nota biográfica c. 138 n2; Paris, doente, c. 124; volta à sua casa c. 141; pede para voltar a Paris c. 149; em sua casa cc. 156, 171, 180, 196, 389.
GONDI, Felipe Manuel de: de c. 93.
GONDI, Monsenhor João Francisco Paulo: cc. 93, 158.
GONTIER, Albino, CM.: enviado a Polônia c. 500; Turim, c. 564.
GOURNAY: visita da Confraria por LM E. 25, 26, 32.
GOUSSAULT, senhora: nota biográfica c. 15 n. 3; morte c. 125.
GOVERNO: da Companhia, ver Superiora, Oficinas, Irmãs Servente, Autoridade, Diálogo, Subsidiaridade.
GOZO: cc. 73, 147; dom do Espírito c. 72; de Deus c. 723; na Comunidade c. 482; nos sofrimentos cc. 424, 557, ver Enfermidade, Sofrimento; no serviço aos pobres cc. 33, 468, 533, ver Serviço; de LM cc. 348, 533, 644, 650, 724, E. 10.
GRAÇA: de Deus cc. 89, 207; E. 21, 85, 98; recebida por LM c. 127, E. 3.
GRANJA: da Casa Mãe cc. 221, 282.
GRÃO de mostarda: meditação de LM 89.
GRATUIDADE: no serviço aos pobres E. 32, 50.
GRENVILLE, senhor de: cc. 225, 329.
GRESSIER, Joana, FC.: nota biográfica c. 510 n4; Casa Mãe cc. 510, 601, 663; eleita despenseira cc. 510, 634; Votos c. 710.
GREVE, Praça da: 412.

GUÉRIN, João CM.: nota biográfica 430 n. 1; Annecy, morte c. 430.
GUÉRIN, João, o moço, CM.: nota biográfica c. 74 n4; Paris c. 74.
GUÉRIN, Maturina, FC.: nota biográfica c. 326 n. 2; cc. 696, 703, 707, 716;
 Liancourt cc. 326, 330, 332, 696; Paris, secretária cc. 461, 600; e te-
 soureira c. 634; La Fère cc. 693, 696, 698, 703, 714, 716.
GUÉRIN, senhor: paróquia de São Gervásio c. 142.
GUÉRIN, senhorita: c. 396.
GUERRA: em Paris cc. 280, 282, 287, 294, 415, 416; em França cc. 416, 447,
 463; na Polônia cc. 493, 504; sofrimentos cc. 410, 411, 412.
GUILMINE, Andréa, FC.: nota biográfica c. 236 n. 1; Crespières cc. 236, 408.
HABILIDADE: da LM cc. 530, 563.
HABITAÇÃO: das FsC. cc. 40, 529, 642; simples cc. 475, 553.
HÁBITO: cc. 50, 133, 232, 598, 611, 614, 631, 646, 652, 663; evitar a afe-
 tação c. 115; não ser FC. só de hábito c. 686, E. 46; hábito das FsC. cc.
 258, 504, 511; uma Irmã sai da Companhia não quer deixar de usá-lo c.
 731.
HARAN, Nicole FC.: nota biográfica c. 528 n. 1; cc. 528, 641, 667, 681, 694,
 698; Montmirail c. 369; Nantes cc. 438, 441, 528, 629, 641, 667, 681,
 694, 706, 720.
HARDEMONT, Ana FC.: nota biográfica c. 120 n2; cc. 174, 202, 204, 214,
 217, 220, 234, 257, 294, 300, 362, 387, 439, 447, 449, 457, 480,
 485, 654, 698, 704, 707; paróquia de São Paulo cc. 97, 120; Casa Mãe
 cc. 154, 155, 160, 170; visita a Fontainebleau c. 174; Montrueil-sur-
 Mer cc. 198, 199, 200, 202, 204, 209, 214, 217, 220, 234, 294, 300,
 E. 55; Hennebont cc. 333, 362, 372, 384; Nantes cc. 387, 391, 411,
 417, 438, 439, 441; Châlons-sur-Marne cc. 447, 449; Sainte Mene-
 hould c. 450; Châlons-sur-Marne cc. 457, 463, 470; La Roche-Guyon
 cc. 480, 485, 489, 491; Casinhas cc. 496, 508, 551; Ussel cc. 631, 642,
 657, 698, 704; recusa-se a fazer estação de águas c. 497.
HASLE, Maria FC.: sai da Companhia c. 630.
HELLOT, Elisabeth FC.: nota biográfica c. 164 n.1; cc. 159, 164, 166, 168, 211,
 230, 252, 254, 255, 282, 349; Casa Mãe cc. 155, 160, 164, 170, 217,
 229, 230, 252, 253, 254, 255, 282, 321; morte cc. 349, 259.
HENault, Joana, FC.: nota biográfica c. 410 n. 6; Brienne cc. 410, 421, 451,
 452, 456; colocada em Montmirail c. 456; Votos c. 554.
HENNEBONT: fundação cc. 332, 359, 384, 437, 440, 450, 514, 681, 694;
 FsC. colocadas em Hennebont: Marta Dauteuil, Genoveva Doinel, Maria
 Gauðoin, Ana Hardemont, Bárbara.
HERBLAY: visita da Confraria por LM E. 17; FC. natural de Herblay: Joana Dal-
 magne.

HEREGE: conversão c. 716, E. 108.

HERSE, senhora de: nota biográfica c. 222 n. 1; cc. 591, 593; Damas da Caridade cc. 71, 222, 231, 312, 416, 546.

HIDROPISIA: cc. 484, 630.

HIGIENE: no hospital c. 171; E. 45.

HODE, senhor de la: cc. 297 469, 484, 558, 573, 648.

HOLDEN, senhor: nota biográfica c. 164 n2; cc. 159, 164, 166, 170, 252, 254.

HOMEM: criação E. 37, 98, 104; grandeza E. 58, 98, 104; amado por Deus E. 66, 85, 88; peregrino na terra E. 58; homem perfeito Jesus Cristo E. 98; relações das FsC. com os homens cc. 420, 646, 716, E. 50, 101 ver Prudência nas relações.

HONESTIDADE: c. 231,

HOSPÍCIO: do nome de Jesus: cc. 431, 432, 443, 496, 527, 642; organização cc. 428, E. 76, 78; trabalho dos internos c. 443, E. 76, ver Joana Batista, a moça.

HOSPITAL: regulamento E. 44, 45, 47; magnitude do serviço c. 129; registro dos doentes c. 696; serviço dos doentes cc. 171, 291, 296, 327, 440, E. 45, 47; as FsC. no hospital cc. 170, 214; não deve impedir a visita do domicílio c. 544, 553, 622, 639, 692; Hospital de Prisioneiros em Angers cc. 156, 465, 478, 535, 675; ver Angers, Bernay, Chars, Le Mans, Nantes, Hennebont, Saint-Denis.

HOSPITAL GERAL de Paris: confraria das Damas da Caridade c. 269; FsC. cc. 10, 97, 268; regulamento E. 43; FsC. nele colocadas: Genoveva Poisson, Maria.

HORTA: da Casa Mãe cc. 264, 283.

HUITMIL, Catarina, FC.: nota biográfica c. 119 n6; Angers cc. 109, 119, 123, 150; sai da Companhia c. 201.

HUMANIDADE de Jesus Cristo: E. 10, 14, 15, 22, 23, 33, 60, 67, 87, 98, 99, 106, 111.

HUMILDADE: cc. 15, 29, 116, 118, 123, 128, 162, 164, 186, 195, 202, 214, 285, 315, 316, 330, 390, 475, 500, 503, 516, 540, 542, 623, 638, 681, 692, 713, 717, 721, E. 7, 10, 48, 55, 64, 66, 72; para o serviço dos pobres cc. 78, 232, 410, 487, 536, E. 43; para todas as ações cc. 155, 398, 439, 441, 500, 543, 640; ante as acusações cc. 314, 566, 622, ver Acusações; ante as Damas cc. 588, 614; ante os Administradores c. 433; ante o pároco c. 357; pedi-la a Deus c. 398. A humanidade e a Companhia das FsC. cc. 133, 246, 394; virtude das FsC. cc. 404, 420, 561, 713, 716; à imitação de Jesus Cristo c. 707; humildade de Deus E. 2, 10, 14, 23; de Maria E. 5, 6, 23, 56, 68, 106; de LM cc. 8, 15, 18, 20, 21, 32, 52, 57, 81, 83, 88, 89, 128, 129, 133, 142, 151,

165, 191, 262, 297, 332, 373, 401, 413, 503, 561, 576, 579, 585, 596, 601, 629, 636, 666, 685, 700, 710, 721, 723, 729, E. 62, 82; da Irmã Servente cc. 398, 400, 567, 580; das Oficiais E. 48.

HUMILHAÇÃO: cc. 129, 207, 456, 551 ver Acusações, Dificuldades, Queixas.

HUMOR: de LM cc. 197, 251, 282, 387, 574, 728, E. 91.

IGNORÂNCIA: prejudicial ao serviço dos Pobres E. 70.

IGREJA: c. 127, E. 28, 33, 37, 98, 111; militante c. 542, E. 4, 85, 100; padecente 85; triunfante c. 542, E. 85; e a devoção a Maria E. 68; e LM c. 197, E. 38; as FsC., filhas da Igreja cc. 296, 468; Padres da Missão a serviço da Igreja E. 8; Igreja local, ver Pároco; Igreja diocesana ver Bispo; Igreja universal ver Papa.

IGUALDADE: entre as FS.C. cc. 441, 500, 713, 727, E. 90, 91; função da Irmã Servente, 580.

IMACULADA CONCEIÇÃO: c. 702, E. 5, 6, 34, 38, 106.

IMAGENS: estampas dos santos protetores do ano cc. 123, 185, 277, 316, 350, 359, 402, 422, 426, 427, 454, 481, 561, 564, 616, 666, 669, 670, 714, 716, 717, 718; do Senhor da Caridade cc. 216, 337; de Jesus coroado de espinhos c. 715; outras imagens cc. 698, 707

IMITAÇÃO: de Jesus Cristo cc. 15, 129, 202, 232, 362, 375, 384, 500, 502, 621, 622, E. 4, 14, 22, 23, 90, 95, 98; do Menino Jesus c. 712; de Jesus Cristo em sua vida oculta cc. 704, 707; peregrino na terra E. 58; manso e humilde cc. 118, 155, 237, 543; pobre c. 516; em sua caridade para com os pobres cc. 257, 365, 449, 571, 722; E. 30; sofrendo acusações cc. 321, 475, 604, 667; E. 91; crucificado cc. 33, 202, 247, 300, 556, 564, 587, 655, 670, 677, E. 33; dos santos c. 668; livro da Imitação de Cristo c. 449.

IMPACIÊNCIA: dominá-la E. 10.

INCENSO: oferenda dos Rei Magos E. 40.

INCORPORAÇÃO: à Companhia ver Tomada de hábito.

INDEPENDÊNCIA: cc. 444, 643.

INDIFERENÇA: virtude cc. 321, 635, 707, E. 22; para com os lugares e ofícios cc. 200, 245, 681 E. 70.

INDULGÊNCIAS: cc. 252, 333, 501,

INFIDELIDADE: às Regras é ruína da Companhia E. 81, ver Regras.

INFERNO: E. 10, 29, ver Demônio.

INFORMAÇÃO: acerca de cada Irmã c. 391; à Comunidade antes de mudar a Irmã Servente c. 540; sobre a vida da Companhia c. 304,

INFUSÃO: c. 407, ver Tisanas.

INGRANDES: c. 171.

INICIATIVA: submetê-la c. 514.

INOCENTES: matança dos c. 268.

INQUIETAÇÕES: de LM por seu futuro c. 3; por seu filho cc. 122, 139, 254; durante a ausência do Padre Vicente c. 71, 198, 275, 279, 280, 359 durante a revolta de Paris cc. 253, 256; pela Companhia cc. 74, 99, 108, 461, E. 108.

INSTRUÇÃO: das meninas cc. 48, 133, 204, 224, 228, 434, 436; das moças cc. 175, 445, ver Jovens; dos doentes ver Serviço espiritual; instrução das Filhas da Caridade por LM, ver Conferências; instrução dos Superiores a serem lidas e observadas c. 191.

INSUFICIÊNCIA: do número das Filhas da Caridade cc. 61, 167, 197.

INTERCÂMBIO COMUNITÁRIO: cc. 136, 155, 168, 175, 329, 362, 383, 411, 437, 454, 475, 483, 500, 506, 536, 587, E. 53, 55, 90.

INUNDAÇÃO: de Nantes c. 179; Paris cc. 350, 624, Richelieu c. 350.

IRMÃ SERVENTE: qualidades cc. 385, 391, 393, 514, 563; escolha cc. 532, 634, E. 74; nomeação cc. 47, 330, 613, 616; função, obrigações cc. 15, 116, 118, 119, 177, 189, 194, 267, 286, 331, 371, 398, 399, 404, 438, 441, 476, 495, 540, 557, 580, 613, 621, 628, 705, 712, 722, 727, E. 44, 73; formação cc. 51, 129, 563; duração do mandato cc. 89, 727; aceitar sua mudança cc. 115, 540; aceitar continuar c. 676; modo de agir ao terminar o tempo de mandato cc. 387, 393, 447; a Irmã Servente e a correspondência com os Superiores cc. 482, 716, 727; a Irmã Servente jovem cc. 232, 330, ver Irmãs jovens; a Irmã Servente e as Irmãs doentes c. 559, ver Cuidados; a Irmã Servente e uma Irmã difícil c. 35; a Irmã Servente a sua Assistente E. 44, ver Assistente; ver Cordialidade, Mansidão, Ternura, Suporte; obrigações das companheiras para com ela cc. 49, 115, 181, 212, 362, 540, E. 90.

IRMÃS: idosas: obrigações cc. 232, 398, 417; respeitá-las cc. 177, 220, 447, 629, E. 48; jovens cc. 232, 330, 371, 417, 427, 459, E. 48; doentes cc. 22, 25, 31, 42, 50, 72, 74, 77, 91, 124, 128, 147, 180, 186, 191, 243, 258, 261, 262, 263, 285, 375, 376, 381, 384, 413, 415, 427, 628, E. 48; falecidas cc. 263, 272, 287, 296, 690; conferências sobre suas virtudes, cf. Conferências; número insuficiente cc. 190, 197, 224, 478, 566; Irmã sozinha numa casa, ver Isolamento; Fs.C saídas da Companhia cc. 217, 354; atenções de LM c. 218, ver Saída; Irmãs nas Crianças, ver Crianças Expostas; em Paróquia, ver Paróquia, Povo; em hospitais ver Hospital; nos galés, ver Galerianos, ver também Filhas da Caridade.

IRMÃO: porteiro de São Lázaro: c. 163; ver Ducourneau, Fiacrio, Pascal, Regnard, Véronne.

ISOLAMENTO de uma FC. cc. 359, 370, 434, 566, 588, 594, 597, 645, 647, 656, 661, 669, 676, 696.

ISSY: fundação cc. 85, 210, 339; retiro das Irmãs cc. 87, 281, 731; FsC. destinadas a Issy: Andréa, Joana, Batista, a idosa; Perrine; Filha da Caridade natural de de Issy; Marta Dauteuil

JACQUELINE, FC.: Nantes cc. 198, 445; Paris c. 445.

JACQUETTE, |FC.: Votos c. 235; proposta para Chantilly.

JACQUINE, postulante: nota biográfica c. 601 n1 cc. 535, 539, 543; Seminário cc. 552, 601; Paris cc. 625, 627, 636.

JACQUELINE, FC: paróquia de São Tiago c. 130

JACQUELINE, FC.: Paris c. 281.

JACQUELINE, FC: c. 337.

JANSENIUS: Apologia c. 188.

JANSENIISTAS: modo de agir com eles cc. 188, 357, 587, 593; dificuldades cc. 587, 591, 593.

JARDINS, senhor des, CM: c. 693.

JAUDOIN, Clara FC.: nota biográfica c. 674 n. 1; c. 674; La Roche-Guyon c. 674.

JESUS CRISTO: concepção c. 143, E. 29, 33; nascimento c. 717, E. 10, 23, 38 ver Encarnação, Humanidade, Natividade, Natal; vida em Nazaré c. 707, E. 22, 23; batismo E. 23; no deserto E. 22; peregrino c. 281, E. 58; sofrimento cc. 415, 677, E. 7, 12, 29; morte na Cruz cf. 91, 655, 669, 718, E. 4, 7, 29 ver Mistério Pascal, Paixão; Ressurreição, ver Ressurreição; modelo de vida cc. 394, 451, 499, 584, 669, 716, E. 33, 55 ver Imitação de Jesus Cristo; juiz E. 10, 23, 32; Jesus e as almas cc. 604, 669 ver Almas; e a Companhia c. 297 ver Companhia; e os pobres c. 487, E. 23, 41, 70 ver Pobres, Serviço dos Pobres, Caridade, Humildade.

JESUITA: c. 63.

JÓ, livro de : cc. 30, 88.

JOANA BATISTA: cc. 370, 609, 663, E. 19.

JOANA, FC.: nota biográfica c. 380 n6; Angers cc. 123, 159, 161, 162, 293, 389, 477.

JOANA, FC.: natural de Angers, saída da Companhia c. 180

JOANA, FC.: Calais c. 647.

JOANA, FC. Issy cc. 85, 87.

JOANA, FC. Nanteuil c. 506.

JOANA, FC. São Bento c. 5.

JOANA, FC. Saint-Denis cc. 353, 399.

JOANA, FC. São Martinho c. 546.

JOANA, FC. natural de São Martinho, moribunda, c. 223, morte 225.

JOANA, FC. natural de Sedan, doente cc. 252, 376.

JOANA: ver Blot, Bonvilliers, Dalmagne, Delacroix, Etienne, Fouré, Gressier, He-

- nault, Lemeret, Lepintre, Luce, Pangoy, Roux, Saint-Albin.
- JOANA, santa: modelo de hospitaleiros c. 116.
- JOANA DE CUSA, santas E. 91.
- JOANA BATISTA, a idosa, FC.: nota biográfica c. 75 n. 7; Saint-Germain-en-Laye c. 75; Issy c. 136; Crianças Abandonadas cc. 155, 247; doente c. 259; falecida c. 271, 289.
- JOANA BATISTA, moça, FC.: nota biográfica 271 n5; Paris cc. 271, 369; sai da Companhia c. 642.
- JOANA CRISTINA: ver Prévost.
- JOANA FRANCISCA, FC.: nota biográfica c. 442 n. 1; cc. 434, 435, 442; Saint-Etienne-à-Arnes c. 365; Étampes cc. 434, 442.
- JOANA MARIA: ver Ceintereau.
- JOLY, Gillette, Fc.: nota biográfica c. 71 n2; c. 470, Sedan cc. 71, 470.
- JOLY, Maria, Fc.: nota biográfica 45 n. 1; Paris c. 45; Sedan cc. 56, 129, 470; Paris cc. 474, 476, 481, 491, 506; tentação c. 474.
- JONCHÈRES, senhor de: nota biográfica c. 161 n. 3; Nantes cc. 165, 171, 188, 189, 207, 218, 249, 273, 280, 288, 296.
- JONCHÈRES, senhorita de: c. 161.
- JOSÉ, São: cc. 704, 707, E. 23.
- JOUSTEAU, Elisabeth: nota biográfica c. 481 n4; paróquia de São Tiago du Haut Pas cc. 413, 415; Santa Maria do Monte cc. 481, 493, 508, 517, 526, 561, 562, 566, 578, 584, 616, 618.
- JOVENS: instrução cc. 175, 445, 674, 711; acolhida c. 674, E. 44, ver Alunas.
- JOVENS, Irmãs: formação cc. 232, 330, 371, 417, 459, 517, 526, E. 48: deveres para com as idosas c. 417, E. 48.
- JUBILEU: cc. 53, 62, 243, 387, 432, 433, 525, 526, 631.
- JUDITE, FC.: Nanteuil c. 443; sai da Companhia c. 445.
- JUIZO: de Deus cc. 718, E. 10, 11; dos demais, não deter-se nele c. 267; do próximo, prudência e discernimento c. 513, E. 55, 64, 90; juízo temerário c. 194.
- JULIANA: ver Allot, Loret,
- JUNIORATO: ver Irmãs Jovens.
- JUSTIÇA: de Deus cc. 126, 198, 254, 257, E. 1, 10, 13, 98, 104; ter fome e sede de Justiça E. 36; justiça com os pobres cc. 402, 413, 443; com os Administradores c. 444; obrar com justiça cc. 38, 178, 349, 696; sofrer pela justiça c. 433; recurso à justiça cc. 38, 714.
- JUSTIFICAÇÃO: de LM cc. 76, 81, 729; deixar o cuidado a Deus c. 729.
- LABILLE, Antoinette, FC.: nota biográfica c. 136 n5; São Sulpício c. 136; Paris cc. 155, 271; Santo Estevão c. 718.
- LABRUYÈRE: Confraria c. 5.

LA CARISIÈRE, senhorita de: nota biográfica c. 161 n2; cc. 161, 171, 173, 189, 207, 208, 209, 218, 288, 307, 329.
LA CHAPELLE: Casa Mãe cc. 53, 62, 71; Confraria c. 10.
LA FÈRE: cc. 544, 546, 556, 618, 633, 696; hospital cc. 696, 716; visita a domicílio c. 716; catecismo 108; Fs.C. colocadas em La Fère: Juliana Allot, Elisabeth Brocard, Maturina Guérin, Maria Marta Trumeau.
LA GRANDIÈRE, Monsenhor de: c. 52.
LÁGRIMAS: das Fs.C. ao chegarem no Seminário cc. 493, 625; ao serem nomeadas Irmãs Servente c. 557; quando distantes de Paris c. 251.
LAMBERT AUX COUTEAUX, CM.: nota biográfica 22 n2; visita a Angers cc. 16, 22, 30, 32, 34; Richelieu c. 43; Angers cc. 55, 61, 89, 95, 101, 105, 106, 107, 110; Paris cc. 134, 141, 154, 155, 158, 162, 166, 169; Nantes cc. 192, 206, 207, 208, 209; Paris cc. 223, 243; Angers c. 245; Nantes cc. 237, 249; Paris cc. 258, 282; Richelieu cc. 354, 368; Angers c. 372; Nantes cc. 373, 379, 384; morte cc. 429, 430, 431, 432; elogio c. 430.
LAMOIGNON, senhorita de: nota biográfica c. 87 n. 1; cc. 68, 94, 143, 227, 278, 282, 307, 320, 343; morte cc. 398, 402.
LANCETA: cc. 178, 323, 366, 513, 674, 683, 696, 708.
LANNOY, conde de: nota biográfica c. 71 n. 10; cc. 200, 202, 209, 214, 217, 220, morte c. 294.
LA PISSONIÈRE, senhorita de: c. 171.
LA PORTE, senhora de: c. 126.
LARCHER, Antonieta FC.: biográfica c. 202 n5; Nantes cc. 171, 202, 209, 211, 219; sai da Companhia c. 217.
LA ROCHE-GUYON: c. 264; postulante c. 489; Fs. C. destinadas a La Roche: Ana Hardemont, Clara Jaudoin, Ana, Cláudia.
LA SALLE, João CM: c. 9.
LASNIER, Guido: ver Abade de Vaux.
LASNIER, João CM: destinado a Polónia c. 500.
LAURINE, Cláudia, FC.: c. 56.
LAVAR OS PÉS: c. 75, E. 44, 50; Nosso Senhor lava os pés dos Apóstolos E. 23; as Fs. C. depois de uma viagem E. 84.
LAVOCAT, senhor: cc. 103, 104.
LAZARISTE: ver Congregação da Missão.
LEALDADE: c. 568, E. 48.
LE CLERC, Gabriela: esposa de Miguel Le Gras cc. 311, 545, E. 111.
LE COMPTE, senhora: Bernay cc. 481, 491, 493, 504, 517.
LEITURA: ensino da: cc. 40, 210, 449, 521; espiritual: cc. 69, 133, 481, E. 7, 42, 49, 55; das Regras cc. 189, 374, 401, E. 95.
LE GRAS, Antônio: c. 1, 2, 96, 312; E. 3, 111.

- LE GRAS, Luísa Renata:** cc. 402, 545.
- LE GRAS, Miguel:** c. 256; nascimento E. 5; infância cc. 3, 4, 6; juventude cc. 86, 93, 95, 99, 107, 128, 130; dificuldades cc. 122, 130, 132, 135, 139, 143; em Angers c. 141; em Paris cc. 160, 163, 168, 170, 193, 253, 254, 270, 340; um negócio para ele cc. 188, 189, 254; projeto de casamento cc. 297, 310, 311; surdez cc. 510, 546; problemas com a família de sua mulher c. 648; situação cc. 310, 311, 313, 318; filha ver Le Gras Luísa Renata; legado a seu favor E. 111.
- LE GROS, João Batista, CM.:** nota biográfica c. 513 n2; São Lázaro c. 431; morte c. 513.
- LE MAIRE, Maria FC.:** falecida c. 402.
- LEI:** de Deus c. 345, E. 22, 56, 105; da graça E. 56.
- LE MANS:** fundação cc. 144, 145, 149; envio em missão c. 145; dificuldades cc. 149, 151, 152; passagem do Padre Vicente c. 280; Padres da Missão cc. 714, 722 ver Gallais, Portail; postulante c. 149; Fs. C destinadas a Le Mans: Cláudia Brígida, Genoveva Caillou, Joana Lepintre, Andréa; Fs. C. naturels de Le Mans: Joana Delacroix, Joana Pangoy, Salomé.
- LEMERET, Joana FC.:** destinada a Polónia c. 500.
- LENFANTIN, Radegunda FC.:** nota biográfica c. 553 n3; Arras cc. 553, 604, 630.
- LEPINTRE, Joana, FC.:** nota biográfica c. 75 n. 1; cc. 75, 135, 136, 137, 152, 160, 163, 169, 170, 207, 208, 209, 212, 218, 225, 237, 242, 249, 267, 280, 286, 288, 289, 290, 296, 307, 314, 315, 321, 324, 329, 334, 336, 359, 373, 375, 377, 379, 384, 391, 406, 409, 411, 417, 424, 430, 437, 438, 441, 595; proposta para Fontenay-aux-Roses c. 71; Saint Germain-en Laye c. 75; Paris cc. 136, 137; Le Mans cc. 144, 149, 152; Paris Irmã Servente da Casa Mãe cc. 155, 159, 163, 170, 179; Nantes visita cc. 189, 192, 207, 208, 209; Irmã Servente cc. 211, 216, 225, 237, 239, 242, 267, 280, 286, 288, 289, 290, 296, 307, 314, 315, 321, 324, 329, 335, 359, 373, 384; viagem a Angers cc. 386, 389; volta a Angers cc. 391, 396, 406, 411, 416, 424, 437, 438, 441, 444; Paris c. 445, 454, 476; proposta para a Polónia c. 472; Châteaudun c. 581; La Salpetrière cc. 590, 595; doente c. 675, E. 50.
- LE ROSEAU, Francisca FC.:** nota biográfica c. 284 n2; Casa Mãe cc. 211, 230, 277, 282, 284.
- LESOIN, Margarida FC.:** Saint-Denis c. 137; Casa Mãe c. 155.
- LEVIES, Ana FC.:** nota biográfica c. 594 n3; Bernay cc. 594, 598, 611, 614, 622, 639, 644, 670, 686, 718.
- LEVIES, Maria FC.:** nota biográfica c. 611 n3; São Nicolau du Chardonnet cc. 611, 670.

LIANCOURT: Confraria c. 5; visita LM cc. 252, 256, 297; cc. às Fs. C. cc. 272, 332; Fs.C. destinadas a Liancourt: Ferré Clemência, Maturina Guérin, Andréa, Maréchal, Joana Pangoy, Joana Cristina Prévost, Luísa Proust, Margarida de Fisines, Genoveva, Madalena.

LIANCOURT, senhor de: cc. 11, 116.

LIANCOURT, senhora de: nota biográfica c. 5 n2; cc. 11, 39, 100, 154, 253, 285; em La Roche-Guyon cc. 392, 472; morte de seu filho cc. 166, 167; casamento de sua filha c. 708.

LIBERDADE: de ação cc. 159, 613; de escolha para vir para a Companhia cc. 243, 306; dos Superiores ver Cartas; Liberdade do homem E. 67, 85, 98; de LM cc. 496, 551, 563.

LIMPEZA: requerida na cozinha E. 48, 91; no hospital c. 171, E. 45; não se opõe à pobreza c. 559.

LINHO: cc. 481, 517, 555.

LIVRO: de oração cc. 272, 359, 516, 517, 525, 684; de meditação c. 676; para a instrução dos doentes cc. 367, 639, 676, 708; Livro de Jó cc. 30, 88; "A paroquiana caridosa" c. 171; "ver Belarmino, Francisco de Sales; livro de contabilidade ver Contabilidade.

LIQUIDAÇÃO: de contas cc. 86, 94.

LOIRE: c. 171.

LORET, Juliana FC.: nota biográfica c. 254 n. 1; cc. 230, 253, 258, 259, 277, 281, 282, 284, 298, 357, 363, 364, 371, 376, 381, 382, 388, 390, 397, 402, 403, 405, 407, 408, 415, 422, 425, 455, 458, 459, 462, 479, 483; Casa Mãe cc. 211, 229, 230, 252, 253, 254, 255, 259, 281, 282, 351; Chars 357, 360, 363, 364, 367, 371, 376, 378, 381, 382, 383, 388, 390, 397, 402, 403, 405, 408, 415, 422, 425; Paris 425; Fontenay-aux-Roses cc. 455, 458, 472, 479, 483, 496; Paris, Assistente cc. 505, 518, 604.

LUCIFER: E. 4, ver Demônio.

LUÍS, são: patrono de LM cc. 348, 689.

LUÍS XIII: rei da França, Versailles c. 87; morte c. 95.

LUÍS XIV: rei de França c. 298.

LUÍSA, FC.: Chantilly c. 656.

LUÍSA, FC.: São Tiago de la Boucherie cc. 243, 244.

LUÍSA, FC.: votos c. 689.

LUÍSA ver Boucher, Ganset, Michel, Proust.

LUÍSA CRISTINA: ver Rideau.

LUCE, Joana Fc.: nota biográfica c. 458 n. 1; Fontenay-aux-Roses c. 458; Paris c. 462.

LULLEN, Maria, FC.: nota biográfica c. 200 n3; c. 217, Montreuil cc. 200, 202,

209, 217, 220, 234, 257, 294, 300.

LUZ: recebida por LM cc. 127, 579, E. 3.

MADAGASCAR: cc. 387, 618, 621, 638, 722.

MADALENA, FC.: Liancourt c. 285.

MADALENA, FC.: Casa Mãe, falecida c. 445.

MADALENA, FC.: La Salpetrière cc. 590, 595.

MADALENA: ver Bécu, Drugeon, Esperança, Ménage, Micquel, Mongert, Raportebled.

MAIGNELAIS, senhora de: c. 320.

MALEDICÊNCIA: suportá-la cc. 201, 208, 395, 406, 677.

MANCEAU, Nicolau, CM.: Richelieu c. 325.

MANCEAU, Simão, CM.: Richelieu c. 325.

MANSIDÃO: cc. 7, 15, 114, 118, 119, 123, 129, 135, 186, 202, 226, 314, 324, 439, 502, 652, 692, 705; para com os pobres cc. 73, 78, 112, 114, 124, 159, 291, 304, 319, 322, 331, 434, 435, 449, 533, 587, 642; para com os Administradores: c. 716; com o pároco jansenista c. 357; para com as Damas c. 588; entre as Fs. C. 178, 196, 387, 433, 456, 506, 674; para com todos cc. 410, 487, 608, 615; da Irmã Servente para com suas companheiras cc. 234, 318, 727; nas palavras e ações cc. 488, 610, 646; à imitação de Jesus Cristo c. 622; à imitação de Maria E. 106; virtude das Fs.C. cc. 404, 420.

MARCHAIS, senhora: cc. 314, 315.

MARÉCHAL, Andréa, FC.: nota biográfica c. 436 n. 1; cc. 436, 668; Varize cc. 436, 445; Nantes cc. 623, 638, 641; Liancourt c. 668.

MARGARIDA, a baixinha, FC.: Angers cc. 285, 296.

MARGARIDA, FC.: natural de Fismes; Liancourt cc. 285, 296.

MARGARIDA, FC.: Fontenaibleau cc. 174, 186.

MARGARIDA, FC.: Richelieu c. 162.

MARGARIDA, FC.: São Gervásio; falecida cc. 480, 481.

MARGARIDA, FC.: São Lorenço.

MARGARIDA, de Vienne, FC.: nota biográfica c. 155 n7; Casa Mãe cc. 160, 211, 366, 376, 388.

MARGARIDA: ver Chétif, Deshaies, François, Lesoin, Ménage, Mesnard, Moreau, Naseau, Noret, Tourneton.

MARIA, Santíssima Virgem: escolhida por Deus c. 702 E. 4, 85; Imaculada Conceição c. 702, E. 5, 38, 106; nascimento E. 5; Mãe de Deus c. 712, E. 5, 7, 21, 56, 67, 68, 85; Nascimento de Jesus E.39; Nazaré, ver Nazaré; esponsais de Maria E. 5, 6; esperando a vinda do Espírito Santo E. 15, 53, 98; morte c. 463; cheia de graça E. 56, 106, 110; Mãe de misericórdia E. 56, 106, 110; mediadora E. 5, 68, 106; Coredentora E. 107; Maria e a

Santíssima Trindade c. 147, E. 106; e a Eucaristia E. 99; e a Redenção E. 11; virtudes de Maria c. 119, E. 6, 23, 56 ver Humildade, Mansidão; imitação de Maria cc. 475, 516; oração a Maria cc. 143, 276, 347, 394. 510, 561; orações de LM E. 5, 56; Mãe da Companhia cc. 121, 281, 658, 662; padroeira das Fs.C.E. 31; consagração a Maria ver Oblação.

MARIA, de Sedan: jovem demais cc. 136, 137.

MARIA, FC.: natural de Angers c. 25.

MARIA, FC.: Bernay c. 628.

MARIA, FC.: Chantilly cc. 658, 680.

MARIA, FC.: Chars c. 376.

MARIA, FC.: natural de Fismes, votos c. 596.

MARIA, FC.: Fontenay-aux-Roses c. 479.

MARIA, FC.: Hospital Geral de Paris, Votos c. 672; doente c. 718.

MARIA, FC.: Nanteuil c. 677.

MARIA, FC.: Saint-Denis, morta E. 52.

MARIA, FC.: de Saint Méen c. 332.

MARIA, FC.: de Sedan, falecida c. 124.

MARIA, FC.: Serqueux c. 684.

MARIA, FC.: c. 351; Votos c. 512.

MARIA: ver Arnou, Bécu, Bertrand, Cuny, Chesse, Darras, Despinal, Dillé, Donion, Gallois, Gaudoin, Gonain, Joly, Le Maire, Levies, Navain, Noret, Pappillon, Petit, Poulet, Prévost, Raine, Thilouse.

MARIA JOSÉ, FC.: c. 479.

MARIA MARGARIDA, FC. falecida c. 421.

MARIA MARTA, FC.: Paris c. 136.

MARIA MARTA, FC.: Chantilly c. 712.

MARIA MARTA, FC.: ver Trumeau.

MARILLAC, senhora Joana de: nascida Potier, nota biográfica c. 63 n5; cc. 63, 243, 282, 311, 344, 546, 651.

MARILLAC, senhor Luís de: marechal.

MARILLAC, Luísa de: Biografia ver: nascimento, Casamento, Miguel Le Gras, Viuvez, Saúde, Morte; Família ver Genealogia, d'Atry, d'Attichy, de Marillac, de Maure; Espiritualidade ver: Regulamento de vida, Espírito Santo, Encarnação, Providência, Trindade, Entrega a Deus, Noite da alma; Qualidades ver: Amizade, Humildade, Humor, Alegria, Gozo, Ternura, Inquietações, Penas, Queixas; Fundadora da Companhia; ver: Companhia, Dependência, Aviso, Delicadeza, Família, Viagem. Relação com os pobres,

ver Pobres, Serviço dos Pobres.

MARILLAC, senhora Maria de: nascida de Creil, nota biográfica c. 88 n. 1; cc. 3, 311, 344, 546, 653.

MARILLAC, senhor Miguel de, o moço: nota biográfica: c. 146 n4; cc. 82, 146, 254, 256, 310, 311, 546.

MARILLAC, Renato de: c. 81

MARTA, santa: E. 91.

MARTIN, Elisabeth, FC.: nota biográfica c. 27 n. 1; cc. 28, 31, 51, 54, 176, 179, 205, 226, 246, 248; Angers cc. 16, 28, 38, 51, 54, 55, 61, 63; doente cc. 29, 31, 36, 47, 49; Richelieu cc. 63, 68, 95, 109; visita a Nanteuil c. 91; a Maule, Crespières, São Germano c. 157; Nantes cc. 117, 176, 177, 179, 186, 189, 208; a Angers cc. 198, 205, 207; Richelieu cc. 226, 246, 248, 262; morte c. 287.

MARTIROLOGIO: leitura E. 42, 92.

MASSE, Etiennette, FC. c. 354.

MATANÇA: dos Inocentes c. 268.

MATERNIDADE de Maria: c. 712, E. 5, 7, 21, 56, 67, 68, 85.

MATURINA. FC.: de Angers, morte c. 185;

MATURINA, FC.: de Angers, doente c. 185; morte cc. 186, 197.

MATURINA, FC.: Saint-Denis, morte cc. 179, 180.

MATURINA, FC.: Votos c. 554.

MATURINA: ver Guérin.

MAULE: fundação cc. 236, 339, 512, 568: visita a Elisabeth Martin c. 157; de LM c. 277; Fs.C. destinadas a Maule: Luísa Ganset, Catarina de Gesse.

MAUNY, senhor de: cc. 164, 168.

MAURE, senhora Ana de: nota biográfica c. 96 n4; cc. 96, 122, 188, 189.

MAURÍCIO, são: relíquia cc. 265, 273, 301.

MÁXIMAS: de Jesus Cristo c. 106.

MEDALHA: cc. 252, 328, 501, 715; E. 26.

MÉDICO: cc. 40, 42, 115, E. 43; ver Lavocat, Ménard, Pimperlle, Prece.

MEIO: rural ver camponeses, povo; urbano ver Paróquia, Cidade.

MEL: cc. 246, 394, 405, 493.

MELAIS, Irmã FC. : doente cc. 176, 179.

MELANCOLIA: cc. 226, 482, 620.

MELUN: mosteiro da Visitação c. 209.

MÉNAGE, Catarina FC.: c. 629.

MÉNAGE, Francisca, FC.: nota biográfica c. 430 n3; cc. 520, 534, 607, 629; Nantes 333, 411, 417, 430, 437, 534, 623, 629, 638, 641, 681; Votos c. 520; morte de sua mãe c. 437; de seu pai c. 534; de sua avó c. 437.

MÉNAGE, Madalena, FC.: nota biográfica c. 596 n. 1; Paris cc. 520, 607, 629,

- 681; Votos c. 596.
- MÉNAGE, FC.: Paris cc. 520, 607, 629; Calais c. 638; morte c. 646.
- MÉNARD, Margarida, FC.: Casa Mães c. 402.
- METZ: fundação c. 653; Fs.C. destinadas a Metz: Maria Papillon, Madalena Raportebled, Margarida Ruhant, Bárbara.
- MICHELLE, FC.: morta c. 79.
- MICHELLE, FC.: c. 136.
- MICHELLE, FC.: Angers cc. 389; Nantes c. 660.
- MICHELLE, FC.: Chars cc. 363, 369, 376.
- MICHELLE, FC.: de Saint Méen c. 225.
- MICHELLE, FC.: Serqueux c. 366.
- MICHELLE, FC.: de Richelieu, morte cc. 100, 197.
- MICQUEL, Madalena, FC.: nota biográfica c. 528 n4; Nantes cc. 445, 528.
- MICHEL, Luisa FC.: nota biográfica c. 406 n3; Nantes cc. 333, 375, 377, 379, 384, 406, 409, 417, 430, 437, 439, 441.
- MIDY, Jacqueline, FC.: falecida E. 52.
- MIRRA: oferenda dos Reis Magos E. 59.
- MISERICÓRDIA: de Deus cc. 128, 198, 447, 542, 579, 585, 608, 660, 666, 723; para com a Companhia. c. 690.
- MISSA: o que é c. 678; ver Eucaristia; missa diária c. 203; durante as viagens E. 75; missa do Padre Vicente cc. 143, 509; no dia da renovação dos Votos cc. 236, 486, 619, 689, 697; para a Companhia E. 710; pelas falecidas cc. 666, 690; por Miguel Le Gras c. 730; pelas Confrarias E. 25, 26; para as Crianças de Bicêtre cc. 210, 213; para os velhinhos do asilo c. 431.
- MISSÃO: pregada pelos Padres da Missão: cc. 240, 244, 273,.
- MISTÉRIO PASCAL: cc. 191, 637, ver Morte de Jesus Cristo, Ressurreição.
- MODÉSTIA: cc. 119, 124, 152, 158, 234, 241, 276, 304, 354, 371, 390, 434, 435, 447, 567, 571.
- MOISSON, Ana FC.: falecida cc. 129, 171.
- MONGERT, Madalena, FC.: nota biográfica c. 42 n.1; cc. 72, 119, 124, 129, 147, 150, 194; Angers cc. 20, 26, 42; Irmã Servente cc. 61, 72, 77, 81, 88, 89, 101; em Paris cc. 109, 110; Angers cc. 118, 119, 123, 124, 141, 180, 186, 188, 194; doente cc. 265, 266; falecida c. 287.
- MONTMIRAIL: Confraria visita de LM; fundação das Fs.C. cc. 369, 509, 506; visita do Padre Portail c. 506; Fs. C. destinadas a Montmirail: Catarina de Gesse, Luisa Cristina Rideau, Joana Batista, a moça.
- MONTMORENCY, senhora de: a Grande Princesa, cc. 302, 306.
- MONTPENSIER, a senhorita de: a Grande Senhorita, cc. 243, 244, 575.
- MONTREUIL-SUR-MER: fundação cc. 198, 202, 234, 294; postulantes cc. 234, 257; Fs.C. destinadas a Montreuil: Maria Gallois, Ana Hardemont,

Maria Lullen; Fs. C naturais de Montreuil: Antoinette Larcher, Ana Varon.
MORAINVILLIERS: c. 687.
MOREAU, Carlota, FC.: nota biográfica c. 415 n7; Casa Mãe c. 415; Châteaudun cc. 581, 600; sai da Companhia cc. 610, 616.
MOREAU, Margarida, FC.: nota biográfica c. 317 n3; carta 500; Angers cc. 195, 317, 385, 396; Paris cc. 389, 398; enviada a Polônia E. 72; Polônia cc. 472, 491, 500.
MOREAU, senhor: cc. 450, 454, 468.
MORTE : de Jesus Cristo E. 5, 10, 33, 47, 111; de Maria E. 5; reflexão sobre a morte cc. 170, 327, 605, 718; preparação de LM cc. 121, 461, 511, 534; morte de LM; morrer a si mesmo c. 463.
MORTIFICAÇÃO: cc. 124, 191, 211, 257, 288, 384, 417, 433, 451, 456, 495, 540, 549, 609, 618, 621, 637, 717, 722; mortificação do juízo cc. 240, 542; mortificação das paixões cc. 481, 565; dos sentidos cc. 246, 394, 481, 500, 565; da vontade cc. 237, 240; mortificação corporal cc. 51, 54, 64; pensamento de LM E. 82.
MUDANÇAS: de Fs. C. cc. 70, 82, 115, 465; não pedi-las cc. 245, 372, 426, 432, 681; necessárias cc. 157, 465, 601; maduramente pensadas cc. 189, 663; não segundo a iniciativa da Irmã Servente c. 194; dificuldades cc. 206, 398, 601, 606; tomada a decisão comunica-se à comunidade; cartas ao Bispo cc. 552, 599; mudança solicitada por uma Dama c. 157; pelos Administradores cc. 437, 510; pelo capelão do hospital c. 396; pensamentos de LM acerca de sua necessidade E. 94.
MULHER: grandeza E. 71, 77; fragilidade c. 576; mulher do evangelho E. 31; mulher devota 7; mulher grávida c. 300, E. 48.
MURMURAÇÕES: cc. 42, 71, 199, 207, 369, 497, 540, 542, 566.
MUSER, Cláudia, FC.: nota biográfica c. 655 n2; Calais cc. 638, 647, 655.
NANTES: viagem de LM cc. 141, 164, 166, 170, 171; relatório c. 171; carta às Fs. C. de Nantes cc. 173, 191, 192, 571, 623, 638; contrato com o hospital c. 165; fundação cc. 140, 153, 158, 160, 161; dificuldades com os Administradores cc. 167, 170, 171, 179, 188, 288, 290, 296, 314, 321, 329, 355, 539, 571, 638; dificuldades comunitárias cc. 189, 191, 198, 207; ver Bispo; apaziguamento cc. 267, 375, 377, 681; cartas dos Administradores cc. 437, 484, 510; do capelão c. 396; chegada e partida de Fs.C. cc. 161, 167, 171, 176, 189, 198, 207, 237, 273, 286, 288, 324, 333, 393, 439, 450, 453, 510, 514, 525, 531, 667, 681, 694; falecimento de duas Fs. C. c. 315; saída de uma FC. c. 424; pessoal do hospital cc. 167, 171, 179, 242, 324; visita de Joana Lepintre cc. 189, 192; do padre Lambert cc. 192, 237, 249, 373; do senhor Padre Vicente cc. 278, 280, 286, do Padre Alméras cc. 438, 440, 441; do Abade de Vaux c.

- 460; do Padre Berthe c. 520; de Padres da Missão c. 623; do Padre Dehorgny cc. 681, 706; portulantes cc. 411, 417, 681; Fs.C. destinadas a Nantes: Ana Arnou, Catarina Bagard, Cláudia Brígida, Cláudia Carré, Mata Dauteuil, Renata Delacroix, Maria Gaudoin, Henriqueta Gesseume, Nicole Haran, Ana Hardemont, Antoinette Larcher, Joana Lepintre, Andréa Maréchal, Elisabeth Martin, Francisca Ménage, Luisa Michel, Francisca Micquel, Margarida Noret, Maria Noret, Joana de Saint-Albin, Maria Thilouse, Maria Trumeau, Ana de Vaux, Jacqueline, Genoveva, Michelle; FC. natural de Nantes; Ana Scolière.
- NANTEUIL-LE-HAUDOIN:** fundação cc. 80, 210, 267, 396, 443: dificuldades c. 506; visita de Elisabeth Martin c. 91; de Bárbara Angiboust c. 508; Fs. C. destinadas a Nanteuil: Joana Dalmagne, Nicole Georget, Andréa, Ana, Joana, Judite Maria.
- NARBONA:** fundação c. 692, ver Bispo; dificuldades c. 713; Fs. C. destinadas a Narbona: Francisca Carcireux, Ana de Gesse, Ana Denoual.
- NASCIMENTO:** de LM c. 461, E. 1 .
- NATAL:** de Jesus E. 14, 23, 56; ver Encarnação.
- NATUREZA HUMANA:** E. 56, 98, 104, 107 ver Homem.
- NAUFRÁGIO:** cc. 171, 722; naufrágio espiritual de LM c. 511.
- NAVAIN, Maria, FC.:** nota biográfica c. 573 n2; Chantilly cc. 573, 589, 603; Paris cc. 645, 656.
- NAZARÉ:** c. 707, E. 22, 23.
- NECESSIDADES:** dos pobres, conhecê-las c. 657, E. 55, 71; transmiti-las à Rainha c. 241; descobrir as novas E. 71.
- NERVO:** perigo durante a sangria C. 304.
- NESMOND, Abade de:** c. 514 n2.
- NESMOND, senhor de:** c. 94.
- NESMOND, senhora de:** nota biográfica c. 87 n2; cc. 137, 252, 469.
- NEUVILLE-ROY:** visita de LM à Confraria E. 25, 88.
- NICOLE, FC.:** Angers c. 195.
- NICOLE, FC.:** Saint-Denis c. 353.
- NICOLE, FC.:** Montmirail c. 731.
- NICOLE, FC, a cega, c. 354; morte c. 408.**
- NICOLE, ver Georget, Haran.**
- NOITE DA ALMA:** cc. 604, 609.
- NOME:** das Filhas da Caridade cc. 181, 249, 686.
- NORET, Francisca, FC.:** nota biográfica c. 76 n2; Paris c. 79; Saint-Denis c. 138; viagem a Nantes c. 171; Paris cc. 179, 218.
- NORET, MARGARIDA, FC.:** nota biográfica c. 218 n3; Nantes cc. 171, 189, 218, 242, 249; Paris c. 625.

NORET, Maria, FC.: nota biográfica c. 315 n2; Nantes cc. 288, 289, 315; morte cc. 322, 325.

NORET, senhorita: c. 620.

NOSSA SENHORA: des Adilliers (Saumur), c. 171; de Liesse c. 715; de Paris c. 525; des Vertus (Aubervilliers) c. 3.

NOTRE DAME: ver Nossa Senhora.

NOVENA: cc. 288, 342; ao Espírito Santo c. 193; a Maria c. 510.

O, senhora do: cc. 224, 232, 233.

OBEDIÊNCIA: cc. 15,49, 118, 123, 129, 136, 205, 211, 293, 372, 420, 469, 618, 640, E. 7, 16, 70, 87, 94; Alegria da obediência cc. 344, 387, 442, 540, 656; obediência livre e responsável c. 485; obediência pronta cc. 399, 456; não ir à frente dela c. 475; não pedir mudança cc. 116, 149, 432; difícil se todos mandam c. 71; faltas à obediência cc. 21, 75; pensamentos de LM E. 62; Voto E. 40; obediência a Deus cc. 145, 370; obediência às Irmãs antigas c. 78; obediência aos administradores cc. 23, 42, 114, 115, 124, 171, 214, 454, 528, 558, 581, 640, 659, E. 55; obediência aos Confessores dos pobres E. 43; às Damas da Caridade cc. 574, 588, 639, 652; obediência ao Diretor espiritual cc. 107, 114, 495, 681; obediência ao Bispo cc. 356, 449, 451, 452, 478; obediência ao médico cc. 42, 155, 184; obediência às Oficiais E. 48; aos Padres da Missão cc. 192, 226; à Rainha c. 500; obediência às Regras cc. 184, 192, 202, 401, 681, ver Regras; obediências aos Superiores cc. 202, 260, 300, 354, 370, 378, 426, 454, 542, 600, 681; ao Padre Vicente cc. 207, 289, 381, 438, 605; obediência de Jesus Cristo cc. 422, 622, 707; de Maria E. 6; de LM cc. 37, 57, 165, 312, 521, 669; da Irmã Servente cc. 404, 405, 728.

OBRAS DE DEUS: marcadas pelas dificuldades cc. 698, 704; deve-se continuá-las c. 721, ver Plano de Deus.

OCIOSIDADE: cc. 233, 408.

OFENSA: a Deus c. 168 ver Pecados.

OFERECIMENTO DO DIA: oração de LM E. 54.

OFICIAIS: escolha cc. 498, 634, 685; funções 155, 510, 556, E. 42, 43, 48; oficiais das Confrarias c. 71, E. 18, 32.

OFÍCIO: para o Asilo do Nome de Jesus E. 76; no hospital c. 440; na Casa Mãe E. 48; da Santíssima Virgem E. 7.

ÓLEO: alimentício c. 208; medicinal cc. 272, 638.

OLLAINVILLE: cc. 651, 653.

OPINIÃO dos outros: não fazer caso c. 267.

OPOSIÇÃO: de Irmãs à Irmã Servente cc. 129, 627; do pároco cc. 87, 496; de Irmãs a LM c. 497; de Irmãs aos galerianos E. 43.

ORAÇÃO: cc. 49, 69, 723, E. 7, 30, 45, 55; extensiva ao longo do dia E. 104; durante as viagens c. 171, E. 55, 75; oração jaculatória c. 516, E. 104; preparação à oração, ver Preparação; repetição da oração, ver Repetição.

ORATÓRIO, Companhia do: c. 92, 586, 591.

ORDEM DO DIA: das |Fs.C. E. 30; do cristão E. 29; de LM E. 7.

ORGANIZAÇÃO: no hospital cc. 167, 171, 208, E. 45, 47, 76.

ORGULHO: cc. 49, 89, 162, 178, 184, 191, 195, 213, 246, 269, 285, 398, 503, 622, E. 10, 22, 83; pensamentos de LM E. 83.

ORIGEM: as Filhas da Caridade devem viver segundo sua origem pobre E. 72, 81, 101, 108; não como as Damas cc. 472, 559, 161, 171.

ORLEANS: cc. 19, 159, 161, 171.

ORTOGRAFIA: aprendê-la cc. 623, 696.

ORVIETAN: cc. 578, 582.

OVELHAS: das Confrarias E. 25, 26; em Brienne c. 669.

OVOS: cc. 101, 208, 408, 522, 572, E. 17, 18, 45, 47.

OZENNE, Carlos CM: nota biográfica c. 464 n2; c. 501; Polônia cc. 464, 472, 501, 517.

PACIÊNCIA: nas dificuldades cc. 152, 218, 332, 518, 571, 608, 642, 649, 670, E. 55, 96; paciência da Irmã Servente cc. 286, 398, 669; paciência com os administradores c. 116, ver Respeito; paciência com os pobres c. 331; paciência do Padre Vicente c. 71.

PADEIRO: para Bicêtre cc. 229, 230, 235; em Châteaudun c. 608.

PAI NOSSO: explicação E. 29.

PAIXÃO de Cristo: c. 191, E. 33, ver Cruz, Redenção.

PAIXÕES: combatidas E. 60, 82.

PALAVRAS: de Jesus na Cruz E. 33, 103.

PALHA: doentes deitados sobre palhas E. 26, 91.

PANGOY, Joana, FC.: nota biográfica c. 220 n. 4; c. 326; Liancourt cc. 220, 326, 330; Liancourt c. 336.

PÃO: cc. 171, 715, E. 48, 75; assar o pão cc. 220, 402, E. 32; para as Crianças Abandonadas cc. 231, 308, E. 41; para os doentes E. 18; pão de açúcar cc. 365, 370.

PAPA: c. 197, 423.

PAPILLON, Maria FC.: nota biográfica c. 493 n. 3; admissão c. 493; Seminário cc. 504, 508, 514, 517, 526; Santa Maria do Monte cc. 574, 578, 584, 616, 618; Metz c. 653.

PARAISO: c. 681, E. 57, 91, 111.

PARCIALIDADE: 540.

PARIS: ver Paróquias; LM visita as casas c. 282; ver Guerra.

PARLAMENTO: aprovação da Companhia c. 576.

PÁROCO: relações com ele cc. 79, 85, 87; receber sua bênção c. 337; Bernay cc. 555, 560, 594; Chantilly cc. 603, 645; Chars cc. 586, 592; relações cc. 235, 357, 376, 383, 425, 593, 616; Fontenay-aux-Roses c. 70; La Fère c. 696; as Casinhas c. 551; Nanteuil cc. 396, 443, 445, 560, 565, 677, Serqueux c. 264; Troyes c. 542; São Cristóvão c. 235; São Gervásio c. 126; São João c. 369; São Lourenço cc. 235, 431, 717; Saint Médard c. 277; São Roque cc. 320, 496; o Pároco e as Confrarias da Caridade c. 5.

PARÓQUIA: filhas da Paróquia c. 446, E. 31; regulamento 43 (Irmãs das Paróquias); Paróquias de Paris, ver Santo André, São Bartolomeu, São Bento, São Cristóvão, São Cosme, Santo Estevão do Monte, Santo Eustáquio, Saint-Germain de l'Auxerrois, São Gervásio, São Tiago de la Boucherie, São Tiago du-Haut-Pas, São João, São Lourenço, São Lupo, São Martinho, São Médard, São Nicolau des Champs, S. Nicolau du Chardonnet, São Paulo, S. Roque, S. Salvador, São Severino, São Sulpício.

PARTHENAY: c. 190; FC. natural de Parthenay: Luísa Proust.

PARTILHA: em Comunidade cc. 205, 272, 436, 466, 482, 500, 535, 559, E. 55, 90; partilha de bens cc. 133, 145, 555, E. 92; partilha do trabalho cc. 135, 330, 388, 404, 452, 613; partilha nos sofrimentos dos pobres cc. 404, 410, 690; partilha com os pobres cc. 390, 461, 553, 574; partilha da oração cc. 69, 536, 537.

PASCAL, Irmão: c. 469.

PÁSCOA: cc. 575, 674; E. 33; meditação de LM E. 24.

PASTEL: cc. 381, 402.

PASTORES: ante o Presépio E. 23.

PAULO, Apóstolo: E. 2, 57.

PAVIE, a pequena: c. 135.

PAZ: viver em paz cc. 15, 31, 54, 185, 218, 226, 237, 290, 337, 373, 391, 430, 692, 708, 712; com Deus cc. 191, 722; com suas Irmãs cc. 224, 465, 495; apesar das dificuldades cc. 566, 696; à imitação de Maria E. 5; paz para a França cc. 275, 278, 283.

PECADO: E. 9, 21, 34, 67, 97, 98, 106, ver Redenção; pecado original E. 85, 106.

PEDIDO de perdão: cc. 15, 129, 371, 500, 537, 545; ao pároco c. 587; no término do ano. c. 454.

PEDRA: filosófal cc. 430, 549, 565; fundamental c. 500.

PELLETIER, senhora: cc. 11, 93.

PENAS interiores das Fs.C.: cc. 78, 187, 274, 370, 409, 550, 681; não se desabafar com qualquer pessoa cc. 141, 267; vencê-las cc. 430, 471; penas interiores de LM cc. 134, 518, E. 1, 65.

PENITÊNCIA: cc. 207, 353, 444, 455; extraordinária c. 540; sacramento da penitência ver Confissão; penitência de João Batista c. 609.

PENSÃO: custo da manutenção do menino atendido por uma ama c. 388.

PENSIONISTA: cc. 462, 475, 487, 696, 708.

PENTECOSTES: experiência de LM E. 3; festa cc. 3, 72, 127, 128, 288, 345, 359, 634; novena preparatória c. 345; eleição das oficiais c. 685; queda do soalho cc. 72, 128.

PERDA: de tempo cc. 152, 329, 603, 690, 705, 713, E. 47, 48; ver visitas à cidade.

PERDÃO: de Jesus Cristo E. 33; pedido de perdão ver Pedido.

PEREGRINAÇÃO: cc. 15, 121, 171, 379, 650.

PERFEIÇÃO: de Deus E. 10 (6º dia), 22; da FC. cc. 226, 247, 638; conferência sobre este tema c. 561; trabalhar na perfeição cc. 49, 74, 115, 116, 129, 140, 147, 158, 192, 230, 232, 251, 269, 300, 325, 368, 549, 561, 607, 644, 647, 690, 722.

PERSEGUIÇÃO: sofrê-la cc. 266, 288 ver Acusações, Calúnias.

PERSEVERANÇA: cc. 33, 73, 119, 293, 315, 354, 519, 540, 668, 717; E. 61; perseverança da Companhia cc. 143, 432; pedi-la a Deus cc. 186, 654.

PERRETTE, FC.: Angers cc. 328, 625, 635, 636, 711.

PERRETTE, FC.: natural de Angers c. 25; sai da Companhia c. 180.

PERRETE, FC.: natural de Maine; falecida c. 430.

PERRINE, FC.: ver Fleury.

PESET, senhor: cc. 589, 603, 640, 647, 656, 658, 690, 712.

PESSOAS IDOSAS: o senhor Padre Vicente e LM o são cc. 648, 715.

PESTE: c. 10.

PESCHELOCHE, Renata FC.: nota biográfica c. 590 n. 2; Sedan c. 590.

PERTENÇA: à Companhia cc. 452, 718, E. 51.

PETIT, Maria FC.: nota biográfica c. 710 n. 3; Votos c. 710.

PHÉNIX, FC.: doente c. 370, falecida cc. 370, 372, 377; elogio c. 372.

PICARDIA: c. 562.

PICHERY, senhor de: cc. 50, 55, 64.

PIMPERNELLE, senhor: médico c. 354.

PINSONNIÈRE, senhor de la: 225, 437.

PLANOS DE DEUS: sobre as almas E. 19, 98, ver Criação; sobre a Companhia cc. 14, 91, 106, 228, 293, 317, 642, 707, 717, 721, E. 53, 64, ver Companhia, Serviço dos pobres, Vocação; sobre a Virgem Maria E. 6, cf Maria; sobre LM E. 3, 16, 22.

PLOUVIER, Adriana FC.: Cahors, 698.

POBRES: membros de Jesus Cristo cc. 115, 423, 446, 487; E. 98, 108; nossos senhores cc. 204, 322; pobres envergonhados cc. 294, 410; 477, 553,

- 692; trabalhar por eles c. 713, E. 18 cf. Crianças, Galerianos, Doentes, Serviço dos Pobres.
- POBREZA: cc. 15, 45, 240, 526, 553, 559, 611, 652, 657, 692, 721; E. 7, 44, 48, 75, 95; pobreza concreta das Fs. C. cc. 206, 272, 354, 410, 418, 483, 506, 658, 676, 717; pobreza da Companhia cc. 545, 577, 582, 618, 652, E. 101, 108; pobreza de LM cc. 310, 311, 318, 343; conservar a pobreza das origens cf. Origens; Votos E. 40.
- POISSON, Carlota FC.: nota biográfica c. 97 n. 3, c. 276; Hospital Geral cc. 97, 155, 168, 170, 336; Bicêtre cc. 203, 210, 213, 229, 247, 276, 351, 412.
- POLÔNIA: fundação, 1º envio de Fs.C. cc. 416, 419; vida cc. 427, 454, 464, 468, 472, 514, 517, 623; morte do Padre Lambert cc. 430, 432; 2º envio cc. 477, 486, 490, 493, 500, 504, E. 72; guerra na Polônia cc. 493, 504, 507, 508, 517, 553; postulantes c. 430; Seminário c. 430; Fs.C. destinadas a Polônia: Francisca Douelle, Madalena Drugeon, Margarida Moreau, Margarida Chétif, Joana Lemeret, Madalena Raportbled, cf. também Lambert, Ozenne.
- POMADA: cc. 354, 515.
- PORTAIL, Antônio CM.: nota biográfica c. 117 n. 1; cc. 117, 138, 141, 144, 149, 151, 158, 162, 197, 262, 287, 453, 506, 559, 617, 632, 729; paris cc. 71, 74, 94; Le Mans cc. 141, 148, 151, 152; visita a Angers cc. 141, 146, 149, 150, 158, 162; Richelieu cc. 158, 162, 175; Roma cc. 197, 262.; Marselha c. 287; Paris cc. 328, 333, 421, 427, 462, 484, 491; visita a Brienne, Sedan, Montmirail, Nanteuil cc. 506, 508, 514; Paris cc. 526, 529, 611, 616, 628, 650, 669, 676, 714, 716, 718; função na Companhia cc. 197, 632; relação com as Fs.C. cc. 135, 149, 185, 187, 262, 390, 506, 553, 602, 669; lhes escreve cc. 263, 287, 493, 708; aprovação para os votos cc. 547, 554, 652, 710; relação com LMc. 76, 559, 666.
- PORTEIRA: c. 155; ofício E. 47, 48, 91.
- PORT-ROYAL: viagem de LM cc. 312, 313.
- POSTULADO: cc. 259, 411, 489, 556, 669; cf. Chevalier, senhorita, Margarida Deshaies, Maria Papillon.
- POSTULANTE: para a CM. c. 107.
- POSTULANTES: para as Fs. C.; qualidades cc. 30, 32, 50, 77, 95, 116, 149, 190, 244, 250, 417, 432, 452, 454, 490, 492, 535, 541, 601, 684, 717; informá-las bem cc. 141, 240, 457, 618; conhecê-las cc. 151, 234; discernimento da vocação cf. Angers, Argenteuil, Bernay, Brienne, Châlons-sur-Marne, Chars, Châteaudun, Le Mans, Montreuil, Nantes, Polônia, Richelieu, Saint-Fargean, Saint Médard, Sedan, Serqueux, Tro-

yes, Varize.

POULET, Maria, FC.: nota biográfica c. 451 n. 3; c. 587; Châlons cc. 447, 451; Brienne c. 456; Chars cc. 586, 587, 592; cc. 638, 647.

POUVOT, senhor: Chars cc. 221, 357, 586, 592.

PRECE: cc. 69, 449, 454, 588, 681, E. 30, 55; cf. Oração; prece pela Companhia cc. 432, 454, 556, 647; pelos falecidos cc. 148, 430, 630; pela igreja cc. 296, 468; pela França cc. 296, 468; pela paz cc. 283, 447; pela Polônia cc. 468, 508, 623; pelo Padre Portail cc. 508, 553, 578, 602, 611, 641; pelo senhor Padre Vicente cc. 281, 283, 371, 384, 432, 467, 500, 508, 553, 562, 578, 602, 611, 616, 628, 630, 638, 641, 661, 670, 673, 683, 684, 708, 714; pelas vocações cc. 190, 224, 454, 566; com os pobres c. 427; orações de LM E. 4, 7, 98.

PREDESTINAÇÃO: dúvida de LM. c. 193, E. 3.

PREPARAÇÃO: para a morte cc. 91, 271, 511, 578, 668, E. 23, 47, 52, 53; preparação da oração E. 92.

PRESENÇA: de Deus cc. 211, 226, 516, E. 7, 48, 104; presença real na Eucaristia c. 231, E. 99, 109.

PRESENTE: das Fs.C. a LM c. 54; não fazer presentes c. 647; às Fs. C. ver quadros, estampas; não aceitá-los das alunas E. 48.

PRESTAÇÃO de contas: cc. 129, 145, 286, E. 48, 55.

PRÉVOST, Joana Cristina, FC.: nota biográfica c. 140 n. 2; c. 330; São Gervásio c. 140; proposta para Chars c. 235; Fontenaibleau cc. 244; Liancourt cc. 330, 332; Sedan cc. 474, 506, 590.

PRÉVOST, Maria Fc.: nota biográfica c. 261 n. 4; cc. 263, 271, 272; Chantilly cc. 261, 263, 271, 272; Votos c. 710.

PRINCESA, a Grande: c. 541.

PRIOT, Renata FC.: sai da Companhia c. 293.

PROCURADOR: da Confraria cc. 4, 5, 9, 71, E. 17, 26; procurador geral cc. 62, 71, 210, 320, 351.

PROJETO: comunitário cc. 129, 154, cf. Vida Comunitária.

PROSTITUIÇÃO: prevenção cc. 570, 624.

PROUST, Luisa FC.: nota biográfica 330, n. 4; Paris c. 190, Liancourt c. 285; morte 330.

PROVIDÊNCIA DE DEUS: cc. 89, 162, 218, 210; abandonar-se à Providência cc. 151, 152, 171, 323, 365, 441, 464, 500, 502, 542, seguir sua direção cc. 116, 162, 163, 296, 321, 426, 475, 504, 507, 508, 597, 609; confiança na Providência cc. 371, 495, 597, E. 35, 75; submissão à Providência cc. 40, 155, 161, 165, 245, 280, 290, 312, 329, 370, 409, 426, 429, 585, 707; a Providência dirige a Companhia cc. 167, 304, 421, 538, 696, E. 53; Providência de Deus para com as Crianças Aban-

donadas cc. 221, 268; para com Angers c. 695, para com Nantes c. 171; fonte de todas as graças E. 59; dirige a vida de LM c. 730, E. 21, 33, 35.

PRUDÊNCIA: cc. 62, 159, 163, 276, 311, 546, E. 91; nas ações cc. 588, 655, 732; nas palavras E. 48, 55; nas relações cc. 63, 371, 420, 506, 567, 589, E. 50, 55, 75, 95, 101; com os administradores cc. 440, 506; como dinheiro cc. 452, 514; nas novas fundações cc. 649, 657; nas dificuldades c. 209; a prudência de LM cc. 37, 45, 127, 165, 167, 171, 298, 413, 456, 577.

PSICOLOGIA: de LM cc. 22, 45, 86, 97, 117.

PUREZA: cc. 119, 702; para a Companhia c. 143, E. 33; para as crianças E. 93; de Maria E. 33, 76; pureza de intenção cc. 433, 447, E. 23, 55 cf. Simplicidade.

PURGANTE: cc. 124, 163, 171, 249, 354, 427, 630; de Miguel Le Gras c. 166; de LM cc. 329, 357, 457, 716; Das Fs.C. cc. 246, 252, 266, 403; do Padre Vicente cc. 252, 648, 664, 715.

PURGATÓRIO: c. 707, E. 7, 34, 91.

QUADRO: alfabético cc. 210, 211; da Santíssima Virgem c. 143.

QUARESMA: cc. 65, 353, 674; abstinência cc. 522, 572, 575; meditação de LM E. 33.

QUEDA: do senhor Padre Vicente no rio c. 275; queda do Padre Vicente da diligência c. 617; de LM c. 553; de uma FC. no rio, cc. 42, 75; do soalho da Casa Mãe cc. 72, 128, E. 53.

QUEIXAS: contra as Fs. C. cf. Acusações; das Irmãs contra LM cc. 76, 81; contra a Companhia E. 101.

RADEGUNDA: cf. Lenfantin.

RAFFY, senhora: cc. 66, 67, 69, 77.

RAINE, Maria FC.: doente c. 408.

RAINHA: de França cc. 180, 184, 213, 241, 427, 484, 518, 556, 696, 716, cf. Ana d'Áustria; Rainha da Polônia cc. 468, 472, 477, 500, 504, 507, 514, 517, 693.

RANTIGNY: confraria c. 5.

RAPORTEBLED, Madalena FC.: nota biográfica c. 486 n. 7; Paris c. 415; destinada a Polônia c. 500; Metz c. 653; votos c. 486.

RATIER, senhor Padre: cc. 78, 82, 83, 92, 109, 115, 116, 123, 124, 141, 148, 149, 151, 158, 205, 250, 292, 328, 385, 404, 471, 552, 660, 719; conselheiro das Fs.C. cc. 88, 201, 265, 269, 293, 398, 478, 513, 601, 625, 627; conferência às Fs.C. c. 613; agradecimento de LM cc. 372, 432, 519, 532; um assunto seu ss. 327, 356.

RECEBEDOR: da Casa Mãe cc. 154, 228, 529.

RECEITAS: dos médicos E. 30 cf. Obediência ao médico.

RECIBO: cc. 85, 418.

RECOLHIMENTO: c. 657, E. 22, 48, 55 cf. Presença de Deus, Silêncio.

RECONCILIAÇÃO: cc. 15, 500, 537, 545 cf. Perdão, Confissão; reconciliação da natureza humana com Deus E. 21 cf. Redenção.

RECREAÇÃO: E. 30, 45, 90.

REDENÇÃO: cc. 30, 121, 191, 411, 434, 666, 672, 699, 718, E. 5, 7, 9, 11, 21, 22, 33, 37, 60, 62, 76, 89, 98, 106, 108; meditação de LME. 67 cf. Morte de Cristo.

REGISTRO: de gastos e receitas c. 696, E. 28, 31, 47; de admissão e alta de doentes c. 696; nas Confrarias c. 5.

RÉGNARD, Irmão Mateus, CM.: nota biográfica c. 564 n. 3; cc. 564, 669.

REGRAS das Filhas da Caridade: observá-las cc. 49, 72, 73, 184, 186, 191, 192, 211, 212, 232, 240, 350, 401, 417, 447, 473, 528, 537, 567, 594, 608, 649, 656, 658, 659, 671, 681, 686, 690, 712; com fidelidade e exatidão cc. 119, 316, 328, 503, 507, 649; prioridade do serviço dos pobres cf. Serviço dos pobres; função da Irmã Servente cc. 234, 580, leitura regular cc. 189, 191, 401; explicação das Regras pelo Padre Vicente cc. 94, 505, 512, 616, 622, 659; redenção das Regras cc. 374, 556, 559; comentários de LM cc. 559, 721, E. 92; envio das Regras a Chantilly c. 647; a Angers c. 719.

REGULAMENTOS: observá-los cc. 226, 249, 257, 291, 307, 325, 329, 435, E. 70; da Companhia das Filhas da Caridade, em estudo c. 149; aprovação cc. 158, 181; perda c. 394; nova redação c. 401; ordem do dia E. 30, 31, 42; Regras da Casa Mãe 48, 51; regulamentos para as Fs. C. dos hospitais c. 639; E. 43, 45; regulamentos para as Fs.C. das Crianças Expostas E. 41, 45, 47; regulamentos para as Fs.C. dos Galerianos E. 43; regulamentos para as FsC. do Hospital Geral E. 43; Regulamentos para as FsC. das Paróquias E. 43; Regulamentos para as Fs.C. das aldeias; Regulamentos para as FsC. de Chantilly c. 253; Regulamentos para as Fs. C. que vão para Le Mans E. 50, cf. Regras.

REINO dos céus: meditação de LM E. 89.

RELATÓRIO: de uma situação c. 413; sobre Bicêtre c. 11.

RELICÁRIO: de Santa Genoveva c. 410.

RELIGIÃO católica: em perigo na Polônia cc. 517, 553.

RELIGIOSAS: as Fs.C. não o são cc. 62, 63, 690 cf. Secularidade; não relacionarem muito com elas c. 713, E. 43, 45; acolhê-las na Casa Mãe c. 62 cf. Dominicanas, Visitação.

RELÍQUIA: cc. 43, 248, 328; de São Maurício cc. 265, 273, 301.

RELÓGIO: de LM c. 230.

REMÉDIOS: cc. 27, 120, 133, 246, 715; utiliza-los com simplicidade e prudên-

- cia cc. 207, 208, 559; para as Fs. C. c. 185, cf. Cuidados com os doentes; remédios para o Padre Vicente cf. Vicente.
- REMUNERAÇÃO** do trabalho: no Asilo c. 443; das Fs.C. cf. Salário, Gratuidade.
- RENATA, FC.:** natural de Angers, morte cc. 271, 287.
- RENATA, FC.:** proposta para Santa Maria do Monte c. 619.
- RENATA, FC.:** Casa Mãe cc. 347, 602.
- RENATA, FC.:** Morainvilliers 687, 688.
- RENATA, FC.:** má conselheira c. 299.
- RENATA, FC.:** cf. Delacroix, Pescheloche, Priot.
- RENOVAÇÃO** de Votos: cc. 295, 486, 509, 512, 547, 553, 589, 596, 619, 630, 653, 662, 672, 678, 689, 710.
- REPETIÇÃO DE ORAÇÃO:** cc. 69, 371, 537, 638, E. 30, 42, 43 (2º caderno), 48, 92.
- REPUTAÇÃO** das Filhas da Caridade: LM a defende c. 201.
- RESOLUÇÕES:** de Retiros cc. 90, 129; de um jubileu c. 529; resoluções a tomar em conjunto c. 155; resoluções de LM E. 46.
- RESPEITO:** aos benfeitores c. 319; aos administradores cc. 73, 176, 322, 440, 640; às Damas cc. 155, 319, 475, 614, 622, 688; aos médicos c. 155; às jovens c. 674; aos pobres cc. 322, 435; aos sacerdotes cc. 115, 116, 152, 155, 242, 528, 587, 592, 593, 594, 677; aos Padres da Missão cc. 158, 226; à Rainha c. 241; às Irmãs cc. 211, 398, 417, 587; às Irmãs antigas cc. 220, 447, 629; à Irmã Servente c. 115; a todos cc. 322, 487, 690; à vocação de cada um c. 29; respeito humano c. 698.
- RESSURREIÇÃO:** cc. 191, 647; E. 24, 29, 33.
- RETIRO:** o que é c. 69, 729; necessidades dele cc. 379, 400, 669; dificuldades cc. 76, 477, 573; retiro das FsC. cc. 38, 53, 56, 75, 90, 155, 210, 323, 335, 442, 444, 458, 474, 476, 477, 658, 661, 672, 680, 693; quando uma pessoa é admitida na Companhia cc. 38, 56, 120, 342, 448, 461; antes dos votos c. 76, cf. Renovação; retiro das Damas cc. 56, 70, 203, 538, 679, 723; das religiosas cc. 648, 656; do Padre Vicente c. 606; de LM cc. 127, 128, 148, 361, 363, 477; pensamentos de LM 10, 14, 20, 22, 23, 53, 65.
- REVISÃO** de vida: cc. 15, 49, 129, 191, 260; em comunidade cc. 15, 71, 115, 129, 537.
- REVOLTA** em Paris: cc. 253, 255, 256, 260 cf. Guerra.
- RICHELIEU:** c. às Fs.C. de Richelieu c. 420; fundação cc. 9, 95, 158, 293, 432, 438, 601, 634; visita do Padre Portail cc. 158, 162, 175; do Padre Lambert cc. 354, 368; do Padre Dehorgny c. 711; postulantes cc. 420, 635; Fs.C. destinadas a Richelieu: Bárbara Angiboust, Francisca Carcireux, Etienne Dupuis, Luísa Ganset, Elisabeth Martin, Carlota Royer, Elisa-

beth Turgis, Ana, Ana Maria, Carlota, Margarida Perrete; Fs.C. naturais de Richelieu: Vicência Auchy, Michelle; Padres da Missão em Richelieu: de Beaumont, du Chesne, Codoing, Cuissot, Gauthier.

RICHELIEU, senhorita de: c. 635.

RICHEVILLAIN, Antoinette, FC.: nota biográfica c. 525 n5; Casa Mãe/c. 526.

RICO: acolhida e respeito cc. 204, 322, 487; estar mais com os pobres c. 629.

RIDEAU, Luísa Cristina, FC.: nota biográfica c. 160 n 7; carta c. 545; Casa Mãe cc. 76, 135, 160, 211, 252, 280; Montmirail c. 506.

RIO: cf. caída do Padre Vicente no rio.

ROCHERS, senhorita des: cc. 161, 171.

ROMILLY, senhora de: nota biográfica c. 213 n5; cc. 94, 103, 104, 213, 230, 306, 337; e o casamento de Miguel Le Gras c. 297.

ROQUE, são: c. 578.

ROSA, para xarope: c. 44.

ROSA, Ana FC.: nota biográfica c. 155 n. 13; Paris cc. 155, 159, 160, 617.

ROUPA BRANCA: E. 17, 25, 26, 44.

ROUX, Joana FC.: nota biográfica c. 190 n4; Paris cc. 190, 224.

ROYER, Carlota FC.: nota biográfica c. 251 n1; cc. 251, 325, 354, 368, 521, 557, 711; Richelieu cc. 251, 325, 350, 354, 368, 420, 432, 521, 556, 557, 711.

ROUEN: cc. 504, 507, 508.

RUIBARBO: cc. 272, 665.

RUISSEAU, senhor de: c. 70.

SABEDORIA de Deus E. 33 (6º dia), 98.

SACERDÓCIO: E. 28.

SACERDOTES: respeitá-los cc. 155, 690; sacerdotes da Missão cf. Congregação da Missão; Le Mans cc. 74, 722; Richelieu c. 368 cf. Richelieu.

SACRAMENTOS: preparação dos enfermos E. 13; recebem-nos muito tarde E. 25, 26; formação das Fs.C. c. 299, E. 26; recepção dos sacramentos na Igreja E. 8, 29; sacramento da reconciliação/c. 549 cf. Confissão; cf. Batismo, Comunhão, Extrema-Unção.

SAINT-CLOUD: visita de LM à Confraria E. 16; F.C. natural de cc. 306, 309.

SAINT-DENIS, cartas à Irmã Servente cc. 724, 728; pedem Fs. C. c. 87; fundação cc. 133, 159, 339, 484; dificuldades c. 518; conversão de Hereges c. 716; visitas de LM cc. 135, 264; Irmãs mandadas para Saint-Denis: Bárbara Angiboust, Cláudia Brígida, Margarida Lesoin, Francisca Noret, Madalena Raportbled, Elisabeth Turgis, Genoveva Vigneron, Maturina, Nicole, Joana.

SAINT-ETIENNE-à-ARNES; fundação c. 365; Irmãs enviadas para este lugar: Guilhermina Chesneau, Francisca Joana, Maria José.

SAINT-FARGEAU: Fundação c. 575; postulante c. 618.
SAINT-FOUR: Irmãs naturais de Saint-Flour c. 585.
SAINT-GERMAIN-en-LAYE: fundação cc. 75, 87, 220; visita de Elisabeth Martin; Irmãs mandadas para este lugar; Bárbara Angiboust, Joana Lepintre, Joana Batista, antiga.
SAINT-GERVAIS, senhora de: c. 725.
SAINT-JEAN, senhor de: La Fère c. 546.
SANTA MARIA DO MONTE: cc. 477, 493, 508, 517, 526, 536, 550, 574, 618, 619, 716; visita de Bárbara Angiboust cc. 504, 583, 584; Irmãs destinadas a esse lugar: Cláudia Chantereau, Elisabeth Jousteau.
SAÍDA DA COMPANHIA: cc. 71, 74, 141, 150, 180, 198, 201, 293, 298, 306, 320, 424, 478, 642, 731; tentação cc. 88, 150; proposta por um sacerdote c. 448; causas E. 108; impedi-la juridicamente c. 576; saída à cidade cf. Visita.
SAIA: cc. 221, 252, 614.
SAINT-MARTIN, senhora de: c. 612.
SAINT-MÉEN: visita do Padre Vicente c. 281; uma postulante mandada embora cc. 288, 289; Fs. C. naturais de Saint-Méen: Joana, Maria, Michelle.
SAINT-MENEHOULD: socorro para os feridos cc. 422, 449; envio do Bispo ratificado pelo senhor Padre Vicente c. 449.
SAINTONGE: quatro postulantes c. 206; morte; uma Irmã, c. 220.
SAINT-PIERRE-DU-MONT: c. 618.
SAINT-SIMON, senhora de: cc. 219, 558, 658.
SALA: de curativos na Casa Mãe c. 529, E, 48; dos hospitais, 108.
SALÁRIO: das Filhas da Caridade cc. 131, 545.
SALES, Monsenhor Francisco de: cc. 38, 64, E. 3, 15; livros de Francisco de Sales: Introdução à vida devota c. 69; Tratado do Amor de Deus E. 15.
SALMOS: E. 98; traduzidos por Miguel de Marillac c. 30.
SALOMÉ, FC.: Paris cc. 151, 152; doente c. 163; morte cc. 225, 287.
SALPETRIÈRE, La: fundação cc. 590, 595; Fs.C. destinadas a La Salpetrière: Joana Lepintre, Madalena
SALVAÇÃO das almas: cc. 707, 718, E. 58; os Padres da Missão trabalham nela E. 8.
SANGE, senhora de: c. 112.
SANGUE de Jesus Cristo: 7, 89, 90, 110.
SANGRIA: cc. 75, 77, 133, 171, 648, E. 44, 48, 95; Técnica cc. 304, 336, 354, 648; aprender a fazê-la c.c. 422, 677; do Padre Vicente c. 515.
SANNOIS: visita de LM à Confraria E. 17.
SÃO BARTOLOMEU: paróquia de Paris cc. 128, 144, 155; Fs. C. destinadas para aí: Cláudia Brígida, Renata Delacroix, Catarina de Gesse.

- SÃO BENTO:** paróquia de Paris cc. 5, 79; FC. destinada a essa paróquia: Joana.
- SÃO COSME:** paróquia de Paris, dificuldades cc. 701, 709
- SÃO CRISTÓVÃO:** paróquia de Paris; pároco c. 235.
- SANTO ESTÊVÃO DO MONTE:** paróquia de Paris, confraria cc. 8, 71; presença das Fs.C. cc. 79, 144, 155, 369; Fs.C. destinadas a essa paróquia: Antonieta Labille, Andréa.
- SANTO EUSTÁQUIO:** paróquia de Paris c. 523.
- SÃO FIRMINO:** paróquia de Chantilly, pároco cc. 603, 645.
- SÃO GERMANO DE L'AUXERROIS:** paróquia de Paris, cc. 38, 56, 126, 136, 172, 316, 496, 700; visita de LM c. 284; Fs.C. destinadas a essa paróquia: Maria Joly, Perrette, Genoveva.
- SÃO JOÃO:** paróquia de Paris cc. 369, 521; Fs.C. destinadas a essa paróquia: Joana Batista, a moça, Nicole Haran. Carlota Royer.
- SÃO LÁZARO:** instalação do Padre Vicente; Irmãos porteiros c. 169, cf. Congregação da Missão.
- SÃO LOURENÇO:** paróquia de Paris, confraria cc. 5, 56; FsC. c. 155; pároco cc. 235, 431, 717; Casa Mães das FsC. cf. Casa Mãe.
- SÃO LUPO:** paróquia de Paris, cc. 130, 155, 178; Fs.C. destinadas a essa paróquia: Marta Dauteuil, Genoveva Doinel; paróquia da senhora de Lamoignon c. 402.
- SÃO MARTINHO:** paróquia de Paris c. 525; pároco c. 277; postulante c. 277.
- SÃO NICOLAU DES CHAMPS:** paróquia de Paris, residência de Mademoiselle Le Gras E. 3; experiência de Pentecostes E. 3.
- SÃO NICOLAU de Chardonnet:** paróquia de Paris; domicílio de LM; Confraria; Comunidade das Fs.C. cc. 79, 155, 371, 376, 397, Fs.C. destinadas à paróquia: Madalena Esperança, Maria Levies, Phénix.
- SÃO PAULO:** paróquia de Paris cc. 7, 97, 154; FsC. destinadas a essa paróquia: Bárbara Angiboust, Guilhermina Chesneau, Marta Dauteuil, Ana Hardemont, Maria Marta Trumeau, Ana.
- SÃO ROQUE:** paróquia de Paris cc. 136, 369; dificuldades com o pároco cc. 320, 496; dificuldades comunitárias c. 648.
- SÃO SALVADOR:** paróquia de Paris, domicílio senhor Padre Vicente E. 3; Confraria c. 5.
- SÃO SEVERINO:** Paróquia de Paris cc. 136, 155, 600. Fs.C. destinadas à paróquia: Toussainte David, Henriqueta Gesseume.
- SÃO SÚLPÍCIO:** paróquia de Paris cc. 70, 71, 74, 76, 135, 136, 155, 166, 413, 415, 713; FsC. destinadas à paróquia: Antonieta Labille, Ana Lauraine, Joana Lepintre, Madalena Raportebled, Catarina.
- SÃO TIAGO de la Boucherie:** paróquia de Paris; cc. 130, 155, 243; Fs. C. a ela destinada: Jacqueline Luísa.

SÃO TIAGO du Haut Pas: paróquia de Paris, envio em missão cc. 146, 155, 413, 458, 606; FscC. destinadas à paróquia: Elisabeth Jousteau, Joana Luce.

SATISFAÇÃO pessoal: não buscá-la cc. 226, 252.

SAULT, senhora de: cc. 227, 278.

SAUMUR: c. 171.

SCOLIÈGE, Ana, FC.: nota biográfica c. 240 n2; Fontainebleau cc. 223, 240.

SCHOMBERG, senhora de: 302, 396.

SECRETÁRIA de LM cf. Bárbara Angiboust, Maturina Guérin. Elisabeth Hellot, Juliana Loret.

SECULARIDADE da Companhia: 293, 320, 671.

SEDE: necessidade da natureza E. 36; sede de Cristo E. 33; sede de justiça E. 36.

SEDAN: fundação cc. 71, 133, 474, 506, E. 49; Padre Lambert c. 95; visita do Padre Portail c. 506; postulantes cc. 117, 124, 135; FsC. destinadas a Sedan; Francisca Cabry, Toussainte David, Ana Hardemont, Gillette Joly, Maria Joly Joana Cristina Prévost, Ana Thibault, Maria Joana, Renata; Fs.C. naturais de Sedan: Joana, Perrette.

SÉGUIER, senhor: c. 308.

SEGUIN, senhor: c. 268.

SEMINÁRIO: formação que aí se dá E. 48 cf. Formação, Vocação; Seminário na Polónia c. 430.

SENHOR da Caridade: quadro cc. 215, 229.

SENHORITA, a Grande: cf. senhorita Montpensier.

SENLIS: FC. natural de: Joana Gressier; cf. Bispo.

SEPULCRO: de Cristo E. 14; de LM. E. 111.

SERQUEUX: c. 140; fundação cc. 119, 264, 638, 684; postulante c. 306; Fs.C. destinadas a Serqueux: Perrette Chefdeville, Margarida Chétif, Joana Delacroix, Maria Michelle; Fs.C. naturais de Serqueux: Catarina Ménage, Francisca Ménage, Madalena Ménage.

SERVAS: as primeiríssimas cc. 3, 5; servas dos pobres, vocação cc. 475, 486, 588, E. 70; virtudes cc. 319, 727; estilo de vida cc. 203, 204; servas de Deus c. 276; número dos membros das Confrarias E. 18.

SERVIÇO DOS POBRES: experiência de LM E. 3; o serviço cc. 15, 73, 155, 156, 160, 218, 257, 280, 314, 315, 322, 325, 337, 365, 368, 398, 454, 484, 692, 713, E. 7, 23, 70, 111; finalidade da Companhia cc. 498, 690, 707; grandeza cc. 129, 456; serviço feito por amor de Deus, cc. 176, 466, 542, 556, 722, E. 55, 70; serviço de Deus nos pobres cc. 115, 187, 249, 257, 294, 316, 404, 408, 423, 556, 638, 682, 717, E. 53, 91; em comunidade de cc. 110, 598; prioridade a ser dada ao serviço cc. 23, 40, 133, 316, 381, 419, 436, 457, 488, 525, 537, 556, 562, 608, 659, 663, 681; deixar por Deus c. 537; qualidade necessárias cc. 33, 78, 217.

421, 434, 449, 500, 642, E. 51, 91, cf. Alegria, Compaixão, Cordialidade, Mansidão, Respeito, Gratuidade, Participação. Serviço corporal e espiritual cc. 477, 542, 570, 575, 607, 721, E. 18, 31, 43, 45, 55, 91, 108; serviço corporal cc. 133, 171, 176, 203, 291; serviço espiritual cc. 133, 171, 176, 204, 227, 241, 304, 426, 436, 713; serviço direto e indireto E. 51; dificuldades cc. 153, 370, 377, 410; serviço aos doentes no hospital cc. 7, 144, 171, 175, 181, 207, 224, 228, 583, 587, 688, 711, E. 108; serviço aos pobres em seu domicílio cc. 410, 553; serviço aos soldados cc. 463, 547, 562, 638; serviço às crianças abandonadas cf. Crianças Abandonadas; serviço aos galerianos cf. Galerianos; preocupação de LM no retiro das FsC. c. 593; em sua morte E. 111; serviço aos pobres nas confrarias c. 322, E. 17, 25, 29, 32, 71.

SEVERIDADE: de uma Irmã Servente c. 195.

SIMPLICIDADE: cc. 542, 657; espírito das FsC. cc. 420, 561, 713, E. 74, 108; pedi-la a Deus cc. 223, 398; na relação com Deus cc. 615, 723; nas palavras cc. 112, 322, 623, 706; E. 48; no trabalho cc. 208, 214, 232, 381, 645; no estilo de vida cc. 45, 472, 504, 544, 553, 559, 574, 721, E. 48; na direção espiritual c. 441; simplicidade de Jesus Cristo E. 14, 23; de LM c. 577.

SILÊNCIO: cc. 133, 171, E. 30, 49, 93; acerca do bem realizado pela Companhia E. 108.

SILLERY, senhora de: c. 120.

SOBERANO PONTÍFICE: cc. 197, 423.

SOBERBA: cf. Orgulho.

SOBRIEDADE: cc. 45, 587, E. 44, 48, 75, 240; cf. Simplicidade, estilo de vida.

SOFRIMENTOS: aceitá-los como Cristo cc. 248, 437, 667, E. 27, 57, 91; meditação de LM. 57; compartilhar dos sofrimentos dos pobres cc. 404, 410, 415; aceitar os sofrimentos do serviço aos pobres E. 55; sofrimentos devidos à distância cc. 175, 692; sofrimentos de Cristo E. 7, 33; no purgatório E. 34; de LM por causa de seu filho cc. 132, 135, 139, 143, 165, 192; por causa da Companhia cc. 132, 199, 297, 299, 636, 642; por seus pecados c. 549, E. 1. 0. 19.

SOLDADOS na casa das Crianças Expostas c. 12; em Paris c. 230; em Chars c. 405; em Châteaudun c. 684; cuidado aos feridos cc. 362, 463, 544, 638, 646, 696, 716.

SOLIDÃO: cc. 141, 150, cf. Isolamento.

SOLIMON, senhor: c. 21.

SOLMINIHAC, Monsenhor Alano de: nota biográfica c. 577 n. 1; Cahors cc. 577, 597.

SONHO: c. 171.
SOPA: popular cc. 410, 415; de pão 91.
SUAVIDADE: cc. 127, 604.
SUBMISSÃO: cc. 331, 417, 426, 454, E. 70; à vontade de Deus cc. 21, 152, 158, 164, 199, 290, 521, 638, 642, Cf. Vontade de Deus: entre as Irmãs cc. 196, 229, 362, cf. Obediência, Vida Comunitária.
SUBSIDIARIEDADE: E. 48.
SUFICIÊNCIA: cc. 178, 184, cf. Orgulho.
SUPERFLUIDADE: evitá-la c. 559, E. 48.
SUPORTE: mútuo, virtude das Fs.C. cc. 315, 420; entre as Fs.C. cc. 15, 114, 116, 118, 119, 123, 124, 129, 135, 176, 186, 194, 201, 226, 234, 289, 304, 315, 329, 331, 335, 362, 400, 410, 447, 466, 536, 545, 551, 571, 611, 667, 674, 681, 682, 686, 690, 707, 713; para com os pobres cc. 319, 331; para com todos cc. 487, 574, 608, 652; suporte da Irmã Servente para com suas Irmãs cc. 400, 404, 580; suporte à imitação de Jesus Cristo E. 67; cf. Imitação de Jesus Cristo; suporte consigo mesmo c. 441; suporte das pessoas cc. 186, 471.
SULPÍCIA: cf. Dubois
SUPERIOR GERAL: cc. 181, 228, 293, 374, E. 31.
SUPERIORA GERAL: cc. 112, 155, 281, 634, E. 31, 48; e o Diretor cc. 729; LM quer que outra ocupe seu cargo cc. 76, 374, 394, E. 58; não utilizar o tratamento "Revda. Madre" c. 112.
SUPERIORES: atitude para com eles cc. 300, 657; cf. Irmã Servente, Obediência, Respeito; liberdade de correspondência com eles cc. 200, 716, 727.
SÚPLICA: ao Arcebispo de Paris cc. 133, 158.
SUZANA, FC.: doente c. 589.
TATO: de LM c. 477 cf. Delicadeza.
TANGUY, CM. Narbona c. 693.
TECIDO, de linho c. 514; preço c. 52; para amortalhar cc. 422, 425.
TEMERIDADE: de LM cc. 89, 318.
TEMORES: de LM pela Companhia c. 62, E. 70, 101, 108; perante os aplausos c. 214; diante de Deus c. 126; temor de Deus c. 587.
TEMPESTADE: no Loire c. 171.
TENACIDADE: de LM cc. 45, 171.
TENSÕES: cf. Conflitos, Dificuldades.
TENTAÇÃO: cc. 78, 79, 89, 124, 180, 245, 374, 471, 482, 609, 681; contra a vocação cc. 72, 88, 409, 474, 511, E. 101, cf. Maria Joly, Joana Saint-Albin, Bárbara Toussaint; tentação de Cristo E. 22.
TERÇO: cc. 64, 143; terço de Nosso Senhor cc. 373, 681; objeto cc. 272, 600, 715.

TERNURA: cc. 50, 141, 150, 275.
TERRIER, senhora: c. 40.
TESOUREIRA: das Confrarias cc. 25, 71, E. 17, 25, 26; da Companhia E. 43, 48 (Ofício da tesoureira) cf. Maturina Guérin, Geneveva Poisson, Luísa Cristina Rideau.
TESTAMENTO: das Damas da Caridade cc. 227, 715, 720; de LM E. 110, 111.
TESTEMUNHO de vida: cc. 170, 514, 567, 611, 638, 657, 686, E. 98.
THALONIÈRE, Ana de la, FC.: morte c. 332.
THIBAUT, Ana FC.: nota biográfica c. 452 n3; Châlons-sur-Marne c. 452; Sedan 463.
THIBAUT, Luís, CM.: nota biográfica c. 240 n. 1; Paris c. 76; em missão c. 240; Saint Méen c. 332.
THILOUSE, Maria FC.: nota biográfica 177 n3; Maule c. 157, 168; Nantes cc. 176, 177, 179, 242, 267, 278, 288.
THOLARD, Santiago, CM: c. 473.
TIBIEZA: c. 681.
TIMIDEZ: faz sofrer c. 642; é preciso superá-la c. 613.
TOMADA DE HÁBITO: cc. 632, 672.
TOUCADO: c. 514.
TOURNETON, Margarida, FC.: nota biográfica c. 160 n5; Angers c. 123; Paris cc. 155, 160; sai da Companhia cc. 198, 199; morte c. 226.
TOURS: cc. 19, 161, 171; Mosteiro da Visitação c. 142; FsC. naturais del Tours: Catarina de Gesse, Maria Thilouse.
TOUSSAINT, Bárbara FC.: nota biográfica c. 88 n 4; Angers cc. 19, 88, 89, 92, 109, 110, 119; Paris c. 123; paróquia de São Sulpício c. 136.
TRABALHO: cc. 159, 517, 713; com amor e ardor cc. 56, 330, 417, 603, 691; necessário para as Fs.C. c. 233, 603, 622; trabalhar para ganhar sua vida cc. 45, 231, e a dos pobres cc. 133, 170; cf. Hospital, Curativo, Sangria; trabalho para os velhinhos do Asilo do Nome de Jesus c. 443; nunca suficiente c. 232; excessivo cc. 245, 327, 372, 638, 683.
TRAVERSAY, senhora de: nota biográfica 62 n2; Dama da Caridade cc. 71, 94, 96, 100, 103, 104, 196, 222, 486.
TRINDADE, Santíssima: E. 5, 8, 11, 29, 40, 62, 98; a Santíssima Trindade e a cruz E. 33; e a Eucaristia E. 99; e Maria E. 44, 106; modelo da união na comunidade cc. 121, 289, 330, 362, 500; e a reza do terço c. 143; meditação de LM na festa da Santíssima Trindade E. 37; oração de LM 54.
TROYES: cc. 57, 564; postulante c. 542.
TRUMEAU, Maria Marta, FC.: nota biográfica c. 72 n4; Angers cc. 20, 22, 72, 73, 119, 129, 167; Paris c. 198; paróquia de São Paulo c. 245; Nantes c. 445; Paris c. 510; proposta para Irmã Servente de Angers c. 532; não a

aceitam c. 535; La Fère cc. 544, 546, 633, 696, 703, 708, 716; Cahors cc. 691, 692, 698, 707, 714.

TURGIS, Elisabeth FC.: nota biográfica 11 n. 1; cc. 116, 175, 185, 187, 190, 200, 206, 221, 224, 232, 233; Crianças Expostas c. 11; Angers cc. 19, 21, 22, 32, 35, 36; Paris cc. 38, 75, 76, 92, 109, 110; proposta para Irmã Servente da Casa mãe c. 76; Angers cc. 115, 117, 118; Paris c. 124; Saint-Denis c. 137; Richelieu cc. 158, 162, 171, 175, 185, 187, 190, 200, 206; viagem a Nantes cc. 206, 207; Chars cc. 220, 224, 232, 233, 235; Chantilly cc. 252, 261, 262; morte cc. 263, 266, 287; elogio por LM c. 263.

ÚLCERA: na perna do Padre Vicente cc. 132, 515, 664, 666, 715, 717, 718, 722.

UNGÜENTO: cc. 132, 354.

UNIFORMIDADE: cc. 52, 133; no hábito cc. 504, 632.

UNIÃO: com Deus cc. 542, 723; união com Deus de LM E. 16, 109; com os pobres E. 33; entre as Fs.C. cc. 54, 115, 118, 119, 123, 124, 175, 200, 207, 230, 315, 323, 329, 330, 377, 391, 410, 430, 441, 482, 495, 500, 521, 528, 536, 542, 545, 571, 598, 608, 611, 613, 635, 645, E. 47, 53, 55, 64, 90, 95, 111; como a santíssima Trindade cc. 121, 289, 362, 500, 622; a união é necessária para o serviço dos pobres E. 70.

URSULINAS: método de ensino c. 210.

USSEL: cartas às Filhas da Caridade cc. 642, 649, 657; fundação c. 631, 642, 698, cf. Bispo: dificuldades cc. 649, 657, 704; serviço aos doentes e na escola c. 657; visita do Padre Dehorgny c. 707; Fs.C. destinadas a Ussel: Ana Hardemont, Edwiges Vigneron.

VACA: cc. 282, 283.

VACHEROT, senhorita: cc. 229, 230.

VACHEROT, senhor: médico cc. 135, 164, 167, 211, 218, 229.

VAIDADE: cc. 115, 162, 233, E. 98.

VALLIN, Ana FC.: nota biográfica c. 96 n6; doente c. 69; Votos 672.

VALPUISEAUX: c. 323; fundação cc. 271, 323; Fs.C. destinadas a Valpuiseaux: Toussainte David, Joana Fourré, Bárbara.

VANNES: c. 706.

VARIZE: fundação cc. 413, 445, 600, 608, 615, 616, 652; visita de Bárbara Angiboust cc. 602, 646; postulante c. 684; Fs.C. destinadas a Varize: Sulpícia Dubois, Andréa, Cláudia, Francisca, Marta.

VARON, Ana FC.: nota biográfica c. 258 n3; Paris cc. 253, 258, 300; sua mãe cc. 253, 257.

VARSÓVIA: ver Polônia.

VAUX, Abade de: nota biográfica C. 16 n 1; cc. 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22,

23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 44, 46, 47, 50, 52, 55, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 77, 81, 82, 83, 88, 89, 92, 95, 101, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 139, 148, 156, 196, 201, 237, 265, 273, 274, 275, 280, 282, 293, 301, 317, 327, 356, 385, 386, 389, 393, 395, 448, 450, 460, 465, 478, 494, 519, 532, 535, 539, 543, 552, 563, 599, 601, 625, 627, 636, 660, 695, 699, 719, 725; direção das Fs. C. cc. 73, 93, 101, 105, 107, 110, 195, 269, 317, 328, 513, 539, 580, 601, 699; conferências às Fs.C. 22, 356, 561; conselheiro das Fs.C. de Nantes cc. 289, 386, 460; agradecimento de LM cc. 109, 395, 539, 601, 660, 699; encontro com o Padre Portail c. 141; em Paris cc. 46, 47, 65, 109, 111, 115, 124, 148, 237; pede conselho ao senhor Padre Vicente c. 101; morte de seu irmão c. 148; sua irmã senhora du Plessis; outras menções cc. 62, 72, 78, 138, 158, 200, 205, 206, 250, 372, 396, 398, 463, 471, 477, 606, 679; cf. Benefício.

VAUX, Ana Fc.: nota biográfica: c. 638 n5; Nantes cc. 445, 638.

VEEMÊNCIA: de LM para defender suas Irmãs cc. 42, 195, 201, 290, 551; a obra das Crianças Abandonadas cc. 303, 318.

VENDA: de um terreno c. 189; da roupa dos defuntos c. 696; de vinho, cf. vinho.

VENDÔME: cc. 650, 652.

VENTADOUR, senhora de: nota biográfica c. 306 n6; 480, 481, 561, 618, 631, 642, 649, 657, 698, 707, 716.

VERDADE: cc. 76, 81, 96, 393, 433, 501, 592, 706; verdade de Deus E. 10 (4º dia), 14, 98; a humildade é a verdade c. 557, E. 10 (4º dia); Deus dá a conhecer a verdade c. 696.

VERONNE, Irmão Alexandre, CM.: nota biográfica c. 252 n4; cc. 264, 336.

VERSAILLES: c. 87.

VIAGEM: de LM a Angers cc. 16, 19; Liancourt cc. 75, 76, 82; Chartres c. 120; Saint-Denis c. 135; Nantes cc. 139, 158, 160, 164, 165, 166, 170, 171; permanência em Angers cc. 158, 162, 173; Liancourt c. 251; Bicêtre cc. 229, 264; Saint-Denis c. 264; Liancourt c. 299; Port-Royal c. 313; Champlan cc. 628, 652; Ansières, Saint-Cloud E. 16; viagem das Fs.C. a Serqueaux c. 140; Fontainebleau c. 174; Nantes cc. 206, 288; Valpui-seaux c. 323; Chars c. 425; Polônia cc. 464, 486; Cahors c. 577; Santa Maria do Monte c. 583; Calais c. 655; Vaux c. 691; Narbona c. 692; Le Mans E. 50; várias cc. 112, 205, 285, 495; maneira de comportar-se c. 329, E. 55, 75, 95, cf. Gastos de Viagem; viagem do Padre Vicente cf. Vicente.

VICENTE, senhor Padre: cc. 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 38, 39, 45, 53, 56, 57, 58, 62, 70, 74, 76, 80, 85, 86, 87, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 108, 113, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133,

134, 142, 143, 145, 153, 154, 157, 161, 165, 167, 172, 178, 181, 182, 183, 188, 189, 193, 198, 199, 203, 210, 213, 215, 216, 222, 227, 228, 229, 231, 235, 236, 238, 243, 264, 270, 278, 295, 297, 299, 302, 303, 306, 307, 309, 310, 312, 313, 318, 320, 336, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 351, 355, 358, 360, 361, 369, 374, 394, 396, 401, 412, 413, 428, 429, 431, 440, 443, 445, 461, 469, 472, 474, 476, 484, 486, 489, 497, 498, 505, 509, 510, 511, 512, 515, 518, 522, 524, 525, 527, 538, 546, 547, 554, 568, 570, 572, 577, 579, 581, 585, 590, 596, 606, 619, 620, 624, 626, 631, 633, 634, 648, 651, 652, 659, 662, 664, 665, 666, 671, 672, 675, 678, 679, 685, 687, 689, 691, 697, 700, 701, 702, 709, 710, 715, 720, 721, 726, 730, 731, 732, 733; estado de sua saúde cc. 103, 106, 116, 161, 250, 314, 381, 384, 421, 430, 486, 514, 526, 529, 553, 562, 630, 670, 673, 676, 708, 716, 722; úlcera na perna cc. 132, 355, 508, 628, 664, 666, 669, 707, 714, 717, 719; acidentes cc. 275, 617, 622, cf. Enfermidade; viagens cc. 71, 74, 198, 264; em Richelieu c. 127; em Angers cc. 273, 275, 278, 280; em Nantes cc. 275, 278, 280, 286; em Le Mans c. 280; em Saint Méen cc. 281, 294; volta a Paris c. 290; correspondência com as Fs.C. cc. 159, 189, 373, 441, 490, 518, 542; Vicente de Paulo e a Companhia das Filhas da Caridade c. 334 cf. Companhia, Conferências, Superior Geral, Vicente de Paulo e as Confrarias da Caridade E. 71; cf. Assembléias, Confrarias; LM quer conhecer a infância de Vicente de Paulo c. 162; santidade de Vicente de Paulo c. 432.

VIDA COMUNITÁRIA: cc. 194, 223, 323, 447, 482, 495, 517, 609, 613, 682, 689; fraterna cc. 115, 123, 176, 248, 482, 500, 611, 674, 686, 692, cf. Cordialidade, Mansidão, Suporte, União; à imagem da Trindade cf. Trindade, União; dificuldades cc. 15, 191, 192, 195, 207, 335, 431, 440, 478, 571, 663, 696, cf. Desunião; em vista do serviço aos pobres cc. 110, 598; vida simples, pobre, cf. Simplicidade, Estilo de vida; vida de participação cf. Intercâmbio, Bens da comunidade, Participação.

VIDA ESPIRITUAL: o que é cc. 571, 604, 609, 638, 681, 722, 723, cf. Deus, Jesus Cristo, Oração, Direção espiritual, Ternura; vida espiritual nas Confrarias E. 18, 25, 26.

VIDA OCULTA de Jesus Cristo: no seio de Maria c. 143, E. 33; em Nazaré cc. 704, 707, E. 22, 23, 76.

VIGNERON, Edwiges, FC.: nota biográfica c. 642. 649, 657, 698, 707; Votos cc. 512, 554.

VIGNERON, Genoveva, FC.: nota biográfica c. 414 n2; Saint-Denis cc. 414, 415; Brienne cc. 676, 683.

VINHO: para os doentes cc. 171, 208, 715; utilização pelas Irmãs cc. 14, 246,

- 420; venda em Angers cc. 81, 82; em Bicêtre cc. 213, 229; vinho emético c. 383.
- VIOLÉ**, senhorita: cc. 100, 102, 103, 221, 222, 235, 307, 731.
- VISITA**: aos pobres doentes cc. 7, 171, 186, 233, 633; al'domicílio cc. 221, 224, 330, 388, 544, 553, 555, 587, 617, 621, 639, 692, E. 31; durante as viagens, visita à Igreja c. 171; às Crianças abandonadas que estão sendo criadas cc. 112, 115, 244, 259; visita aos doentes das Confrarias E. 25, 26; visita das Damas aos pobres cc. 171, 318, 322, 404; visita das Fs.C. à cidade cc. 15, 155, 207, 329, 406, 420, 618, 696; a sua família cc. 490, 493; entre elas c. 401; visita de LM às Confrarias c. 5, E. 16, 17, 25, 26, 32.
- VISITA REGULAR**: o que é cc. 155, 158, 191, 192, 374, 584, 695, 706; como fazê-la cc. 155, 602; prestação de conta c. 681 cf. Bárbara Angiboust, Henriqueta Gesseume, Joana Lepintre, Elisabeth Martin, Luísa de Marillac.
- VISITAÇÃO**: Mosteiro da: Angers cc. 170, 273, 389; Melun c. 209; Nantes c. 209; Nantes cc. 167, 169, 209; Paris c. 298; Polônia c. 514, 517; Toulouse c. 692; Tours c. 142.
- VIÚVAS**: na Companhia das Fs.C. cc. 120, 122, E. 31 cf. Perrette, a antiga, Elisabeth Turgis, Joana de Saint-Albin.
- VIUVEZ**: de LM cc. 396, 423, E. 4, 5.
- VOCAÇÃO DA FC.**: 14, 15, 45, 50, 155, 257, 435, 436, 487, 490; grandeza da vocação cc. 116, 150, 191, 269, 332, 365, 404, 435, 456, 500, 541, 588, 618, 717, 721, E. 50, 52, 72; amá-la, apreciá-la cc. 78, 115, 116, 123, 129, 191, 330, 365, 420, 561, 607, 630, 656, 681; discernimento necessário cc. 72, 120, 448, 504, 535, 552, 625, 627, 635, 681, 684; rezar pelas vocações cc. 454, 526, 566, 683; vocação de LM E. 22, 24.
- VOLTA às fontes**: (à Casa Mãe): cc. 519, 650.
- VONTADE DE DEUS**: conhecê-la cc. 3, 156, 203, 228, 477, 669, 721; cumpri-la cc. 24, 30, 46, 58, 88, 91, 123, 142, 146, 153, 155, 158, 160, 171, 181, 189, 191, 202, 226, 237, 248, 251, 255, 271, 278, 283, 293, 331, 341, 370, 374, 394, 438, 439, 441, 445, 454, 457, 463, 500, 502, 521, 542, 556, 557, 565, 597, 603, 609, 652, 667, 669, 670, 685, 694, 703, 704, 712, 713, E. 4, 7, 10, 21, 22, 70, 91, 104; amá-la cc. 7, 186, 328, 362, 406, 429, 430, 433, 435, 506, 708.
- VOTOS**: experiência espiritual de LM E. 3; os primeiros votos das Filhas da Caridade c. 486; o que são cc. 293, 636; perpétuos cc. 162, 486, 702; anuais cc. 162, 354, 368, 636; votos e renovação cc. 76, 108, 235, 236, 296, 348, 350, 520, 662, 710; fórmula dos Votos E. 63.

CONTEÚDO

A CORRESPONDÊNCIA

		Páginas
	1625	
1.	Padre Hilarion Rebours	16
2.	Padre Hilarion Rebours	16
	1627	
3.	São Vicente	17
	1628	
4.	São Vicente	18
	1634	
5.	São Vicente	20
	1635	
6.	Padre Dehorgny	22
	1636	
7.	Bárbara (Angiboust) São Paulo	23
8.	São Vicente	24
	1638	
9.	São Vicente	26
10.	São Vicente	27
11.	São Vicente	27
12.	São Vicente	28
13.	São Vicente	29

1639

- | | | |
|-----|-----------------------------------|----|
| 14. | Superiora Beneditinas, Argenteuil | 29 |
| 15. | Bárbara Angiboust e Luísa Ganset | 30 |

1640

- | | | |
|-----|----------------------------|----|
| 16. | Abade de Vaux, Angers | 33 |
| 17. | Abade de Vaux, Angers | 34 |
| 18. | Abade de Vaux, Angers | 34 |
| 19. | Abade de Vaux, Angers | 35 |
| 20. | Abade de Vaux, Angers | 36 |
| 21. | Abade de Vaux, Angers | 37 |
| 22. | Abade de Vaux, Angers | 38 |
| 23. | Abade de Vaux, Angers | 39 |
| 24. | Abade de Vaux, Angers | 40 |
| 25. | Abade de Vaux, Angers | 41 |
| 26. | Abade de Vaux, Angers | 42 |
| 27. | Abade de Vaux, Angers | 43 |
| 28. | Elisabeth Martin, Angers | 44 |
| 29. | Abade de Vaux, Angers | 44 |
| 30. | Abade de Vaux, Angers | 45 |
| 31. | Elisabeth Martin, Angers | 47 |
| 32. | Abade de Vaux, Angers | 47 |
| 33. | Filhas da Caridade, Angers | 49 |
| 34. | Abade de Vaux, Angers | 50 |
| 35. | Abade de Vaux, Angers | 51 |
| 36. | Abade de Vaux, Angers | 52 |
| 37. | Abade de Vaux, Angers | 53 |
| 38. | São Vicente | 54 |
| 39. | São Vicente | 55 |
| 40. | Abade de Vaux, Angers | 56 |

1641

- | | | |
|-----|---|----|
| 41. | Abade de Vaux, Angers | 58 |
| 42. | Abade de Vaux | 59 |
| 43. | Bárbara Angiboust e Luísa Ganset, Richelieu | 60 |
| 44. | Abade de Vaux, Paris | 61 |
| 45. | São Vicente | 62 |

46.	Abade de Vaux, Paris	63
47.	Abade de Vaux, Paris	64
48.	Chantre de Notre Dame, Paris	65
49.	Filhas da Caridade, Angers	66
50.	Abade de Vaux, Angers	67
51.	Elisabeth Martin, Angers	68
52.	Abade de Vaux, Angers	69
53.	São Vicente	70
54.	Elisabeth Martin, Angers	70
55.	Abade de Vaux	71
56.	São Vicente	72
57.	São Vicente	73
58.	São Vicente	74
59.	Abade de Vaux, Angers	75
60.	Abade de Vaux, Angers	75
61.	Abade de Vaux, Angers	76
62.	São Vicente	77
63.	Abade de Vaux, Angers	79

1642

64.	Abade de Vaux, Angers	80
65.	Abade de Vaux, Angers	82
66.	Abade de Vaux, Angers	82
67.	Abade de Vaux, Angers	83
68.	Abade de Vaux, Angers	84
69.	Abade de Vaux, Angers	85
70.	São Vicente	86
71.	São Vicente	87
72.	Cláudia Brigida, Angers	90
73.	Madalena Mongert, Angers	91
74.	São Vicente	92
75.	Joana Lepintre, Saint Germain-en-Laye	93
76.	São Vicente	95
77.	Abade de Vaux, Angers	96
78.	Cláudia Brígida, Angers	97
79.	Bárbara Angiboust, Galerianos	98
80.	São Vicente	99
81.	Abade de Vaux, Angers	100
82.	Abade de Vaux, Angers	101

83.	Abade de Vaux, Angers	102
84.	Bárbara Angiboust, Galerianos	103

1643

85.	São Vicente	104
86.	São Vicente	104
87.	São Vicente	105
88.	Abade de Vaux, Angers	106
89.	Abade de Vaux, Angers	108
90.	Cláudia Brígida, Angers	109
91.	Joana Dalmagne, Nanteuil	110
92.	Abade de Vaux, Angers	111
93.	São Vicente	112
94.	São Vicente	112
95.	Abade de Vaux, Angers	114
96.	São Vicente	115
97.	São Vicente	116
98.	São Vicente	117
99.	São Vicente	118
100.	São Vicente	119
101.	Abade de Vaux, Angers	120
102.	São Vicente	121

1644

103.	São Vicente	122
104.	São Vicente	124
105.	Abade de Vaux, Angers	125
106.	Abade de Vaux, Angers	125
107.	Abade de Vaux, Angers	127
108.	São Vicente	128
109.	Abade de Vaux, Angers	128
110.	Abade de Vaux, Angers	129
111.	Abade de Vaux, Angers	131
112.	Bárbara Angiboust e Maria Darras	131
113.	São Vicente	132
114.	Filhas da Caridade de Angers	133
115.	Filhas da Caridade de Angers	133
116.	Elisabeth Turgis, Angers	135

117.	Padre Portail	138
118.	Madalena Mongert, Angers	139
119.	Madalena Mongert, Angers	140
120.	São Vicente	141
121.	São Vicente	143
122.	São Vicente	144

1645

123.	Filhas da Caridade, Angers	144
124.	Madalena Mongert, Angers	146
125.	(Senhora do Chanceler)	147
126.	São Vicente	148
127.	São Vicente	148
128.	São Vicente	149
129.	Madalena Mongert, Angers	150
130.	São Vicente	152
131.	São Vicente	153
132.	São Vicente	154
133.	São Vicente	155
134.	São Vicente	156
135.	Joana Lepintre, Paris	157
136.	Joana Lepintre, Paris	157
136.	Joana Lepintre, Paris	158
137.	Joana Lepintre, Paris	159
138.	Padre Portail	160
139.	Abade de Vaux, Angers	161
140.	(Irmãs em viagem para Serqueux)	162

1646

141.	Padre Portail, Le Mans	163
142.	São Vicente	164
143.	São Vicente	165
144.	Padre Portail, Le Mans	167
145.	São Vicente	168
146.		169
147.	Madalena Mongert	170
148.	Abade de Vaux, Paris	170
149.	Padre Portail, Angers	171

150.	Madalena Mongert, Angers	173
151.	Padre Portail, Le Mans	174
152.	Joana Lepintre, Le Mans	175
153.	São Vicente	176
154.	São Vicente	177
155.	Suas Oficiais	178
156.	Abade de Vaux, Angers	180
157.	São Vicente	181
158.	Padre Portail (Richelieu)	181
159.	Elisabeth Hellot, Paris	183
160.	Joana Lepintre, Paris	185
161.	São Vicente	186
162.	Padre Portail Richelieu	188
163.	Joana Lepintre, Paris	189
164.	Elisabeth Hellot, Paris	190
165.	São Vicente	192
166.	Elisabeth Hellot, Paris	193
167.	São Vicente	194
168.	Elisabeth Hellot, Paris	196
169.	Joana Lepintre, Paris	197
170.	Joana Lepintre, Paris	198
171.	Relatório da viagem a Nantes	199
172.	São Vicente	207
173.	Filhas da Caridade, Nantes	207
174.	Ana Hardemont, Fontainebleau	208
175.	Elisabeth Turgis, Richelieu	209
176.	Elisabeth Martin, Nantes	210
177.	Elisabeth Martin, Nantes	211
178.	São Vicente	212
179.	Elisabeth Martin, Nantes	213
180.	Abade de Vaux	214
181.	São Vicente	215
182.	São Vicente	216
183.	São Vicente	217
184.	(Bárbara Angiboust, Fontenaibleau)	217

1647

185.	Elisabeth Turgis, Richelieu	218
186.	Bárbara Angiboust, Fontenaibleau	219

187.	Elisabeth Turgis, Richelieu	221
188.	São Vicente	222
189.	São Vicente	223
190.	Elisabeth Turgis, Richelieu	224
191.	Filhas da Caridade, Nantes	225
192.	Filhas da Caridade, Nantes	228
193.	São Vicente	229
194.	Madalena Mongert, Angers	229
195.	Abade de Vaux, Angers	230
196.	Abade de Vaux, Angers	231
197.	Padre Portail, Roma	232
198.	São Vicente	234
199.	São Vicente	235
200.	Elisabeth Turgis, Richelieu	236
201.	Abade de Vaux, Angers	237
202.	Ana Hardemont, Montreuil	238
203.	São Vicente	239
204.	(Ana Hardemont, Montreuil)	240
205.	Elisabeth Martin, Angers	241
206.	Elisabeth Turgis, Richelieu	241
207.	Joana Lepintre, Nantes	242
208.	Joana Lepintre, Nantes	244
209.	Joana Lepintre, Nantes	246
210.	São Vicente	248
211.	Elisabeth Hellot, Paris	249
212.	Joana Lepintre, Nantes	251
213.	São Vicente	252
214.	(Ana Hardemont, Montreuil)	254
215.	São Vicente	255
216.	São Vicente	256
217.	Ana Hardemont e Ma. Lullen, Montreuil	257
218.	Joana Lepintre, Nantes	258
219.	Joana Etienne, Chantilly	259
220.	Ana Hardemont, Montreuil	260
221.	Elisabeth Turgis, Chars	261
222.	São Vicente	262
223.	Bárbara Angiboust, Fontenaibleau	263
224.	Elisabeth Turgis, Chars	264
225.	Joana Lepintre, Nantes	265
226.	Elisabeth Martin, Richelieu	265

227.	São Vicente	267
228.	São Vicente	268

1648

229.	São Vicente	269
230.	Juliana Loret e Elisabeth Hellot	270
231.	São Vicente	271
232.	(Elisabeth Turgis, Chars)	272
233.	Elisabeth Turgis, Chars	274
234.	Ana Hardemont, Montreuil	275
235.	São Vicente	275
236.	São Vicente	276
237.	Joana Lepintre, Nantes	277
238.	São Vicente	278
239.	Abade de Vaux, Paris	278
240.	Bárbara Angiboust, Fontenaibleau	279
241.	(Bárbara Angiboust, Fontenaibleau)	280
242.	Joana Lepintre, Nantes	280
243.	São Vicente	282
244.	Bárbara Angiboust, Fontenaibleau	283
245.	Cecília Angiboust, Angers	284
246.	Elisabeth Martin, Richelieu	285
247.	Bárbara Angiboust, Bicêtre	286
248.	Elisabeth Martin, Richelieu	287
249.	Joana Lepintre, Nantes	288
250.	Cecília Angiboust, Angers	290
251.	Carlota Royer e Francisca Carcireux, Richelieu	291
252.	Elisabeth Hellot, Paris, Casa Mãe	292
253.	Juliana Loret, Paris, Casa Mãe	293
254.	Elisabeth Hellot, Paris, Casa Mãe	295
255.	Elisabeth Hellot, Paris, Casa Mãe	296
256.	Miguel Le Gras, Paris	296
257.	Ana Hardemont, Montreuil	297
258.	Juliana Loret, Paris	299
259.	Juliana Loret, Paris	299
260.	Filhas da Caridade, Angers	300
261.	Cláudia Brígida, Chantilly	301
262.	Padre Portail, (Marselha)	302
263.	Cláudia Brígida e Maria, Chantilly	303

264.	São Vicente	304
265.	Joana Lepintre, Nantes	305
266.	Cecília Angiboust	308
267.	Abade de Vaux, Angers	307
268.	Senhorita de Lamoignon	308
269.	Cecilia Angiboust, Angers	309
270.	São Vicente	310

1649

271.	Cláudia e Maria, Chantilly	311
272.	Cláudia e Maria, Chantilly	312
273.	Abade de Vaux, Angers	313
274.	Abade de Vaux, Angers	314
275.	Abade de Vaux, Angers	315
276.	Genoveva Poisson, Bicêtre	316
277.	Juliana Loret, Paris, Casa Mãe	317
278.	São Vicente	318
279.	Abade de Vaux, Angers	319
280.	Juliana Lepintre, Nantes	320
281.	Juliana Loret, Paris Casa Mãe	320
282.	Juliana Loret e Elisabeth Hellot, Paris	321
283.	Juliana Loret, Paris, Casa Mãe.	323
284.	Para Juliana Loret, Casa Mãe	324
285.	Bárbara Angiboust (visita Linacourt)	325
286.	Joana Lepintre, Nantes	326
287.	Padre Portail, Marselha	327
288.	(Joana Lepintre, Nantes)	328
289.	Joana Lepintre, Nantes	329
290.	Joana Lepintre, Nantes	330
291.	(Bárbara Angiboust, Saint-Denis)	331
292.	Abade de Vaux	332
293.	Abade de Vaux, Angers	333
294.	Ana Hardemont, Montreuil	335
295.	São Vicente	336
296.	Joana Lepintre, Nantes	337
297.	São Vicente	338
298.	Juliana Loret, Paris	339
299.	São Vicente	340
300.	Ana Hardemont, Montreuil	341

301.	Abade de Vaux, Angers	342
302.	São Vicente	343
303.	São Vicente	344
304.	Cláudia Brígida, Chantilly	345
305.	Joana Lepintre Nantes	346
306.	São Vicente	347
307.	São Vicente	348
308.	Chanceler Séguier	349
309.	São Vicente	349
310.	São Vicente	350
311.	Conde de Maure	351
312.	São Vicente	352
313.	São Vicente	354
314.	Joana Lepintre, Nantes	354

1650

315.	Joana Lepintre, Angers	355
316.	Cláudia Brígida e Genoveva Doinel	357
317.	Abade de Vaux	358
318.	São Vicente	359
319.	Filhas da Caridade, Angers	300
320.	São Vicente	361
321.	Joana Lepintre, Nantes	363
322.	Cecilia Angiboust, Angers	364
323.	Toussainte David e Joana Fouré	365
324.	Joana Lepintre, Nantes	366
325.	Francisca Carcireux e Carlota Royer, Richelieu	367
326.	Joana Pangoy, Linacourt	369
327.	Abade de Vaux (Paris)	370
328.	Cecilia Angiboust, Angers	370
329.	Joana Lepintre, Nantes	371
330.	Joana Cristina Prévost, Linacourt	373
331.	Cecília Angiboust	374
332.	Filhas da Caridade, Linacourt	375
333.	Cecília Angiboust	376
334.	Juliana Lepintre, Nantes	377
335.	Joana Lepintre, Nantes	378

Cartas sem data, anteriores a 1650

336.	São Vicente	379
337.	(A uma Irmã)	380
338.	São Vicente	381
339.	São Vicente	382
340.	São Vicente	382
341.	São Vicente	383
342.	São Vicente	383
343.	São Vicente	384
344.	São Vicente	384
345.	(São Vicente)	385
346.	São Vicente	386
347.	São Vicente	386
348.	São Vicente	387
349.	Elisabeth Hellot	388

1651

350.	Carlota Royer e Francisca Carcireux	389
351.	São Vicente	390
352.	Bárbara Angiboust, Saint-Denis	391
353.	Bárbara Angiboust (Saint-Denis)	391
354.	Carlota Royer e Francisca Carcireux	392
355.	São Vicente	393
356.	Abade de Vaux	394
357.	Juliana Loret, Chars	395
358.	São Vicente	396
359.	Joana Lepintre, Nantes	397
360.	São Vicente	398
361.	São Vicente	398
362.	Ana Hardemont, Hennebont	399
363.	Juliana Loret, Chars	400
364.	Juliana Loret, Chars	401
365.	Guilhermina Chesneay, Santo Estêvão	401
366.	Perrete Chefdeville e Margarida Chétif, Serqueux	402
367.	Juliana Loret, Chars	403
368.	Carlota Royer e Francisca Carcireus, Richelieu	404
369.	São Vicente	405
370.	Guilhermina Chesneau, Santo Estêvão, Arnes	406

371.	Juliana Loret, Chars	408
372.	Cecília Angiboust, Angers	409
373.	Joana Lepintre, Nantes	410
374.	São Vicente	411
375.	Joana Lepintre, Nantes	412
376.	Juliana Loret, Chars	413
377.	Joana Lepintre, Nantes	414
378.	(Juliana Loret, Chars)	415
379.	Joana Lepintre, Nantes	416
380.	Abade de Vaux, Angers	417
381.	Juliana Loret, Chars	419
383.	Juliana Loret, Chars	419
384.	Juliana Loret, Chars	420
385.	Abade de Vaux, Angers	421
386.	Abade de Vaux, Angers	423
387.	Ana Hardemont, Nantes	424
388.	Juliana Loret, Chars	425
389.	Abade de Vaux, Angers	426
390.	Juliana Loret, Chars	428
391.	Joana Lepintre, Nantes	429
392.	Cecília Angiboust, Angers	430
393.	Abade de Vaux, Angers	431
394.	São Vicente	432
395.	Abade de Vaux, Angers	435
396.	São Vicente	436
397.	Juliana Loret, Chars	437
398.	Cecília Angiboust, Angers	438
399.	Bárbara Angiboust, Saint-Denis	440
400.	Cecília Angiboust, Angers	440
401.	São Vicente	441

1652

402.	Juliana Loret, Chars	442
403.	Juliana Loret, Chars	443
404.	Cecília Angiboust, Angers	444
405.	Juliana Loret, Chars	445
406.	Joana Lepintre, Nantes	446
407.	Juliana Loret, Chars	447
408.	Juliana Loret, Chars	448

409.	Joana Lepintre, Nantes	449
410.	Bárbara Angiboust, Brienne	450
411.	Joana Lepintre, Nantes	452
412.	São Vicente	453
413.	São Vicente	454
414.	Cláudia Brígida, Saint-Denis	455
415.	Juliana Loret, Chars	457
416.	São Vicente	458
417.	Joana Lepintre, Nantes	459
418.	Cláudia Brígida, Saint-Denis	460
419.	Bárbara Angiboust, Brienne	461
420.	Filhas da Caridade, Richelieu	462
421.	Bárbara Angiboust, Brienne	464

1653

422.	Juliana Loret, Chars	465
423.	Padre Berthe, para Roma	466
424.	Joana Lepintre, Nantes	467
425.	Juliana Loret, Chars	468
426.	Cecilia Angiboust, Angers	469
427.	Bárbara Angiboust, Brienne	470
428.	São Vicente	471
429.	São Vicente	472
430.	Joana Lepintre, Nantes	473
431.	São Vicente	475
432.	Cecilia Angiboust	476
433.	Filhas da Caridade, Angers	479
434.	Joana Francisca, Étampes	480
435.	Joana Francisca, Étampes	481
436.	Andréa e Francisca, Varize	482
437.	Joana Lepintre, Nantes	483
438.	Joana Lepintre, Nantes	484
439.	(Ana Hardemont, Nantes)	485
440.	São Vicente	486
441.	Joana Lepintre, Nantes	487
442.	Joana Francisca, Étampes	488
443.	São Vicente	489
444.	Cecilia Angiboust, Angers	490
445.	São Vicente	491

446.	Joana Delacroix, Serqueux	492
447.	(Ana Hardemont, Châlons)	493
448.	Abade de Vaux, Angers	494
449.	Ana Hardemont, Châlons	495
450.	Abade de Vaux, Angers	496
451.	Bárbara Angiboust, Châlons	497
452.	Bárbara Angiboust, Châlons	498
453.	Padre Portail	500

1654

454.	Cecília Angiboust, Angers	500
455.	Juliana Loret, Fontenay-aux-Roses	502
456.	Bárbara Angiboust, Brienne	503
457.	Ana Hardemont, Châlons	504
458.	Juliana Loret, Fontenay-aux-Roses	505
459.	Juliana Loret, Fontenay-aux-Roses	505
460.	Abade de Vaux, Angers	507
461.	São Vicente	507
462.	Juliana Loret, Fontenay-aux-Roses	508
463.	Cecília Angiboust, Angers	509
464.	(Senhora des Essarts)	510
465.	Abade de Vaux, Angers	511
466.	(Elisabeth Brocard, Angers)	512
467.	Filhas da Caridade, Angers	513
468.	Cecília Angiboust, Angers	513
469.	São Vicente	514
470.	Gillete Joly, Sedan	515
471.	(Elisabeth Brocard, Angers)	516
472.	São Vicente	517
473.	Maria Gaudoin, Les Alluets	518
474.	São Vicente	519
475.	Bárbara Angiboust, Bernay	520
476.	São Vicente	521
477.	Cecília Angiboust, Angers	522
478.	Abade de Vaux, Angers	523
479.	Juliana Loret, Fontenay-aus-Roses	524

480.	Ana Hardemont, La Roche-Guyon	525
481.	Bárbara Angiboust, Bernay	526
482.	Laurence Dubois	527
483.	Juliana Loret Fontenay-aux-Roses	528
484.	São Vicente	529
485.	(Ana Hardemont, La Roche-Guyon)	530
486.	São Vicente	532
487.	(Bárbara Angiboust, Bernay)	533
488.	Bárbara Angiboust e Laurence Dubois, Bernay	534
489.	São Vicente	535
490.	Bárbara Angiboust, Bernay	536
491.	Bárbara Angiboust, Bernay	536
492.	(Bárbara Angiboust, Bernay)	537
493.	Bárbara Angiboust, Bernay	538
494.	Abade de Vaux	539
495.	Cecília Angiboust, Angers	540
496.	São Vicente	541
497.	São Vicente	542
498.	São Vicente	542
499.	Cecília Angiboust, Angers, para Elisabeth Brocard	543
500.	Margarida Moreau, Madalena Dugeon, Francisca Douelle, Varsóvia.	544
501.	Padre Ozenne, Varsóvia	546
502.	(Margarida Chétif, para Polônia)	547
503.	Laurence Dubois, Bernay	548
504.	Bárbara Angiboust, Bernay	549
505.	São Vicente	550
506.	Padre Portail	551
507.	(Bárbara Angiboust, Bernay)	552
508.	Bárbara Angiboust, Bernay	553
509.	São Vicente	554
510.	São Vicente	555
511.	Sao Vicente	556
512.	São Vicente	556
513.	Cecília Angiboust, Angers	557
514.	Bárbara Angiboust, Bernay	559
515.	São Vicente	560
516.	Laurence Dubois	561

517.	Bárbara Angiboust, Bernay	562
518.	São Vicente	563
519.	Abade de Vaux, Angers	564

1656

520.	Francisca Ménage, Nantes	565
521.	Carlota Royer, Richelieu	566
522.	São Vicente	567
523.	Senhora de Josse	567
524.	São Vicente	568
525.	São Vicente	568
526.	Bárbara Angiboust, Bernay	569
527.	São Vicente	570
528.	Nicole Haran, Nantes	571
529.	Bárbara Angiboust, Bernay	572
530.	(Senhor Arquitecto)	573
531.	Nicole Haran, Nantes	574
532.	Abade de Vaux, Angers	575
533.	Filhas da Caridade, Angers	576
534.	Francisca Ménage, Nantes	576
535.	Abade de Vaux, Angers	577
536.	Bárbara Angiboust, Bernay	579
537.	Laurence Dubois, Bernay	580
538.	São Vicente	581
539.	Abade de Vaux	581
540.	Filhas da Caridade, Angers	582
541.	(Senhora Princesa)	583
542.	Francisca Carcireux, Richelieu	584
543.	Abade de Vaux, Angers	585
544.	Bárbara Angiboust, Bernay	586
545.	Lúisa Cristina Rideau, Montmirail	587
546.	São Vicente	588
547.	São Vicente	589
548.	Maria Gaudoin, Angers	590
549.	Francisca Carcireux, Richelieu	590
550.	Bárbara Angiboust, Bernay	591
551.	Padre Beguin, Casinhas, Paris	592
552.	Abade de Vaux, Angers	593
553.	Bárbara Angiboust, Bernay	594

554.	São Vicente	595
555.	Bárbara Angiboust, Bernay	596
556.	Francisca Carcireux, Richelieu	597
557.	Carlota Royer, Richelieu	599
558.	Genoveva Doinel, Chantilly	600
559.	Padre Portail (Paris)	601
560.	Bárbara Angiboust, Bernay	602

1657

561.	Cecília Angiboust, Angers	603
562.	Catarina Baucher e Maria Donion	605
563.	Abade de Vaux, Angers	606
564.	Catarina Baucher e Maria Donion, Brienne	607
565.	Laurence Dubois, Bernay	608
566.	Bárbara Angiboust, Bernay	609
567.	Filhas da Caridade, Chantilly	610
568.	São Vicente	611
569.	Genoveva Doinel, Chantilly	612
570.	São Vicente	613
571.	Filhas da Caridade, Nantes	614
572.	São Vicente	615
573.	Genoveva Doinel, Chantilly	616
574.	Bárbara Angiboust, Bernay	617
575.	São Vicente	618
576.	São Vicente	619
577.	São Vicente	620
578.	Bárbara Angiboust, Bernay	621
579.	São Vicente	622
580.	Cecília: Angiboust, Angers	622
581.	São Vicente	623
582.	Bárbara Angiboust, Bernay	624
583.	Bárbara Angiboust, Bernay	625
584.	Bárbara Angiboust, Bernay	626
585.	Bárbara Angiboust, Bernay	627
586.	(Senhor Cura de Chars)	627
587.	Maria (Poulet) e Clemence (Ferré), Chars	628
588.	Laurence Dubois, Bernay	630
589.	Filhas da Caridade, Chantilly	631
590.	São Vicente	632

591.	Senhora Presidenta de Herse	632
592.	Senhor Cura de Chars	633
593.	Senhora Presidenta de Herse	635
594.	Laurence Dubois	636
595.	Joana Lepintre, Salpetrière	637
596.	São Vicente	638
597.	Bárbara Angiboust, Châteaudun	638
598.	Laurence Dubois, Bernay	639
599.	Abade de Vaux, Angers	640
600.	Bárbara Angiboust, Châteaudun	640
601.	Abade de Vaux, Angers	641
602.	Bárbara Angiboust, Châteaudun	643
603.	Filhas da Caridade, Chantilly	644
604.	Margarida Chétif, Arras	645
605.	Francisca Carcireux, Richelieu	646
606.	São Vicente	647
607.	Francisca Ménage, Nantes	648
608.	Bárbara Angiboust, Châteaudun	649
609.	(Margarida Chétif, Arras)	650
610.	Bárbara Angiboust, Châteaudun	657
611.	Laurence Dubois, Bernay	652
612.	Senhora Danse	653
613.	Cláudia Carré e Maria Gaudoin, Angers	654
614.	Laurence Dubois, Bernay	655
615.	Bárbara Angiboust, Châteaudun	656

1658

616.	Bárbara Angiboust, Châteaudun	657
617.	Padre Portail	658
618.	Irmão Ducourneau	659
619.	São Vicente	661
620.	São Vicente	661
621.	(Cláudia Carré, Angers)	662
622.	Laurence Dubois, Bernay	663
623.	Filhas da Caridade, Nantes	664
624.	São Vicente	665
625.	Abade de Vaux, Angers	666
626.	São Vicente	666
627.	Abade de Vaux, Angers	667

628.	Laurence Dubois, Bernay	668
629.	Francisca Ménage, Nantes	669
630.	Margarida Chétif, Arras	670
631.	São Vicente	671
632.	Padre Portail	672
633.	São Vicente	673
634.	São Vicente	674
635.	Francisca Carcireux, Richelieu	675
636.	Abade de Vaux, Angers	676
637.	Filhas da Caridade, Chantilly	677
638.	Filhas da Caridade, Nantes	678
639.	Laurence Dubois, Bernay	679
640.	Genoveva Doinel, Chantilly	680
641.	Nicole Haran, Nantes	681
642.	Ana Hardemont e Edwiges Vignerón	682
643.	São Vicente	683
644.	Laurence Dubois, Bernay	684
645.	Genoveva Doinel, Chantilly	685
646.	Bárbara Angiboust, Châteaudun	686
647.	Genoveva Doinel, Chantilly	687
648.	São Vicente	688
649.	Filhas da Caridade, Ussel	689
650.	Bárbara Angiboust, Châteaudun	690
651.	São Vicente	691
652.	Bárbara Angiboust	692
653.	São Vicente	693
654.	Ana Hardemont, Ussel	694
655.	Henriqueta Gesseaurme, Calais	695
656.	Genoveva Doinel, Chantilly	696
657.	Filhas da Caridade, Ussel	697
658.	Genoveva Doinel, Chantilly	698
659.	São Vicente	699
660.	Abade de Vaux, Angers	700
661.	Bárbara Angiboust, Châteaudun	701
662.	São Vicente	702
663.	Bárbara Angiboust, Châteaudun	703
664.	São Vicente	704
665.	São Vicente	705

666.	São Vicente	705
667.	Nicole Haran, Nantes	707
668.	Andréa Maréchal	708
669.	Maria Donion, Brienne	709
670.	Laurence Dubois	710
671.	São Vicente	711
672.	São Vicente	712
673.	Joana Delacroix, Châteaudun	713
674.	Clara Jaudoin, La Roche-Guyon	714
675.	São Vicente	715
676.	Maria Donion, Brienne	716
677.	Nicole Georget, Nanteuil	717
678.	São Vicente	718
679.	São Vicente	718
680.	Genoveva Doinel, Chantilly	719
681.	Nicole Haran, Nantes	720
682.	Catarina de Gesse, Montmirail	722
683.	Maria Donion, Brienne	722
684.	Joana Delacroix, Châteaudun	724
685.	São Vicente	725
686.	Laurence Dubois, Bernay	726
687.	São Vicente	726
688.	Senhora de Bouillon	727
689.	São Vicente	728
690.	Genoveva Doinel, Chantilly	729
691.	São Vicente	730
692.	Francisca Carcireux, enviada a Narbona	731
693.	São Vicente	732
694.	Nicole Haran	733
695.	Abade de Vaux, Angers	734
696.	Maturina Guérin, La Fère	735
697.	São Vicente	737
698.	Ana Hardemont, Ussel	738
699.	Abade de Vaux, Angers	739
700.	São Vicente	740
701.	São Vicente	741
702.	São Vicente	741
703.	Maturina Guérin, La Fère	742

704.	(Ana Hardemont, Ussel)	743
705.	Francisca Carcireux (Narbona)	743
706.	Nicole Haran, Nantes	744
707.	Ana Hardemont, Ussel	745
708.	Maturina Guérin, La Fère	747
709.	São Vicente	748
710.	São Vicente	748
711.	Carlota Royer, Richelieu	750
712.	Genoveva Doinel e Maria Marta, Chantilly	751
713.	Francisca Carcireux, Narbona	752

1660

714.	Joana Delacroix	754
715.	São Vicente	755
716.	Maturina Guérin, La Fère	756
717.	Margarida Chétif, Arras	758
718.	Laurence Dubois, Bernay	760
719.	Abade de Vaux, Angers	761
720.	São Vicente	762
721.	São Vicente	762
722.	Joana Delacroix	764

Cartas sem data precisa

723.	Sem endereço	765
724.	A uma Irmã de Saint-Denis	766
725.	Abade de Vaux	766
726.	Senhor Padre Vicente	767
727.	Uma Irmã Servente	768
728.	A uma Irmã de Saint-Denis	768
729.	Padre Portail	769
730.	São Vicente	770
731.	São Vicente	771
732.	São Vicente	771
733.	São Vicente	772

OS ESCRITOS

Período antes de 1633

Escritos de 1 a 29: da página 779 à página 822

Período entre 1633 e 1643

Escritos de 30 a 54: da página 833 à página 881

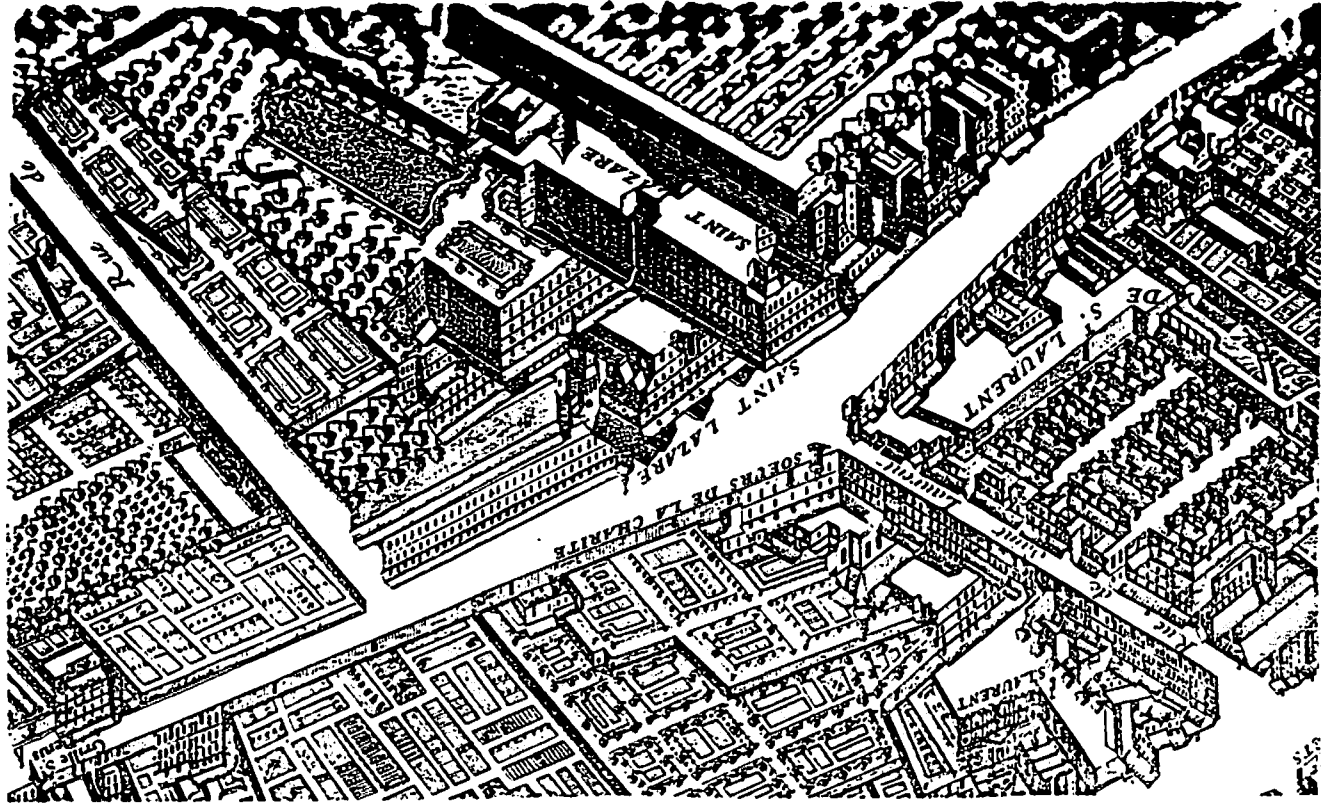
Período entre 1647 a 1660

Escritos de 55 a 111: da página 881 à página 959



París, según un plano de 1618.

1. Colegio de Bons Enfants, donde se instala la primera Casa-Madre de la Misión.
2. Calle de Fossés St. Victor, donde se sitúa uno de los domicilios que tuvo Santa Luisa entre 1626 y 1631, después de su viudez.
3. Calle de Versailles, donde vivió Santa Luisa entre 1632 y 1636 Primera Casa Madre de las Hijas de la Caridad.
4. Iglesia de St. Nicolas-du-Chardonnet. Parroquia de los Fundadores mientras vivieron en este barrio. En ella fundó Santa Luisa la segunda Cotradía de Caridad de París, en 1630. Fue reedificada en la segunda mitad del s. XVII. Allí estuvo el Seminario de M. Bourdoise, en el que permaneció Miguel de Marillac.
5. Hôtel Dieu.
6. Catedral de Notre Dame.



Casa Madre de las Hijas de la Caridad en el Faubourg St. Denis, desde 1641 hasta la Revolución. Fue acondicionada entre 1656 y 1658. En ella murió Luisa el 15 de marzo de 1660. En la parte superior izquierda se puede ver la iglesia de San Lorenzo, su parroquia, donde estuvo enterrada. Enfrente de la Casa-Madre se puede ver San Lazaro.

EDITORA LEGIS SUMMA LTDA

**Rua Dom Alberto Gonçalves, 1355
Ribeirão Preto - São Paulo - Brasil**